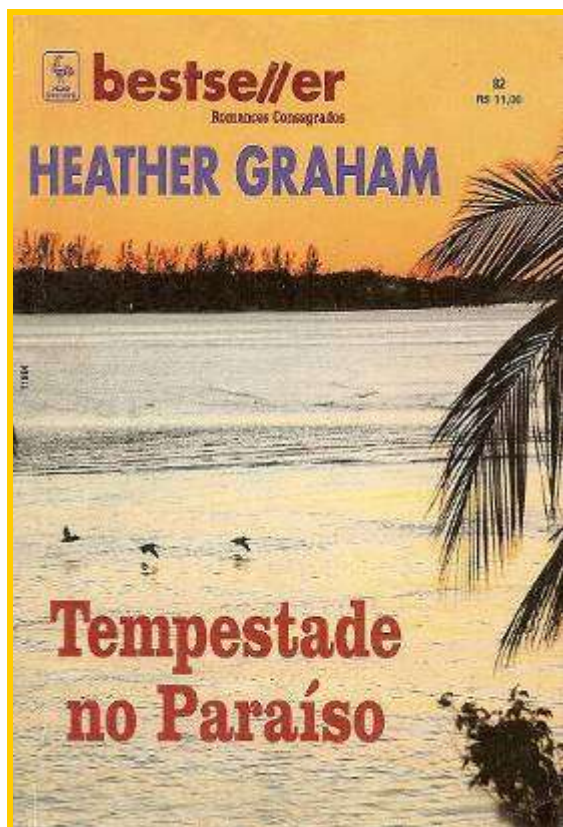


Tempestade no Paraíso

Tempestuos Eden

Heather Graham

Besteseller 82



APAIXONADA... SEDUZIDA... ATORMENTADA!

O agente secreto Craig Taylor tem instruções para empregar todo e qualquer estratégia possível para tirar Blair Morgan de uma região conturbada da América Central, onde ela presta trabalho humanitário. A missão de Craig é sigilosa, e ele é obrigado a mentir para Blair... o que não a impede, de apaixonar-se por ele.

Desde que perdeu o marido num atentado, Blair tem medo de arriscar novamente o coração. Mas o atraente Craig possui tudo o que ela pode desejar de um homem. As ardentes noites de paixão compartilhadas por ambos abalam as defesas de Blair, até o momento em que ele a sequestra e a torna sua refém, dentro da missão de resgate.

Inconformada por ter sido usada como trunfo numa trama política internacional, Blair luta para afastar do pensamento o homem a quem se entregou de Corpo e alma. Trava-se então um duelo de desejos e de emoções arrebatadoras entre um homem sedutor e uma mulher orgulhosa...

Digitalização e Revisão: Alice Akeru



Projeto Revisoras

Heather Graham já recebeu inúmeros prêmios por seus romances. Só da revista Romantic Times foram mais de vinte premiações. Seus livros são traduzidos para mais de quinze idiomas e publicados no mundo inteiro, atingindo um total de dez milhões de exemplares vendidos. Mãe de cinco filhos, Heather mora no sul da Flórida e adora viajar.

Querida leitora,

Mais um romance da brilhante autora Heather Graham que escreve com extrema habilidade. Uma história surpreendente do início ao fim!

Leonice Pomponio

Editora

Copyright © 1983 by Heather Graham

Originalmente publicado em 1983 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY, NY-USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: Tempestuous Eden

EDIÇÃO/TEXTOS Tradução: J. Alexandre

EDITORA Leonice Pomponio

ARTE Ana Suely S. Dobón e Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

COMERCIAL / MARKETING Daniella Tucci

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

© 2005 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 – 10º andar - Cep 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e Acabamento: RR Donnelley Moore Tel.:(55 11)2148-3500



Prólogo

MEMO

De: Taylor

Para: G.M.

Chefe,

Quanto a seu último pedido, tenho só uma pergunta: por quê?

Taylor

MEMO

De: G.M.

Para: Taylor

Tenho só uma resposta: é sigiloso!

Suas instruções são concisas. Grude na filha de Huntington, mantenha-a segura e no escuro. Mexa-se quando ordenado.

G.M.

MEMO

De: Taylor

Para: G.M.

Senhor,

Faça-me o favor! Já encarei tiros na Irlanda do Norte, bombas no Oriente Médio, disenteria na África. Não apronte essa comigo. Sou péssimo para pajear uma aristocrata de Washington.

Taylor

P.S. Não dá para me mandar de volta aos tiros, bombas ou disenteria?

MEMO

De: G.M.

Para: Taylor

Rapaz,

Sinto muito, mas dessa vez não dá! Os maioraais escolheram você. Veja a missão como férias, com direito a um pedaço de bolo.

G.M.

MEMO

De: Taylor

Para: G.M.

Chefe,

Nunca gostei de doces. Por que não manda John Denner? É muito mais o estilo dele.

Taylor



MEMO

De: G.M.

Para: Taylor

Taylor,

Já ouviu falar que homens de verdade não comem doces? O escalão superior decidiu, minhas mãos estão atadas. Repito: considere como férias.

G.M.

MEMO

De: Taylor

Para: G.M.

Caro senhor,

Proteger uma dondoca da sociedade não é a ideia que faço de férias. Apesar do sigilo, ela não pode ser convencida a tirar seu belo corpinho da América Central?

Taylor

MEMO

De: G.M.

Para: Taylor

Taylor,

A mulher a quem você foi designado a proteger não é criança, mas isso não vem ao caso. A resposta continua sendo confidencial.

G.M.

P.S. Se você se preocupa com o tédio, relaxe. Nossa socialite é uma gata selvagem e independente, que sabe fazer bombas e dar tiros.

MEMO

De: Taylor

Para: G.M.

Chefe,

Obrigado. Ave, César!

Os que vão morrer te saúdam.

Taylor

MEMO

De: G.M.

Para: Taylor

Taylor,

O encontro com Huntington está marcado para amanhã, às nove em ponto. Não se atrase.

G.M.



O homem que permanecia à janela do exíguo e elegante escritório não poderia ser definido como jovem, embora sua postura fosse firme. Um tufo de cabelos brancos lhe encimava a cabeça. O rosto, marcado pela idade e pela vida agitada que ele escolhera levar, continha uma expressão de generosa dignidade, evocando um patriarca. Claro que ele ria, com seu fino humor, caso ouvisse alguém chamá-lo assim. Porque aquele senhor possuía outro traço raro de caráter, para quem era dono de tanto poder: humildade.

Em quatro décadas de serviço, Andrew Huntington havia visto de tudo, mas seu coração não se endurecera.

Ele voltou-se da janela para sua escrivaninha, onde pastas de papelão pardo guardavam recortes de jornais. Bastou um olhar rápido para relembrar a história, que conhecia de cor. Uma história falsa, mas não por culpa do repórter.

...parece que o pior já passou. Com o novo governo entronizado no poder, a atividade da guerrilha é mínima, concentrando-se apenas perto da capital e nas fronteiras. Esta terra pobre e sofrida aparenta dar os primeiros passos no sentido da recuperação, habilitando-se à ajuda dos Estados Unidos e outros países aliados, bem como de organizações internacionais. Roberto Estevez, o novo ministro das Relações Exteriores, anunciou ontem: “A paz pela qual tanto lutamos está agora ao nosso alcance...”

Andrew Huntington não era dado a acessos de raiva, mas um violento golpe de mão fez voar os recortes para o piso, enquanto um xingamento descrevia exatamente o que ele pesava do conteúdo dos papéis. Desde o instante em que vira o artigo, dias antes, percebera que era hora de mover as engrenagens. Sim, os guerrilheiros andavam quietos. Mas porquanto tempo, já que o prêmio pretendido, o poder, fora-lhes retirado?

Sigiloso! O termo lhe veio à mente com um travo de dor. A mesma palavra havia guiado sua vida por muitos anos.

Tinha chegado a hora de se prevalecer das amizades feitas nas altas esferas do governo. Daí, como consequência, o encontro matinal com um visitante desconhecido, mas bem recomendado.

Huntington pediu-lhe para entrar e, por um momento, sofreu um lampejo de nostalgia. Tempos atrás, também ele tivera aquele porte imponente, aqueles músculos de aço, aqueles traços duros.

Mas a temperança pela idade limitara seus poderes a desejos ou lembranças, e agora os usaria, dando o melhor de si, em prol da pessoa que ainda significava algo em sua vida.

O estranho, de alta estatura e físico atlético, tivera sua ficha vasculhada, a carreira observada por tempo suficiente para ser considerado confiável. Era um homem leal, apegado a princípios retos, e às vezes embaraçosamente franco.

— Obrigado por ter vindo.

Ambos trocaram um abraço, com vigorosas palmadas nas costas, e ainda assim o homem mais velho não sorriu. Devia saber como Craig Taylor considerava odiosa a tarefa que lhe fora atribuída. Pena, mas Huntington jamais pedira favores para si. Agora, julgava ter direito a um.

— Sente-se, por gentileza.

Craig Taylor obedeceu. Cruzou as longas pernas com negligência e alcançou, no bolso interno do impecável paletó, uma cigarreira prateada. Huntington avaliou que o objeto destoava de pessoas com menos idade do que ele próprio, mas a elegância com que o cigarro foi aceso destravou o sorriso retido em seus lábios. Apesar das maneiras polidas, o visitante

exalava força e determinação.

Nada ou quase nada sabia sobre o que o esperava, mas era perfeito para a tarefa.

— Creio que você já tem os detalhes essenciais da missão, porém quis conhecê-lo pessoalmente e transmitir meus agradecimentos.

Ao expirar a fumaça, Taylor revelou dentes regulares e alvos.

— Não vou mentir, senhor. Estou aborrecido com este trabalho.

— Mas sei que dará o melhor de si. — Foi uma afirmação, não uma pergunta.

— Certamente o senhor precisa disso. — Taylor deu de ombros, despertando mais um sorriso no homem mais velho. — Mas a missão tem potencial para se tornar difícil e perigosa. Não compreendo. Por que apenas não pediu que...

— Por favor... — Com um aceno de mão, Huntington calou o visitante. — Não posso "pedir". Minha filha Blair tem quase trinta anos. É madura, responsável e inteligente. A partir daí, voltamos ao timbre de sigiloso. As ordens vieram diretamente da Casa Branca, e por isso não há mais como ela sair da América Central por meios convencionais. Coisas terríveis poderiam acontecer. — Uma sombra de medo turvou-lhe os olhos. — Se ela acreditar que você é um terrorista, terá chances de sobreviver. Blair tem coragem e bom humor.

— Mas, senhor... — Taylor sofreu um momento de desconforto, — É mais provável que ela lute contra mim...

— Sim, e nesse caso você empregará qualquer meio para mantê-la segura. Pode contar com o prazo de um mês. Até lá, nosso governo terá tudo sob controle.

— Qualquer meio, senhor?

Na pausa que guardou, Huntington estremeceu sob o olhar felino do visitante. Suspirou e depois meneou a cabeça. Ferimentos e escoriações no corpo e na alma, ao longo de sua carreira, já haviam cicatrizado, assim como a fria raiva dera lugar à sabedoria.

Só o ato de viver não poderia ser redimido.

Qualquer meio — ele ecoou com suavidade. — Basta mantê-la em segurança e, no momento oportuno, tirá-la de lá.

Huntington mal reconheceu Craig Taylor dentro da limusine oficial, na manhã seguinte. Não percebera, antes, que os cabelos castanhos bem penteados eram tão longos, nem que a barba de um dia poderia tornar-lhe as feições mais severas. O terno azul tinha sido trocado por calça jeans e camisa azul-clara. Botas surradas cobriam seus pés.

Perfeito. Nenhuma pista para a real identidade dele.

— Aqui está o retrato que lhe prometi. — O veterano político passou às mãos do jovem agente uma cópia colorida, desbotada, enquanto suas feições se contorciam de aflição. — Blair é tudo o que me resta, entende?

— Claro, senhor.

Era a fotografia de uma mulher de olhos muito verdes, esmeraldinos. "Princesa" pareceu-lhe o termo ideal para definir a figura que o contemplava imperiosamente, exibindo uma luz profunda e ao mesmo tempo divertida, por conta dos lábios grossos, estreitados em um sorriso. Os cabelos cascadeavam até o meio das costas, em um tom de ruivo sedoso que parecia roubar todo o sol necessário à tomada da imagem.

O refinamento e a delicadeza correspondiam aos do pai, mas a sensualidade era própria, marcada por um traço de orgulhosa altivez.

"Meu Deus", pensou Taylor. "Realmente, vou pajear uma modelo cobiçada pelas revistas de moda!" Quando olhou para Huntington, este parecia ter envelhecido muito mais do que um dia.

— Duvido que as coisas fossem diferentes, sem essa história de sigilo oficial. Minha filha não acredita muito nisso. O marido dela estava sob proteção quando foi assassinado. E, lembre-se, ela conserva o mais absoluto anonimato.

— Adeus, então — disse Taylor sem se emocionar.

— Adeus e boa sorte.

Taylor lançou ao ombro sua mochila de náilon e saiu da limusine para o avião que o aguardava na pista. Huntington empalideceu ainda mais depois da breve despedida.

O agente federal era pouco expansivo. E tinha de ser assim.

Capítulo I

Era um dia abafado, quase sem ar, e a transpiração gotejava da testa para os olhos de Blair Morgan, que impacientemente usou o dorso da mão a fim de enxugar o suor. Manteve as pálpebras cerradas, pensando que todo aquele calor não era pior do que o existente nas quadras de tênis de Acapulco ou San Martin. Honestamente, ela preferia o lugar onde estava aos luxuosos centros de lazer dos milionários. Então, sem motivo, sentiu uma absurda saudade de casa. Não de Washington em si, mas da mansão em Maryland que era seu verdadeiro lar: a imponente construção em estilo georgiano, em meio a quilômetros de uma fresca paisagem verde-azulada.

Ao pestanejar, Blair notou um par de pequenos olhos castanhos que a escrutinavam. Era um bonito menino. Vencendo sua vontade de sorrir, ela serviu ao garoto um prato de sopa.

— *Gracias, señora* — disse o menino, acrescentando em um murmúrio que aquela bonita norte-americana era um anjo de Deus.

Miguelito sabia da existência de anjos vingadores, como alguns que conhecera ao estudar o Velho Testamento com o padre da capela. Já vira sua flama em ação, na forma de guerrilheiros que às vezes atacavam os ocupantes de um jipe militar.

— *No por eso*, Miguelito, *no por eso* — Blair exprimiu-se em espanhol. Embora sorrisse, permanecia distante, e o garoto centro-americano afastou-se com sua vasilha de sopa e um pedaço de pão.

Ela continuou a empunhar a concha e servir sopa, imaginando se naquela ação o braço direito criaria músculos pouco compatíveis com uma mulher. De qualquer modo, comparar os dois braços lhe valeria como fonte de diversão.

Finalmente, a fila de crianças famintas, moradoras do vilarejo pobre, terminou e Blair removeu o chapéu de palha, abanando-o para se refrescar enquanto folgava o colarinho da camisa caqui, já colada à pele por causa do suor.

Em momentos como aquele, deplorava a vida fútil dos ricos e famosos. Ela própria só



havia transpirado ao praticar ginástica modeladora ou ao tentar ganhar um bom bronzeado ao sol. Mas, naquele caso, sempre era possível mergulhar na piscina e esquecer o incômodo da transpiração.

Bem, já iam longe os tempos de mocinha da sociedade. Eslava por livre escolha em um país conflagrado, sentindo-se útil aos necessitados, combatendo a mágoa resultante de sua primeira grande perda. Ninguém poderia acusá-la de leviana e, por sua vez, Blair não conseguiria tolerar a futilidade de suas amigas de juventude.

Analiticamente, era possível compreender tais atitudes. Filha de pais ricos, casada com um homem igualmente abonado, Blair sabia que era respeitada por sua inteligência, embora nenhum integrante de seu grupo social a julgasse capaz de realizar trabalho braçal ou comunitário. Graças à amiga Kate, que acreditara em seu potencial humano, já fazia mais do que promover chás diplomáticos. Kate havia convencido o possessivo pai de Blair de que, após enviuvar em condições trágicas, ela necessitava de um refúgio para sua energia e sua dor.

Pensando na amiga, Blair a viu aproximar-se, com a mão erguida no ar sufocante.

— Como é que você consegue não ficar suada? — indagou.

Kate torceu o nariz lateralmente, de modo divertido, e introduziu um dedo no panelão a fim de provar da sopa rala.

— Tenho uma boa notícia para você — disse.

— E qual é?

— Descobri um belo riacho a menos de um quilômetro daqui. — Ela suspirou de felicidade. Prazeres como um banho constituía um luxo ali.

— Maravilha! — retrucou Blair. — Se os homens de nossa equipe forem cavalheiros o bastante para não espiar...

Ela gracejava. O grupo consistia em seis pessoas: três mulheres e três homens, todos muito gentis. Tom Hardy, o médico dedicado, mal ligava para a própria esposa, Dolly, a matrona alegre que era a terceira mulher do grupo. Alegava que sua única maneira de ver o marido era participando da equipe de combate à fome na América Central. Harry Canton, magro e muito estudioso, de vinte e poucos anos, ainda corava quando ouvia um palavrão. E finalmente Juan Vasquez, o navegador nativo da região, parecia um tio bem educado, que conservava seu charme latino.

Ele vivia dispensando elogios às mulheres, o que as mantinha cômicas de sua feminilidade. Por isso, lembrava a Blair união versão morena do próprio pai, Andrew Huntington.

— Teremos nossa privacidade — garantiu Kate. — Mas Tom quer vê-la na barraca do ambulatório médico. Parece que vai chegar um repórter, amanhã, e nosso doutor pretende preveni-la para ficar escondida.

Blair resmungou. Os voluntários contra a fome formavam uma organização apolítica, embora recebessem auxílio de diversos governos. Sempre que um jornalista vinha bisbilhotar, surgiam insistentes perguntas sobre posições políticas e ideológicas. Para Blair, era pior. Ela usava o sobrenome materno, mas, se fosse vista, sua notoriedade a denunciaria. Poucas pessoas sabiam de seu pai, e menos ainda a associavam ao noticiário sobre a precoce e trágica morte do senador Ray Teile, seu marido. Qualquer grupo assistencial aceitaria seu anonimato. Um repórter, não.

— Vá ver Tom — pediu Kate. — E eu a esperarei no riacho.

Blair marchou ao longo do pequeno conjunto de tendas até chegar à barraca do médico. Como sempre, quando não estava examinando um nativo ou aplicando injeções de



antibiótico, Tom se debruçava sobre um grosso livro. A voluntária teve de gritar-lhe o nome duas vezes, para receber atenção. Blair obedeceu ao pedido dele para sentar-se e só então, instalada no duro assento de madeira, percebeu o quanto estava cansada.

— Do que se trata?

Tom cofiou a barba grisalha e sorriu vagamente. Isso, porém, não amenizou sua expressão preocupada.

— Kate lhe contou sobre o repórter?

— Sim, e qual o problema?

— Nenhum. Agiremos como de costume. Mas eu queria conversar sobre outra coisa: você anda pensando em voltar para casa, Blair?

— Como? — Ela surpreendeu-se. — Bem, realmente penso nisso, mas não para já. Comprometi-me a prestar dois anos de serviço, e ainda faltam alguns meses. Por que pergunta?

— É que a sede da organização está nos enviando um novo recruta. — O médico meneou a cabeça ligeiramente.

— Mas isso é ótimo! — exclamou Blair. — Precisamos muito de reforço.

— Sim, mas nunca esperávamos consegui-lo. Por que agora? — Tom levantou-se e circulou sobre o chão de terra batida, até olhar diretamente para a colega. — Você sabe de alguma coisa que eu desconheço?

Blair balançou a cabeça negativamente. Tom Hardy jamais mencionara as ligações familiares que ela preferia manter ocultas, portanto merecia uma resposta honesta.

— Tenho certeza de que não há nada de mais no envio de pessoal novo para cá. Procedimento de rotina. — Ela sorriu de modo confortador. — Recebi uma carta de meu pai, faz poucos dias. Ele teria me dado uma porção de alertas se houvesse algum perigo. Não, o governo recentemente eleito está firme no poder, e há quase um mês não se registram ações de guerrilheiros.

— Talvez, por fim, estejam reconhecendo nosso trabalho. — O médico voltou a sentar-se, visivelmente aliviado.

— Provavelmente. Agora, se me dá licença...

Blair achava-se ansiosa por desfrutar um banho de riacho, e assim fez. Abrigada pela multicolorida folhagem tropical, ela entrou nua na água e descobriu um paraíso. Existia até um lugar debaixo de pedras onde a correnteza formava uma pequena cascata.

Kate já se secava, na margem, quando Blair saiu da água e envolveu-se na toalha.

— Não achou fria demais a água? — perguntou a amiga.

— De modo algum. — Blair havia adorado a sensação do líquido gelado em contato com sua pele quente. Nódos avermelhados tinham aparecido aqui e ali, em seu corpo, mas ela as ignorou solenemente, sobretudo ao usufruir a queda d'água na cachoeira. — Vou entrar de novo.

Com essa disposição, Blair também não notou o farfalhar de um arbusto próximo, sem a presença do vento. Nunca lhe ocorreria, naquele final de tarde de domingo, que estava sendo observada.

Oculto entre a folhagem, o homem conteve a respiração e ficou imóvel, somente olhando. Era ela! Não se parecia com a imagem da foto, por causa dos cabelos escorridos sobre as costas, mas as feições delicadas eram inconfundíveis. E, claro, na fotografia Blair estava vestida.

O espião contraiu o maxilar. Abominava o papel de *voyeur*, por mais sugestivo que

fosse o corpo daquela mulher, mas ele não conseguiu suprimir uma apreciação machista, ou melhor, humana, da cena. A foto não lhe dera pista de que o corpo seria tão bonito quanto o rosto: forte, esguio, saudavelmente bronzeado, com seios firmes e altos, além de curvas tentadoras nos quadris.

Acalorado, o intruso suportou o suor que o acometia em um dia tão úmido e secou a pele do queixo com o dorso da mão. "Princesa", recordou a si mesmo, lutando contra o incômodo na virilha que o fazia lamentar estar onde estava. Culpa daquela mulher de nariz empinado.

Ainda assim, ela criou uma cena de surreal beleza ao saltar na água e produzir o melodioso som do baque do corpo no riacho. As pernas compridas se debateram com harmonia até Blair alcançar a cascata e erguer os braços aos céus, como em uma súplica, a fim de desfrutar o inebriante jato líquido.

Droga! Era patético, diante daquele cenário, querer estar de volta ao Oriente Médio. A nova missão de Craig Taylor poderia render-lhe uma aposentadoria precoce...

Quando Blair deixou a correnteza e sentou-se, agasalhada, na modesta clareira, Taylor retornou à área do acampamento. Ali consumiu uma refeição pronta e insossa, depois tentou acomodar o corpo dentro de um saco de dormir.

Apesar da proteção de um mosquiteiro, ele sentiu-se comido vivo pelos pernilongos. Quando finalmente adormeceu, já havia apagado da mente as sedutoras imagens da mulher nua no riacho. Estivera ocupado demais, praguejando contra ela.

Taylor guiou seu jipe até o complexo de combate à fome tão logo as estrias alaranjadas do alvorecer começaram a ganhar um tom amarelo. Já então, havia intensa atividade no acampamento. Dezenas de nativos em fila recebiam porções de certa papa nutritiva, tiradas de um grande tacho de ferro.

Seus olhos rapidamente esquadrinharam a cena, mas ele não viu Blair Morgan. Uma morena magra manjava a concha de pau, enquanto um jovem mal saído dos vinte anos fornecia leite a crianças do grupo de indigentes. Uma segunda mulher, de meia-idade, entregava frutas acondicionadas em sacolas.

Assim que desligou o motor, Taylor notou um afobado homem barbado correndo em sua direção, a fim de saudá-lo com um sorriso. Mais uma vez, o agente verberou os poderosos que o tinham colocado naquela situação. O senhor de barba grisalha parecia em êxtase diante da suposta ajuda que estava recebendo em sua missão humanitária.

— Bem-vindo! Bem-vindo! — Ele estendeu a mão. — Sou Tom Hardy, encarregado desta confusão.

— Craig Taylor — o recém-chegado apresentou-se, surpreso com a força do aperto de mão. Apanhou sua sacola de náilon e saltou agilmente do veículo, esboçando um sorriso de fingida satisfação. — Por onde começamos?

— Gostei desse entusiasmo. — O médico riu, agora mais atento ao novo membro do grupo.

Era estranho, mas ele não parecia ser do tipo que se envolvia em missões assistenciais nos lugares carentes do planeta. Apesar dos cabelos cortados curtos e do ar empolgado, mas informal, os olhos cor de âmbar transmitiam autoridade. E o corpo de Taylor era sólido como um torno de aço. Bem, filosoficamente falando, nada havia de errado com o fato de um homem daqueles se engajar em distantes atividades humanitárias. Tal como na Legião Estrangeira, ninguém lhe perguntaria as origens, nem os motivos.



Ao contrário, o dr. Hardy pensou que, com o novo colaborador, os frutos de seu trabalho poderiam duplicar. Teria por perto um homem inteligente e forte, talhado para descarregar caminhões de alimentos.

— Por enquanto — ele disse —, conheça os outros. Mais tarde encontraremos alguma tarefa para você. Transportar sacos de grãos, caso não se incomode em pôr seus músculos em ação.

— De forma alguma — retrucou Taylor. — Para isso estou aqui.

Preferiria não ficar à disposição do intrépido doutor, que aparentava ser um peão de obra tão forte quanto ele. Claro que, como vantagem, contava com a idade e a sabedoria.

— Venha então, conhecer a equipe — convidou Tom. — Depois eu lhe mostrarei suas dependências no acampamento.

Blair tinha ouvido o jipe chegar e assumira que se tratava do repórter anunciado. Era hora de desaparecer dali. Baixando o chapéu sobre o rosto, ela seguiu uma trilha atrás das barracas, e logo sua figura foi engolida pelas árvores e arbustos. Não precisava entrar propriamente na floresta. Uma pequena clareira, de onde poderia gritar e ser escutada no acampamento, lhe forneceria um refúgio sombreado. Uma rocha plana serviria de cadeira.

Ela se instalou ali, portando na mão um livro sobre a flora local, preparada para esperar o tempo que fosse necessário.

No entanto, Blair pôs o livro de lado assim que percebeu a chegada de um segundo jipe. A curiosidade venceu a cautela, e ela fez o percurso de volta, pé ante pé.

O novo jipe trouxera o jornalista, Blair soube instantaneamente, mesmo oculta entre as folhagens próximas. O homem que apeava do veículo não combinava com os trópicos. Vestia jeans de marca, bem talhado, cujas etiquetas Blair podia ver de longe. As mangas da camisa igualmente cara estavam dobradas até os cotovelos. Uma caneta achava-se clipada no bolso. A expressão facial era arrogante.

Um profissional em ascensão, Blair pensou secamente, lembrando como a irresponsabilidade de muitos repórteres havia infernizado sua vida. Ela ouviu o dr. Hardy esquivar-se das primeiras perguntas, determinado a não dar sua opinião sobre a realidade política daquele país distante e devastado. Assim, a entrevista pouco durou. Tom prezava seu lugar no mundo, e também seus objetivos pessoais. Nenhum jornalista o caracterizaria com uma verdade mundana: a de benfeitor dos pobres e famintos, vítimas de uma guerra civil.

Desencorajado, o jovem jornalista subiu ao jipe para retornar à cidade mais próxima. Antes que completasse o gesto, Tom já se afastara. Pronta a retornar ao acampamento, Blair gelou subitamente. Tudo indicava que o repórter a havia visto entre as árvores. O instinto o levava a saltar para o chão e caminhar no lado dela.

Movida pelas lembranças amargas de seu relacionamento com a imprensa, Blair conseguiu sair da imobilidade e embrenhar-se na floresta. O repórter não sabia quem ela era, mas, se chegasse mais perto...

Nas proximidades da clareira, ela estacou, dessa vez por causa da surpresa.

— Aonde pensa que vai?

Ela escutou claramente a voz às costas do repórter.

Movendo o olhar de um para outro homem, Blair avaliou que o lugar estava sendo invadido por uma horda de desconhecidos. O corpo atlético do segundo correspondia ao tom imperioso da pergunta, e o primeiro ficou paralisado. O novo intruso também não podia vê-la, já que fixava os olhos ambarinos no repórter assustado. Existia uma aura de perigo naquele homem mais alto e bronzeado que irradiava uma sensação de tranquilo poder. Era fácil compreender por que o jornalista não dera mais passo algum.



De repente, o estranho olhou na direção de Blair e, por rápidos segundos, ela deslumbrou-se com aquelas íris cor de mel. O homem alto ensaiou um sorriso com o canto dos lábios, e ela sentiu-se tentada a retribuir, antes de lembrar que não podia dar a ninguém qualquer pista de sua identidade.

Mas a simpatia cresceu quando ela escutou o intruso afirmar ao jornalista que ninguém mais, especialmente a mulher desconhecida, queria conceder entrevistas. Parecia incrível, mas ele sabia o que ela tinha em mente, e isso causou um certo medo irracional, em vez do senso de proteção que o estranho poderia lhe oferecer. Além disso, ele era abertamente seguro de si, impositivo e muito... viril.

Um toque no braço e um sorriso completaram a ordem implícita para o jornalista, agora menos arrogante, retirar-se dali. Logo ele ultrapassou os arbustos e fez ouvir o motor do jipe em retirada.

Novamente os olhos do intruso se cravaram no rosto de Blair, parada em uma posição em que as árvores já não conseguiam ocultá-la. Perplexa e constrangida, ela contornou as folhagens e seguiu em direção ao acampamento. Deu as costas ao homem, que a interrompeu:

— Sra. Morgan... — ele balbuciou em tom divertido.

Por alguma razão secreta, ambos explodiram em uma risada. Blair tomou o intruso pela mão, apesar do aperto que sentiu no coração.

Ele não era o homem mais bonito que ela conhecera. De fato, possuía feições muito severas, quase hostis. No entanto, era com certeza o mais surpreendente de todos. Os olhos incomuns pareciam impor um poder a ser temido. Blair nunca esqueceria aquele olhar, se o tivesse visto antes.

— Estou em desvantagem — ela se queixou, sem se referir à diferença de altura. — Você sabe quem eu sou. E você, quem é?

— Craig Taylor. Eu ia me apresentar quando notei sua dificuldade com o repórter. Sou o novo voluntário.

— Ah! — exclamou Blair, batendo os cílios finos que combinavam com os cabelos ruivos.

Como o dr. Hardy, ela considerava que aquele homem não servia para a função, embora soubesse, ao contrário do jornalista, vestir-se para uma tarefa na selva tropical: jeans leve, camisa de algodão de mangas curtas, botas reforçadas.

— Fui aprovado? — ele indagou após o exame.

Embaraçada, Blair sentiu-se flagrada em um ato de explícita avaliação.

— Sim — resmungou sem demora, para em seguida sorrir. — Na verdade, não. Você parece o cruzamento de um ator de Hollywood com um cientista excêntrico.

Ele voltou a rir com naturalidade.

— Craig! — O chamado veio da barraca do médico. — Fui convocado para ir à cidade. Mais tarde você poderá me agradecer por tê-lo livrado de algo pior que a morte: um repórter.

Sentindo-se na defensiva, abruptamente receosa de que o homem a seu lado pudesse tornar-se perigoso, Blair cruzou os braços à frente do peito e adaptou sua fisionomia para um ar mais sério.

— Você apareceu na clareira na hora certa — disse, franzindo a testa —, mas eu seria perfeitamente capaz de lidar sozinha com a situação.

— Como eu já imaginava — ele murmurou.

Haveria uma sombra sutil em seus olhos claros? Um tom de amargura na voz? Não,

Craig Taylor sorria com franqueza.

— Bem, exagerei um pouco, concordo — completou. — Nós nos veremos durante o jantar? -

— E há outra escolha, por aqui?

— Todos comem juntos?

— Mais ou menos.

Taylor atritou o queixo como se entrasse em profunda meditação.

— Guarde um lugar para mim, a seu lado. Tanto faz que seja à mesa ou no chão.

Blair sorriu, relaxando a guarda diante do curioso apelo. Taylor era intrigante e atraente, ninguém poderia negar. Também era inegável que seu coração de mulher batia mais forte na presença dele. Muito tempo havia decorrido desde que ficara interessada por um homem ou que seu corpo experimentara uma sensação tão diferente. Parecia que seus sentidos tinham acordado de um longo sono. Se fosse esperta, fugiria imediatamente de Taylor.

Mas era impossível fugir de qualquer pessoa na compacta unidade assistencial. A despeito de seu casamento de conto de fadas e da posterior perda trágica do marido, Blair Morgan não se considerava uma fortaleza emocional. Para ela, valia a pena conhecer melhor um homem tão fascinante.

— Está certo — disse por fim. — Guardarei seu lugar.

— Obrigado. E, se me contar o que Blair Morgan está fazendo neste lugar esquecido de Deus, eu lhe direi por que vim

— Combinado. — Blair apreciou o acordo como um triunfo pessoal.

Ela observou por mais um instante aqueles olhos estranhos, hipnóticos, até que o dono deles se afastou. Andava de modo desengonçado, mas esse era um detalhe menor diante da poderosa atração que Blair já admitia sentir. Aonde isso a levaria? O que Taylor fazia na selva tropical?

Era óbvio que sabia que ela era viúva de Ray Teile. Nenhum repórter ignorava. Mas ele não aparentava ser um repórter disfarçado, e demonstrava um interesse especial por ela.

Talvez conhecesse seu pai, o que tornava a noite bastante promissora.

Capítulo II

Na hora do jantar, a expectativa de Blair se frustrou. Taylor não apareceu até que todos os outros houvessem praticamente terminado a refeição. Talvez, exausto pela viagem, houvesse cochilado além da conta. E ainda havia a diferença de clima. O calor úmido da floresta tropical era capaz de roubar as forças de qualquer pessoa, mesmo de Craig Taylor. Com esse pensamento, ela sorriu. Quantas noites não tinha retornado à sua barraca cansada demais para comer ou falar? Cansada demais para pensar em sua solidão?

Quando Taylor sentou-se à mesa rústica de madeira, brindou-a com um sorriso especial e, em seguida, gracejou com os outros membros da equipe. Parecia totalmente à vontade na companhia deles, como se fizesse meses que trabalhava ali, e não apenas algumas



horas. Empenhava-se em agradá-los, pensou Blair com um sorriso, e possuía carisma suficiente para tanto.

A surpresa maior veio depois do jantar. Em vez de juntar-se ao grupo, ao redor da fogueira, Taylor foi o primeiro a dizer boa-noite e se retirar. Blair havia esperado que... bem, o que realmente esperava?

Ela estirou-se em sua cama e ficou contemplando o teto baixo da tenda, ajustando os olhos à escuridão. Esperava, em primeiro lugar, ser cortejada pelo recém-chegado, e depois conduzida a uma conversa particular. Como isso não acontecera, ela não sabia se ficava aliviada ou desapontada.

Blair descobriu que o comportamento de Taylor naquela noite estabelecera um padrão para os dias subsequentes. Viam-se durante a realização das tarefas, mas não tinham oportunidade de conversar, exceto durante o jantar. Pelo que podia observar, ele era muito empenhado e eficiente. Descarregava diligentemente os sacos de arroz e farinha que chegavam em velhos e precários caminhões, depois os arrumava em pilhas, cada qual destinada a uma finalidade. Às vezes, Blair tinha vontade de se aproximar e enxugar-lhe o suor do rosto, mas não poderia fazer isso sem prejuízo das próprias tarefas e sem chamar a atenção dos outros, especialmente a do severo dr. Hardy.

Naquelas noites, eles por certo conversavam, durante o jantar ou no espaço externo. Taylor não se mostrava arredio, mas Blair percebia que ele só manifestava por ela um interesse profissional. Por que, então, havia insinuado o desejo de conhecê-la melhor, de uma relação mais estreita? Ele não cumprira a promessa de explicar o que viera fazer ali.

Além da curiosidade, Blair sentiu o aguilhão da vaidade ferida. Atraída, mas desprezada, notou que a presença perturbadora de Taylor também lhe despertava medo, como se não confiasse nele. Por fim concluiu que não poderia agir como uma adolescente em um acampamento de férias, e que o primeiro contato com o novo voluntário é que fora atípico.

Na sexta-feira à tarde, o calor obrigou Taylor a tirar a camisa. Passando por ele, Blair surpreendeu-se com o feixe de músculos do torso, dignos de um pugilista. Excessivamente alto, Taylor teria de curvar-se a fim de acertar um adversário no ringue.

Ele não era tão pesado quanto um boxeador, mas possuía ombros largos e um abdome liso e plano. No peito, os pelos claros tostavam ao sol e, quando ele a encarou com os olhos cor de mel, Blair teve vontade de abraçá-lo e acariciar aqueles pelos. Trocaram um sorriso, o dela suave, o dele ameaçador como o de um leão a defender seu território. Taylor deslocou-se com controlada tensão, fazendo Blair sentir que uma força tremenda poderia explodir a qualquer tempo, em qualquer lugar, vitimando uma presa desprevenida.

— Pare de olhar, Blair — alguém sussurrou ao seu ouvido.

— É falta de educação...

Ela voltou-se e deparou com Kate, a ostentar um sorriso malicioso.

— Não estava olhando.

— Quer me enganar, amiga? Não se examinam os dentes de um cavalo dado de presente.

— Está falando do cavalo de Tróia? — Blair elevou as sobrancelhas em um arco de sapiência. — Ele parece não combinar com este lugar.

— E você combina? — Sem maquiagem, sem roupas caras, a voluntária já não lembrava a aristocrata que tinha sido, mas seus traços e gestos finos confirmavam tal condição.

— Devagar, amiga! — murmurou Blair, derrotada. Não conseguia explicar seus sentimentos a si própria. Como transmiti-los a Kate?



— Preciso ir. — Kate suspirou e rumou para a barraca médica. — Como sabe, estou no esquadrão antibactérias. Há uma fila de gente esperando meu suave golpe de agulha.

Rindo, Blair tomou a direção contrária. Reconhecia que estivera olhando o corpo de Taylor, por mais tempo do que o normal. Precisava controlar-se mais, sobretudo diante dos outros. Por sorte, sua barraca também se achava repleta de crianças famintas, o que a distraiu pelo resto da tarde.

Diante dos rostinhos encovados, ela sentiu raiva dos generais que por muito tempo dominavam o país, provocando uma guerra civil da qual diziam terem saído vencedores. Não importava. Os derrotados eram sempre as crianças, o povo.

Quanto à guerrilha, ela não dava um tostão pelo seu proclamado poder de fogo. Tinha vivido a existência inteira na arena política, e sabia que nem sempre o mais forte vencia, e sim o mais falastrão ou demagogo.

Apesar de tudo, existia gente boa na máquina administrativa, movendo lentamente suas rodas. Seu pai, por exemplo, era um homem íntegro que havia servido o governo dos Estados Unidos sob os mais diversos estadistas.

No entanto, caráter e princípios pareciam inexistir ali, nos grotões esquecidos da América Central. Os dirigentes deveriam olhar para os que sofriam, não lhe dar as costas. Blair estremeceu. Filosofar não tornava as coisas melhores. Concentrou-se em alimentar e ensinar as crianças do vilarejo, transmitindo especialmente noções de higiene. Em seguida, levou-as até a área externa, onde as presenteou com uma bola de pano. A alegria do jogo coletivo explodiu, enchendo o espaço de sons agradáveis. Que bom que aquelas pequenas criaturas ainda soubessem rir, em vez de apenas chorar.

Entretida, Blair não notou que um par de olhos leoninos a observava. Deu-se conta deles quando o dr. Hardy acercou-se de Taylor, à beira do campinho improvisado.

— Mulher admirável a nossa Blair, não acha? — o médico inquiriu o novato, em tom de grande conhecedor. — Tome conta dela, Taylor. Creio que Deus fez as ruivas com fogo nos cabelos para nos prevenir do fogo que têm por dentro.

O agente riu, recuperou a sobriedade e disse em tom de elogio:

— Ela é realmente boa em tudo o que faz. Nenhuma criança carente pode queixar-se dela.

— Eu é que ensinei tudo o que sabe — gabou-se o doutor. — Foi fácil. Bastaram duas semanas para Blair aprender o básico, incluindo o dialeto local.

Para o dr. Hardy, não era de surpreender que, conhecendo-lhe o pai como conhecia, a aristocrata de Washington tivesse alto quociente de inteligência e facilidade para idiomas. Mas essa era uma informação confidencial, e ele quase a havia passado para aquele estranho. Com alívio, notou que Craig Taylor não iria pressioná-lo quanto aos antecedentes de Blair Morgan.

— Melhor eu retomar o trabalho — o médico anunciou. — Como vai o descarregamento dos caminhões?

— Está completo.

— Completo? — Tom balançou a cabeça, incrédulo. — Droga, Taylor, assim vou gostar de ter você por aqui.

— Sim, obrigado.

Pareceu que o gigante de cabelos claros franzira a testa, e o doutor teve um momento de perplexidade. Depois, deu de ombros. Aquele não era o tipo de homem que necessitava de uma palmada encorajadora nas costas. Na verdade, quase ninguém do grupo precisava, todos se sentiam motivados para a prática do bem.



— Creio que estão tendo problemas com o fogo, ali atrás — afirmou com serenidade.
— É melhor eu ajudar.

Taylor apontou a área onde Kate, Dolly e Harry Canton tentavam acender o fogão a lenha e preparar um nutritivo cozido para o jantar.

O dr. Hardy entrou na barraca ocupada por Blair, ainda sacudindo os cabelos grisalhos. Com tinta removível, ela acabava de desenhar uma careta no braço de um menino de pele escura.

— E... aqui vai o nariz! — exclamou em espanhol precário.

— Terminamos!

O garoto olhou de Blair para seu braço, e novamente para ela, receoso se ficaria marcado para sempre ou não. Mas logo depois, saiu correndo e rindo, a fim de exibir-se aos amigos.

— Veio me trazer a nova lista de tarefas? — ela perguntou ao chefe.

— Não. Nosso novo voluntário adiantou o expediente.

Blair levantou-se do chão e guardou o pincel e a tinta.

— O que pensa dele? — quis saber.

— Bem, finalmente nos mandaram um homem de verdade.

— Mas, por que isso? — ela provocou o doutor, em timbre reflexivo.

— Não importa — respondeu Tom secamente. — Ele veio e é um bom trabalhador, isso me basta. — Ele bateu gentilmente no ombro de Blair. — Não o assuste com seus problemas, está bem? Já vi o brilho de seu olhar quando o observa. O rapaz pode estar à procura de paz e privacidade, tal como você. Nunca deixei alguém interrogá-la, portanto não faça isso com ele.

Os olhos de esmeralda podiam parecer inocentes quando Blair queria.

— Fique sossegado. Não vou afugentar o novato, mas ele já se ofereceu para me falar de sua vida.

— Privilégio seu.

O elogio não a satisfez.

— Por que eu? Acha que ele sente atração por mim?

— Se você desconhece as respostas, minha jovem, então a mantivemos tempo demais longe da civilização. No meu parco entender, os dois estão atraídos um pelo outro.

— Admito que ele é muito atraente — Blair declarou, sem querer ofender o médico.

— Aqui na selva, há poucos homens de sua idade — comentou Tom. — Digo, homens fortes e saudáveis. Sensuais — acrescentou num sussurro.

Era engraçado constatar que o doutor, velho amigo de sua família, estava pensando em genética e em reprodução, capazes de aperfeiçoar a espécie humana. Não em amor, paixão ou qualquer outro sentimento.

— Sensuais — ele repetiu, curvando-se a fim de amarrar a bota. — Craig Taylor, além disso, é confiável, vigoroso, do tipo que se dá bem com a vida, principalmente se essa vida lhe traz desafios. — Tom não respondia a Blair, e sim devaneava sobre o assunto, impondo seus pontos de vista.

Quem poderia garantir que tudo aquilo era verdade? Ela continuava sem palavras para descrever o que sentia. Não julgava Taylor incapaz de se doar afetivamente a alguém. No tempo certo, partilharia com uma companheira sua generosidade, força e talento. Apenas não faria isso por motivo fútil, em busca de uma aventura ou de auto-afirmação.



— Bem, não se preocupe. — Blair pegou uma bolsa de palha e caminhou para a porta da barraca. — Vou tomar banho no riacho.

— Divirta-se! — desejou o médico, com um aceno de mão.

Em sua pequena tenda particular, Blair apanhou sabonete, toalha, e ajeitou-os na bolsa. Antes de sair para nadar, consultou o guarda-roupa.

O bom doutor estava certo sobre sua atração por Taylor. O que ela ainda não podia definir era se gostava ou não desse sentimento. De qualquer modo, a excitação que experimentava era maravilhosa, embora torturasse sua mente. Ansiava pelo calor de um corpo masculino, o que não acontecia havia muito tempo, e estava bem consciente disso. Craig Taylor não era um homem comum: irradiava poder e inteligência, transmitia sensualidade e volúpia.

Blair deu-se conta de que remexia no guarda-roupa à procura de um vestido sedutor para usar depois do banho, durante a refeição coletiva. Tática simples, avaliou, mas reagia como mulher e entrava em uma batalha de conquista, disposta a vencê-la. Não era filha de um político por nada.

De repente, Blair sentiu as mãos suadas e desabou na cama estreita que lembrava um catre de presídio. Tinha vivido um casamento feliz, rapidamente encerrado por uma tragédia. Porém, na presença de Craig Taylor, ela percebia que nunca sentira atração sexual por Ray Teile. Jamais ficara perturbada por ele como pelo corpo esbelto e pelos olhos magnéticos de Craig.

Atraída ou não, Blair era uma experiente viúva, não uma jovem inocente. Poderia esquivar-se de lutar com Craig, ou contra ele, já que naquele momento ambos estavam apenas se analisando diplomaticamente.

Impaciente, Blair apanhou a melhor roupa que possuía, uma calça jeans quase nova e uma blusa azul de algodão macio, e saiu para a área externa.

Kate, de pé, preparava o jantar do grupo. Blair não resistiu a provocá-la e disse que a esperaria no riacho. Recebeu de volta um sorriso misterioso.

O som da água corrente era tranquilizador, assim como a paisagem marcada pela vegetação em torno e as pequenas rochas planas que margeavam o riacho. Quanto mais se aproximava da ribanceira, mais Blair antecipava o prazer de banhar-se ali.

De repente, estacou, assombrada. Alguém havia chegado antes dela: Craig. Uma pilha de roupa usada jazia sob um carvalho, em cujo ramo mais baixo estavam penduradas uma calça e uma camisa muito parecidas com as dela.

Na verdade, Blair não viu Craig na água, apenas reconheceu os trajes, enquanto seus sentidos a alertavam definitivamente para a presença dele. Leves arrepios a tomaram de assalto, desde a nuca até a base da espinha. Sua mente já formava a imagem de um corpo dourado emergindo da água, firme e sólido, exalando masculinidade.

— Oh... — murmurou Blair, recuando até um arbusto.

Já não se tratava de sua imaginação. Primeiro, ela viu os cabelos escurecidos pela água, depois o rosto que respingava, em seguida o tórax musculoso, com seus pelos cintilantes.

Os olhos ambarinos de Taylor a descobriram atrás da folhagem, e um sorriso formou-se lentamente em seus lábios. Blair balançou a cabeça, não pretendia fugir como uma adolescente assustada.

— Vai entrar na água? — ele gritou.

— Quando sair, sr. Taylor, então eu entrarei. Acho que esquecemos de lhe explicar o protocolo. As mulheres têm prioridade no uso do riacho.



— Sinto muito! — ele bradou de novo, a fim de ser ouvido.

Mantinha-se respeitosamente na água, encoberto até a cintura. Mesmo assim, a massa de cabelos claros do peito se afunilava ao aproximar-se do umbigo, o que fazia prever uma estreita extensão dos pelos até a virilha oculta pela água.

Blair sentia dificuldade em assimilar essa imagem, por mais sugestiva que fosse. Com irritação, notou que Taylor se acercava da margem e, a qualquer momento, se mostraria nu.

Mas ele não fez isso. Aproximou-se simplesmente até o ponto em que poderiam desenvolver uma conversa audível, sem precisar gritar acima do ruído da cascata.

— Não tinha nada para fazer — ele explicou — e resolvi explorar a área. Encontrei este córrego e voltei depressa para pegar roupas limpas.

Blair riu, cônica de que o perigoso olhar de Taylor só estava mascarado por um sorriso jovial.

— Tudo bem — falou —, não precisa se justificar. A falha foi nossa.

Ele meneou a cabeça em desacordo e riu com gosto.

— Você não ligaria mais para o protocolo, se soubesse o que descobri.

— O quê?

— Não posso contar. A descoberta é inexplicável por palavras. Você precisa vê-la pessoalmente, mas, já que não quer nadar comigo...

— É a maior mentira que já ouvi, e você parece ser bom nisso — disse Blair com secura.

— Estou arrasado com essa acusação!

— Claro que não está! — Nada o faria sentir-se arrasado, ela poderia garantir!

— Um dia — ele prometeu, erguendo as sobrancelhas —, eu lhe mostrarei meu glorioso segredo, e você lamentará essa tola desconfiança. Agora, por favor, vire-se de costas para que eu não fira sua virtude.

Blair obedeceu imediatamente ao vê-lo fazer menção de sair da água e apanhar as roupas penduradas no carvalho. Estava trêmula, e rezava para que seus gestos escondessem do homem a tensão disseminada pelo corpo. Houvera dias, após a morte de Ray, em que ela pensara partir para algum lugar, na companhia de qualquer um, só para se convencer de que ainda era uma mulher normal, capaz de sentir prazer.

Mas o bom senso tinha temperado o impulso. Ela jamais provaria nada a ninguém, e provavelmente se magoaria muito se tentasse manter um caso sem emoção ou real desejo. Agora, repentinamente, quando julgava ter domado os instintos, surgia uma atração intensa que a lançava em febril desejo.

Até a emoção estava presente. Desconfiava de um homem cheio de enigmas como Taylor, mas, no íntimo, gostava dele. Havia uma sintonia nervosa que lhe atravessava o corpo inteiro.

— Posso usar sua toalha? — ele pediu. — Prometo não ensopá-la.

— Fique à vontade. — A filha de um estadista tinha de saber conservar o nível da voz, mesmo de costas para o interlocutor.

— Estou decente, pode se virar.

Blair soltou o fôlego longamente retido e deparou com o colega que fazia um exame aberto de seu corpo. Um tanto constrangida, viu quando Taylor pegou no bolso da calça um maço de cigarros e um isqueiro.

— Você fuma?



— Sim, obrigada. — Ela aceitou um cigarro, notando aliviada que seus dedos já não tremiam. A fumaça produzida pela dupla dançou no ar e mesclou-se significativamente. — Norte-americano?

— Trouxe comigo alguns produtos, para distribuir a toda a equipe.

— Ah, você por acaso é rico?

O dr. Hardy provavelmente a esganaria por essa pergunta, mas Taylor não pareceu ofendido nem surpreso.

— Não rico, apenas independente. Herdei um pequeno fundo de investimentos. — Ele não estava mentindo. Comprara pessoalmente cada presente trazido na mala e ainda fizera uma razoável contribuição em dinheiro à sede da organização de combate à fome. Nada que merecesse elogios, ele pensou. Possuía dinheiro, dinheiro herdado, em volume maior do que poderia gastar na vida toda. — E você?

Não tinha motivo para questioná-la assim. Conhecia tudo que se poderia conhecer de especial sobre Blair Morgan: não só o dia de nascimento, mas também a hora do parto e o nome da maternidade. No entanto, restava aquilo que nenhum dossiê do mundo poderia revelar sobre aquela mulher orgulhosa e determinada: ela mesma.

Blair tragou a fumaça do cigarro e encolheu os ombros.

— Igualmente culpada — ela comunicou em tom sério. — Fui criada em meio ao luxo, e gosto dele.

— Mas repudiou tudo?

— Não. Nada tenho contra a riqueza socialmente responsável. O dinheiro pode fazer uma porção de coisas boas pelos pobres. — Ela sorriu, satisfeita. — Como diz o ditado, dinheiro atrai dinheiro, e então fiz questão de viver bem, comer divinamente e vestir-me como uma rainha.

— Então, o que faz aqui? — perguntou Taylor.

— Disse que gosto do luxo, não que não posso viver sem ele. — Ela se amaldiçoou intimamente por responder a tudo, dando pistas de sua pessoa, enquanto Taylor permanecia enigmático. — Agora, fale-me de você.

— Eu fugi de casa certa vez, há uns vinte anos, mas voltei atrás de comida. — Os olhos dele brilharam à lembrança do fato. — Uma pessoa aprecia melhor os luxos da vida depois que passa fome e frio. Estive no Vietnã, vi metade da Europa e do Oriente Médio, e então aprendi que não se pode viver fugindo do que se é.

Também isso era verdade. Contudo, nenhum dos dois precisaria ter contado nada ao outro. Taylor apagou seu cigarro em uma pedra e o pôs de lado.

— Bem, vou deixá-la tomar banho. — Ele esboçou um sorriso e afastou-se.

A primeira rodada estava concluída. Blair despiu-se atrás dos arbustos, sentindo os dedos a tremer enquanto desabotoava a blusa. Temia ser espiada por Taylor ou desejava que isso ocorresse? A segunda hipótese era mais provável. Quanto mais o via, mais o desejava. Ela saltou na água.

A água fria da correnteza refrescou o calor de sua pele, que não se devia apenas ao sol. Riu sozinha ao imaginar-se radicalmente honesta com Taylor.

Perdão, sr. Taylor. Sinto vontade de lhe contar que não confio em sua pessoa, fora de minha vista, mas acho que gostaria de ir para a cama com você. Disse "acho" porque estou ligeiramente temerosa. Veja, já tive tudo o que quis... e perdi. Tenho medo e lhe peço para ser muito gentil, muito tolerante...

— Ei, como está a água? — Kate interrompeu os pensamentos de Blair ao surgir em



plena margem, onde havia chegado em silêncio, começando a tirar sua blusa úmida de suor.

— Gostosa e fria, Kate — respondeu Blair.

Infelizmente, não fria o bastante para que ela voltasse ao normal.

Craig Taylor havia anunciado um jantar especial na sexta-feira e por certo estava cumprindo a promessa. O vinho era francês, e ele trouxera várias garrafas em sua sacola de náilon. A comemoração durou pouco, mas garantiu aos participantes uma noite festiva.

Exclamações alegres e elogios jocosos acompanharam o esforço de Taylor para sacar a primeira rolha. Blair imediatamente pensou que, nos grandes eventos dos quais participara com seu marido estadista, nunca existira tanto prazer e genuína camaradagem. O luxo era uma ilusão.

— Precisamos de lençóis de seda, para combinar com o vinho — ela declarou ao voluntário novato, estendendo o copo para repetir a dose da bebida.

Somente ao ser fitada por seu olhar penetrante, ela percebeu o sentido picante da frase, que sugeria uma noite juntos. Fechou os olhos e torceu para que o rubor lhe deixasse o rosto. Por um breve segundo, ela captara algo diferente naqueles olhos leoninos, algo que não estava lá antes, algo que lembrava perigo, incerteza ou luxúria.

Também havia certa ternura, mas uma ternura marcada pela dor, e que desapareceu instantaneamente quando Taylor serviu-se de vinho e de um prato de carne assada com batata, que constituía o cardápio especial da noite.

— Que tal irmos comer debaixo daquele carvalho? — Ele apontou a árvore, na área externa, que oferecia alguma privacidade.

A habitual fogueira que o grupo acendia, a fim de afugentar animais selvagens, estava a certa distância deles, e assim havia uma muralha de escuridão que os isolava do grupo.

Craig bateu seu copo contra o de Blair, em um brinde inesperado.

— Aos que admitem preferir lençóis de seda — afirmou. — Por falar nisso, quando pretende voltar aos seus?

— Dentro de alguns meses. — Ela mordeu uma robusta batata com molho, pensando na impossibilidade de engordar enquanto trabalhasse nas condições normalmente frugais do grupo de combate à fome. — Eu me inscrevi por dois anos. Irei embora quando o prazo acabar e meu substituto chegar.

— Alguém à sua espera, em casa? — Taylor indagou, sem parecer invasivo.

— Não. — Concentrada na comida, Blair corrigiu: — Quero dizer, sim. Meu pai.

— Além de um parente, há outra pessoa? Sei que você é viúva, mas já faz tempo. Não tem um amigo, um namorado?

— Nada do tipo.

Calando-se, Taylor continuou a mastigar. Sabia que suas perguntas eram muito pessoais, e até dolorosas. Nadava em águas turvas, provocando a pobre moça. Não compreendia por que havia verbalizado aquelas questões, apenas que, como homem, interessava-lhe ouvir as respostas dos próprios lábios de Blair. Para ser franco, ninguém podia esperar que ele fosse uma máquina incapaz de pensar ou sentir.

— Agora é sua vez. — Ela o encarou nos olhos. — Quem o espera? Uma esposa? Uma namorada?

— Não. Sempre viajei demais e acho injusto impor meu estilo de vida a uma mulher.



Blair viu o rosto dele tornara-se tenso, as feições endurecidas em estado de alerta. Taylor observou a folhagem próxima e colocou seu prato no chão, sem fazer barulho. Em seguida, tocou com o dedo indicador os lábios de Blair, antes que ela falasse alguma coisa.

Taylor apontou o arbusto escuro às suas costas e marchou até lá em silêncio, com a agilidade de um felino. Depois de alguns passos, seu braço desceu no meio da folhagem, detendo-se em um obstáculo.

— Deus do céu, garoto! — Ele puxou para fora o trêmulo Miguelito. — Por que estava nos espiando? — Causou surpresa a Blair ao falar em espanhol.

Aterrorizado, o menino tremia, com a mão do homem alto fechada sobre seu pescoço. Os olhos dele se voltaram para Blair, em um pedido de clemência.

— Ninguém vai machucá-lo, Miguelito. — Ela se aproximou, dando tanta atenção ao garoto que Taylor o soltou. — Mas você nos assustou, escondido no mato. Deveria estar em casa, com sua mãe. O que faz aqui?

A história veio aos fragmentos, entre soluços. Miguelito havia simplesmente sentido o cheiro de comida e, como um bichinho faminto, quebrara a disciplina imposta pela mãe.

— É isso? Fome?

— O que você acha? — Blair enlaçou o menino com um braço protetor.

Sem responder, Taylor ofereceu ao garoto nativo seu prato quase intacto.

— Faça bom proveito, Miguelito. Mas não conte a seus amigos, certo? Já acabou a comida, de onde isto veio.

Blair sentiu remorso por ter engolido o jantar tão depressa que nada lhe restasse para dar. Também experimentou arrepios ao lembrar como Taylor, corajoso e alerta, ouvira um som entre os arbustos e, mesmo desarmado, fora verificar. Na verdade, os habitantes do lugar eram capazes de flunar pela floresta, quietos como ratos.

Ele havia estado no Vietnã, Blair recordou-se. Certamente tinha aprendido a agir em uma guerra na selva. Por esse lado, nada tinha a temer. Por outro, por que continuar suspeitando de um homem que dera o próprio prato de comida a um menino faminto?

— E o que você vai comer? — Blair preocupou-se.

— Talvez tenha de recorrer a lagosta em conserva — ele disse, sem pedantismo. — Trouxe algumas latas.

Sim, mas não naquela noite, pensou Blair com uma ponta de admiração. Com o físico que possuía e tendo trabalhado duro o dia inteiro, Taylor deveria comer bem para não sentir dor de estômago durante o sono.

Ambos aguardaram que Miguelito terminasse a refeição e devolvesse o prato, fitando Taylor com ar de adoração.

— *Muchas gradas, señor* — ele disse timidamente. — *Muchas gracias.*

— *No por eso.* — Taylor demonstrou impaciência. — Agora vá para casa, e nem pense em enfiar-se de novo nos arbustos. Pode ser perigoso.

O garoto desapareceu nas trevas, correndo como um cervo rumo a seu povoado. Craig e Blair voltaram a sentar-se sob a árvore, menos à vontade do que antes. Ela notou, ao expandir a voz, um eco da questão que o dr. Hardy lhe havia lançado no dia anterior.

— Você sabe alguma coisa que eu não sei? E perigoso ficar onde estamos?

— Não e não — Taylor assegurou, exibindo inocência no olhar. — Pelo que ouvi, o governo está firme no poder.

Era verdade, o grupo de assistência humanitária não corria perigo. Mas ele havia se comprometido a dar proteção a Blair, e o treinamento realizado em áreas turbulentas o

capacitava a detectar a mínima mudança no ambiente, a menor inflexão de rota de uma folha que cortasse o ar.

— Só estou preocupado com crianças que se aventuram pela floresta de noite — ele completou.

— Bem, Miguelito não deveria ter feito o que fez, mas fiquei contente por você ter-lhe dado comida. Essas crianças têm tão pouco...

O olhar ambarino já não parecia inocente, mas intrigante e assombroso. Eram olhos que viam demais. E permanecer perto de Taylor tornava-se perturbador.

— Que tal mais vinho? — ele propôs com um sorriso. — Ainda temos algumas garrafas lá na barraca. Permita-me, madame. — Com um meneio galante, que em nada combinava com ele, Taylor afastou-se rumo à tenda principal, levando os dois copos nas mãos.

Blair acompanhou-o com o olhar e viu que, quando ele atravessava o grupo reunido em círculo na área externa, recebeu uma ovação. Taylor já havia encantado toda a equipe. Seria um tipo raro no mundo civilizado. Mas ali nos confins da América Central, ele constituía um milagre: cortês, amistoso, forte, inteligente e... muito sedutor.

Haveria de fato um homem assim, chamado Craig Taylor?

Claro que sim. Ele era real e voltava para ela, bonito em uma simples camisa estampada e jeans justo, cavalheiresco ao lhe passar um dos copos cheios de vinho que trouxera.

— Que tal um passeio ao luar?

Blair olhou para o céu com ceticismo. Uma nesga de lua crescente proporcionava pouca iluminação.

— Tudo bem — ela acedeu. — Podemos passear sob as estrelas.

Existiam algumas pontilhando o céu.

Após os primeiros passos, ela ergueu as sobrancelhas.

— Crianças grandes também deveriam não sair de casa à noite, não acha?

— Só comigo — Taylor retrucou de pronto. — O riacho, por exemplo, deve estar lindo...

Andaram e conversaram até que, sem necessidade de palavras, desceram a ribanceira e sentaram-se à margem da água. À noite, o lugar parecia um paraíso, com os hibiscos emanando um suave brilho vermelho, a grama formando um tapete verde que alcançava a beira da água. A cascata não proporcionava apenas uma névoa úmida, mas um brilho de diamante ao cair incessantemente.

Colhida por esse encantamento, Blair esqueceu quem era e onde estava. Quase esqueceu de questionar quem era Taylor.

Não foi difícil. Ambos se entrosaram muito bem em uma conversa sobre livros, músicas e filmes. Comida também, mas nada que pudesse causar controvérsia.

O diálogo se desenvolveu tão naturalmente que, com idêntica naturalidade, Taylor passou um braço sobre os ombros de Blair. Ela não protestou, e também considerou natural tocar-lhe os dedos com os seus.

Jamais Blair havia se sentido tão confortável e segura ao lado de um homem. Adorou ficar aninhada no peito de Taylor, experimentando sua força, falando por meias-palavras, aspirando o aroma masculino.

Mais tarde, ele se levantou e ajudou-a a se erguer também.

— É melhor voltarmos — ele sugeriu em tom contrariado.



Taylor não ofereceu o braço a Blair, como ela esperava, nem fez uma tentativa para beijá-la, e ela ficou estranhamente desapontada. Tinha certeza de que ele pretendia beijá-la, mas se controlara.

Não era tão tarde quando chegaram ao acampamento, mas a fogueira já estava quase extinta, brilhando apenas em pálidas línguas de fogo amarelo e laranja. Toda a equipe havia ocupado suas respectivas tendas a fim de dormir.

Taylor acompanhou Blair até a porta da barraca que ela ocupava. Os dois se entreolharam, e as íris douradas de Taylor pareceram ainda mais magnéticas, mais instigantes do que qualquer fogo do Céu ou da Terra. As emoções de um e de outro como que se desnudaram. O desejo que ela sentia seria compartilhado?

Blair umedeceu os lábios em um gesto sensual, alheia à própria ânsia de amar. O sentimento, visível em sua face, a tornava mais bonita. Craig Taylor julgou-se enfeitiçado, vendo esmeraldas nos olhos dela, chamas descendo no lugar dos cabelos e os lábios... bem, os lábios continuavam sendo os de uma mulher desejável e eram convidativos.

Ele gemeu de expectativa, pensando mais uma vez que não era uma máquina, um computador, e sim um ser humano capaz de sucumbir a uma saudável atração.

Inclinou a cabeça a fim de nivelar a boca com os lábios que desejava sentir contra os seus. Eram lábios ao mesmo tempo selvagens e ternos, que queriam conquistar e ser conquistados. A língua de Taylor invadiu o vão que Blair deixara entre eles, roçou os dentes e, conforme ela abriu espaço, saboreou o aromático mel daquela boca de mulher.

Nunca antes havia agido assim. Também pela primeira vez na vida tinha perdido o autocontrole.

Os lábios de Blair permaneciam colados aos dele, em um beijo interminável. No começo, o contato fora tímido. Agora, sua boca podia ser comparada a uma flor que vicejava sob o sol. Como se fosse uma donzela, ela se resguardara no primeiro instante, para depois se entregar com uma paixão que saturava os sentidos de Taylor. Ao retê-la nos braços, sentia-a suave, maleável, maravilhosamente feminina, quente e receptiva.

Ela gemeu, em um estado de quase torpor. O toque daquele homem era tudo o que havia imaginado, e mais. As sensações que lhe assaltavam o corpo, a partir da boca, tendiam a produzir uma sublime loucura. Blair sentiu a rigidez dos músculos de Taylor e não se furtou a encostar o ventre na virilha dele. Sentiu-se totalmente mulher quando, a cada golpe de língua, a cada afago, seu corpo reagia com umidade, excitação e abandono.

Os dedos de Taylor agora acariciavam os cabelos macios e seguravam a cabeça de Blair com força possessiva, para manter os lábios dela na mesma posição. Ela, porém, não se moveria por vontade própria. Queria ficar ali para sempre, sentindo o calor masculino aquecer-lhe o corpo, queimá-la com a boca insaciável.

Tardiamente, Blair concluiu que ela é que havia oferecido e desfrutado o beijo com tanta sede de paixão que Taylor nada poderia negar-lhe. Tampouco ela não negaria coisa alguma àquele homem depois de ter-lhe entregado um pedaço do coração.

Em uma pausa para respirar, eles estreitaram o abraço que os unia e os transportava até a região virtual onde os instintos precisavam ser satisfeitos. Mas Taylor recuperou o autocontrole, a mente em luta com o corpo, e interrompeu o contato enlouquecedor com Blair. Ela poderia entender as razões dele, mais adiante, mas não naquele momento. Frustrada, voltou ao mundo real, decidida a conceder a Taylor tudo o que ele quisesse, no instante em que desejasse. Era efetivamente um homem incomum, que nunca seguiria os trâmites normais que levam do beijo à posse carnal.

Os braços dele a libertaram, a mão tocou-lhe o queixo de leve.

— Boa noite, Blair — disse brandamente. Também ele se sentiu frustrado ao retomar a trilha para o acampamento, até sua barraca distante e quase isolada das demais.

Blair o viu partir, aceitando o fato de que estava apaixonada por alguém que, confessadamente, não tinha espaço em sua vida para um envolvimento.

De qualquer modo, era uma sensação maravilhosa estar abraçada àquele homem, e Blair quis desfrutá-la mesmo que, mais tarde, o amor só lhe trouxesse dor.

Acreditava, com razão, que Taylor se afastara, em vez de desnudá-la e possuí-la, por saber que não lhe podia oferecer nada de permanente. E daí? Ela o desejava, ainda que por uma noite, por uma hora.

No entanto, o estado de paixão não suprimia a desconfiança que Blair tinha de Taylor. Tremendo, ela entrou na tenda e logo se despiu, para vestir sua confortável camisola de algodão. O coração continuava disparado, nos batimentos quase audíveis.

Craig Taylor tinha uma maneira própria de iludi-la, até que confiasse nele. Havia se integrado ao grupo de combate à fome, e Blair seria obrigada a vê-lo todos os dias, um após o outro.

O que assustava, acima de seu desejo radical, era a possibilidade de que ela o conquistasse para sempre, em um relacionamento duradouro.

Em sua barraca, Craig Taylor não conseguia dormir. Queria distância de qualquer outra mulher em sua vida. Como tinha se deixado encantar pelos dotes femininos de Blair? Segundo ele, o contato se dera por muito mais do que uma instantânea atração química.

Havia sido pura eletricidade. Uma força que não se parecia com nada que ele já havia enfrentado. Mas essa força fazia parte integrante dele, traduzida em sedução, em encantamento.

Era a profundidade de seu olhar, a suavidade da voz, o orgulho viril, a devoção aos outros, o carinho e a inteligência.

"E agora?", ele se perguntou mentalmente, certo de que tremia na noite fresca. Cinco dias haviam se passado desde sua chegada. Como encarar os novos dias por vir, quando a imagem de Blair não lhe deixava o pensamento?

Por mais treinamento que tivesse recebido como agente especial, Taylor sentiu-se infeliz. Qual um espectro, rondou os arredores do acampamento. Não foi visto nem ouvido enquanto se deslocava até a selva.

Era meia-noite. Na clareira, uma luz intermitente passou a atravessar a folhagem. Mas não eram as chamas de uma fogueira, e sim um código de comunicação. Taylor ligava e apagava sua lanterna mais velozmente do que a maioria dos olhos poderia ver.

Cheguei. Tudo parece bem. Câmbio.

A resposta foi instantânea, a partir de um refletor no alto do morro.

Mantenha posição até novas ordens. Final.

O gato selvagem voltou à sua base de operações, sem ser percebido, silencioso.

Capítulo III



Blair experimentou um perturbador surto de pânico pela manhã. Sua consciência lhe deu a visão plena do erro de conduta que praticara.

De positivo, estabelecera-se alguma ligação entre ela e Taylor, e o sentimento que isso despertava era fantástico. Mas não devia ter-se atirado nos braços dele. Agora seria impossível ele não perceber que poderia levá-la na palma da mão, que exerceria o controle, que imporiam restrições. Pior, o que deveria estar pensando dela?

A ideia de deparar com Taylor no espaço do acampamento, de encará-lo à luz do dia, deixou Blair pálida, sem forças. E, ainda assim, vê-lo de novo se tornou o objetivo de seu dia. Ela ergueu uma sobancelha defronte ao pequeno espelho quadrado acima de seu catre.

— Convenhamos, Blair! O que é que você quer? — A resposta achava-se fora de seu alcance, e ela balançou a cabeça com desânimo. — Não importa, não é? Preciso seguir adiante, de um modo ou de outro.

Mas era estranho sentir-se devastadoramente atraída por um homem no qual não conseguia confiar.

Encarar Taylor provou-se fácil. Como que por obra do destino, ele foi a primeira pessoa que Blair viu naquela manhã. Sem camisa, mostrando os músculos torneados e a pele bronzeada, ele tentava barbear-se diante de um espelhinho precariamente pendurado num barbante.

Ele sorriu, debaixo da camada de espuma branca, assim que a viu. O simples gesto falou mais e melhor do que quaisquer palavras. Sim, havia uma ligação entre ela e Taylor. A expressão dele era de aceitação. O olhar dourado parecia dissipar a névoa da manhã.

— Bom dia — ele cumprimentou, indicando com a cabeça a mão que segurava o aparelho de barbear. — Eu costumava ser bom nisto, mas agora minhas mãos estão tremendo.

— Você não parece ser do tipo que treme — observou Blair, balançando a cabeça com incredulidade.

— Não usualmente — ele emendou.

Seria um contato simpático, Blair deduziu. Talvez Taylor também estivesse confuso com o sentimento que crescia entre os dois. Não a rejeitava, porém. Apenas se retraía. Se trocassem algumas palavras honestas e um olhar franco, talvez surgissem as respostas que ambos se negavam a admitir. Em pouco tempo, entrariam na rota de descoberta mútua.

— Bem, não posso oferecer-lhe ajuda — afirmou Blair com a certeza de estar sendo sincera. — Também estou tremendo um pouco.

Taylor riu e brindou-a com um longo olhar que ela recebeu como carícia.

— Como fomos os primeiros a levantar, vou fazer café.

— Estava mesmo com vontade. Você me traz uma xícara?

— Claro.

Blair sorriu e rumou para a barraca que abrigava a cozinha. Era incrível o que Taylor conseguia fazer com ela. Sempre havia adorado o trabalho com a equipe assistencial: a camaradagem entre os membros, a interação com o povo do lugar, o senso de valor próprio que redundava de suas ações. Mas isso tinha durado somente até a chegada de Craig Taylor, quando percebera que o trabalho era insuficiente para lhe devolver a felicidade que perdera com a morte do marido, Ray Teile. Pensava nisso agora porque subitamente havia recuperado um sentimento de entusiasmo no início de cada dia ou de cada tarefa.

Naquela manhã, ela já se dava conta da leveza do ar, do aroma penetrante do café, dos sons que faziam parte da vida na selva e no acampamento. Seus sentidos estavam receptivos a uma nova dimensão de alegria.

— Bem, sr. Taylor — murmurou para si mesma enquanto esperava a água ferver na cafeteira. — Ainda não confio em você. — Em um lampejo, reviu a imagem dele diante do espelho, a cintura da calça jeans ajustada com precisão à linha média do corpo, os poderosos músculos das pernas correspondendo aos do tórax. — Mas estou contente com sua existência.

Satisfeita, levou-lhe o café.

O relacionamento deles parecia entrar em um confortável compasso de espera. O intenso nervosismo que Blair sentira anteriormente começou a dissipar-se, na medida em que entendeu que Taylor não lhe pediria nada que não estivesse pronta para oferecer. E naquele aspecto talvez ele a conhecesse melhor do que ela própria.

Certo medo era inevitável. Blair sentia próximo o dia em que finalmente eles chegariam juntos ao êxtase dos sentidos e não só aceitava o delírio sensual, como sonhava com ele. O crescimento da relação entre os dois tendia a aparar as arestas de qualquer receio de uma completa intimidade.

Ele vinha conquistando sua confiança, dia após dia. O pensamento de que havia alguma coisa errada com Taylor continuava no fundo de sua mente, mas a intuitiva suspeita se embotava quando ela o via trabalhando duro, feito uma máquina de energia. Era impossível que ele não fosse sincero em tudo o que dizia ou fazia.

As crianças do vilarejo próximo venceram o temor inicial em relação àquele gigante branco e passaram a rodeá-lo. Taylor não se comportou como pai ou irmão, incentivando as brincadeiras, mas volta e meia presenteava os garotos com pequenos brinquedos que tirava de sua grande sacola de náilon, verdadeira arca do tesouro. As crianças obedeciam sempre que ele lhes dava alguma ordem. Sua palavra era lei.

Completavam-se duas semanas desde a chegada de Taylor. Blair mantinha-se pensativa, na entrada da barraca do ambulatório, quando o dr. Hardy a surpreendeu.

— Você ainda está espionando aquele homem? — perguntou, aborrecido, embora as espessas sobrelhas erguidas indicassem afeição. — Pensei que as coisas iam bem entre vocês. Não há noite em que não os veja conversando até tarde.

— Não estava espionando, chefe, só olhando.

— É justo. Ele também fica constantemente olhando para você.

— Mesmo? — ela espantou-se. Não imaginava que Taylor lhe retribuísse a secreta observação.

O médico acolheu a pergunta de Blair com um largo sorriso.

— Já disse, desde o começo, que ele estava atraído por você. A esta altura, você deve ter percebido. E, ou muito me engano, o sentimento é recíproco.

Sem protestar nem se defender, Blair enrugou a testa.

— Por que ele me observa em segredo? — Seus olhos encontraram os do médico. — Não acha que isso é um tanto suspeito?

— Oh, Blair! Não acredito que você ainda queira sondar a vida anterior de Taylor! Não, não é suspeito. É normal que um homem saudável olhe para uma mulher bonita. Ainda mais aqui, onde há tão pouco a ver. Taylor foi um presente dos céus para nós. Não me importa se anda escondendo algo de sua vida pregressa.



— Acho que tem razão. — Blair deu de ombros, não totalmente convencida.

— Você desconfia dele?

— Sim — ela concordou. — Ocasionalmente.

— Ora, as mulheres! — Tom Hardy gracejou com a própria tolerância. — Vocês passam horas conversando. Assim, você o conhece melhor do que qualquer um de nós. Do que falam por tanto tempo?

— Todo tipo de assunto — respondeu Blair vagamente. Ela tomou a liberdade de pegar, no bolso da camisa do doutor, um maço de cigarros do qual tirou um, oferecendo outro ao chefe. Usou depois um isqueiro de plástico.

— Taylor viajou muito — prosseguiu. — Nós discutimos povos, países e costumes. Arte, música... — Hesitou diante da vastidão da cultura de Taylor. — Ele fala um espanhol perfeito, não?

— E daí? Todos nós falamos espanhol, melhor ou pior, por causa de nosso trabalho. Ouvir a língua local ajuda a dominá-la.

— Mas Taylor já chegou aqui falando bem.

Impaciente, o dr. Hardy suspirou e meneou a cabeça em reprovação.

— Eu também falava bem o espanhol quando vim para cá. E se Taylor tiver um dom especial para idiomas? Como você, aliás.

— Quantas línguas ele conhece?

— Fluentemente, apenas cinco.

— Apenas cinco!

— Sei disso porque vi o currículo dele. Não mencionei esse detalhe porque sei como sua mente funciona...

— Bem, eu vinha perdendo minhas suspeitas, mas agora elas estão voltando!

— Só porque o nosso Hércules, além de forte, é um homem erudito?

— Não consigo explicar o que sinto.

— Eu consigo, mocinha — atalhou o doutor. — É algo normal, que você deveria assimilar em vez de combater. Você gosta de Taylor e tem medo disso, portanto procura obstáculos, para sua proteção. Você não precisa de proteção, Blair. Vá em frente e dê uma chance a si mesma.

Blair mordiscou o lábio, em silêncio. O médico teria razão? Estaria ela se escondendo atrás de uma suspeita imaginária porque temia sair machucada da relação?

— Tenho procurado assimilar. E você é o único que notou que eu passo meu tempo livre com ele.

— Suponho que sim. — Tom Hardy sorriu com sabedoria e apagou o cigarro em um cinzeiro. — De qualquer modo, você estudou Psicologia na faculdade, e deveria conhecer a própria mente. Embora não precisemos de Freud para decifrar a situação! — Rindo, o médico afagou os cabelos ruivos de Blair. — Vá, tome seu banho de riacho antes que a rapaziada fique impaciente, eu inclusive. Faz tempo que Kate foi para lá.

Blair conversava animadamente com Kate enquanto ambas desfrutavam seu lazer na água fria. Como sempre, Kate foi quem sentiu primeiro a pele arrepiada, e deixou o riacho para enrolar-se em uma grossa toalha.

— Não entendo. Antes, eu estava com um calor medonho. Agora, sonho com um



chocolate quente.

— Pode ir — Blair instigou a amiga. — Daqui a pouco sairei também.

— Não gosto de deixá-la sozinha aqui — Kate justificou sua lerteza.

— Pelo amor de Deus! Estou bem, muito bem. E não há ninguém por perto, exceto nosso grupo. Vá!

— Acho que vou mesmo — disse Kate, com os olhos brilhantes de malícia. — Se tudo o que tenho para me aquecer é um chocolate quente, farei um.

— O que está querendo dizer?

— Que não tenho um Taylor para me esquentar!

— Kate! — Como se mostrar escandalizada não funcionou, Blair passou à tática tradicional. — Taylor é apenas um bom amigo e, certamente, também é amigo seu.

— Esse é o problema — choramingou Kate. — De mim, ele só quer amizade. De você, muito mais!

Blair encolheu os ombros. Ela e Kate eram amigas demais para entrarem em uma discussão tola.

— Não sei — murmurou. — De um homem como Taylor, penso que é melhor ser somente amiga. Logo ele nos deixará para viajar de novo.

Taylor partiria em breve, em data não especificada, a fim de continuar perambulando pelo mundo. Ele próprio havia reconhecido tal detalhe como um fator negativo em suas relações com o sexo oposto. Blair não era inexperiente. Já conhecera o amor e a dor da perda e da solidão. E quanto a Taylor, ele partiria mesmo depois de torná-la dependente de seus cuidados e carinhos.

Não, aquilo não servia para ela. Sabia, no entanto, que uma atração física não era um compromisso de vida, e assim aceitava passar por uma experiência amorosa, embora passageira. Poderia nunca mais deparar com outro Craig Taylor ao longo de sua vida e, sem dúvida, lamentaria ter deixado passar a oportunidade.

— Não se subestime — aconselhou Kate, com um sorriso tristonho.

Blair, ainda submersa na água até a cintura, notou que a amiga tremia.

— Não subestimo nada! — Ela boiou um pouco, apreciando a falta de gravidade. — Por favor, vá embora, Kate. Não suporto vê-la trêmula e triste na minha frente. Oh, Deus! Está bem. Vou sair agora. — Para provar o que dizia, Blair arrastou-se pela margem e apanhou sua toalha.

— Já fui! — gritou Kate. — Levarei um chocolate quente à sua barraca.

— Obrigada! — Procurando vencer a contrariedade, Blair secou com força suas mechas raivas, depois enrolou a toalha sob os braços.

Não havia visto nem escutado nada de anormal. Não obstante, tinha a sensação de que estava sendo observada.

Nada existia por ali, além de grama, arbustos, folhagem e árvores baixas, ocasionalmente sacudidas pelo vento forte. Os únicos sons consistiam no fluxo da correnteza, na vazão da cascata, em minúsculos movimentos do ar.

Inquieta, Blair terminou de se secar. Com a calça jeans em ordem e a blusa semi-abotoada, ela voltou a examinar os arredores. Outra vez, nada para ver ou escutar. Sua impressão, porém, era de possuir um sexto sentido, uma capacidade de saber, quase com certeza total, de que alguém a observava.

"Não é a primeira vez que isso acontece", ela disse para si mesma. "Ou se trata de um pressentimento ou estou ficando paranóica".



Talvez, simplesmente, sua imaginação trabalhasse em ritmo frenético. Vinha suspeitando de cada ação de Taylor, e do mesmo modo acreditava ser observada. Blair jogou a toalha e a bolsa no ombro e seguiu a trilha para o acampamento. Censurou-se por ter demorado no riacho mais do que pretendia, atrasando o banho refrescante do estimado dr. Hardy.

Blair havia sido observada, e não por um espectador feliz por poder deliciar-se à visão de seu corpo nu. Novamente, Taylor fora o responsável pelo farfalhar dos arbustos. Cada vez mais, ele ganhava o perfil de um *voyeur* sofredor. Pior agora, quando já conhecia aquela mulher e a desejava inteira, corpo, alma e essência, para si.

Ao passar o tempo do banho entre as folhagens, com todos os músculos tensos e a boca apertada, ele pressentia estar à beira da loucura. Tinha sido ruim no primeiro dia, mas nada comparável à amargura trazida pelas ocasiões seguintes, pois já não lhe bastava admirar e desejar o corpo quente e macio de Blair Morgan.

A bela ruiva talvez não imaginasse que cada movimento seu era uma pintura de fluida graça, que o arco de seus braços ao nadar era uma lição de sensualidade. Todos os dias, Taylor tentava fechar os olhos na hora em que Blair emergia da água como uma Vênus, com os pingos d'água percorrendo sua pele sedosa, às vezes parando voluptuosamente nos mamilos rosados antes de cair na forma de prismas luminosos.

Fechar os olhos, porém, de nada adiantava. A figura de Blair Morgan estava enraizada em sua mente: belos seios, ventre enxuto, cintura fina e quadris graciosos. A virilha, quando visível, era talhada em um perfeito triângulo levemente ressaltado: sublime, misterioso e enfeitiçante.

Ela não fazia ideia da tortura que seu banho diário representava para Taylor, mas ele mantinha a compulsão de segui-la até o riacho, com o pretexto de vigiá-la em nome da segurança.

Geralmente, era fácil. Como trabalhavam perto um do outro, no acampamento, ele conhecia as tarefas diárias de Blair. Gostava de vê-la cuidar das crianças desfavorecidas. Aquilo lhe tinha vindo como um prêmio, quase como as férias que o chefe havia prometido.

Taylor julgava que podia conhecer Blair observando-a em segredo, tanto quanto conversando com ela nos finais de tarde. Adorava vê-la preocupada com algum problema, com determinada criança, quando então erguia as sobrancelhas finas, para depois plantar no rosto um sorriso de infinita graça e beleza.

Também amava ver Blair no riacho, mas isso já beirava a agonia. Recriminava-se por espiá-la em sua privacidade. Queria desfrutar sua visão, livre e tranquila na correnteza, mas igualmente desejava que ela soubesse que ele estava ali. Assim, os folguedos na água seriam destinados a ele, somente a ele.

Isso poderia tornar-se realidade, pensou Taylor enquanto rilhava os dentes com força. Blair era a filha de Huntington, e ele se encontrava em missão de proteção e resgate. Pela primeira vez na carreira de agente especial, não teria como obter prazer em nome do simples prazer. Já não ousava tentar definir o que vinha sentindo.

Enquanto pudesse se controlar, ele o faria. Não repetiria o erro do primeiro dia, o de deixar-se seduzir pela disponibilidade de Blair, pela tácita confiança que ela depositara nele, inicialmente.

E então lá estava Taylor entre os arbustos, mergulhado em um sofrido voyeurismo. Blair tinha mesmo de ser espiada quando tomava banho. Fazia parte do trabalho. Se houvesse

uma tentativa de sequestro, por exemplo, aquele seria o lugar e a hora perfeitos. Ela ficava ali sozinha, distraída, longe dos colegas e do acampamento.

Taylor respirou fundo e seguiu Blair de volta às barracas. A noite caía rapidamente. Nas proximidades do acampamento, Taylor mudou de direção a fim de parecer que vinha do lado oposto. Chegou à fogueira praticamente junto com o alvo de sua missão.

— Olá — ele cumprimentou Blair e Kate conjuntamente, mas os olhos se fixaram na ruiva, sem esconder a admiração.

Ela sorriu, imaginando como aquele homem conseguia mostrar tanta coisa naqueles olhos extraordinários, e ao mesmo tempo nada revelar.

— Café? — Kate ofereceu.

— Claro, obrigado. — Taylor aceitou uma caneca fumegante e, como agradecimento, deslizou a mão pelos cabelos de Kate.

Blair surpreendeu-se com o ciúme que o breve gesto despertou nela. Não foi um ciúme rancoroso. Kate era sua amiga, e radicalmente honesta. Mas houve uma aguda ponta de inveja diante de um carinho que não recebera de Taylor, com tanta generosidade.

O momento de mal-estar passou.

— Vamos jantar? — Taylor propôs, voltando-se para Blair.

— Acho que sim — respondeu ela, encolhendo os ombros.

— Bem, é a minha hora para bater em retirada — afirmou Kate. — Dois na cozinha, tudo certo. Três já formam uma multidão.

— Kate! Não seja tola! — Com as mesmas palavras, Taylor e Blair insistiram para que a amiga os acompanhasse.

— Não se preocupem comigo. Preciso encontrar Dolly e falar com ela sobre uma vacina que está chegando. Aproveitem o jantar.

Desconsolada, Blair viu a amiga distanciar-se. Seria tão óbvio assim que ela e Taylor gostavam de ficar sozinhos? Sozinhos, bem entendido, da maneira que era possível permanecer sozinhos no acampamento. Era verdade que o grupo jantava em conjunto, mas, por uma decisão não verbalizada, todos comiam mais cedo, discretamente, e deixavam Taylor e Blair à vontade. Era como se fossem os últimos clientes de um restaurante de luxo. Não contavam com o romantismo de uma vela à mesa, mas tinham as sombras da floresta ao redor. Também não saboreavam algum prato fino, mas se esforçavam para mastigar a comida do dia.

Claro que, na maioria das vezes, tratava-se de um exagero bem-humorado.

Naquela noite, por exemplo, alguém havia preparado um cozido de carne com batatas e legumes, bastante palatável, conforme Taylor comprovou ao servir o prato de Blair e ouvir sua aprovação.

— Soube que você fala cinco línguas fluentemente. É um grande dom, mas que também exige esforço. Como você se tornou um poliglota? — Blair manteve os olhos fixos em Taylor, atenta a qualquer sinal de mudança.

Ele permaneceu impassível, depois exibiu um sorriso forçado.

— Gosto de idiomas, por isso aprendo com facilidade.

— Mas cinco!

— Não é façanha alguma. Cresci no sul da Califórnia e assimilei o espanhol das crianças mexicanas das redondezas. Tive uma avó italiana, e ela me ensinou o vocabulário básico, bem como a inflexão das palavras. Depois, passei dois anos na Alemanha, com os militares, e nem precisei aprender a língua. Eu a absorvi.



— Continue — pediu Blair, interessada. — Contando com sua língua materna, são só quatro até agora.

Taylor vacilou por um segundo, em uma hesitação que passaria despercebida a quem piscasse. Valorizar-se perante ela era bom, mas Blair não imaginava o esforço que ele tinha de fazer para manter aquele meio-sorriso afivelado ao rosto.

— Falta o francês — ele anunciou em tom alto. Conhecia o idioma, mas não se considerava fluente nele. Contudo, ante a desconfiança de Blair, não poderia dizer que a quinta língua que dominava era o russo.

— Então?

Ela desejava uma explicação para o aprendizado do francês. Agora Taylor se arrependia de ter ajudado o dr. Tom Hardy com uma carta naquele idioma. O médico não se cansava de elogiar-lhe a capacidade, como se precisasse valorizar seu próprio papel como chefe do grupo de combate à fome.

— Eu viajei muito — Taylor aferrou-se a tal explicação. — Gostava de francês desde o ginásio, e com o tempo fui aperfeiçoando meu domínio do idioma com base em livros didáticos e na experiência de vida.

Era extraordinário, pensou Blair, que um homem de feições tão severas pudesse exibir um sorriso tão fascinante. Suas reservas se dissipavam sempre que ficavam juntos, e ela se sujeitava ao brilho daquele estilo de sorrir, cheio de promessas de gozo e afeto.

Ele riu abertamente e acercou-se de Blair, quase encostando o corpo no seu. Ela pôde sentir-lhe a respiração acariciando sua pele.

— Sabe qual a grande verdade? — Taylor instigou. — Fui um hippie envelhecido, que passou a vida a percorrer o mundo. Com a única diferença de que tinha dinheiro para fazer isso.

— É interessante — ela murmurou. As razões para interrogar Taylor tinham abandonado sua mente, como em uma espiral sem fim.

Quando ele se aproximou mais, Blair não se preocupou com seu futuro, nem com o passado daquele homem. Foi vencida pela urgência de um desejo dominante: sentir a emoção dos lábios dele contra os seus, experimentar uma vulcânica volúpia crescendo a partir de suas profundezas, liberar o impulso de completar o que fora começado uma semana antes, esquecendo o receio de que ele não a quisesse com o mesmo ardor.

Taylor se achava tão enlevado quanto Blair, colhido no próprio feitiço. Estavam ao alcance da vista do restante do grupo, mas isso tinha importância menor. Os lábios de ambos eram convidativos. Um esperava a iniciativa do outro, ansiando por sentir a doçura do beijo iminente. Bastaria um sussurro e...

Taylor detinha o poder, refletiu Blair vagamente. O poder de acelerar seu sangue nas veias, de produzir arrepios de paixão em todo seu corpo. No entanto, certamente ele ainda não possuía o poder de balançar a fogueira próxima, de mover a terra e outros elementos da natureza.

— Droga!

Subitamente, Taylor passou um braço em torno dela, enlaçando-a com força, mas esse não foi um momento especial de ternura ou desejo. A terra realmente se movia perto deles.

— Terremoto!

Blair ouviu a assustadora palavra vinda do canto do acampamento. Viu-se girando pelo terreno, agarrada a Taylor, enquanto o solo debaixo deles tremia violentamente. Rolaram e rolaram, até sentirem tontura, e só pararam perto de uma árvore nos limites da clareira. Naquele momento, a árvore estalou e caiu, atingindo o solo a poucos passos dos dois.



Gritos quebraram o silêncio da noite. O pandemônio se estabeleceu. Um medo profundo se apossou de Blair. Ela já vira tremores de terra na América Central, mas nenhum como aquele: o rugido forte da natureza, o barulho das árvores em queda, uma cacofonia de tambores enlouquecidos.

Abaixo dela, a terra seca se fendia.

Acima dela, porém, estava Craig Taylor, cobrindo-a com o próprio corpo, as mãos entrelaçadas a fim de transmitir calma e abrigo. Havia tensão nele. Junto com as demais vibrações que a rodeavam, Blair experimentou uma sensação de segurança, contra todas as possibilidades.

As barracas balançavam e caíam, e o rugido da terra prosseguiu. No céu, as estrelas pareciam sacolejar, instáveis como o chão. E, de repente, tudo cessou tão abruptamente quanto começara.

— Você está bem? — Taylor, com o rosto oculto no escuro, pressionou os dedos de Blair com intensidade.

— Ótima... — ela balbuciou, e com isso ele colocou-se de pé, puxou Blair para cima e correu com ela até o acampamento.

Ali, Taylor soltou-lhe a mão e assumiu o controle, graças à personalidade forte. Com a voz firme, passou as primeiras ordens para o grupo, onde cada um procurava, em vão, por algo mais do que arranhões e ferimentos leves. Felizmente, não havia sido um terremoto, Taylor anunciou, mas um pequeno tremor de terra. E sua voz calma logo ganhou a confiança de todos.

— Juan, Kate, vão ao povoado com material de primeiros socorros. Dolly, prepare o ambulatório para os eventuais feridos mais graves. E Blair, você... — Os olhos dele pousaram sobre ela, voluptuosamente apesar de tudo.

— Eu vou com Juan e Kate — prontificou-se. — Conheço bem as crianças e...

— Não! — A ordem soou incontestável. Os olhos ambarinos de Taylor brilhavam mais do que nunca, sinalizando um auto-controle que poderia vencer qualquer perigo. — Você precisa ficar aqui Blair, ajudando Tom no ambulatório. Qualquer criança ferida será transportada até aqui em minutos.

A Blair não cabia refutar a voz de comando. Ele continuou, agora mais suave, transmitindo instruções gerais para o enfrentamento da situação, como se estivesse no papel de um técnico a passar orientações para seu time de futebol. Depois de ouvir Taylor, os membros do grupo se dispersaram em diferentes direções.

A presença do dr. Tom Hardy seria importante ali, mas ele fora à cidade e não se sabia se conseguiria voltar logo. O primeiro trabalho, em mutirão, foi o levantamento e recuperação das barracas. Trabalhando duro, Blair ganhou o consolo de ver Taylor de perto, diversas vezes, enquanto ele organizava tudo.

Noites e dias insanos se seguiram. O tremor podia ter sido pequeno em termos científicos, mas a devastação causada na aldeia fora grande. Muitas das frágeis paredes de barro haviam caído, desabrigando diversas famílias do povoado.

Por sorte, não ocorreram mortes. Blair tratou de uma infinidade de cortes e contusões, franzindo a testa toda vez que um ferimento mais grave exigia uma tira anormal de esparadrapo para o curativo não se soltar. O pior caso que o dr. Hardy, já de volta, precisou tratar foi a fratura do pé de um rapaz, atingido por um armário em queda.

O tremor de terra tinha sido mais violento ao norte, perto da base de um vulcão

adormecido. Qualquer ajuda extra que viesse da capital ou de outros países não chegaria ao acampamento dos voluntários contra a fome naquele dia.

Demorou dois dias e meio para as atividades voltarem ao normal e, curiosamente, os membros do grupo ficaram desorientados com a retomada da rotina.

Era difícil compreender a resistência dos habitantes locais. Em um dia, suas humildes casas estavam no chão, por efeito do abalo sísmico. No outro, aceitavam ajuda e diziam obrigado de todo o coração. Depois, pareciam esquecer tudo e não desfrutavam as facilidades que lhes eram oferecidas, o que era terrível sobretudo por prejudicar crianças, condenadas a ficar sem escola e sem comida. Ninguém mais do grupo duvidava de que o problema ali, antes de combater a miséria, era combater a ignorância.

Ao cair da terceira noite, Juan Vasquez retornou da aldeia com a notícia de que a última casinha derrubada já estava de pé outra vez. Blair havia liberado seu último pequeno paciente. Kate tinha arrumado os novos suprimentos, recém-chegados, na barraca médica, transformada em um verdadeiro hospital de campanha.

Era incrível, mas de repente parecia que ninguém tinha nada a fazer. Restava retomar a rotina cotidiana, antes tão rigorosa, agora tão cômoda. As pausas para refeições e descanso assumiam o papel de férias em um país inóspito.

— Será que houve mesmo um pequeno terremoto por aqui? — Blair perguntou a Tom, em tom descrente, ajeitando uma mecha de cabelos que teimava em lhe cair sobre a testa.

Eram cinco horas da tarde, e o trabalho terminara. Não para Craig Taylor, que podia ser visto levantando caibros, arrastando móveis, verificando as coberturas de lona das barracas. Como sempre estava por perto, Blair não ficou sem o calor da presença dele, sem a energia vital que transmitia a todos, sobretudo a ela. Mas ao mesmo tempo, pareciam separados por quilômetros, devido à falta de oportunidade para conversarem.

Blair o viu carregando caixas de alimentos, sem demonstrar cansaço. Enrugou a testa e voltou-se para o doutor:

— Não sei o que fazer — disse a Tom, em tom lamurioso.

— Tome um banho — aconselhou o médico, examinando as feições abatidas de Blair, que haviam perdido parte de seu brilho. — Mas vá logo, porque também pretendo entrar no riacho.

Blair soube que Kate já havia se banhado e que agora se reclinava alegremente perto da fogueira, com um livro, um cigarro e uma xícara de café. Disposta a não perturbar a amiga, Blair partiu sozinha e alcançou rapidamente a correnteza. Adorou estar na água, mas mesmo assim banhou-se depressa, acostumada ao ritmo dos dias de emergência. Agora, com a volta à rotina, reencontrou tempo para pensar, e a reflexão a remeteu à tarde em que tivera certeza de estar sendo observada.

Estranhamente, mesmo durante aqueles dias de trabalho ingente, ela havia experimentado idêntica sensação. Tom lhe havia dito que Taylor a espiava. Tolice, pois ele estivera ocupado demais para seguir seus movimentos às escondidas. Aliás, podia segui-los às claras, durante o dia todo, no acampamento.

Taylor continuamente ficava perto de Blair, embora concentrado nas tarefas de reconstrução e reforma do lugar. Era torturante vê-lo tão próximo e, ao mesmo tempo, tão longe dela.

Mas também seria tolice, por parte de Taylor, espiá-la durante o banho no riacho. Para que ver em segredo aquilo que poderia desfrutar a noite inteira, caso simplesmente pedisse? E por que não pedir?

Ela ignorava.



As consequências do terremoto tinham mantido seu coração e sua mente livres de pressões incômodas. Além disso, Blair vinha se sentindo tímida diante do poder demonstrado por Taylor. Ele, um enigma. Ela, uma lástima.

Cismada, terminou o banho de riacho e voltou ao acampamento. O próprio enigma a esperava na trilha de acesso ao local.

— Olá — Taylor saudou.

— Alô — retribuiu Blair, com um sorriso de culpa. Saberia Taylor como ela vinha pensando nele constantemente? Em todos aqueles dias de emergência, vira-o cuidar de tudo com competência. O sentimento guardado no coração era de que Taylor a envolvia cada vez mais em sua rede.

— Finalmente, teremos uma noite livre — disse ele.

— É verdade.

— Gostaria de conversar...

— Eu também — ela admitiu suavemente.

Taylor tomou-lhe a mão, e juntos entraram no acampamento. Ele prosseguia no comando, Blair percebeu, mas ficou contente com isso. O relacionamento voltava à etapa anterior.

Mas o tempo de mãos respeitadas e de construção da amizade havia chegado ao fim. Ambos tinham retornado à simples, mas intensa atração física que os unia. E ele a tocava de novo, prenunciando movimentos mais ousados.

Levaram os pratos para a beira do riacho, à noite, e depois de comerem, sem aviso prévio, Blair aninhou-se no ombro forte de Taylor. Poucas palavras trocaram, porém mostraram-se obviamente alegres pela companhia um do outro.

Ainda assim, ele manteve uma distância segura. Não solicitou o beijo que ela ansiava dar, e por isso Blair concluiu que Taylor, debaixo de sua sólida estrutura, procurava conter as emoções.

Deixou-a a porta da tenda, intocada, mas o fogo que brilhava em seus olhos indicava desejo e sofrimento, além de outras emoções que Blair não conseguia entender. Havia naquele olhar certa mágoa que ela viu como sendo uma clara e quente dor da saudade, uma necessidade que praticamente o dominou quando acariciou a nuca de Blair com as mãos, enquanto fitava o mar de esmeralda de seus olhos. Os lábios dele roçaram a boca de Blair levemente, e então se afastaram para um mundo próprio.

— Taylor... — Ela havia formado o som na mente, sem esperar que repercutisse. Manteve-se atenta aos movimentos dele, já passando pela fogueira, e paradoxalmente sentiu frio no coração.

Então ela soube que Taylor ainda pressentia seu terrível medo. O medo que jamais reconhecera na esfera racional do pensamento, o medo da dor que lhe restara como legado após a morte de Ray.

Talvez houvesse mais que medo dentro dela. Só tinha certeza de que não suportaria passar mais uma noite sem Taylor. Não suportaria mais uma noite deliberando, meditando e deduzindo.

Repleta de tristeza e carência afetiva, saudosa da alegria que só Taylor poderia lhe dar, Blair caminhou através do acampamento. Os sentimentos agora a tangiam, primeiro devagar, depois com implacável determinação, pelo rumo que ela estava destinada a tomar desde o primeiro dia.

Ela necessitava de Craig Taylor e sentia muito medo de amá-lo. Mas nada mais importava, nada.



Exceto passar a noite com ele.

Capítulo IV

Taylor sentiu-se como que atado por laços frouxos, tortuosos, mas porque estava agitado ele manteve um comportamento normal, o que quer que isso significasse. Baixou a chama de sua lamparina a querosene e começou a tirar a roupa meticulosamente, colocando as botas no chão, à esquerda e à direita do leito, enrolando as meias, dobrando a camisa, a calça jeans e a cueca.

Desse modo, tudo ficava a seu alcance, embora nenhum dos itens fosse indispensável no caso de ter de sair correndo. No seu trabalho, essa possibilidade sempre existia.

Despido, ele esticou-se no catre e socou o travesseiro de maneira a formar um ninho para a cabeça. Encostou um cotovelo na parede de madeira e posicionou a mão atrás da nuca. Com a outra mão, acendeu um cigarro e deixou o maço sobre a caixa de papelão que, ao lado do leito, servia de mesa-de-cabeceira.

Inalando devagar, Taylor fixou a vista no teto anguloso, verde-musgo. Ponderou, com uma mescla de amargura e arrependimento, que ele podia ser classificado de idiota. Um completo idiota.

Havia esperado uma princesa, uma jovem mimada. Encontrara uma mulher, de pés firmes no chão, cheia de caráter, humor, inteligência, e que não refugava trabalho duro. Por tudo de mais sagrado, não compreendia por que o veterano político tinha se recusado a discutir a situação com a filha. Sigiloso, ele lembrou-se.

Taylor suspirou após exalar fumaça do cigarro. Em três horas, deveria mandar um comunicado, e então uma ideia passou a formar-se em sua mente. Talvez um bom número de assessores lesse a mensagem, mas o pai de Blair e até um escalão mais alto é que tomariam as decisões. E agora que ele conhecera qual o interesse de Andrew Huntington, não conseguiria culpá-lo. Pena que ele não soubesse comunicar as próprias emoções em código Morse.

Não se preocupe, senhor. Nenhuma força no Céu ou na Terra me fará permitir que algo aconteça a ela. Parece maluquice, eu sei. Só estou aqui há dezessete dias, mas acho que me apaixonei por sua filha. Digo "acho" porque nunca na vida encontrei tempo para descobrir o que é o amor. Mas eu jamais conheci uma mulher como ela, senhor. Ela me faz tremer. Pode me imaginar tremendo, senhor?

Os rapazes do Serviço Especial iriam adorar retransmitir a mensagem, depois de rirem bastante. Mas havia algo de especial sobre Blair. Ela o fazia pensar em um lar, no qual pudesse descansar todas as noites, bebericando vinho e conversando ao pé da lareira com a esposa. Também acordaria junto com ela, admirando sua beleza todas as manhãs, criando uma família, um paraíso.

— Sua máquina está com defeito — Taylor disse à autoridade cuja voz se tornara um murmúrio indecifrável no ar. — Homem errado para a missão.

Finalmente dissera o que pretendia. Vinha pensando nisso fazia tempo, com tédio, e depois com uma pontada de dor. A mulher que amava iria odiá-lo quando descobrisse quem

ele era e o que acontecia. Tal perspectiva doía como ter um membro arrancado sem anestesia.

Claro, ele ainda podia contar-lhe a trama toda. Mas, e se a velha raposa estivesse certa? Havia muita coisa em jogo. Especialmente, o bem-estar de Blair. Melhor suportar-lhe o ódio, sabendo que ela estava a salvo.

Quando a bela figura ruiva entrou em sua barraca, Taylor pensou que estivesse tendo uma alucinação. A luz baça da lamparina, os cabelos dela lembravam uma fogueira na escuridão, emoldurando os adoráveis contornos do rosto. Os olhos verdes, legítimo par de esmeraldas, registraram a nudez do homem, sem piscar. Os lábios como que retinham a umidade do beijo partilhado.

Blair permaneceu parada, com o corpo esguio empertigado, orgulhosa de suas formas. Ao fitar Taylor, notou certa reação. Os olhos dele se toldaram por um segundo, o cigarro ficou parado no ar, mas logo a fumaça foi expelida e ele a observou com um calmo e inaudível questionamento. Não fez tentativa alguma de cobrir o corpo, tão sólido, perfeito e bronzeado em contraste com os lençóis alvos, no qual Blair pôde notar a reação instintiva dos hormônios masculinos.

Ela corou um pouco, mas não fugiu nem se moveu. O que Taylor iria pensar dela, cogitou em desespero, vindo assim sem pudor à barraca dele, no meio da noite? Seria possível que imaginasse o quanto era uma pessoa especial para ela? Ou como lhe havia aberto o portal dos sonhos de amor?

Começou a tremer. Nunca devia ter ido ali. Jamais seria capaz de assumir o papel de mulher sedutora e ousada, contrário a toda a sua formação.

Vê-lo nu era uma contrapartida às vezes em que Taylor, quase com certeza, a havia espiado sem roupa no riacho. Mas as situações eram diferentes. Existia na barraca um clima de intimidade, reforçado pela hora tardia da noite. E mais, se Blair podia disfarçar sua excitação, como qualquer mulher, o mesmo não valia para Taylor. Ela deveria ficar envaidecida por deixá-lo excitado.

Apesar de tudo, ele não a queria. Sempre estivera contendo-se, escapando pelas bordas, o que feria a auto-estima de Blair e seu orgulho feminino.

— O que está fazendo aqui? — A pergunta de Taylor, em tom de perplexidade, era perfeita para estragar qualquer momento de paixão.

Ela fechou os olhos e reuniu energia para avançar barraca adentro. Dificilmente o faria sob o olhar recriminador de Taylor. Quando abriu as pálpebras, manteve a vista baixa. Ao exprimir-se, a voz de início não saiu, mas depois soou com firmeza.

— Quero passar a noite com você.

Outra vez paralisado, por mais de um segundo, Taylor ponderou que aquilo não era justo. Ele conseguia controlar-se dolorosamente, enquanto Blair assumia os riscos de um encontro íntimo. Alguma coisa andava errada naquela relação, e o que vinha sendo reprimido nele explodiu em um calor corporal insuportável.

Qualquer meio, dissera o pai de Blair.

Mas, de algum modo, ele sabia que amor e sexo não eram o que Andrew Huntington tinha em mente ao instruí-lo.

— Taylor? — A voz suave, trêmula e um pouco rouca ganhou um tom sensual, mas também soou um tanto insegura e temerosa.

Uma personalidade forte como a de Blair tornava-se subitamente vulnerável, buscando segurança no homem ali presente. Taylor jamais se perdoaria se frustrasse as expectativas, as carências dela.

Que Huntington fosse para o inferno!



— Venha cá, Blair. — Ele moveu-se de leve para dar espaço no catre.

Foi a vez dela de ficar congelada no lugar. Tinha sido fácil e prazeroso imaginar-se aninhada nos braços de Taylor, em total segurança. Mas ele não a abraçava ainda, e a falta de ação e reação inspirou um momento de reflexão mútua. Ambos pensaram na situação. Para Blair, tudo ficou patente naqueles olhos cor de mel: a ternura que escondia uma viril intensidade, a compreensão que continuava sendo-lhe oferecida.

Bastaria aceitá-las, e por isso ela quis permanecer ali, em vez de escapar. As pernas a levaram na direção de Taylor, mas o olhar continuou baixo. Mesmo assim chegou ao leito, onde se deitou com infinita graça.

— Você tem certeza, Blair? — ele questionou.

Ela preferiu menear a cabeça a falar, sentindo a garganta seca. Suas mãos se cruzaram à frente do colo, querendo tocar o peito dele, mas incapazes de fazê-lo.

O que acontecia? Os pensamentos de Taylor agora se centravam na singular e bela mulher a seu lado, tão próxima e ainda assim evitando tocá-lo, embora brindasse seus sentidos com o deslumbramento.

Ela o desejava, mas se retraía. Havia invadido corajosamente sua barraca, mas tremia nervosamente.

Taylor conhecia a força do desejo desde cedo, graças a muitas mulheres que conhecera em diferentes terras e portos, mas jamais sentira algo tão avassalador: uma excitação que o deixava quase louco, mesmo temperada pela necessidade de ser terno, de dar proteção.

Blair era linda! Lentamente, Taylor ergueu os dedos a fim de acariciar a pele sedosa do queixo dela.

— Fale comigo — pediu suavemente.

As pálpebras por fim se abriram, desvendando o mar verde que brilhava naqueles olhos. A boca estremeceu ao formular a pergunta essencial:

— Você vai fazer amor comigo, Taylor? — Ela ainda duvidava.

— Claro que sim, Blair — ele jurou em tom solene, apesar de tocado por certo grau de divertimento. Ele também captou o sofrimento dela, a perda e o medo. Naquele instante, teve a certeza de que Blair não amaria homem algum depois de Ray Teile, e que sua beleza feneceria nas garras da tragédia.

— Então me ame, Taylor. Apenas me ame, por favor. — Blair reprimia as lágrimas.

Tendo perdido a iniciativa, ela necessitava de ajuda. Os dedos de Taylor alcançaram os botões da blusa dela, mas ele os manteve firmes no lugar por um minuto, sentindo que Blair também precisava ter absoluta confiança nele.

De qualquer modo, era difícil despir alguém que não parava de tremer. As mãos de Taylor foram reverentes no ato de despir Blair, mas, com ou sem confiança, ele não pôde conter os suspiros de empolgação quando finalmente colocou a pele feminina ao alcance de seu toque e de sua vista.

Taylor não era particularmente cuidadoso. A blusa de Blair, primeira peça a cair, pousou no chão sujo. O sutiã, uma inútil concessão à feminilidade em plena selva, logo veio por cima. Ele resistiu à tentação de saborear com os lábios os picos rosados existentes sobre a crista dos lindos seios. Antes, removeu a calça caqui de Blair e a calcinha rendada, descendo-as pela extensão das pernas compridas e soberbas. Ela suspirava convulsivamente, a intervalos, até fixar os olhos em Taylor e entregar-se à sua vontade.

Ainda tremia, reprimindo a própria tensão sexual, mas o olhar conservava Taylor cativo de seus encantos. Ele, por sua vez, queria tocar, beijar, sugar os pontos mais sensíveis de Blair. Terno e controlado, apenas correu os dedos como penas sobre o corpo dela, traçando



lentamente a linha que ia da testa para baixo, passando pelo nariz, queixo, pescoço e o vale entre os seios. Estes subiam e desciam de acordo com a respiração cada vez mais acelerada de Blair. Após essa pausa, os dedos dele procuraram o umbigo, o ventre, os quadris e as coxas. Taylor percebeu que o tremor se acentuava e os sentidos começavam a responder à excitação induzida naquele corpo tão sensual quanto trêmulo. Ele julgou-se pronto a colher o âmago da sexualidade feminina, mas tudo tinha de ser correto, igual entre eles.

Tomou Blair em seus braços e fruiu o gosto dos seios apertados contra seu peito. As pernas esguias se emaranharam nas dele, as virilhas se tocaram com uma temperatura abrasadora, e tudo levaria ao desempenho final do ato de amor se Taylor não lutasse por autocontrole, até que a compreensão mútua pudesse intensificar o prazer de ambos. Ele se esfregou nela, e ouviu um gemido, mas, embora nada fizesse para esconder seu febril desejo, também não permitia que essa necessidade o forçasse a um insensível egoísmo.

— Você veio até aqui — ele murmurou, encarando Blair nos olhos —, mas ainda tem medo de mim.

— Sim, tenho. — Aqueles olhos verdes e honestos não lhe permitiriam mentir.

— Por quê?

Ela bateu os cílios levemente, depois focalizou os olhos de Taylor outra vez.

— Porque você é real e me afeta de um modo que... — Silenciou por segundos. — Não consegui deixar de vir e...

A hesitação continha em si uma denúncia.

— Não houve outro homem depois que seu marido morreu. Certo, Blair? — Taylor viu que ela concordava com um gesto frágil de cabeça. — Não precisa ter medo de mim.

Ele atenuou os temores dela enterrando os dedos nas madeixas ruivas, seduzindo-a graças ao conforto de uma massagem suave na nuca.

— Também estou com medo — confessou. — Sente minhas mãos trêmulas? Mas quero lhe dar prazer, assim como você me dá somente por existir.

Muitas vezes Taylor a havia espiado e desejado ardentemente! E agora que ela estava ali a seu lado, de igual modo nua e fascinante, ele não a deixaria escapar por nada. Os olhos de esmeralda, notou, eram cheios de orgulho e inocência. Mais bonitos, mais comoventes do que tudo o que ele já havia visto, e mesmo assim ele não avançou sobre ela.

— Deveríamos conversar bastante, Blair.

— Não agora, por favor. — Ela balançou a cabeça enfaticamente. — Apenas faça amor comigo. — Apoiou a cabeça no ombro dele, os lábios quase encostados no pescoço forte.

Taylor não precisou de um segundo convite, mesmo porque não conseguiria conter-se por mais tempo. Posicionou a cabeça de Blair no travesseiro, acariciando-a com o olhar. Estava no comando, porém era meigo e gentil.

— Eu quero você, Blair — murmurou. — Mais do que tudo no mundo.

Ela sorriu e fechou os olhos, gratificada, mas quando ele desceu sobre ela, segurou-lhe os braços com firmeza.

— Não vamos reprimir nada entre nós, certo? — ele pediu suavemente. — Desejo-a inteira.

A confiança que ele despertara já vinha derretendo os velhos temores de Blair e, sobretudo, a dor tão firmemente encravada em seu coração. Taylor era sinônimo de vida, de prazer físico e de realização afetiva.

Novamente ela avaliou aquele homem, que agora a possuía com uma completa e

atrevida eficiência, e cuja determinação o levava a conhecê-la melhor do que ela conhecia a si mesma. Quando desviava o rosto, Taylor a forçava a encontrar seus olhos, instigando-a a dar livre vazão ao prazer que ele acendia. Ele espicaçava seus sentidos, traçando estranhos padrões em sua pele, por meio de irresistíveis toques. Aceitava seu medo, sua inexperiência, guiando-a aos poucos até um mundo de sensualidade que ela nunca imaginara possível.

Embora o desejasse muito, Blair chegou ao limiar da inércia e do abandono, permitindo que Taylor comandasse as ações, como gostava de fazer. Manteve-se receptiva, porém, ao jogo mágico de toques manuais e labiais que lhe molhavam a virilha e endureciam os mamilos. Então, entre suspiros ofegantes, ela gemeu.

Motivado, Taylor correu as mãos sobre os seios de Blair e seguiu a trilha quente até o ventre e a curva dos quadris. Ele torturou-a com carícias ousadas, gemeu, sob um inferno de tensão, e surpreendeu Blair ao alinhar a cabeça com o rosto dela, beijá-la com o máximo ardor e soprar-lhe no ouvido uma série de palavras bonitas.

Taylor lhe disse como ela era adorável, plena de dotes físicos e virtudes espirituais. Falou dos olhos de esmeralda que o hipnotizavam, dos seios firmes, da perfeita curvatura dos quadris que assombravam seus sonhos de homem.

Curioso... Ele nunca havia se imaginado tão romântico, capaz de exteriorizar palavras poéticas em um fluxo constante. É que tudo vinha de seu coração, tudo consistia na voz da paixão que inflava seu explosivo desejo.

Ante a declaração, Blair foi tomada por um novo surto de arrepios. Mas dessa vez os tremores eram doces, agradáveis, testemunhas de uma crescente expectativa de prazer.

Taylor ainda comandava as ações, e com isso também se excitava. O passado de Blair foi varrido de sua mente diante do homem forte e bonito que a elevava até o paraíso por meio de um simples toque amável na pele. De repente, Taylor deixou de ser gentil. Cobriu-lhe a boca de beijos violentos, mordiscou os mamilos, apalpou o ventre e, com um gesto brusco, ergueu-lhe as pernas, desvelando a essência do fogo que a consumia. Acariciou com a língua a pele macia, avançou pela fenda feminina e por fim colheu o ponto mais sensível, onde vibrou por incontáveis minutos.

Foi como se ele a possuísse por completo, de uma maneira que desconhecia, em uma fruição irrevogável. Todo o medo de Blair então se dissipou. Taylor havia mostrado que sabia quando ser gentil ou rude, quando pedir ou tomar. A paciência dele seria recompensada pela criatura selvagem e passional que ganhava forma em seus braços. Blair se contorceu sob as carícias íntimas do parceiro, depois retribuiu o abandono sensual que ele lhe proporcionava. Tocou-o intimamente e ouviu gemidos de aprovação. Taylor não iria nem solicitar nem persuadi-la de nada, mas ela sucumbiu às explícitas demandas da potência masculina, equivalentes à sua própria excitação. Com os nervos estimulados, usou a ponta dos dedos, depois a língua, em seguida a boca toda, para conceder ao parceiro o prazer que ele merecia.

Ele a deitou debaixo de si, a pele fervente, os olhos ambarinos consumindo o semblante de Blair, até que o fogo que emanava dele terminou de incendiar seu próprio corpo. Então, ela sentiu a primeira e suave estocada como algo que a preenchia, mas também a maravilhava. Nunca imaginara que duas criaturas pudessem fundir-se tão completa e harmoniosamente, na hora do amor. Abraçada a Taylor, ela desfrutou o delicioso delírio que ele causava ao fazer desabrochar sua inata sensualidade. As unhas escavaram meias-luas nos ombros bronzeados dele, mas nenhum dos dois notou. Entraram em uma ritmada ondulação que abrangia pernas e quadris, tornando premente a necessidade de alívio. O clímax surgiu em meio a uma explosão dos sentidos, impondo uma plenitude de felicidade tão intensa que mesclava os prazeres terrenos com as glórias do céu.

Enlaçados no desfrute do momento seguinte, Blair apegou-se ao esplendor das

sensações experimentadas, que não faziam parte de sua memória. Taylor estava consciente de que ela precisava de tempo para assimilar tudo que havia dado e recebido. Para ela, era como se tivesse sido a primeira vez.

Afagando os cabelos ruivos que agora lhe pertenciam, Taylor listou na mente as muitas vezes em que fizera sexo, as poucas em que se envolvera emocionalmente, e a única em que conhecera, graças a Blair, o total significado de amar.

No catre estreito, incapaz de deixá-la após o auge da paixão, ele colheu o rosto dela nas mãos. Os olhos estavam mais belos do que nunca: pesados, sonhadores, enevoados e sensuais.

— Você — ele disse com suavidade, dando um beijo na ponta do nariz de Blair — é incrivelmente encantadora.

Os lábios dela armaram um sorriso tímido, mas os olhos transmitiam total sinceridade. Tocou o rosto de Taylor com os dedos, e qualquer palavra entre eles se tornou desnecessária.

Taylor sentiu-se devedor, porque Blair silenciosamente lhe agradecia, quando fora ele quem recebera muito mais. Beijou a testa e voltou a saborear-lhe a boca, agora com uma paixão momentaneamente gasta, mas compensada pela infinita ternura. Depois, ajustou seu peso e apoiou-se em um dos cotovelos, observando Blair com curiosidade.

— Queria que conversasse comigo agora — foi a amável ordem. — Sinto que há algo dentro de você que precisa ser posto para fora.

— Não, eu ainda não posso fazer isso... — ela rebateu com desalento.

— Você não percebe, Blair? Tudo o que está em seu passado deve ser liberado. Acabamos de ter um momento de felicidade, mas eu quero mais do que o amor físico. Sua hesitação e insegurança me fizeram pensar que algo estava errado entre nós, justamente quando estávamos mais próximos. — Ele fez uma pausa e acentuou o tom grave da voz. — Por acaso Ray Teile a maltratou, ou abusou de você de alguma forma?

— Oh, não! — ela respondeu, quase ofendida. — Você faz isso parecer trivial.

— Querida... — retomou ele, mostrando alívio. — Nada que se refira a você, em qualquer tempo ou lugar, será trivial para mim.

Por mais galante e bem-intencionada que fosse a frase, era difícil trazer à baila o nome do senador Teile. De qualquer modo, Taylor havia dado e recebido a mais intensa paixão.

Só que desejava de Blair muito mais que isso. Era um tolo, sabia. Quanto mais tivesse, mais perderia. Mas, como homem apaixonado, não podia negar a si mesmo nenhuma tentativa de sucesso, quaisquer que fossem as consequências.

— Blair... — ele recomeçou, disposto a correr o risco de evocar o nome do falecido marido dela. — Teile não era uma pessoa comum. Nada que se relacione a ele pode ser trivial.

A aguda perspicácia de Taylor a manteve sintonizada. Talvez quisesse falar do marido antes, mas não fora capaz. Seu pai a ouviria afetosamente, porém isso apenas aumentaria o fardo de tristeza que ele já carregava por ela. Kate também seria uma boa ouvinte, mas uma fraca conselheira.

Por sua vez, Blair não teria disposição de falar sobre Ray Teile com um amante qualquer. Era a confiança, a auto-estima de Taylor que o levava a compreender, sem rancor ou ressentimento, suas palavras de pesar e saudade por outro homem.

Taylor conhecia Blair como mulher, não como a garota da alta-sociedade, a filha de um homem famoso, a viúva de outro. Tornara-se premente para ela abrir o coração e conversar sobre o falecido marido. Taylor nunca trairia sua confiança, e por isso esperava com calma, ainda apoiado no cotovelo, as pernas entrelaçadas nas dela, os olhos cor de mel tingidos de paciência.



Ela fechou os olhos, engoliu em seco e começou:

— Suponho que isto seja um absurdo — exprimiu-se em um murmúrio. — Outras mulheres também perderam seus maridos.

— Não é absurdo — Taylor a corrigiu. — Poucas mulheres perderam um marido como Ray Teile, e de maneira tão trágica. Pode falar comigo, Blair. Quero ouvir mais sobre Ray.

O sussurro inicial deu lugar a um tom firme, porque as mãos de Taylor a apaziguavam, seu calor a envolvia. As lembranças começaram a fluir, e Blair achou muito bom poder falar.

Havia casado com o senador Ray Teile logo após se formar em psicologia. Fora um sensacional evento social em Washington, com a presença de altas autoridades. Ninguém julgaria aquela união menos do que perfeita, destinada a uma felicidade total.

Blair estava de fato feliz, na ocasião. Ray era uma excelente pessoa. Suas campanhas políticas sempre tinham sido limpas, transparentes, sem qualquer ofensa a um adversário. Ele também se atinha à plataforma política anunciada e a praticava sem nenhum arranhão a seus princípios.

Taylor ouviu Blair sem pestanejar. Sentia alguma dor, sim, porque também ele fora um admirador de Teile. Seguramente, em seus últimos anos, o senador daria um ótimo candidato à presidência dos Estados Unidos. Além da aparência distinta, alto, magro e loiro, seu discurso atrelado a altos ideais alimentava os sonhos da população.

A lua-de-mel trouxera uma surpresa a Blair, uma surpresa que a enternecera. Homem bonito, "menino de ouro" da política, Ray Teile sempre fora considerado um conquistador.

Nada disso, Blair descobrira. Timidamente, mas com dignidade, o marido lhe informara que era quase tão inexperiente no amor quanto ela. Juntos tiveram de descobrir os segredos do sexo, como dois adolescentes que se amassem às escondidas.

Assim, o relacionamento sexual de Blair e Ray não fora marcado pela paixão selvagem ou pela ousadia, mas pela ternura. E a vida em comum era maravilhosa. Ambos se portavam como amigos íntimos, que se queriam muito, trabalhavam juntos, gostavam das mesmas coisas e sonhavam em constituir uma família.

Taylor captou os sentimentos de Blair enquanto ela falava. Na verdade, eram emoções universais, atributos de todas as pessoas. Ela sentia culpa por estar viva e ser capaz de amar de novo, embora soubesse que não tinha alternativa. Também estava receosa, porque Teile havia sido um companheiro meigo e gentil, e agora, após anos de abstinência, ela se via nos braços de um desconhecido.

Era difícil para Blair, ele reconhecia. Mas ela tinha confiado nele para viver uma tórrida noite de amor, movida pelo instinto. Taylor queria confiança total, carinho e cuidado. Não se importava de ouvir sobre as qualidades de Ray Teile ou suas insuspeitadas deficiências como amante. Quanto mais escutasse sobre Teile, mais saberia sobre Blair.

Curiosamente, o senador deplorava esportes violentos, como o futebol americano, e se deleitava com flores, pássaros e música clássica. Ninguém tivera conhecimento dessa extrema delicadeza, por isso ele chegara a encarnar o sonho norte-americano. Taylor podia compreender essa imagem pública, mas não a confusão entre masculinidade e machismo.

Ainda assim, carente de sexo pleno, Blair havia amado e respeitado o marido pelo que ele era: um homem realmente bom. Daí a tristeza que acompanhava sua narrativa.

A tristeza de tê-lo perdido.

Ray Teile fora mortalmente baleado por um franco-atirador durante um comício em prol de verbas assistenciais. Estava rodeado de seguranças altamente treinados, que foram incapazes de mover um dedo quando o primeiro tiro de surpresa atingira o coração do



senador.

Ao lado dele no palanque, Blair vira a vida de seu marido se esvaír em forma de sangue. Lembrança forte, que a fez parar de falar e fechar os olhos. Taylor beijou-a ternamente.

— Blair... — ele concitou, levando-a a abrir os olhos. — Teile foi um homem exemplar e é natural que você ainda lamente a perda dele. Mas não tenha medo de amar de novo. Você está viva, saudável, e tem muito a dar.

Nada em que ela já não houvesse pensado. Mas era bom ouvir aquilo, sobretudo de um homem que a tivera nos braços e a fizera vibrar de prazer.

Estremeceu levemente. Havia trazido seu passado à tona, todavia isso já não lhe parecia tão doloroso, nem errado em se tratando de um ouvinte especial como Taylor. Sorriu ao levar a palma da mão ao rosto dele, usando o polegar para afagar-lhe o queixo.

— Obrigada por me escutar — murmurou. — Não acho que eu viva no passado, mas...

— Não agradeça nem se desculpe. — Ele selou os lábios dela com um dedo. — Eu queria ouvi-la, Blair. Queria tudo de você.

O tempo passou enquanto eles ficaram abraçados, cheios de contentamento. Blair ponderou como era estranho que os dois homens que havia amado fossem tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão especiais e únicos. Ao pensar assim, ela percebeu que estava admitindo que amava Taylor.

Movendo-se para cima dele, acariciou-lhe o peito com um beijo, depois repetido no ombro dele. Animado, Taylor fez menção de abraçá-la de novo, mas ela se esquivou, saindo do catre estreito que lhes servira de paraíso.

— Aonde você vai? — ele indagou intrigado.

— Para a minha barraca — foi a resposta suave, acompanhada de um sorriso. — Não estou preocupada com minha reputação, Taylor, ou com o que os outros pensem. Só quero dormir em minha própria cama e sonhar com tudo o que nos aconteceu aqui.

Ele se movimentou a fim de impedi-la de sair. Desejava passar a noite com Blair e acordar com ela a seu lado. Os músculos de Taylor se retesaram, o queixo endureceu, quando ele cedeu à razão. Em menos de uma hora, precisava enviar uma mensagem secreta.

No entanto, a razão não toldou a graça com que Blair se vestiu sob seus olhos. E de repente, quase sem consciência, ele se ergueu e ficou junto a ela.

— Esta noite — recitou, pressionando as mãos nos ombros de Blair — vou deixá-la partir. Mas virá um tempo em que...

Do que estava falando?, pensou Taylor. O tempo deles era limitado, e não bastava que se amassem. Ele a soltou abruptamente e pediu desculpas. Em seguida deu-lhe as costas e a deixou à vontade para sair dali.

— Você está certo — disse Blair antes de desaparecer na área externa. — Virá um tempo...

Blair ainda não havia adormecido quando Taylor atravessou a noite, deslizando até a selva como o espectro de um gato.

Mas talvez, naquela hora, ela não ouvisse nem mesmo um canhão. Sua mente achava-se limpa, o corpo saciado. A desconfiança não estava entre suas emoções.

Na verdade, ela saboreava a sensação de plenitude que alcançara com Taylor, e uma sublime paz de espírito. Antes de adormecer, sentiu falta do corpo masculino a seu lado, mas o sono foi absolutamente reparador, e um sorriso lhe curvou os lábios por toda a noite.

Ambos tinham razão. Viria um tempo em que ela ficaria com Taylor, ficaria até que

ele não mais a quisesse por perto, para retomar suas aventuras pelo mundo, nas quais, segundo ele próprio, não cabia uma presença feminina.

O que quer que o futuro lhes reservasse, junto com o viajante inveterado, Blair desfrutaria tudo que ele lhe desse, e de bom grado enfrentaria as consequências.

Capítulo V

A luz da manhã, Blair Morgan esqueceu que em algum momento havia desconfiado de Craig Taylor. A noite havia proporcionado uma magia sobre ela, e sua certeza era de que poderia enfrentar qualquer obstáculo que surgisse à frente. Talvez Kate estivesse com a razão: de um lado Blair subestimava seus poderes, de outro Taylor poderia ser do tipo que se estabelecia em um lar, com uma esposa.

Se ele não fosse assim, pouco importava. Pelo tempo que conseguissem partilhar, ela pretendia ser egoísta e tirar dele tudo o que pudesse. A julgar pela amostra, nunca lamentaria qualquer experiência ao lado de Taylor. Sabia, não obstante, que jogava perigosamente, tratando-se de um homem como ele. Jamais procuraria outro, ciente de que não encontraria de novo uma química tão perfeita. Mas estava disposta a jogar, e nunca, nunca se arrependeria.

Ansiosa por ver Taylor e falar alguns minutos com ele, ou apenas trocar um discreto sorriso, Blair foi vencida pelas circunstâncias. Gostaria de contar a ele como estava se sentindo maravilhosa, mas naquele instante o acampamento fervilhava de confusão e atividade. Vozes aflitas, em espanhol, chegaram-lhe aos ouvidos. Dezenas de nativos estranhos cercavam a barraca do ambulatório. Vendo o dr. Hardy encurralado, Blair partiu em socorro dele.

— O que está acontecendo?

— Graças a Deus que já se levantou. Estas pessoas vieram do norte. O terremoto devastou sua pequena aldeia. Temos de nos organizar para atender tantos refugiados. Ajude Dolly a fazer mais comida. E preciso de Taylor aqui, depressa. Precisamos improvisar algumas barracas como abrigo.

Tom falava freneticamente, enquanto já seguia em outra direção. Com um suspiro, Blair abriu caminho entre o grupo de flagelados, tentando sorrir para eles enquanto seu coração se apertava. Seriam dias difíceis. Ela teria sorte se contasse com a companhia de Taylor.

Censurando-se por se comportar como uma covarde, Blair passou a trabalhar na cozinha junto com Dolly. Imaginou por que julgara tão importante se afastar de Taylor na noite anterior. Quisera desfrutar sozinha o momento posterior à experiência de sexo pleno, meditar em paz nas sensações do corpo e nos conceitos mutantes da mente. Também precisara decidir como conciliar suas necessidades, seus desejos e emoções com o mundo real que existia fora dos braços do homem que tanto a perturbava.

Agora, tudo isso parecia tolo. Preciosos minutos haviam sido desperdiçados, quando Blair escapara da alegria de dormir abraçada com Taylor e acordar ao lado dele à luz da manhã.



Tomara que ele houvesse compreendido o gesto e que tudo ficasse bem entre ambos.

Foi bem depois do crepúsculo que a atividade no acampamento diminuiu. Ansiosa, Blair procurou ver Taylor em algum lugar. Pouco antes ele estivera colocando uma manta sobre uma mulher e uma criança, a fim de que passassem a noite agasalhadas. Não poderia estar longe...

Contendo a vontade de gritar o nome dele, Blair serviu-se de uma caneca de café e permaneceu ao lado do fogão a lenha, onde o exausto grupo de voluntários estava reunido. Observou uma chama dançarina, pensando em como os olhos de Taylor podiam lembrar o fogo e como ela cairia em desespero se arruinasse aquele relacionamento com sua vacilação e seu medo.

Então, ela o sentiu atrás de si antes que as mãos de fato repousassem em seus ombros.

— Taylor...

Voltou-se com os olhos bem abertos e recebeu um beijo na boca. Ele a beijara sem se importar com a presença dos outros, e seu sorriso possuía todo o calor e carinho que Blair poderia almejar.

— Dia ruim — ele comentou. — Cansada?

Ela concordou com um gesto de cabeça, mas não se abateu pelo cansaço.

— Vou acompanhá-la até sua barraca — ele murmurou em tom grave. — Vamos dormindo em duplas, você sabe. Kate com você, Juan comigo.

— Pretende me alertar sobre aventuras noturnas?

— Sim, claro. Gosto muito do velho Juan, mas se ele vir um pedacinho desse corpo que considero meu, com perdão pelo machismo, não vai dormir por muitos dias!

Blair riu, divertida com o comentário. À porta da barraca, ela enlaçou o pescoço de Taylor, admirada com a altura e a envergadura dele, e ergueu o rosto para beijá-lo lenta e suavemente, saboreando-lhe os lábios. Sentiu uma onda de calor invadi-la.

— Vinda de você, não me importo com qualquer declaração machista.

— Bom. — Ele sorriu, arqueando as sobrancelhas, e tomou Blair nos braços. — Esta situação é provisória, só por alguns dias.

— Só por alguns dias... — ela ecoou.

Mas os poucos dias se estenderam por uma semana, e Blair, consciente do que estava perdendo, considerou esse prazo uma tortura. Por várias noites permaneceu acordada, contemplando o teto de sua barraca e pensando que, afinal, o tormento dos sentidos era melhor do que nada, pois indicava seu grau de tensão. Todas as noites Taylor a acompanhava até a porta. Todas as noites trocavam um beijo, ambos sabendo que queriam muito mais.

No entanto, a tortura sofrida por Taylor era bem maior. Dormir fora da barraca, por causa de suas comunicações noturnas, agora que Juan dividia o lugar com ele, era desagradável. Na verdade, esse era o menor dos problemas. Ele se comportava com estranheza, pensando todos os minutos em Blair, imaginando que o tempo se tornara inimigo de seu amor. Não conseguia ficar longe dela e torcia para que tivesse mais uma noite de delírio sensual antes que...

Antes que Blair o odiasse. Sem saber o que estava acontecendo fora do acampamento e, de qualquer modo, proibido de lhe contar qualquer coisa, mesmo sobre sua pessoa, Taylor admitia que brincava com fogo. Seguramente, Blair pensaria o pior dele. Teria sido mais simples se ele se limitasse a tomar conta daquela mulher da alta-sociedade, como havia



imaginado a princípio.

Mas já não importava. Ele se achava comprometido até o fim. Se houvesse uma explosão, Taylor não podia, por vontade própria, mudar as coisas. Estava aprendendo que aquilo era amor. Infelizmente, acontecera em uma hora imprópria.

A dureza do trabalho com os novos refugiados começava a abrandar quando o segundo novo voluntário prometido pelo dr. Hardy apareceu. Chegou em um jipe, como Taylor, trazendo presentes e guloseimas dos Estados Unidos. Chamava-se Brad Shearer e era um texano moreno, um tanto rude, mas de uma simpatia contagiante. Entusiasmado, o médico encarregou Blair de apresentá-lo aos outros membros do grupo.

Ela encontrou Kate e Taylor junto ao fogão.

— Kate, Craig, este é Brad Shearer.

— Viva o Texas! — Kate saudou alegremente. — Prazer em conhecê-lo.

Ante a espontaneidade de sua amiga, Blair abriu um sorriso, que logo começou a esvair-se, sob uma forte sensação de incômodo. Estava quase certa de ter detectado uma centelha de reconhecimento fisionômico nos olhos de Brad, quando o apresentou a Taylor.

Os dois homens trocaram um aperto de mão, e Taylor, embora cordial, desviou a vista do recém-chegado.

As duas mulheres tiveram tempo livre, naquela tarde, para nadar no riacho. A maioria dos refugiados já havia voltado para suas terras, ao norte, devidamente alimentados e curados de ferimentos ou escoriações. As coisas tendiam a voltar ao normal.

— O que acha de Brad? — perguntou Kate, sem disfarçar o entusiasmo.

— Simpático — Blair respondeu secamente. — Você notou algo de engraçado, hoje?

— Faz tempo que não vejo nada de engraçado. O que quer dizer?

— Quase posso jurar que Brad e Taylor se reconheceram e os dois agiram como se nunca houvessem se encontrado.

— Oh, Blair! — Kate lamentou. — Você deve estar estressada ou lendo demais.

— Kate! — a outra reclinou, meneando a cabeça.

— Realmente, muitas mulheres não sabem apreciar o que têm — disse a amiga antes de suspirar. — Ao contrário de mim, por certo — acrescentou depressa.

Blair caiu em pensativo silêncio. Ela tinha Craig Taylor e o desejava desesperadamente. Naquela noite tudo seria esclarecido, pois ela e Taylor voltariam a se encontrar no recesso da barraca. Definiu, desde logo, que não sairia de madrugada, deixando-o sozinho. Ao contrário, diria como estava contente por poder acordar ao lado dele.

Dominada pela expectativa, Blair não deu importância à familiar sensação de estar sendo observada enquanto tomava banho.

Taylor teve poucos minutos para conversar com Brad Shearer. Este pertencia a outra agência governamental, mas sua aparência também passava uma sensação de iminente perigo.

— O que acontece? — indagou Taylor, apreciando uma lata de cerveja gelada que o colega havia trazido.

— Não sei de nada — ele respondeu —, nem mesmo por que acabei encontrando-o aqui. Só me pediram para ficar atento na população local. — A face de Brad foi marcada pelo



mesmo sorriso negligente que o colega costumava exibir, como se fossem dois amigos em férias. A voz tornou-se mais grave quando perguntou: — A sra. Morgan é a viúva de Teile e a filha de Huntington, certo?

— Certo.

— É ela a sua missão? Bem, rapaz, não o invejo. — Brad suspirou de leve. — Espero não comprometê-lo, caso alguém perceba que andamos conversando.

Tenso, Taylor sentiu um medo estranho. No início, julgara o pai de Blair superprotetor. Agora, achava que as coisas poderiam piorar, e que ele precisaria correr com aquela mulher para fora da selva.

Blair vinha agora em sua direção, ao lado de Kate, rindo com o som melodioso que sempre o comovia. Aquela mesma mulher por quem cometera o grave erro de se apaixonar.

Ele desviou a conversa com Brad para o campeonato norte-americano de basquetebol, perguntando sobre as chances dos times principais. Assim, a dupla de mulheres de nada desconfiou.

À vontade, Taylor agarrou Blair por trás, passando os braços por sua cintura.

— O que acha, querida? — questionou, enquanto esfregava o alto de sua cabeça com o nariz e inalava a doce fragrância dos cabelos ainda úmidos.

Blair sorriu, contente com o abraço informal que não deixava dúvidas sobre o relacionamento entre os dois. Alegou nada entender de basquete e roubou um gole da cerveja de Taylor.

— Está ficando tarde — disse, devolvendo a latinha. — Sabem o que Dolly está preparando na cozinha? Bifes! Os bifes congelados que Brad trouxe.

Pouco depois, o grupo jantou em conjunto, e Blair sentiu a expectativa de um novo encontro íntimo com Taylor. Estava feliz ao lado dele, desfrutando a boa refeição. Mas também estava ansiosa para que o tempo passasse.

Quando isso ocorreu e o grupo se dispersou, ela tomou a iniciativa de seguir Taylor até a barraca dele, sem mostrar intenção de rumar para a sua própria. Logo que entraram, Blair aninhou-se instantaneamente no peito do parceiro e fruiu um longo e doce abraço.

— Juan já se foi? — perguntou por desengano de consciência.

— Humm... — foi a única reação de Taylor, ao recuar de braços cruzados.

— Então...

O sorriso de Blair era malicioso, na penumbra do ambiente.

Ela começou a desabotoar a blusa, torcendo para que as mãos de Taylor logo substituíssem as suas e tocassem os seios sensíveis. Ele seguiu os movimentos com o olhar faminto. Hesitante, Blair sentiu um incômodo tremor, mas Taylor tinha determinado que não haveria inibição entre eles, por isso ela continuou a se despir até ficar completamente nua.

Outra vez Taylor sentiu-se submisso à beleza de Blair, que lhe vinha tão livremente, com uma inocência inebriante e sensual. O pálido brilho da fogueira, do lado de fora, traçava os contornos daquele corpo firme, cheio de ângulos estimulantes.

Ela permaneceu à frente dele, não para exibir-se, mas numa combinação de timidez e atrevimento. Sorriu enquanto ele se livrava das roupas, alheio à perfeição do físico musculoso, que cintilava sob o fulgor etéreo das chamas.

— Venha aqui, Blair — murmurou, e ela obedeceu. Com reverência, Taylor a conduziu à cama estreita. Suas necessidades eram prementes. Precisava possuí-la sem demora, mas ainda assim fez amor com ternura, tratando-a como se fosse um objeto frágil, alvo de uma torrente de paixão.

Mais tarde Taylor deveria entrar em comunicação codificada com seus superiores, mas, de qualquer modo, houve tempo para ambos ficarem exaustos, tempo para Blair sentir-se lânguida de sono. Taylor chegou a pensar que ela havia adormecido, mas então lhe ouviu á voz cansada.

— Você se lembra do dia em que apareceu aqui?

— Nitidamente. — Ele respirou fundo.

— Lembra-se de ter me contado que havia feito uma descoberta no riacho?

— Sim.

— E o que era?

Ele riu.

— Não quero deixá-la preocupada. Você verá por si mesma, talvez amanhã. Iremos nadar juntos antes do jantar.

— Por que amanhã, Taylor? Por que não agora?

— Agora? — Ele se surpreendeu com a proposta, a mente voltada para o horário de seu contato secreto. — É tarde e precisamos dormir um pouco.

— Não estou com sono, Taylor.

Ele consultou o relógio. Restavam-lhe setenta e cinco minutos, e talvez o banho noturno fizesse Blair finalmente dormir. Tomou a decisão e pôs-se de pé, arrastando-a consigo.

— Vamos lá.

— Assim? — Incrédula, Blair correu a vista pelos dois corpos nus.

— Bem, é impossível nadarmos vestidos — ele disse com um sorriso provocante. Conveniente ou não, ele julgou que não suportaria vê-la cobrir o resplendor de suas belas curvas.

— É verdade, mas... — Os olhos dela brilharam enquanto o conceito pairou no ar.

— Todo mundo aqui está dormindo — Taylor lhe assegurou. — Em todo caso... — Cuidadosamente ele enrolou uma toalha em Blair, amarrando as pontas à altura dos seios. Depois tratou de cobrir-se também. — Estamos decentes?

Blair limitou-se a rir, em resposta. Taylor recolheu as roupas de ambos e colocou-as em uma sacola.

— Podemos voltar vestidos, caso já estejamos à luz do dia...

— De acordo. — Um tanto chocada, ela precisou vencer uma repentina timidez. Não por ter seduzido um homem, mas por vir até ele e oferecer-se à sedução, e depois pedir que os encontros continuassem, como se tratasse de uma lua-de-mel.

No entanto, em vez de constrangida, ela se sentia maravilhosa. Havia aprendido com Taylor que era uma mulher ardente, sensual, ousada e feminina. A descoberta de seus novos poderes era embriagadora, e a colocava à margem da cautela e da lógica.

Após pegar uma lanterna, Taylor a guiou através do acampamento, ambos segurando o riso. Não se tratava de uma noite tão silenciosa quanto imaginavam. Além dos ruídos que vinham das barracas, ouviam-se grilos e outras criaturas noturnas. Pareciam, porém, estar em harmonia com o ar vibrante da escuridão.

A própria vida nunca fora tão vibrante para Blair.

Ela protestou quando Taylor deixou cair tudo o que carregava, mas já estavam à beira do riacho, colhidos por gotas prateadas que choviam sobre eles graças ao impacto da cascata. Ambos riram ao entrar na água, debaixo de uma enevoadada lua crescente.



— Está gelada! — gritou Blair, sentindo na pele a diferença de temperatura.

— Comigo por perto, você nunca sentirá frio! — Ele a abraçou, buscando com a boca o lóbulo da orelha.

— Tem razão — ela admitiu, enquanto o calor de Taylor se transfundia para sua pele arrepiada. Outras palavras pairaram em seus lábios e não foram pronunciadas. Estaria realmente apaixonada por ele, esmagada por um poder que não podia ser capturado nem entendido?

Os olhos de mel pousaram nos dela, cheios de ternura.

— Quer ver a grande descoberta?

— Claro. — Ela disfarçou certa suspeita.

A desconfiança era bem fundamentada. Taylor a soltou e afastou-se, nadando na direção da cascata. Acenou com a mão para ela.

— Por aqui!

A "descoberta" não passava de um pequeno lago de águas cristalinas, recortado na rocha ao longo de séculos de ação da natureza. Ficava adiante da cascata e parecia uma piscina infantil. Blair logo concluiu que as pedras no perímetro do lago eram lisas suaves.

Com renovada energia, ela e Taylor brincaram na água, tocando-se, excitando-se, até Blair perder o fôlego.

Mas ela encontrou novas reservas de força quando retornou à margem do riacho, os olhos sem o brilho característico, substituído por uma primitiva fome de prazer.

Taylor novamente fez amor com ela, não mais a tratando como frágil porcelana, mas tomando tudo o que Blair podia lhe dar.

Embora rude, ele mostrou-lhe um outro mundo de maravilhas, levando-a à fruição de um instinto selvagem, surpreendendo-a com o arrebatamento de prazer que criava uma flamejante magia. Assim, veio a reconhecer seu corpo reluzente como próprio e único, totalmente desinibido na busca do êxtase, como parte da natureza. A água da cascata em torno deles parecia entoar uma canção primitiva que combinava com sua paixão.

Deitados na grama a fim de descansar, refrescando-se sob a brisa da noite, Taylor e Blair ainda entrelaçaram pernas e braços, como se fossem insaciáveis. Palavras não cabiam entre eles, mas apenas sussurros de excitação e gemidos de euforia. A paz de espírito foi aceita pelos dois com cumplicidade, como decorrência da plenitude do prazer.

Blair sabia vagamente que, em algum momento, as palavras surgiriam, pois os amantes também precisavam conversar. Mas não por enquanto. Era hora de acariciar com luxúria o homem que se estendia debaixo dela, ainda irradiando o vigor masculino que só demandava capitulação.

Ela estava exausta como nunca, corpo e alma satisfeitos. Taylor havia criado um paraíso insubstituível, e ainda assim Blair tinha consciência de que um entendimento físico tão especial, baseado na atração e no respeito, não era o equivalente a uma devoção por toda a vida.

Era o bastante, porém. Mesmo que ele fosse indomável ou inacessível, que se transformasse no misterioso gato noturno do qual suspeitara desde o princípio, nunca poderia retirar dele o mérito por ensinar-lhe as maravilhas do amor.

Seus cílios se tornaram cada vez mais pesados. A grama macia proporcionava um colchão cômodo, enquanto o corpo de Taylor lhe fornecia todo o calor de que precisava. Em minutos, ela adormeceu profundamente, liberta dos fantasmas de seu passado.



Blair despertou um pouco zonza, desorientada, até perceber que estava com frio. Focalizando a vista, logo soube onde se encontrava, mas também descobriu que se achava sozinha.

Ergueu-se da grama e examinou a margem do riacho. A luz era quase inexistente, e não obstante ela notou que as roupas de Taylor haviam sumido. Por que ele a havia abandonado ali, sem qualquer aviso? Poderia ter partido mais tarde, de madrugada, mas não era do tipo de homem que deixava uma mulher só e vulnerável.

Ela não sentiu medo. Estava perto do acampamento e conhecia bem as trilhas da selva. Contudo, ficou perplexa e enregelada. Seu estado de nudez a encheu de nervosismo.

Apanhou suas roupas e vestiu-se, lidando desastradamente com botões, colchetes e zíperes. Em uma pausa para imprecisar contra as dificuldades, percebeu os lampejos de luz vindos através da vegetação, a leste do riacho.

Interrompeu todos os movimentos e deduziu que alguma espécie de mensagem estava sendo transmitida. *Os flashes* esporádicos, de diferentes durações, correspondiam aos pontos e traços do código Morse. Ela era suficientemente informada para saber do que se tratava, mas não treinada o bastante para decifrar o código com facilidade.

Seus olhos focalizaram o distante ponto da folhagem onde os clarões se sucediam, até cessarem de repente. Seu coração se apertou. Aquilo só podia ser obra de Taylor.

Blair empertigou o corpo, reconhecendo que todo o amor e meiguice se dissolviam rapidamente no amargor da mentira. No mesmo ritmo acelerado, Blair bloqueou a agonia da traição por meio de uma raiva profunda e da firme determinação de decodificar a mensagem, denunciando assim a farsa de Taylor.

Mensagens! A dele era respondida por lampejos procedentes de um morro ao longe. Dali onde estava, no vale do riacho, ela não podia ver nada claramente. Precisava encontrar Taylor.

Quase dois anos com o grupo de assistência humanitária haviam ensinado Blair a mover-se na floresta com segurança e com a agilidade dos nativos. A fraca luz lhe permitia deslizar silenciosamente através da vegetação. A trilha levava a uma clareira entre densos arbustos. Ajoelhado, com uma lanterna potente na mão, lá estava Taylor.

Ela agachou-se ao abrigo de uma bananeira. Os *flashes* começaram a fazer sentido.

...É necessário agir assim? Câmbio.

O céu escuro recebeu as palavras em código Morse. Tudo ficou paralisado por um instante, e então veio a resposta, que Blair decifrou com o coração batendo na garganta.

Sim... Esta noite sem falta... Leve-a embora... Câmbio.

As trevas se acentuaram.

Em vez de receosa, Blair sentiu-se ferida, furiosa e humilhada. Como tinha sido idiota! Dera a Taylor um pedaço de sua alma, maior do que julgava possível. Contara-lhe segredos pessoais que pensava estarem a salvo de qualquer inconfidência. Na verdade, entregara-se inteira a ele.

Subitamente, a mágoa começou a arder por dentro. Blair não se conformava com o modo pelo qual se aproximara de Taylor, provocando-o, amando-o, ficando ao lado dele em íntimo abandono. Durante o tempo todo, ele planejava alguma coisa, o que quer que fosse. Uma conspiração!

Decepcionada por ter significado tão pouco para ele, chocada a ponto de ver-se imóvel, Blair começou a urdir a necessidade de se afastar o quanto antes de Taylor. Ela era o centro de alguma trama que desconhecia, um conluio misterioso que recomendava: *Leve-a*

embora...

Seria uma completa lunática se permanecesse ao lado de Taylor, frágil e vulnerável. Deus do céu! Quem era ele? Um terrorista? Um sequestrador? Ou, pior, um assassino impiedoso? De qualquer maneira, seria alguém que conhecia a importância de seu pai no mundo político.

Em silêncio, mal se atrevendo a respirar, Blair ergueu-se com o propósito de avisar o dr. Hardy e os outros. Juntos, todos confrontariam Craig Taylor. Mas um feixe de luz varou a escuridão e a cegou. Ela levou instintivamente o braço ao rosto, a fim de proteger os olhos. Logo em seguida, o clarão desviou-se para o chão, iluminando o espaço entre ela e o homem de olhos ambarinos que a contemplava fixamente.

Os dois se encararam por um intervalo que pareceu eterno. Já não havia ternura no olhar leonino de Taylor. Rígido, impassível, ele denotava poder. Uma determinação de aço. Uma sinistra crueldade.

Sem se mover, ele não tentou dar nenhuma explicação. Suspirou apenas, mostrando uma ponta de remorso e tristeza na voz.

— Lamento que tenha descoberto tudo isto.

Igualmente imóvel, com os ombros firmes e a cabeça erguida, ela perguntou com aspereza:

— Quem é você?

Ele deu de ombros, com uma leve inclinação do tórax.

— Meu único nome é Craig Taylor. Não preciso nem gosto de pseudônimos, e isso é mais do que posso lhe dizer no momento.

Blair deu-se conta de que aquele homem de fato sabia quem era seu pai.

— Pode compreender por que eu não uso meu verdadeiro sobrenome? — perguntou compenetrada.

Pareceu-lhe que Taylor vacilava. Ela não tinha certeza.

— Realmente sinto muito, Blair. Preferiria que você não tivesse acordado.

— Por quê? — ela desafiou, lutando contra um assomo de histeria. — É óbvio que planeja me sequestrar. Eu devia ter percebido, desde o início.

— Não pretendi que fosse desta forma.

— Ah! E como deveria ser? Iria me perguntar se eu concordava em ser raptada por você?

— Esperava que você confiasse em mim.

— Confiar em você?

Firmemente pousados nos dela, os olhos cor de mel ainda demonstravam pesar.

— Não vou machucá-la.

Blair começou a rir. Seria preciso mais de um Taylor para magoá-la ou feri-la.

— De novo, quem é você? — ela esbravejou. — Para quem trabalha? Qual governo, qual país? Ou é somente um aproveitador, um mercenário?

— Não, Blair. Eu...

— Não diga nada, nem se aproxime de mim. — Esticou o braço para estabelecer uma distância mínima. — Você é um canalha, uma criatura desprezível!

Os xingamentos caíram sobre ele como pedras de gelo.

O maxilar de Taylor ficou visivelmente tenso.



— Estou lhe suplicando para confiar em mim.

— Deve estar brincando! — Foi a resposta rápida.

— Nada disto é como você pensa — declarou Taylor, em uma vã tentativa de apelar à razão.

— Então diga quem é e o que faz aqui.

— Não tenho autorização para contar.

Ela sorriu, lenta e amargamente, sem encarar o homem que transpirava à sua frente.

— Você e os de sua espécie são a escória da sociedade, e ainda me pede para confiar em você!

Uma fúria explosiva contra todos os envolvidos no caso, incluindo ele próprio, explodiu dentro de Taylor. Praguejou contra o homem que o havia colocado naquela enrascada, naquele fiasco previsível desde que rompera as regras do jogo e se tornara emocionalmente envolvido com Blair. Merecia toda a condenação da parte dela, embora sua "princesa" ainda pudesse conceder-lhe, quem sabe, o benefício da dúvida.

Do modo como as coisas estavam, ele teria de pensar em Blair como a mocinha mimada e arrogante que se destacava na sociedade, para poder agir.

Ela o rotulava com os piores defeitos da natureza humana, e por certo sabia expressar-se em um rico vocabulário. Falava sem parar, mas Taylor bloqueou as palavras. As últimas que ouviu foram que Blair o considerava uma espécie de terrorista a serviço do mal.

Melhor que pensasse assim. Depois de tudo o que haviam partilhado, ela não conseguia oferecer-lhe um pouco de confiança. Avançou desesperado e enterrou os dedos nos ombros dela.

— Pare! — ordenou, sacudindo-a, impondo o silêncio, mas sem causar medo. — Pode parar agora mesmo, sra. Teile. Tem razão quanto à escória da sociedade, mas virá comigo e, portanto, fará parte dela.

— Claro que não vou com você! — Blair retrucou, corajosa depois de julgar-se idiota.

Taylor inclinou-se sobre ela, impactando-a com o olhar e prendendo-a com o bíceps treinado para situações bem piores. Mesmo naquela situação, Blair sentia o sangue correr acelerado por causa da proximidade do homem a quem aprendera a desejar. Isso não! Ela inclinou a cabeça para trás e reuniu fôlego para gritar.

— Não! — A ordem de Taylor cortou o ar da noite. A mão esquerda cobriu a boca de Blair. — Não quero machucá-la, sua tonta!

Ele a soltou, mas nenhum som sobreveio. Ela nunca soube o que efetivamente acontecera ali, naquele momento. Os nós de seus dedos encontraram o queixo de Taylor, mas não houve dor. Tudo de que se lembrou depois foi a voz dele, estranhamente meiga outra vez.

— Perdão, Blair... Por favor, querida, você imagina como eu lamento...

O mundo inteiro também se tornou estranho quando ela mergulhou em um vácuo escuro, ridiculamente entranhado de paz e tranquilidade.

Na pequena clareira, Craig Taylor segurou a mulher desmaiada e colocou-a gentilmente na grama. Beijou os próprios dedos que haviam esmurrado o rosto dela.

Uma brisa soprou no escuro e moveu a folhagem. O som próximo de grilos podia ser ouvido e, mais distante, o murmúrio sereno do riacho.

A ira invadiu Taylor. Às vezes, ele ficava absolutamente seguro de que seus

superiores, do mais alto ao mais baixo escalão, estavam todos loucos. Esperava conseguir uma boa explicação para aquele evento sigiloso. As bombas lançadas no Oriente Médio fariam menos dano psicológico a Taylor do que a tarefa de carregar pela mata uma prisioneira recalcitrante.

"Culpa sua", ele se castigou. Regra número um: nunca se apaixone por uma bela e valorosa mulher, prestes a ser raptada e conduzida para fora do país. Nunca faça amor com ela, ainda que seja adorável. Nunca se torne vítima da vítima.

Tenso e furioso consigo mesmo, ele apressou o passo.

Uma mensagem final de Taylor perturbou a serenidade da selva.

Estamos a caminho... Final.

O breu da noite desceu sobre o caminho.

Taylor carregava no colo a inerte Blair. Confundiu-se novamente com um espectro na escuridão, só avançando na mata com o objetivo de sair dela.

Em sua barraca, ele deitou Blair no catre, sem focalizar-lhe o rosto. Tinha de retomar a caminhada, depois de reunir alguns suprimentos na sacola. Quantas horas fazia desde que haviam compartilhado aquele leito, em um delírio de volúpia? Suas mãos tremeram assim como a memória fraquejava.

Decidiu aplicar um sedativo em Blair, já que teria de andar sem empecilhos por várias horas, cobrindo grande distância. Sentiu dor na própria carne quando a agulha da seringa penetrou na veia delicada. Ela gemeu levemente, e Taylor arriscou-se a olhar rapidamente para ela. A pele sedosa, as mechas de cabelos desarranjadas em torno do perfil orgulhoso mexeram com seus brios.

No sono induzido, a beleza de Blair era fugidia e etérea. E isso o lembrou de como ela havia confiado nele, outorgando-lhe o crédito que, como um tolo, ele mesmo encorajara.

No dia seguinte, pensou, estaria fitando mais do que uma beldade. Iria encarar o definitivo perigo que o chefe lhe reservara: o ódio, a indignação de Blair.

Segundos depois de preparar a bagagem, Taylor lançou-a sobre seu ombro e, com os sentidos aguçados, buscou o jipe nos fundos do acampamento. Algo o preveniu de que alguém estava por perto. Agitado, mas em silêncio, tentou descobrir a fonte da perturbação.

Um assobio conhecido o deixou relaxado.

Brad Shearer, quase invisível em jeans preto e camiseta escura, esperava por ele ao lado do veículo.

— Pressenti que você partiria hoje — ele disse em tom cúmplice. — Coloquei algumas provisões extras na traseira do jipe.

— Obrigado — retrucou Taylor, acomodando Blair no assento do passageiro. No mesmo instante, ela oscilou para o lado. Brad reagiu de pronto, acomodando-lhe a cabeça em uma posição confortável.

— É uma mulher admirável — comentou, ajeitando uma madeixa ruiva.

— E verdade — Taylor concordou, assumindo o volante. — Não quero ligar o motor ainda. Pode me dar um empurrão?

— Claro. — Brad posicionou-se e fez o que lhe era pedido. O carro começou a deslizar. — Boa sorte!

— Obrigado outra vez!

A distância entre o jipe e o acampamento cresceu depressa. Quando achou que ninguém mais o ouviria, Taylor ligou o motor. Chegou ao fim da trilha e seguiu por uma estrada de terra batida.



Sorrindo, Brad Shearer retornou à sua barraca. Aquele Craig Taylor sempre fora um agente de primeira, um felino de nove vidas, considerado quase sobre-humano entre as forças especiais de segurança. O simples poder de seu olhar dourado conseguia baixar um problema antes que surgisse.

Agora, porém, tudo indicava uma situação bem diferente. Se os guerrilheiros estivessem no trajeto, algo que Brad só podia presumir, pois a informação era sigilosa, Taylor teria dificuldades. Mas, como sempre, certamente as venceria.

Brad também havia observado seu companheiro durante as noites. Era normal vigiar a mulher que ele devia proteger, mas ali existia mais que dever ou amizade. E Washington vivia cheia de boatos sobre a filha de Huntington: charmosa, agradável, inteligente, mas um demônio quando desafiada.

Ele sentiu-se contente por não estar por perto quando a explosão acontecesse. Balançou a cabeça enquanto se esticava no leito. Existia um ditado. Qual era mesmo? Foi a bela que venceu a fera.

Os pensamentos de Taylor seguiam uma linha semelhante, enquanto dirigia o jipe pelas trilhas da floresta. Estava alerta a tudo que fugisse ao normal, mas esse era um comportamento instintivo, quase automático, como respirar, e por isso conseguia refletir ao volante.

Teoricamente, aquela noite seria a pior de todas, pois exigia cuidados especiais. Uma vez vencida a floresta, ele estaria em rodovia aberta, esperando a hora combinada para chegar ao destino final.

Aquela noite comportava o perigo de um encontro com guerrilheiros em ação. Então, a noite não seria ruim, mas a melhor de todas, pois sua refém estaria dormindo, alheia aos acontecimentos. No dia seguinte, com certeza, Blair não se cansaria de lhe dirigir impérios, tanto ao homem quanto ao profissional.

O corpo dela moveu-se de novo, a cabeça baixando na direção do colo, a espalhar uma cortina de seda ruiva. Com um leve gemido, ela pousou a mão sem peso na coxa de Taylor. Ele rilhou os dentes com força. O gesto era tão confiante...

À falta de melhor julgamento, Blair sempre tinha vindo até ele. Taylor não ignorava que ela lhe dissera coisas que nunca havia confidenciado a ninguém, coisas que guardava em seu íntimo e, assim, vinham direto do coração.

Devia tê-la impedido, abortando o relacionamento em seu começo. Mas ficara como que inebriado pelos encantos de Blair. Agora precisava pagar a conta. Nunca esqueceria o olhar dela quando o flagrara na clareira com a lanterna: o horror, o escárnio e a decepção profunda. Ela pensava que ele era um terrorista, mas, se o amasse um pouco, Blair lhe concederia alguma fé.

Ferido em seus brios, Taylor voltou a sentir raiva. Ele mordiscou os lábios e deu um sorriso mortificado. Por que se preocupava com o futuro, com eventualidades que não podia controlar? Teria de lidar sozinho com os dias subsequentes, e por isso devia endurecer o coração, no preparo para uma batalha de vontades da qual desejava sair vencedor. Já não importava o que Blair ou ele pensassem. Uma máscara precisava ser usada, para proteção de ambos.

As horas passaram sob o ronco do motor, o peso das rodas e a reiteração do que Taylor ponderava. Blair continuava adormecida. E então o primeiro trecho da viagem foi completado sem incidentes: o ponto de encontro fora alcançado. Mas não havia ninguém esperando, e Taylor tentou ocultar o jipe na vegetação que margeava um rio. Ao sair do veículo, acomodou o tronco e a cabeça de Blair no banco vazio. Andou uns poucos passos e depարou com o que procurava.



Um barco à vela, típico dos nativos, repousava junto a um ancoradouro dilapidado. Taylor subiu a bordo, os sentidos em alerta. Não esperava problemas naquela altura do percurso, mas era preciso estar atento.

Parecia uma caixa de madeira, avaliou, embora o motor fosse novo.

— Bem, já tenho um castelo para abrigar minha princesa — murmurou para si mesmo.

Ele não perdeu tempo verificando os suprimentos a bordo ou os utensílios na cozinha adjacente à cabine de um só quarto. Pretendia zarpar antes do amanhecer, protegido pela escuridão.

Voltou ao jipe, acomodou Blair sobre seu ombro e, com a mão livre, apanhou a sacola de náilon e o pacote que Brad havia deixado no veículo, com a palavra "Cuidado" escrita em letras grandes.

Pela manhã, ele sabia, alguém daria sumiço no jipe. Outra pessoa, sem o conhecimento de seus passageiros recentes, seria encarregada de levar o veículo para longe dali.

A atividade na selva não havia se alterado. Grilos continuavam cricrilando, cobras seguiam deslizando no chão ou em ramos de árvores e pássaros cantavam. A vida prosseguia.

Taylor carregou Blair até a cabine e acomodou-a na cama larga embutida a estibordo. Manteve-se atento ao rosto dela, enquanto lhe removia as botas a fim de deixá-la mais confortável. O sol estaria alto no firmamento antes que ela acordasse. E assim ele teria tempo e tranquilidade para iniciar a jornada pelo rio. Tempo e tranquilidade, talvez, para um merecido cochilo.

Ele soltou as amarras e, como um velho fantasma, o barco moveu-se na correnteza, tangido por um motor projetado para trabalhar em silêncio.

Da estrada para o rio, do rio para a costa, e a viagem terminaria.

Após algum tempo, Taylor julgou que se distanciara o suficiente da margem para lançar a âncora e conceder-se uma hora de sono. Deitou-se no piso de madeira da cabine, depois de verificai que Blair dormia pacificamente.

Ele também notou, gratificado, que seus superiores haviam providenciado lençóis e cobertas limpas. Não era pouco. Depois de desdobrar uma manta de lã sobre o corpo de Blair, estirou-se no chão, pôs as mãos na nuca e tentou adormecer.

Inútil esforço. Antes tivesse ficado no convés do que ao lado dela. Seus instintos clamavam para que a tocasse na ânsia de sentir o corpo dela junto ao seu.

Mas não podia fazer isso, não com uma pessoa sedada, insensível às suas carícias. O triste detalhe era que, uma vez consciente, Blair não as aceitaria de novo.

No sono, ela respirava compassadamente. Taylor gravitou mentalmente em torno dela e de seu calor, seguindo os ditames de uma urgência irrealizável. Por isso, tenso, não dormiu um só minuto. Agitado, subiu à cama e passou um braço em torno da cintura de Blair, ajustando-se às costas dela, com o corpo firmemente encostado.

Era uma deplorável covardia forçar uma cena de intimidade quando sua refém estava desacordada. Mas Blair jamais saberia. E, sobretudo, Taylor sentiu-se muito mais refém dela do que o contrário.

Capítulo VI



Para Blair, despertar foi um processo longo e complexo. Ela tomou consciência da realidade pouco a pouco, com a cabeça atordoada e a sensação de flutuar no espaço. Ou melhor, de rolar no vazio. Felizmente, existia algo macio debaixo dela.

Em meio à névoa persistente, a memória voltou. Craig Taylor a havia posto fora de combate. Mas como e onde? De qualquer modo, agira como um perito no assunto.

A vista entrou em foco, e Blair percebeu que olhava para um estrado rústico, de tábuas encaixadas, quase sem verniz. A sensação de rolar no espaço continuou enquanto ela procurava desesperadamente organizar o raciocínio e vencer a ansiedade. Forçou-se a não entrar em pânico, examinando os arredores. Notou o colchão, o lençol, e concluiu que estava deitada em uma cama. Um leve marulhar de ondas era registrado por seus ouvidos. Um barco, era isso. Estava em alguma espécie de barco!

Blair havia visto muitos barcos rústicos na América Central, mas aquela cabine era uma obra-prima de imundície. O quarto era um dormitório e uma sala de refeições combinados, e à frente da cama apertada, em um canto, via-se uma mesa redonda, coberta por uma toalha suja.

Uma porta estreita estava às suas costas. Com desdém, ela perguntou-se por que pensava nas comodidades de um bom banheiro, naquelas circunstâncias.

A luz do dia penetrava por uma escotilha ao lado da cama e também por uma vigia quadrada que encimava uma escada de madeira, provável acesso ao convés. Pela abertura, Blair pôde ver o céu azul, e essa imagem a acalmou.

Não entrou em pânico. Já podia encarar os fatos, ainda que estes representassem um golpe doloroso. Traidor! Taylor era um traidor que havia se aproximado dela, seduzindo-a, ganhando-lhe a confiança...

Com esse sentimento de humilhação, o sangue lhe subiu às faces, aumentando a sensação de náusea. Reprimindo um gemido, Blair avaliou o que Taylor tinha feito a ela. Nenhum dano permanente, com certeza. Mas havia sofrido, sim. A agonia da traição valia por mil ferimentos. E, tal qual uma idiota, ela instintivamente suspeitara dele desde o começo, mas quisera acreditar que se tratava de uma boa pessoa. Passara a desejá-lo, e assim tinha capitulado. Agira como uma adolescente, contra toda a sabedoria da maturidade.

Havia se apaixonado pelo homem que lhe conquistara a confiança e nada fizera além de usá-la, divertindo-se enquanto planejava algo sinistro. Mas o quê?

Blair pestanejou com força, tentando desanuviar a mente. Que Deus a ajudasse a esquecer as últimas três semanas! A raiva a assaltou assim que lembrou como tinha instigado e permitido intimidades entre ela e Taylor.

Com os sentidos pressionados pela luxúria, ela quisera fundir-se a ele e, ainda agora, seu corpo guardava a memória dos toques masculinos. Precisou umedecer com a língua os lábios secos e contrair o ventre desejoso de carícias.

Revoltada, Blair afastou ferozmente a sensação persistente dos beijos dele, das mãos a explorar os segredos de sua feminilidade, do prazer que a convulsionara nos encontros amorosos e se transformava em dor. Com tudo isso, ela ainda não conseguia mentir a si mesma e considerar Taylor uma criatura repulsiva.

Mas aquilo era passado. Tinha sido usada, mental e fisicamente, por um lobo em pele de cordeiro. Agora, precisava ver o futuro à frente dela, como sempre fizera.

Para tanto era a filha de Andrew Huntington. Elevou o queixo com orgulho. Mulher

vivida, racional e inteligente, devia descobrir o que Craig Taylor planejava. Com um súbito arrepio, Blair tomou tento da situação. Era uma refém, uma prisioneira. Não sabia por quê, mas sem dúvida tinha algo a ver com o que Taylor era ou representava. Obviamente, ele conhecia a posição e a fortuna de seu pai. Seria o troféu de um jogo pelo poder? Ou meramente uma vítima da ganância, de um sequestro seguido de extorsão financeira?

No entanto, Taylor tinha bastante dinheiro. Pelo menos, havia se declarado herdeiro de uma família rica. Claro que poderia ser outra mentira.

Um tremor provocado pelo medo a invadiu de novo. Qual era o jogo? Sua vida correria risco? Não, até aquele momento ela não fora fisicamente agredida, apenas colocada inconsciente. Seu coração pesaroso concentrou-se em suas emoções. Era impossível acreditar que Taylor a machucasse, depois de tê-la acariciado e possuído!

Blair determinou-se a interromper essa linha de pensamento. Não levava a nada e ainda lhe minava a coragem de subir os degraus e enfrentar quem quer que pilotasse o barco.

Deslizando as longas pernas pela cama, ela endireitou a cabeça e sofreu uma nova tontura pelo esforço. Sentou-se no leito e procurou apoio com as mãos enquanto a mente rodava. Entre o inexplicável atordoamento e o suave balanço da embarcação, esperou alguns minutos até se assegurar de que não iria desmaiar outra vez.

Finalmente dona das próprias forças, Blair aproximou-se com cautela dos degraus, decidida a controlar seus movimentos e manter os ouvidos atentos.

Qual seria a etiqueta correta para uma refém?, pensou, pela primeira vez divertindo-se com a situação. Conservar a dignidade era o principal. O orgulho de classe e o ódio proveniente da traição também poderiam sustentá-la, permitindo-lhe espiar quem estava no convés. Na verdade, ao colocar o pé no primeiro degrau, rezou para que Taylor ainda fosse seu captor, e não um estranho mais asqueroso ou mais perverso.

Ele devia saber que, em algum momento, Blair subiria. Não tinha outra opção. Atrás do leme, o piloto observou-a alcançar a luz do dia, estreitando os olhos ao brilho do sol, protegendo-os com um braço. Por certo, o olhar de Blair pousara nele por alguns segundos, e então sobreveio aquela insondável emoção produzida pelas íris de esmeralda.

Parecia aliviada. Não deu sinal algum de medo, nem sofreu tremor algum. Com a testa ainda coberta por um braço, Blair examinou a desconjuntada embarcação, das velas acinzentadas até as tábuas da popa, roídas por cupins. O olhar novamente fitou o piloto, simulando desdém e indiferença. Ele esperou, com as mãos no leme. Era mesmo Craig Taylor.

Blair conteve qualquer reação de alegria, invocando a amargura que a presença dele representava.

— Bom dia, sra. Teile — ele arrastou a voz.

O olhar de Blair imediatamente fixou-se no piloto, cujos olhos brilhavam, apesar das maneiras frias.

— Taylor... — ela retribuiu, em um tom de desamparo que ele nunca tinha ouvido.

Era tudo o que Blair podia utilizar em sua defesa.

Como sempre, Taylor parecia à vontade no comando do barco. Vestia roupas novas, bem coloridas, e estabilizava o leme com confortável negligência. Estava descalço, sem chapéu, e o sol lhe acentuava o tom dourado dos cabelos.

— Não sou idiota, Taylor, embora minhas atitudes nas últimas semanas possam ter colocado esse ponto em dúvida — ela declarou friamente, conservando a calma.

— Fico feliz por ouvir isso.

O divertimento dele a irritou, não obstante o olhar aguçado que ameaçava criar uma

combustão dentro dela. Mas Blair fez um esforço para reter o ar, a fim de se conter, e de novo inspecionou os arredores.

—E então? — Taylor inquiriu educadamente, enquanto Blair dava de ombros.

— Já ouvi falar de planos para resgatar o *Titanic* do fundo do mar, mas nunca barcos menores. Tem certeza de que não vamos naufragar?

— Não tema nada, sra. Teile. Esta barca velha vai nos levar até o destino.

— Destino? Onde?

— Longe. E mais não posso falar. Sinto muito.

Blair orou mentalmente para não vacilar.

— Desde quando planejava me levar embora?

— Desde que pareceu não se importar muito com a qualidade das acomodações. — Ele riu satisfeito. — Prometo acabar com isto no menor prazo possível.

— Ah, e quando seria?

— Nós dois saberemos, quando a hora chegar.

— Então, você é um mercenário, trabalhando para alguém mais. — O tom dela foi de claro desafio.

— De fato — ele retrucou, enquanto Blair sorria levemente ao ver que havia atingido o objetivo de provocar Taylor —, esta missão em particular se deve a um pedido especial. Um favor que não consegui recusar. Mas eu lhe garanto, mocinha, você ainda não me viu trabalhar.

— Como terrorista — ela desdenhou.

— Pense o que quiser. Mas, já que você não pode sair sozinha daqui, ou ficamos nos olhando o tempo todo, ou você vai à cabine tomar uma xícara de café.

Ela decidiu aceitar a sugestão, mas para usar também o banheiro da cabine. Taylor parecia excepcionalmente saudável: de banho tomado, barba feita, descansado e refrescado, enquanto ela aparentava ter sido atropelada por um bando de cavalos. Precisava se recompor.

— Blair! — O tom autoritário a deteve no meio do caminho.

— O que é?

— Gostaria muito que me trouxesse uma xícara.

Ela desatou a rir, e só parou quando o som beirou a histeria. No íntimo, estava com medo.

— Você deve estar louco! Acabou de me sequestrar, sem que eu saiba o motivo, e agora me pede café!

— Nada de ruim vai acontecer a você — ele falou com firmeza.

— Ah, e como posso saber? Do que se trata, Taylor? Uma manobra política ou uma cobrança de resgate? O que acontecerá se ninguém pagar o que for pedido?

Sem perceber, Blair havia caminhado até perto de Taylor. Ele empertigou-se, mostrando que não apenas era composto de músculos de aço, mas que a vencia folgadoamente pela altura.

A despeito do que ouvira, Blair teve um surto de pânico, mas era tarde demais para recuar. Taylor cobriu a distância entre eles com um único passo, mantendo uma das mãos na roda do leme. A outra tocou o ombro de Blair com perícia.

— Repito. Nada vai lhe acontecer. E como temos de conviver aqui por algum tempo, recomendo que aceite a situação. O tempo passará mais depressa e de maneira mais agradável.



— Aceitar a situação? — O medo dela ficou oculto por uma incrível raiva. — Fingir que somos um casal em férias, explorando a selva?

— Você decide. — Um súbito brilho iluminou os olhos de Taylor. — A companhia não é tão má — ele lembrou com uma dose de maliciosa insinuação. — Sei muito bem que você não me rejeita...

O discurso foi interrompido por um tapa no rosto. Ela o dera sem pensar, depois de somar insulto, humilhação e orgulho ferido. Contemplou com fascínio a marca dos dedos na face de Taylor e, em seguida, percebeu que o olhar dele flamejava de surpresa e pesar.

O rosto dele curvou-se, a poucos centímetros dela, ao mesmo tempo em que a mão lhe comprimia o ombro.

— Tive de lhe aplicar uma injeção ontem à noite, Blair. Portanto, vou considerar o que fez como um acerto de contas. Mas, pelo seu bem e pelo meu, aceite os fatos. Juro que tudo ficará em ordem, e você retomará sua vida normal. Talvez queira me lançar na água, aos crocodilos, mas não tem força para isso. Talvez pretenda me estapear de novo, mas lembre-se de que dou a outra face uma só vez.

— Deixe-me em paz! — ela gritou, perigosamente próxima das lágrimas. — Não quero que me toque.

Taylor afastou-se lentamente, com um esgar.

— Não vou tocá-la a não ser que me peça, mas sugiro uma coexistência pacífica.

— Como seria possível? — Blair também baixou a cabeça.

— Tente.

— Deixe-me em paz — ela repetiu, disposta a escapar de Taylor, ainda que por curto espaço de tempo.

Puxada pelo pulso para junto dele, Blair deu-se conta de que, amigo ou inimigo, aquele homem era uma força dinâmica que não podia ser negada. A energia incansável que pulsava dentro dele era assustadora. Ele representava o poder da mais exuberante vitalidade humana.

Ao inalar a fragrância masculina que já impregnava suas narinas, Blair julgou impossível esquecer a noite, exatamente a última noite, em que o amante podia pedir e obter o que desejasse e, ao mesmo tempo, saciá-la com a realização de todas as fantasias.

Taylor não a soltava, mesmo que fosse apenas pela força do olhar. Blair conseguia captá-la porque sua cabeça estava logo abaixo do queixo dele e pôde reparar nas veias saltadas do pescoço, em cada músculo do tórax.

— Pedi-lhe para confiar em mim, Blair.

— Impossível! — Deveria parecer uma réplica, mas soou como desculpa. — Diga-me o que está acontecendo!

— Não posso. Ponha isso em sua cabeça teimosa.

A pressão no pulso dela aumentou, e Blair imaginou se Taylor cometeria o erro de soltar a roda do leme. Não o fez, ela pensou amargamente, porque precisava de uma só mão para subjugar-la.

— Escute-me, mocinha.

Ela foi subitamente afastada de Taylor por um solavanco do barco.

— Quero tornar tudo isto o mais fácil possível para você, mas, ao contrário, estamos piorando a situação. Não vou deixar que transforme este barco em uma arena. Olhe em torno de você. Só existe água. Eu poderia lançar a âncora, levá-la para a cabine e amarrá-la, mas já disse que não vou machucá-la. Acredite nisso, pelo menos, e tudo dará certo. Não me cause



problemas, porque acabará por lamentar essa atitude. Entendido?

Blair lutou em vão para livrar o pulso da pressão da mão dele.

— Sim! — bradou sem outra escolha. — No íntimo, você quer que eu aja como uma cúmplice para meu próprio rapto. Está bem, Taylor. Você quer café, e eu vou lhe trazer uma xícara.

Ele a soltou tão bruscamente que Blair desequilibrou-se e quase caiu no convés, sentindo voltar o torpor de antes. Mas recuperou-se logo e rumou para a entrada da cabine. Fora do alcance de Taylor, decidiu que nunca repetiria o erro de subir ao convés de novo. Tinha uma vantagem: seu captor precisava chegar a algum lugar, e assim devia manter o barco navegando.

Ela fez uma pausa à beira da escada.

— Não durma, Taylor—ameaçou. — Não cometa o engano de dormir.

— A preocupação é minha — ele rebateu.

Quando entrou no compartimento inferior, Blair tremia. Por alguma razão, não levava seu sequestrador a sério. Ele dissera não querer feri-la, mas nenhum homem que pretendesse preservá-la pediria desculpas tão sinceras enquanto a derrubava no chão.

Tremia porque nada havia mudado em relação a Taylor. Ao permanecer perto dele, sentindo a intensidade daquela presença, Blair almejou fingir que tudo era um pesadelo e aninhar-se nos braços dele, onde nada mais importaria exceto o enlevo erótico que ele sabia criar.

— Eu o odeio — murmurou para si mesma, de olhos fechados. — Eu o odeio.

Quando parou de tremer e abriu os olhos, Blair viu o pequeno fogão de bordo, alimentado por gás. Uma chama fina dançava sob a cafeteira de alumínio. Levaria, sim, uma xícara para Taylor, e tinha a certeza de que, entre seus duvidosos talentos, ele sabia fazer um café melhor que o dela.

Iria ao convés, contrariando sua intenção anterior. Pensou que não estava em um cruzeiro turístico, mas era uma prisioneira. E prisioneiras não podiam, por convenção, fazer as vontades de seus carrascos, exceto em troca de um bom grau de liberdade. Taylor a concederia? Ou daria curso à sua ameaça, trancando-a amarrada na cabine?

Pouco tempo Blair gastara na avaliação de seus problemas, quando percebeu que escutara movimentos na parte de cima, e que houvera certa mudança no balanço do barco.

De fato, Taylor tinha jogado a âncora e descido as velas. Estava vindo para baixo.

Aborrecida com a iminente interrupção, Blair continuou a procurar xícaras nos armários da cozinha, e soube no mesmo minuto quando Taylor surgiu atrás dela, permeando o espaço com seu corpanzil. Desolada com a própria obediência, ela evitou olhar para ele. Conseguiu encher duas xícaras de café sem tremer as mãos.

Taylor aceitou a sua e pediu-lhe que sentasse.

Convite ou ordem, a única alternativa era aceder. Espremendo-se para passar por detrás de Taylor, Blair tomou assento à mesa redonda.

Ele não se sentou imediatamente. Apanhou uma camisa azul de trabalho e a vestiu por cima da camiseta, sem abotoar. Devia estar se preparando para o frio do entardecer. Passou a Blair uma carteira de cigarros e o isqueiro. Momentos depois, pegou uma frigideira e lançou nela um punhado de ovos, sobre um filete de óleo. Ao lado dos ovos, dispôs fatias apetitosas de presunto.

Blair acendeu o cigarro, notando que o isqueiro descartável balançava em sua mão. Estava nervosa, enquanto Taylor, à sua maneira, procurava ser gentil. Se não gentil, pelo



menos atencioso. Adivinhara que ela precisava muito de um cigarro, naquele momento.

O aroma de comida impregnou o ambiente. Apesar de tudo, Blair sentia muita fome e ficou contente por poder alimentar-se.

— Você nem tocou em seu café — ele comentou ao sentar-se, encarando-a.

Era fácil ser apanhada na rede de Taylor. Por isso, Blair determinou-se a não esconder o desprezo que sentia por ele.

— Esperei por você — ela disse, com glacial frieza. — Quis ter a certeza de que a bebida não continha arsênico.

— Que bobagem, Blair — rebateu ele, contrafeito.

— Não sei nada de nada, certo? — ela provocou, enquanto seu captor tomava o café tranquilamente. Era preciso reconhecer que ele fazia o máximo para tornar o convívio suportável.

— Você não sabe nem deve saber de nada, por enquanto. — Taylor falou sem raiva, em tom suave, bastante envolvente. De pé atrás da hóspede forçada, ele estendeu os braços até a mesa, criando uma prisão virtual sem que precisasse tocá-la.

— Imagine que sou membro de um culto secreto. Encontramo-nos de noite na floresta, no Dia das Bruxas. Enfrentei diversos problemas para poder usá-la em um ritual. Poderia afogá-la, esquartejá-la ou amarrá-la em uma árvore, mas não. O grupo inteiro decidiu salvá-la para coisas maiores e melhores. Você daria um adorável alvo do sacrifício, vestida em uma túnica branca, lá em cima no altar...

O relato tinha seu lado fascinante, embora ininteligível. Taylor fez uma pausa, durante a qual fitou Blair com insolência.

— Receio que o grupo secreto exija virgens para o sacrifício, e eu pessoalmente garantiria aos sacerdotes que você não é mais uma donzela.

Assombrada com a absurda explanação, Blair tomou a última frase como uma ofensa. Sem total consciência do que fazia, atirou no rosto de Taylor o restante de seu café.

Felizmente, a bebida já havia esfriado, do contrário causaria uma queimadura séria. Com as gotas pingando de sua face, ele estava surpreso e assustado. Blair deplorou sua atitude enquanto Taylor apanhava um guardanapo para se secar.

— Desculpe-me, está bem?

Ele correu os dedos pela camisa manchada de café.

— Vou trocar de roupa — anunciou, deslocando-se até o armário dos fundos, de onde retirou uma camisa praticamente igual, só um pouco mais desbotada.

Aquele homem, Blair deduziu, possuía grande capacidade de tolerância. No entanto; sem saber como agir, ele retesou os músculos, mostrando de novo as veias saltadas no pescoço. Voltou à mesa devagar, com expressão indecifrável e olhos toldados pela dúvida.

— Eu posso lhe servir outra xícara de café, querida, se você prometer tomá-la até o fim. Acho que sou uma pessoa paciente, mas posso ficar muito bravo se for escaldado.

— O que quer que eu faça? — ela contrapôs. — Que lhe agradeça por me raptar?

— Pedi que acreditasse, que confiasse em mim.

— Pois pediu o impossível.

— Você já confiou em mim.

Blair concentrou-se na sua refeição, antes que esfriasse totalmente.

— Sim, mas foi um erro. — Baixando a cabeça, ela procurou esconder os olhos marejados. — Você até arrancou uma confissão de mim, quando não só lhe contei minha



vida, mas a de Ray.

— Blair! — O punho dele vibrou sobre a mesa, em um surto de violência que terminou quando Taylor respirou fundo. — O tempo que partilhamos não tem nada a ver com isto. Eu e você, na intimidade, estamos fora desta situação. Tudo o que eu lhe pedi ou dei foi real e sincero.

— Mesmo? Pois eu tenho pensado que me seduzir foi parte do plano...

— Pelo que lembro, você é que me procurou na minha barraca. Mas estou disposto a recomeçar de onde paramos.

— Obrigada, não. — Foi ácida a negativa. — Quero dizer, se eu tiver escolha. Afinal, sou a vítima.

— Pobrezinha! — ele ironizou. — Certamente, você não consegue conciliar sua natureza elegante com a situação atual, mas não insinue que eu a raptei. Estamos há pouco tempo no mar, e nada do que ocorreu entre mim e você poderia ser qualificado de rapto. Nunca usei a força.

Blair sofreu o impacto daqueles olhos leoninos e saiu da mesa. Se ficasse, arriscava-se a jogar outra caneca de café no rosto de Taylor, ou coisa pior. E a reação dele não seria tão calma, da segunda vez.

— Aonde você vai? — ele perguntou friamente.

De costas, ela considerou a pergunta absolutamente tola.

— Aonde eu poderia ir? Lá para cima. Não me acho obrigada a conversar com você.

— Espere! — ordenou Taylor.

Sem confiar na sorte, Blair permaneceu quieta, em atitude hostil, imaginando se seu captor estava pronto a fazer outro discurso ou relato.

Nada aconteceu, mas os olhos dele se mostraram impiedosos quando recolheu a camisa molhada de café.

— Precisamos combinar certas coisas práticas por aqui. Como o suprimento de roupas é limitado, você poderia se encarregar da máquina de lavar.

— Não! — ela protestou, furiosa.

— E também irá cozinhar e navegar este barco comigo. Há uma boa distância a percorrer, sra. Teile, e nada existe fora daqui. Precisamos sobreviver juntos.

— Esqueceu-se, sr. Taylor, de que singrar o mar não foi ideia minha. Se houver algum problema, resolva-o sozinho.

— Veremos — ele comentou misteriosamente, não deixando dúvidas sobre a prevalência de sua vontade. Naquele momento, porém, pouco mais havia a dizer, e assim ele subiu a escada até o convés.

Já que Taylor subira, Blair decidiu permanecer na parte de baixo. Voltou a sentar-se e, notando o maço de cigarros, tirou mais um a fim de acender. Na intenção de se acalmar, contemplou a espiral de fumaça que pairou na cabine. Cortinas cinzentas cobriam as escotilhas e, em um acesso de claustrofobia, ela as abriu. Foi o instante exato de ver as pernas musculosas de Taylor e seus pés descalços passando pelo convés, na operação de levantar a âncora.

Ela fumou o cigarro até o fim, ciente de que, com a retomada da viagem, o balanço da cabine aumentaria. Não era tão desconfortável assim. Blair adorava navegar. Claro que em iates de luxo e águas muito azuis, ao lado do marido.

Ray! Ela pensou no marido com remorso. Havia confiado a Taylor tantos segredos íntimos! Mas a confissão lhe parecera correta, no momento em que ocorrera. Ela conseguira

purgar o fantasma que a assombrava e encontrar um novo êxtase nos braços do homem de cabelos dourados.

Agora, estava arrependida e revoltada. Deveria ter medo e planejar uma fuga de seu captor, a qualquer custo, mas a humilhação sofrida a impedia de agir. Compreendia que Taylor acertara no alvo, antes e depois. Ela o odiava, desprezava e escarnecia; fosse um terrorista ou um mercenário, não passava de um renegado. E mesmo assim ela o desejava, ansiava por seu toque. O olhar sensual e malicioso ainda detinha o poder de causar arrepios em seu corpo, ante a expectativa de excitação, agonia e êxtase.

Censurou-se, claro, pois não era um animal irracional, e sim um ser humano inteligente, capaz de governar seus instintos com a mente. Detestaria Taylor até que aquele episódio terminasse, e ficaria feliz ao vê-lo atrás das grades.

Leões devem ser ficar enjaulados, pensou.

Os pensamentos de Blair estavam obscuros enquanto tentava chegar a um quadro razoável da situação. Taylor continuava insistindo para que ela confiasse nele, mas o bom senso indicava que isso era inviável. Os sinais de luz em meio à floresta lhe voltaram à mente, acentuando ainda mais sua dor.

Quem era ele? Por que ousava comportar-se como se ela tivesse culpa por não aceitar aquela farsa? Pensou, com razão, que enlouqueceria se continuasse a remoer o assunto. Concluiu, com mais razão ainda, que não poderia passar as horas e os dias sentada na cabine.

Com fastio, observou os pratos deixados na mesa e, embora não quisesse colaborar com Taylor, julgou que a cooperação poderia distraí-lo, deixando-o menos alerta. Talvez ela conseguisse escapular se ele se acreditasse seguro e no controle.

Blair levou os pratos à pia e começou a vasculhar os armários em busca de sabão ou detergente. Seria estranho se aquela cozinha fosse bem abastecida. Taylor nem mesmo havia mencionado encanamentos e, caso não existissem, o pequeno barco deveria transportar um pequeno recipiente para colocar água para a limpeza.

Ao leme, ele aproveitava a leve brisa para avançar alguns metros. Não havia pressa. A viagem transcorria conforme o planejado. Taylor contemplou a vela enfunada e avaliou suas ações. Por que vinha perdendo a calma tão frequentemente? Era improvável que maneiras mais cortes levassem Blair a renovar sua confiança nele, já que não podia explicar o que fizera, mas também era desnecessário desafiar a refém de modo a provocar sua hostilidade.

Por que fazia isso? Não podia se conter. Uma força primitiva o instava a recordar que ela havia lhe pertencido, completa e intimamente. Também estava apaixonado por Blair, e não conseguia esquecer como ela reagia a seu mais leve toque.

A vela balançou intensamente e exigiu de Taylor muita força nas mãos. Ele ficou tentado a baixar a vela, jogar a âncora e correr para a cabine, até satisfazer seu desejo por Blair, até fazê-la gritar depois de perceber que o queria, amava-o e, não importava como, confiava nele.

"Devagar, Taylor!", sua mente pediu. Os olhos examinaram a água. Existiam alguns problemas com o barco, e ele precisava resolvê-los. Mas não podia aproveitar para isso a iminente passagem pela cidade de Santa Maria Teresa, onde o rio se estreitava. Queria cruzar o local sem que ninguém notasse nada de incomum na embarcação. Segurando uma corda solta da vela a fim de estabilizar o barco, ele agachou-se junto à escotilha.

— Blair! Quero falar com você, aqui em cima.

Não houve resposta. Taylor de fato não esperava que ela o atendesse. Mas ficou agradavelmente surpreso ao ouvir o som de água corrente. Sabia, contudo, que sua princesa não lavava a louça para satisfazê-lo, e sim para passar o tempo.



— Blair — repetiu com doçura —, você pode por gentileza vir aqui? Não gostaria de lançar a âncora apenas para descer.

Ela ouviu o pedido com os dentes rilhados. Olhou para a cozinha, agora em ordem, e furiosamente enxugou as mãos em um pano de copa. Em definitivo, a embarcação, apesar de rústica, não era desprovida de comodidades. Verniz e pintura podiam estar desbotados, mas não havia uma única tábua na cabine que ela houvesse testado e não se mostrasse sólida. Os armários que descobrira se revelaram repletos de mantimentos, e a pequena geladeira a gás comportava uma boa variedade de carnes. Sob a bancada da mesa, havia feijão, arroz, batata e frutas.

Não obstante, nada disso era encorajador para Blair, pois só indicava que Taylor estava preparado para uma longa viagem.

Ele a chamou de novo, e o impulso de ignorá-lo foi tentador. Embora disposta a causar inúmeros problemas, Blair ainda não tinha certeza de que, irritado até seu limite, Taylor não a espancaria. Ele era fisicamente perigoso, em vários sentidos.

— Estou subindo — ela respondeu, escalando os degraus enquanto forçava no rosto uma expressão de hostilidade. — O que foi?

Ao alcançar o convés, Blair chocou-se contra Taylor e desviou o corpo para o lado.

— É preciso observar a roda, marujo. Preste atenção ao leme — ele comandou animadamente.

Ela olhou e, incrédula, viu que seu raptor havia fixado uma corda a fim de manter o leme parado em uma só direção.

— Não vou conduzir seu barco! — protestou, mas ele desapareceu na entrada para a cabine.

Resmungando, Blair soltou a corda e tomou o leme nas mãos. Não tinha a menor ideia do que fazer, mas conservar um barco na mesma direção, singrando um rio calmo, não exigia grande experiência. E se ela desviasse a embarcação para a margem, obrigando Taylor a parar? Estudou as margens, bem distantes naquele ponto, e nada viu de acolhedor: apenas folhagens escuras e densos arbustos.

Com um suspiro, ela observou a vela que tremulava alta e orgulhosa na brisa. O céu claro colaborou para compor uma imagem mística e cativante.

— Obrigado. — Taylor voltara sem ser visto e retomou a roda do leme, pousando sua mão sobre a dela. Houve uma espécie de choque, pois ela retirou os dedos e saltou imediatamente da cadeira de comandante que ocupava.

Ele lhe entregou uma sacola plástica com roupas, e Blair concluiu que seu atual algoz tinha descido com o propósito de apanhá-la. O conteúdo consistia em trajes de camponês: calça e blusa de algodão rústico.

— Gostaria que usasse isso — ele informou com brandura.

— Eu não vou usar. — Ela deixou a sacola cair a seus pés descalços.

Por um tempo que pareceu interminável, ambos se entreolharam, em desafio. Sob o semblante calmo, Blair sentiu os nervos alterados. Qual era o plano? Se Taylor fosse exigir resgate, por certo ela teria de ser devolvida sã e salva.

— Está bem. — O sorriso dele foi cativante. — Resolva se vai ou não usar o uniforme. Apenas achei que estaria se sentindo um pouco suada. Caso não tenha notado, há um chuveiro lá embaixo. Pensei que gostaria de se lavar e trocar de roupa.

— Obrigada, Taylor — ela retrucou com uma ponta de ironia. — Talvez eu tome banho, mas continuarei usando minha roupa. Ela girou nos calcanhares e rumou até a cabine. A ideia de utilizar o chuveiro era tentadora, embora ele se resumisse a um cano perfurado,

enroscado na parede e atrás de uma cortina de plástico. Sentiu-se realmente encalorada e necessitada de um banho, mas também vencedora quanto à decisão de não usar as roupas de camponês. Por outro lado, tudo indicava que, pela oferta que fizera de trajes limpos, Taylor pretendia navegar por longo tempo.

Procurando nos armários que se alinhavam na parede, Blair encontrou não somente toalha e sabonete, como também uma calça jeans e uma camiseta que, em vista do tamanho, eram seguramente destinadas a ela. Taylor talvez houvesse lhe dado os outros trajes para servirem de disfarce, ou imaginando que ela quisesse lavar as roupas que usava. Descobriu ainda que não havia meio de fechar a porta do alçapão que conduzia ao convés. Bem, o que estava esperando?

Atenta ao barulho da água que se chocava com o barco, ela deduziu que Taylor permanecia bastante ocupado lá em cima. Então, despiu-se, abriu a torneira e fechou a cortina do diminuto banheiro. A água era fria, como já esperava, mas não desagradável em face do calor externo e interno que Blair sentia. Ela fechou os olhos enquanto a cascata de água a envolvia, trazendo o estímulo de um prazer simples e inconsequente. O aroma do sabonete era bom, e Blair começou a se sentir como se pudesse retomar a batalha.

Com um suspiro, fechou a torneira, lembrando que o barco não devia ter um suprimento muito grande de água, e desejou poupá-lo para os dias seguintes, se viessem a existir. Parecia que sim, pois Taylor não se mostrava preocupado em continuar navegando sem nenhuma pausa. Certamente, o rio não abrigava crocodilos ou outros fatores de risco.

Um som quase indiscernível interrompeu os pensamentos de Blair. Retendo o fôlego, ela segurou a abertura da cortina e esperou. Após dois ou três minutos, nada ouviu e deixou o compartimento do chuveiro. Não havia ninguém ali, muito menos Taylor a espiá-la. Estendeu a mão para onde tinha deixado a toalha e descobriu que ela sumira. Ora, estava certa de que a trouxera, junto com as roupas. Mas também não era impossível que houvesse arrumado tudo sobre a cama, para não molhar as peças.

Não havia som algum na cabine. Taylor não poderia estar ali. No entanto, não só estava como se recostava informalmente na escada interna.

Um movimento singelo com os braços bloqueou a saída que Blair procurava, e o olhar assumiu uma insolente indiferença. Ele entregou a toalha e os trajes de camponês nas mãos dela, notando a face avermelhada.

— De novo, sugiro que vista isto, Blair. Mas a escolha é sua: ou isto, ou nada.

Apertando os dentes com raiva, ela pegou a toalha, preocupada em cobrir-se depressa. Tinha sido tola em pensar que a vitória era sua. Taylor adiantou-se para, gentilmente, dar um nó na proteção felpuda, mas só piorou as coisas ao roçar as mãos nos seios dela. Percebeu o sinal de alarme em Blair e a reação de seu próprio corpo.

— Não seja ridícula — ele declarou, contendo-se. — Conheço cada centímetro de seu corpo.

Voltou-se, apanhou um cigarro e saiu dali com aparente frieza.

Capítulo VII

Taylor acendeu o cigarro com o cenho franzido. Na caixa de isopor com gelo, pegou uma lata de cerveja. Agradeceu mentalmente a Brad Shearer pela cortesia e, com um longo gole, venceu a secura da garganta.

Com o cigarro e a cerveja em uma só mão, ele retomou o leme com a outra e sentou-se na cadeira de comandante, esticando as compridas pernas por debaixo da roda. Fazia tempo desde que se deslocara até a margem, lançara a âncora e dera um descanso ao motor e à vela.

Tinha chegado suficientemente longe. Queria agora um pouco mais de prazo com sua prisioneira antes de atingir áreas habitadas. Mais tarde, à noite, ele retomaria a navegação, cobrindo certa distância no escuro.

Fitando a corda esticada da âncora, Taylor amaldiçoou a si próprio. Era um agente de elite, conhecido pela capacidade de coagir as pessoas até que concordassem com seu modo de pensar. Teria de pressionar Blair um pouco mais, porém esse profissionalismo parecia havê-lo abandonado.

Taylor apanhou-se pensando na pele daquela mulher, na textura aveludada de todo o corpo. Isso o levou a lembrar as curvas de Blair, os seios que ganhavam vida a seu toque, a lascívia que provocava quando sugava os mamilos.

Com um seco grunhido e nova imprecação, Taylor lembrou que sempre tivera o dom de aceitar a realidade, não importando o quanto ela fosse difícil. Por isso, julgara ter sido premiado ao conhecer Blair.

Os motivos alegados para que ele a vigiasse continuavam sigilosos, mas não requeria uma mente demasiado astuta para perceber que o medo de ações de guerrilha, às costas deles, tinha influenciado nas ordens.

Reconhecia que a fina aristocrata não poderia saber de nada, mesmo em caso de fracasso, mesmo que algo desse errado e ela fosse capturada por gente afeita a métodos cruéis para extrair informações.

Alguma coisa havia mudado. Se tinham lhe pedido para sair do acampamento levando Blair, alguma razão existia. Mas, mesmo prevenido da existência de guerrilhas em um país conturbado, Taylor preferia pensar que sua viagem, da selva até a costa, constituía mera precaução.

Seu chefe devia ter imaginado que, uma vez no barco, a dupla não teria como passar o tempo. Não conhecia bem a filha de Andrew Huntington.

Taylor sentiu raiva dela, mas o sentimento era fora de propósito, e ele sabia disso. Blair contava com recursos acima da média das mulheres. Sua educação lhe permitia dormir em leito estreito, sem reclamar.

Taylor jogou o cigarro na água e voltou o pensamento para o corpo nu da companheira de viagem.

Estava sendo atraído para ela, sabia, mas lutava contra isso, enquanto Blair lhe atingia o fundo do ser simplesmente por existir. Bastava olhar para ela, e seu corpo reagia com tortuosa tensão, sua respiração se tornava rápida e pesada.

"Esqueça", Taylor alertou-se. Blair o havia classificado como a escória do mundo e não ficaria longe disso quando ela conhecesse a verdade. Ponderou vagamente se Blair compreenderia. Depois se ergueu impaciente, fugindo do sol que brilhava em um círculo escaldante. Um jantar agradável com sua relutante prisioneira cairia bem, tão logo ele lançasse a âncora.

Também seria bom se ela dormisse profundamente por longas horas.

Retornando à cabine, Taylor encontrou evidências de que Blair havia revirado o local,



em busca de roupas. Ele sorriu, pois obviamente ela não achara nada e apenas se cansara. Vestida nas roupas nativas que antes recusara, ela repousava na cama, o olhar fixo nas tábuas do teto.

Taylor a ignorou e examinou o fogão, faminto. Já que ela não havia preparado nada para comer, colocou na panela uma generosa porção de arroz e pedaços de carne. Não era exímio um cozinheiro, mas aprendera o suficiente para sobreviver.

Ao olhar de viés para Blair, Taylor constatou que ela notava sua presença, porém escolhera o desprezo como arma de defesa. Como gostaria de arrancá-la da cama e dar-lhe um pontapé no traseiro que a levasse direto para a beira do fogão! Não era uma atitude machista.

Se Blair ajudasse, a refeição ficaria pronta mais rápido e seria bem mais palatável.

Taylor teve o bom senso de não fazer nada. A paciência era uma virtude que também aprendera a cultivar. Verificou a panela e, minutos depois, tinha um jantar a saborear. Pegou talheres e dois pratos no armário, arrumou precariamente a mesa redonda e anunciou:

— Jantar. — Antes de se sentar, ele vasculhou o compartimento e descobriu, com alegria, um engradado cheio de garrafas de vinho. Removeu a rolha de uma e serviu dois copos à mesa.

Blair gostaria de recusar o convite, porém não pôde. A situação já se achava no limite de não morrer de fome. Fazia vinte e quatro horas desde que havia se alimentado pela última vez.

Taylor não a fitou quando ela veio sentar-se. Já que decidira conter-se e privar-se, concluiu que qualquer iniciativa na direção de Blair seria perda de tempo: Ela observou os blocos de arroz grudados, pouco apetitosos, mas a carne parecia excelente. Testou-lhe o sabor, cortando um pedaço. Em silêncio, Taylor a viu comer com prazer, enquanto se concentrava no próprio prato. Foi uma espécie de desafio, ver quem suportava por mais tempo o silêncio constrangedor.

— Suponho que eu deva ser entregue saudável e bem alimentada — ela provocou, após tomar um gole de vinho. — E este uniforme, sem dúvida, faz parte da prestação de contas.

— Sinto muito — ele contrapôs — que não tenhamos champanhe francês para o seu desfrute. Mas é verdade que você precisa voltar em boas condições.

Taylor acendeu um cigarro, sem esboçar gesto algum para servir mais vinho a Blair. Com sarcasmo, ela precisou pedir licença a fim de pegar a garrafa.

— Também quer um pouco? — ofereceu em tom irônico, mas ele exibiu uma expressão descontrainda. — Bem, suponho igualmente que devo confiar em você.

— É verdade. — Taylor acautelou-se diante da acidez de Blair.

— Você é mesmo um rapaz simpático.

— Disse tudo.

— Então, Senhor Simpatia, já pensou que o grupo de combate à fome ficou carente de pessoal e com isso terá problemas?

— Nada faltará à turma. Em pouco tempo, o dr. Hardy receberá algo mais importante do que sua preciosa presença: dinheiro.

Blair procurou esconder a surpresa atrás de mais ironia.

— Certamente você trabalha em várias frentes, não?

— Lamento desapontá-la. — Uma leve expressão de vitória perpassou-lhe a face. — A doação vai ser um presente pessoal de minha parte.

Perplexa, ela mal pôde respirar. Então, Craig Taylor era mesmo rico, e não por causa



de um resgate. A não ser, claro, que estivesse mentindo, ao contrário do que sua educação e experiência deixavam entrever. Mas de qualquer modo a informação transmitida não era tranquilizadora. Se o objetivo dele não era um resgate em dinheiro, a implicação se tornava mais grave. Só podia estar relacionado com política.

— Você deve ser uma espécie de fanático esquerdista — Blair murmurou.

Taylor mudou de posição e inclinou-se para ela, apoiando os cotovelos na mesa.

— Não, sra. Teile. Já lhe disse que pratico magia negra na floresta, à noite, com meus amigos da selva. Acontece que alguns de nós temos dinheiro. — Afastou-se da mesa com feições mais cansadas do que divertidas, estendeu a mão a fim de pegar o copo de vinho e ergueu-o no que parecia um brinde. — Desculpe-me. — Com isso, subiu os degraus até o convés, onde, como de costume, esticou as pernas sob a roda do leme.

Blair terminou de jantar rapidamente, contente por não ter o olhar de Taylor como testemunha de sua voracidade. Magia negra! Se ainda estivessem no século XVII! Mas deleitou-se com a imagem de uma cena em que seu raptor encontrava-se amarrado a uma estaca, tendo brasas flamejantes aos pés.

Contrariada, fitou os pratos, talheres e panelas sujos. Poderia mostrar-se cooperativa e limpar tudo. Mas não. Taylor podia esperar. Blair afastou-se da pia imaginando que, pela manhã, encontraria uma lavadora automática a sua disposição.

Irritada com a roupa folgada que dançava em seu corpo, ela perguntou-se por que Taylor havia trazido um jeans a mais, se a obrigava a usar aqueles trajes da América Central.

Sentindo-se sufocada na cabine, ela também subiu a escada até o convés superior. O comandante não se voltou para ela, mas lhe detectou os movimentos.

— O que está fazendo? — quis saber.

— Procurando um pouco de ar fresco — ela respondeu secamente, para depois acrescentar com humildade: — Posso?

— Claro.

Blair buscou privacidade junto ao mastro principal, onde abriu a camisa de brim rústico. Fitou a água na tentativa de se localizar. Onde estavam? No escuro da noite, era difícil dizer. A nesga de lua não iluminava a margem do rio, talvez porque a claridade da cabine fosse mais forte. Em todo caso, o que haveria para ver? Selva, mato ou manguezais. Ela sabia que já estava longe do acampamento de combate à fome, mas onde? A América Central era grande, como não ignoravam as pessoas de seu meio, no entanto, caso divisasse um vilarejo, poderia gritar por socorro.

Era improvável. Taylor não parecia um amador que lhe propiciasse tal oportunidade.

E o que aconteceria, Blair continuou matutando, se pulasse e nadasse até a margem? Estava familiarizada com a floresta, e também seu espanhol era excelente. Sem dúvida conseguiria ajuda. Mas a escuridão continuava sendo um forte obstáculo.

— Sem ideias loucas, Blair — Taylor a abordou com uma das mãos no ombro, como se adivinhasse seus pensamentos. — Se nadar para a margem, logo estarei atrás de você, e nado como um peixe. Se alcançar a terra, posso correr como um cervo. Também consigo pular de galho em galho, como o mais ágil dos macacos.

— Estou impressionada! — Blair murmurou em tom cáustico, erguendo o ombro a fim de livrar-se da mão dele. — Diga-me, sr. Taylor, há outros talentos que o façam destacar-se dentro do mundo animal?

Taylor riu.

— Não pretendia me gabar — disse ele, agachando-se ao lado de Blair. Seus olhos cintilantes agora insinuavam cenas de deliciosa intimidade. — Mas há algumas coisas que sei



fazer como um coelho.

Ela respirou fundo e ergueu-se, com a graça de sempre; murmurou um boa-noite e retornou ao alçapão, à vigia que dava acesso à escada para a cabine. Taylor observou sua retirada, notando os ombros retos e o queixo erguido. Mesmo na penumbra, os cabelos dela brilhavam, cascateando até o meio das costas.

De mãos cruzadas sobre o colo, contemplou o céu noturno. Por um instante, apenas um instante, sentira como se houvesse rompido o gelo com Blair.

Ouviu os movimentos dela na cabine e ponderou na inevitável batalha que travaria naquela noite. Não poderia manter Blair dopada para sempre. Chegara a pensar em dar-lhe mais uma injeção na veia e passar a noite inteira tranquilo no convés, enquanto ela dormisse. Mas descartou a ideia quase imediatamente.

Em uma viagem longa, precisava chegar a um acordo razoável com a prisioneira, dona de muita fibra e coragem. Caso ela tentasse fugir, poderia machucar-se seriamente.

Não, era melhor que se entendessem a fim de dormir na mesma cama, ainda que isso significasse uma contenda infernal. Relaxou a musculatura depois de admirar o céu e caminhou até a linha da âncora. Momentos depois, o barco já se movia na correnteza.

Mais uma vez, Blair ignorou a confusão reinante na cabine, depois do jantar. Tomou mais vinho, cujo gosto ácido não mais a incomodou. Investiu na ideia de que o álcool aplacaria o turbilhão de ideias em sua mente.

Quanto tempo aquela situação iria durar? E, de novo, quem era Craig Taylor? Além de um feiticeiro da floresta, acrescentou mentalmente com humor cáustico. Incapaz de rotular seu carismático raptor como um renegado, ela começou a racionalizar, ocupando uma cadeira e acendendo mais um cigarro.

Enquanto alternava as tragadas e os goles de vinho, desenvolveu alguns conceitos. Tinha de existir alguma boa qualidade em Taylor. Era impossível equiparar o homem de carne e osso que viera a conhecer tão bem nas últimas semanas com um assassino frio. E lunáticos cruéis, de esquerda ou de direita, não mandavam dinheiro a associações humanitárias como compensação por ter-lhes roubado um par de mãos eficientes.

Seria viável tocar o fundo da alma de Taylor e convencê-lo de que seu modo de vida estava errado? Ele a ouviria? Blair poderia, em troca, prometer cooperar, interceder, ou mesmo omitir qualquer acusação contra ele perante as autoridades.

Pensando melhor, era um absurdo. Taylor não tinha o perfil de quem desistia de uma ação que houvesse escolhido realizar. Quaisquer que fossem seus princípios, ele os seguia e os cumpria à risca.

A não ser que, em um belo momento, admitisse seu erro.

Blair espantou-se ao sentir que o barco se movimentava outra vez. Tentou em vão enxergar alguma coisa pela vigia. Por que Taylor navegava de noite?

Ela retornou à cadeira. Nada daquilo importava, já que não faria tentativa alguma de escapar. Exausta física e mentalmente, só queria lavar o rosto e desabar na cama.

Defronte ao espelho do banheiro, Blair ficou surpresa por ver que sua aparência pouco havia mudado. Abrindo o armário, encontrou, como esperava, uma escova de cabelos na segunda prateleira. Mecanicamente, ela a usou sobre suas mechas raivas. Preferia não pensar em mais nada, presa de um infundável redemoinho que lhe confundia a mente. Preferia não sentir, já que as emoções que experimentava eram todas dolorosas.

Blair desejava alívio do medo e da traição, um escape de seus dilemas. Apagou a luz e acomodou-se na cama, repousando com prazer a cabeça no travesseiro. Na verdade, temia não dormir, pois a mente não era como uma lâmpada que simplesmente podia ser desligada.



O cansaço a venceu, e Blair não só adormeceu logo como não acordou durante a noite. Quando Taylor entrou na cabine, ela dormia tão profundamente que ele, em silêncio e no escuro, apenas tomou seu lugar ao lado dela. E também não houve dificuldade em se levantar, de madrugada, muito antes que ela percebesse sua presença ali.

Uma espécie de teste de vontade sucedeu-se pela manhã. Taylor procurou ser amável, mas tinha um detalhe a comprovar: Blair devia cooperar com ele.

Assim, embora cozinhasse e servisse um prato para ela, Taylor só limpava o que necessitava usar. Teimoso, ateu-se a tal decisão, que também foi demonstrada quando quebrou um prato caído no chão e deixou os cacos no mesmo lugar.

Ela acabaria ficando irritada com toda aquela desordem na cozinha e se proporia a arrumá-la. Era o que ele pensava, pois Blair, convencida de que ele quebrara o prato de propósito, ignorou solenemente os resíduos, bem como as observações de Taylor, e manteve distância. Não obstante, agir dessa maneira demandava um considerável esforço.

Ao cair da noite, depois de um jantar reciclado a partir do almoço, e com a mesa deixada suja outra vez, Blair sentiu-se novamente cansada. Havia assumido a direção do barco à tarde, enquanto Taylor descansava e tomava sol no convés. Quando ele subiu, após a refeição, ela permaneceu na cabine, pronta para um cochilo, mas aborrecida com a louça quebrada no piso e a confusão geral na mesa.

Determinou-se a não fazer nada a respeito disso, e, de novo, o sono lhe veio fácil.

Algum tempo mais tarde, Blair começou a despeitar sob uma miríade de sons que se filtravam por sua consciência. Pôde ouvir vozes ao longe, algumas sérias, outras ensaiando risadas. Ainda mais longe, escutou os acordes de um violão.

Saltando da cama, ela deslocou o tampo do alçapão e olhou, equilibrada na escada. Estavam passando por um vilarejo, e as vozes vinham das docas, onde pescadores noturnos conferiam o conteúdo de suas redes. Luzes de uma cidadezinha brilhavam em amarelo pálido e, em algum bar, os trabalhadores deviam estar tomando cerveja e ouvindo música.

O rio se apresentava estreito naquele ponto. Seguramente, Blair poderia chamar por socorro e ser acudida pelos aldeões.

Alcançando o convés, ela observou Taylor, cujos olhos também pousavam nas margens povoadas enquanto manobrava o leme. Blair precisaria passar por detrás dele e se arrastar até a amurada se quisesse pedir socorro.

Antes que desse um passo, Taylor a puxou pela cintura e obrigou-a a dividir a roda do leme com ele. Com a respiração suspensa, ela pronunciou um débil "Socorro!", que infelizmente não ultrapassou os limites da embarcação. Mas ela insistiu, dessa vez mais forte:

— Socorro! *Ayudame!*

Navegar em leito tão diminuto era arriscado, mas Taylor parecia ter tudo sob perfeito controle, mesmo com uma só mão sobre o leme. A outra servia para manter Blair a seu lado e forçar a cabeça dela contra seu ombro, a fim de tapar-lhe a boca. A ela pareceu uma tortura, porque quanto mais se debatia, mais se enredava na força muscular do comandante.

— Não posso deixá-la fazer isso, Blair — ele explicou, relaxando um pouco o aperto.
— Por favor, não grite mais.

Os olhos dele pediam compreensão e anuência, em vez de impor uma ordem. No entanto, enquanto isso acontecia, o barco terminou de passar pelo vilarejo, debaixo de acenos amistosos dos pescadores. Taylor pôde então ajustar o braço que mantinha em tomo de Blair, sentindo que ela gritaria por ajuda de novo, embora sem resultado prático: a aldeia ficara para

trás e, tangida pelo vento forte, a embarcação parecia voar sobre as águas.

— Se quiser, pode acenar para o simpático povo daqui — ele zombou.

— Solte-me! Não vou acenar nem gritar...

Taylor não a libertou e fixou nela um olhar estranho, como Blair pôde perceber. Naquelas condições, talvez ele nem a houvesse escutado. Em seguida, o comandante fixou detidamente a vela principal.

— Segure o leme — ordenou, enfim soltando-a e correndo até o mastro. — Segure firme!

Blair nada entendia de navegação, mas, sentindo uma onda forte sacudir o barco, instintivamente agarrou o leme. Detestava o papel de imediato de um comandante pirata, mas também abominava a ideia de morrer afogada.

Rapidamente, Taylor passou a balançar a linha da âncora, depois puxou o cordame da vela, manobrando-a de forma a estabilizar o barco. Vendo que uma nova e perigosa onda crescia à sua frente, Blair reteve o leme com toda a força que pôde. A embarcação respondeu, rolando com facilidade apesar do vento intenso.

Momentos depois a vela estava dominada e o deslocamento entrou em ritmo seguro, apesar da inclinação do barco para estibordo. Nos mesmos pés descalços que o haviam ajudado a equilibrar-se sobre as tábuas do convés, Taylor dirigiu-se até Blair e retomou o controle do leme.

— Pode voltar para a cama — disse com aspereza.

Os belos olhos que ela contemplou não foram capazes de redimir a grosseria do comandante, alheio à ajuda que recebera. Sem uma palavra, Blair virou-se e desceu a escada. Os pratos que propositalmente deixara sobre a mesa haviam caído no chão e se transformado em cacos. Seu primeiro impulso foi limpar todo aquele desastre, mas logo mudou de ideia. Afinal, era uma refém, não uma criada.

Ao sentir um movimento às suas costas, virou-se para se deparar com Taylor. Era claro que ele também não tinha a intenção de recolher os cacos. Com óbvio desprazer, falou abruptamente para Blair:

— Você limpará isto pela manhã.

Ela não respondeu, e ele julgou desnecessário reforçar a instrução. Já deitada, Blair acompanhou com o olhar todos os movimentos de Taylor, enquanto ele diminuía a luz do ambiente, mas preferiu agir como se estivesse dormindo e não acordaria exceto se fosse forçada a tanto.

— Dê-me espaço na cama — ele ordenou logo depois.

— O quê? — os olhos se abriram arregalados, incrédulos.

— Eu disse para você me deixar deitar — ele respondeu impaciente.

Blair a princípio não se mexeu, mas deu-se conta de que estava bem acordada e saltou da cama, encarando seu algoz com as mãos na cintura.

— Oh, não! — protestou. — Você não vai dormir aqui dentro comigo.

Imaginara uma queixa cheia de dignidade, mas as palavras soaram como súplica. Sentia um medo terrível, mais de si mesma que de Taylor. A despeito de tudo o que acontecera entre eles, Blair vinha evitando encontrar desculpas. Passava incontáveis momentos, porém, admirando o homem que a levava embora do acampamento.

— Você prometeu — acusou. — Você disse...

— Prometi que nunca a forçaria a nada, e não se preocupe. Não tenho intenção de tocá-la. Só quero dormir direito, em uma cama. — Ele omitiu a informação de que já ocupara



a vaga ao lado dela, na noite anterior.

— Eu posso dormir no chão — Blair propôs em desespero.

Taylor cruzou os braços diante do peito desnudo e balançou a cabeça em negativa.

— Perdão, mas ancorei muito perto da margem. Como você não confia em mim, também não confio em você. Poderia pedir para nadar um pouco e, então, tentar atravessar a selva até o povoado mais próximo. Mas prometi entregá-la em boas condições, por isso nem pensar em aventuras noturnas.

— Não fugirei — Blair asseverou, ciente de que mais uma vez estava implorando. — Conheço os riscos e dou-lhe minha palavra...

— Blair! — ele interrompeu, ansioso embora quisesse ser razoável. — Sob circunstâncias normais, sua palavra me bastaria. Mas agora estou cansado demais, e deitar-me a seu lado é minha única garantia de que perceberei qualquer movimento.

— Não irei para a cama com você! — A frase soou aguda, quase histérica.

Todo sinal de racionalidade abandonou a voz de Taylor.

— Escute, mulher! Meu corpo não mudou da noite para o dia. É o mesmo com o qual você se sentiu confortável, faz vinte e quatro horas. Portanto, você tem duas escolhas: aceitar-me a seu lado ou ser amarrada na cama, pelos pulsos e tornozelos, para eu ter certeza de que não vai se aventurar lá fora.

— Você não faria isso! — Blair arfou.

— Prefiro não fazer — disse Taylor —, porém a escolha é sua. Repito: estou exausto demais para discutir, mas...

Ele permitiu que a frase se alongasse em uma fria advertência. Blair vacilou, confusa e desorientada com o curso dos acontecimentos. Também não se dispunha a discutir, sabendo que perderia o confronto.

Como a hesitação persistiu, Taylor deu o primeiro passo ameaçador em direção a ela.

Capítulo VIII

— Espere aí! — Blair interrompeu o avanço de Taylor, formando uma barreira com as mãos. — Concorde em ficar no meu canto da cama. — Esticou o corpo com fingida frieza, de costas para o lado de seu raptor.

— Obrigado — ele emendou secamente.

— É evidente que você conhece meu pai — ela murmurou com acidez. — Não poderia imaginar que ele tivesse criado uma completa idiota!

Taylor não respondeu e, claro, Blair não viu que ele franzia a testa. Julgava sua posição bastante mim, mas a de Andrew Huntington seria pior, quando tentasse explicar toda aquela confusão à sua filha temperamental. Bem, seria um problema para o outro. Ele já tinha o seu.

De uma gaveta embutida, Taylor retirou um lençol extra. Puxou de um só golpe aquele



a que Blair se agarrava e lançou sobre seu corpo a peça limpa e fresca, antes que ela pudesse protestar.

— Acho que não está bordado "ele" e "ela" nesses lençóis — Taylor gracejou, preparado para subir à cama e cobrir-se até os ombros, não para proteger-se da aragem procedente da escotilha, mas para controlar suas necessidades instintivas.

Os minutos então se tornaram uma eternidade. Nenhum dos dois ousava mexer-se, ambos plenamente conscientes um do outro, atentos a cada respiração, a cada leve movimento. A selva era terrivelmente silenciosa à noite, nenhum rumor vinha das margens. Até mesmo o bater da água contra o casco do barco se mostrava suave.

Duas noites antes, apenas duas noites, pensou Taylor, ele tivera Blair em seus braços, em um frenesi de paixão que, este sim, poderia de bom grado durar uma eternidade.

Mas tudo era diferente. Ao céu sucedera-se o inferno ao qual os dois haviam sido condenados. Mas ele não conseguiria agir de outro modo sem renegar as ordens de seus superiores. Quando dormisse, gozaria de um sono profundo. Ele não considerava Blair uma idiota, longe disso. Ela conhecia os perigos envolvidos naquela operação, e também estava desesperada. Taylor não poderia correr o risco, ainda que remoto, de que ela escapasse, dando preferência a algum predador venenoso da floresta.

Blair desconsiderava a hipótese de confiar cegamente nele. Porém, em sua avaliação, não merecia aquele olhar de ódio que percebera quando ela o flagrara comunicando-se por sinais luminosos, no descampado.

Incapaz de adormecer, Taylor calculou que, em quarenta e oito horas, havia dormido menos de três. Sentia-se como que fora do mundo. Em sua vida, já se deitara na grama e no lodo, em meio a tiroteios e conflitos. Mas naquele momento não conseguia serenar-se, ao lado de Blair. Sentindo calor, afastou o lençol que o cobria e ficou apenas com a calça, de tecido grosso e desconfortável. Impaciente, resolveu tirá-la, para dormir praticamente nu, como fazia na privacidade de sua casa ou de uma barraca de campanha.

— O que está fazendo? — Sem olhar, Blair sentiu a movimentação.

— Tirando a calça — ele anunciou, surpreso com a malícia com que pronunciara a resposta. — E não me importo se você não gostar.

Gostar não era a questão. Como Blair, em seu canto da cama, poderia conciliar o sono com um homem como Taylor a seu lado, semi-despido e cheio de uma sensualidade prestes a aflorar? Ela já conhecia sua força viril, e por isso conteve um suspiro, mais de desejo que de contrariedade.

— Não se preocupe — ele avisou. — Se você rolar para o meu lado, não encostará em nada que já não conheça.

— Infelizmente, é verdade — disse Blair apenas para rebater o insulto.

Mais do que nunca, Taylor sentiu vontade de esganá-la. Não era uma intenção legítima, claro, mas a tensão contida no ar havia se tornado uma batalha por autocontrole. E ela a estava ganhando.

Blair não sentia senso de triunfo algum. Os fatos podiam ter mudado, mas não os corpos de ambos e suas exigências. Um magnetismo animal eletrizava o ar entre eles. Taylor guardava distância, porém Blair podia senti-lo inteiro e seu corpo clamava por ele, como se um fogo involuntário lhe tomasse as terminações nervosas, sugerindo o êxtase do prazer compartilhado. Podia dizer a si mesma que o odiava, mas a memória carnal era mais forte.

"Foi tudo planejado", ela pensou no escuro, em busca de energia para combater a vontade de fazer amor com Taylor. Ele a havia sequestrado em seu proveito próprio, visando algum lucro secreto. Apenas por isso, ela não via cabimento em cair outra vez nos braços



dele, embora seguisse torturada pela lembrança do belo corpo nu e dos atributos masculinos, tudo tão próximo. Restava-lhe a infelicidade de passar algumas horas na cama, ao lado de Taylor, ambos imóveis, sem qualquer tentativa de movimento ou ação. De madrugada, o sono finalmente a venceu. Inconsciente, ela deslizou para cima de Taylor.

Isso encerrou o sono que ele finalmente encontrara. Não se moveu, porque Blair se ajustara como uma luva a seu corpo. A pele, os cabelos, o aroma excitante o deixaram em estado de alerta. Ela havia se curvado sobre seu tórax, fazendo com que os respectivos lábios quase se tocassem. Tinha se livrado do lençol, e por isso a única barreira restante entre eles era o brim rústico da roupa de camponesa.

Inútil resistir.

Taylor afagou os cabelos ruivos de Blair, desceu a mão por suas costas e acariciou os quadris que se elevavam tentadoramente. Imersa no sono, com um leve suspiro, ela fez um movimento natural e sensual de ajuste. Logo acordaria, previu ele, e com toda a firmeza poderia alegar inocência. Ela é que se deitara sobre ele!

Respirando fundo, Taylor deu-se por vencido. Seus braços envolveram o corpo delicado de Blair, a fim de lhe propiciar conforto na travessia entre a terra dos sonhos e a exótica realidade que viviam.

Blair não despertou de imediato. Parecia serena e satisfeita, em sono profundo, até começar a mover os membros com adorável preguiça. A respiração acompanhou a transição, tornando-se mais rápida e mais quente.

Ao abrir os olhos, ela deparou diretamente com o olhar penetrante de Taylor. Percebeu-se semi-reclinada sobre ele, um joelho dobrado, a outra perna em paralelo com a dele. Consciente da proximidade dos corpos, sentiu um calor que começava na raiz dos cabelos e terminava no ventre, no ponto onde se dava o contato mais íntimo.

— Tire as mãos de mim! — gritou, à beira do pânico.

Taylor ergueu as mãos, que já não a tocavam, e sorriu com a divertida certeza da inocência. Tinha sido a vítima.

— Droga! — ela explodiu ao dar-se conta de que fora a inadvertida agressora. Saltou da cama, xingando como um marinheiro, de modo a convencer Taylor sobre o que pensava dele.

— Não esqueceu nenhum palavrão? — ele ironizou, menos calmo do que aparentava estar. Estava frustrado, e até furioso, com o resultado da aventura.

Blair o fitou por um segundo, confusa, então procurou o banheiro, onde pretendia recuperar o brio e a dignidade, longe de Taylor, mas não conseguiu fechar a porta. Ele saiu da cama, sem a menor preocupação com sua nudez, e esticou a mão pela fresta, agarrando o braço dela.

— Gostaria de ser um cavalheiro e deixá-la usar o banheiro antes, mas... — Com um puxão, tirou Blair do aposento e entrou. — Você há de convir que eu preciso de um banho frio sem demora. A não ser que tenha em mente outra alternativa para remediar a situação...

Como que ofendida pela ousadia dele, Blair apanhou um caco de louça e atirou-o contra a porta, mas Taylor, mais rápido, já a havia fechado. Com raiva, ela pisou no fragmento de cerâmica, propositalmente para cortar a sola do pé. Tratar do ferimento seria tratar também de seu orgulho, comprometido após os eventos daquela noite.

Pelo bom senso, ela deveria ter recolhido os cacos anteriormente. Agora seu pé começava a doer e um filete de sangue se formava no chão. Não se tratava de um corte



profundo, mas continuava a sangrar, a despeito de seus esforços para estancar o fluxo. "Ótimo", pensou sombriamente, "agora é que não terei meios de fugir. Que ao menos não apareça uma gangrena."

Rindo da própria insensatez, Blair nem notou que Taylor estava de volta.

— O que aconteceu? — ele se afligiu, vendo o pé dela ensanguentado.

— Nada — ela resmungou, desviando o olhar.

— Deixe-me ver seu pé — ele pediu, aproximando-se.

— Não permito que me toque — Blair começou de novo, mas apesar de seus protestos Taylor agarrou-lhe a perna e deixou-a sem equilíbrio.

— Você é mesmo uma boboca — ele acusou, soltando a perna e procurando refúgio debaixo da escotilha.

Ela o observou perplexa, até que ele voltou em sua direção, portando um estojo de primeiros socorros.

— Obrigado — disse Taylor ao vê-la sentar-se e ergueu o pé ferido.

— O que é isso? — Blair preocupou-se com o líquido incolor no qual Taylor molhou um chumaço de algodão. Parecia álcool.

— Pode arder um pouco — ele preveniu —, mas não me consta que você seja covarde. — Terminou de limpar o ferimento e só então respondeu: — E água oxigenada.

— Ah! — Ela mostrou-se aliviada, enquanto os olhos brilhavam em novo surto de hostilidade. — Não foi minha culpa. O caco de vidro estava no chão e eu pisei nele.

— Bem, não estaria se você tivesse varrido o chão da cozinha. — Taylor empunhou um frasco cheio de um líquido vermelho. — Mertiolate — explicou. — Agora sim, vai arder.

Desafiada, Blair não gemeu, mas a ardência foi intensa. Taylor encerrou os cuidados ao enrolar-lhe uma comprida atadura no pé.

— Enquanto não surge o tétano — ele gracejou cruelmente —, por que não faz um café?

Em retribuição ao curativo, ela poderia dizer "sim", mas não conseguiu. Taylor a irritava além da conta, e isso só tinha uma explicação: estava apaixonada por ele! A consciência da verdade relampejou na mente de Blair, incapaz de escondê-la de si mesma, mas tinha de escondê-la de Taylor. Não era tão idiota ou ingênua a ponto de confessar-se enamorada de seu raptor.

— Não vou fazer — retrucou.

Ela notou uma sombra de desapontamento nos olhos de Taylor, que foi para a cozinha. Pouco depois, sentiu o aroma de café fresco, junto com o de toucinho e ovos. Curiosa, aproximou-se do recinto e viu que a cozinha havia sido caprichosamente arrumada e que não restava um só caco de louça no piso. De pé junto ao fogão, Taylor passava o conteúdo da frigideira para um prato-

Blair foi lavar o rosto e escovar os dentes. Quando retornou, deparou com Taylor confortavelmente sentado, fazendo sua refeição. Depois de esvaziar o prato, ele o pôs de lado e acendeu um cigarro, para fumar com a segunda xícara de café.

Tudo bem. Se ele se recusava a cozinhar para ela, Blair daria um jeito e repetiria o cardápio depois que Taylor subisse, preparando algo para si mesma. Decidiu ir ao convés enquanto ele ocupasse a cabine. Depois trocariam de lugar. Simples e sem problemas.

Mas existia um problema, sim. Antes de chegar à escada, Blair fez menção de servir-se de um cigarro dos de Taylor, que reclamou.

— Lamento, sra. Teile. Esses cigarros são meus.



— Ótimo — ela disse, desistindo de fumar. — Vou viver mais tempo.

Sentada no convés, ela bem que gostaria de um cigarro, embora não fosse uma fumante compulsiva e por isso mesmo não comprasse maços ou pacotes.

— Se é assim, vou parar de fumar — disse em voz alta.

Era incrível como essas trivialidades a aborreciam. Só que agora ela já conhecia o motivo.

Em guerra silenciosa, por três dias Blair não dirigiu a palavra a Taylor. Estabelecera-se uma rotina: quando ele subia, ela descia, e vice-versa; quando ele cozinhava, ela esperava que comesse e depois preparava a própria refeição.

Na quarta manhã, ele lhe ofereceu uma muda de roupas, alegando que os trajes que ela usava logo apodreceriam se ela não os tirasse e lavasse. Blair não respondeu. Lavaria a roupa, sim, desde que ele não estivesse por perto e pedisse para cuidar também de seus andrajos.

Blair fritava alguns ovos quando ouviu vozes. Falando em espanhol, Taylor parecia chamar o piloto de outro barco próximo.

— *Necesito un favor, amigo!*

O diálogo que se seguiu desenvolveu-se entre risos e elogios. Foi quando Blair percebeu que o barco estava parado. Essa não! O indomável Taylor havia encalhado sua embarcação! Com toda a sua arrogância, o sabichão não conseguira desviar-se de um obstáculo. Depois dos ventos fortes da noite anterior, faltara-lhe a habilidade para atracar em segurança.

Rindo, Blair deu-se conta de que gritar por socorro, ao passarem pelo vilarejo, beirava o ridículo. Não seria ouvida nem salva por pescadores sem autoridade ou iniciativa própria. Mas, agora, o barco ao qual Taylor pedia reboque devia ser chefiado por um comandante, um homem de certo prestígio e alguma vivência, apto a resgatá-la e conduzi-la até um lugar civilizado.

Os marujos já estavam atando cordas, enquanto os passos de Taylor podiam ser ouvidos no convés. Ela rumou para a escada, esquecendo as bandagens no pé ferido e suportando a dor que surgia ao pisar. Colocou a cabeça para fora da vigia e sorriu com satisfação. A embarcação que os socorria era grande, e, na atarefada tripulação, viam-se muitos pescadores gravitando em torno do comandante, este um profissional maduro, com uma protuberante barriga. Taylor achava-se entretido com o leme, ao mesmo tempo em que guiava uma corda para a melhor posição.

Aparecendo no convés, Blair passou como um raio por seu raptor. Na amurada, atraiu a atenção do outro comandante com uma frase chorosa.

— *Ayudame! Ay, por favor! Ayudame!*

— *Que pasa?* — A menos de dez metros dela, sobre a água, o homem interessou-se.

Blair abriu a boca para explicar, mas Taylor já se colocara atrás dela, puxando-a com inesperada força.

— Saia! Deixe-me em paz! — ela exclamou em desespero, para depois gritar em espanhol: — Sou refém deste homem! Ele me raptou! Sou norte-americana e preciso ir a uma embaixada, ao consulado...

O agarrão vigoroso no braço causava dor e indicava que Taylor não estava para brincadeiras.

— *Mi esposa...* — gritou para o colega, simulando tristeza. — *Mi esposa está un poço*



loca, mala de la cabeza, sabe... — Depois murmurou para Blair: — Abaix-se aí e cale-se!

Vergada, lutando contra ele, Blair ainda conseguiu dizer:

— Ele não é meu marido! É um criminoso e está me retendo aqui contra a minha vontade.

Taylor aumentou a pressão no braço dela, denotando ódio no olhar. Não importava, pensou Blair, desde que o esquema desse resultado. Mas os marinheiros, incluindo o comandante, apenas riram, dizendo a Taylor que ele havia procurado encrenca ao casar-se com uma norte-americana.

— Mas é bonita! — comentou um marujo gorducho. — Conte-me, amigo, ela é um furacão na cama? Daria tudo o que tenho por uma hora...

Divertido em vez de insultado, Taylor enlaçou sua prisioneira pela cintura, cravando os dedos entre as costelas como advertência para que se calasse.

— *Si, senores*. Minha esposa é um furacão, mas não está disponível, nem mesmo por um minuto.

— Fique de olhos abertos, amigo — interveio o comandante. — Mulher ruiva e norte-americana é sinônimo de muito transtorno.

Esboçando um falso sorriso, Taylor concordou. Blair nunca se sentira tão humilhada, e não obstante agarrava-se ao que poderia ser sua última chance de escapular. Deu uma cotovelada em Taylor e, contente, ouviu-o gritar de dor.

Mas a satisfação foi efêmera. Já que os marinheiros nativos nem imaginavam que uma esposa pudesse agir assim, consideravam normal o tratamento cruel aplicado por Taylor.

— Pare, Blair. Realmente não quero machucá-la. — O tom dele foi categórico.

— Tudo vai passar — falou o outro comandante, feliz por poder dar conselhos ao homem mais jovem. — Talvez ela esteja nervosa por causa de uma gravidez.

— Não vou ter nenhum filho deste homem. Ele não é meu marido! — ela gritou, na tentativa de convencer os pescadores. — Não entendem?

— Sra. Teile, já avisei que não quero machucá-la.

Subitamente, Blair sentiu a cabeça girando. Um baque seco a conscientizou de que Taylor acabara de esbofeteá-la, com a perícia de sempre. Atordoada, ela se viu apertada nos braços dele, os corpos unidos com uma força ameaçadora. Os dedos fortes puxaram a cabeça dela para trás, pelos cabelos, em um gesto que poderia ser de algoz ou de amante. Blair lutou em vão contra a raiva punitiva daquele homem. Como prisioneira, devia submeter-se a ele.

Aquele foi o alerta definitivo. Taylor faria o que quisesse. A ela cabia apenas obedecer.

Por outro lado, o que acontecera fora um espetáculo para os rudes marujos do barco maior. Tanto que eles aplaudiram Taylor, em total solidariedade masculina.

Blair mal podia respirar. Novamente havia sido traída por Taylor, da pior maneira possível e, ainda assim, não conseguia ter desprezo ou repugnância por ele. O gosto salgado de suas lágrimas lhe chegou aos lábios, enquanto pensava se um dia poderia realmente odiar seu raptor. Ele não tinha sugerido nenhum tipo de rendição, concluiu. Só havia executado um ato teatral, destinado a completar o espetáculo que julgava dever a quem o socorria. Mas ela não podia ignorar a incrível sensação de ter sido agarrada possessivamente, sentindo o atrito de corpo Taylor dele nos seios, na cintura, na virilha, nas pernas...

Quando Taylor a soltou, Blair sofreu uma série de espasmos, em parte por raiva e humilhação, em parte por pura excitação sexual. Mesmo em uma situação inusitada, ele tinha o poder de estimular seus sentidos.



A tontura então aumentou, e ela desabou contra o querido inimigo. Taylor a sustentou parcialmente nos braços, indicando a vigia.

— Vá para baixo e fique lá — ordenou.

— Meu pé... — ela disse num sussurro.

Ele experimentou culpa e remorso ao ver as bandagens ensanguentadas, como se houvesse provocado a ferida ou, pelo menos, agravado o corte na sola do pé.

— Um momento — pediu ao colega mais maduro, antes de acomodar o corpo de Blair em seu ombro e, com a outra mão, apoiar-se para descer os degraus.

Na cabine, os ovos e a frigideira tinham queimado. O cheiro era intolerável. Imprecando, Taylor desligou o gás e acomodou Blair na cama, com todos os músculos tensionados. Então segurou-lhe o tornozelo para examinar o pé cortado.

— Idiota! — ele xingou, mas em tom resignado. — O que tinha em mente? Você viu e escutou aqueles homens. Achou que eles a resgatariam e levariam até uma cidade? Até poderia acontecer, mas você seria violentada pelo menos umas dez vezes...

— Taylor! — ela gritou, tomada de infelicidade.

— Bem, desculpe-me. Mas não faça mais isso. Fique quieta na cabine, e não pise com esse pé.

Era incrível como, de um instante para outro, Taylor se tornava meigo e gentil. Alterada e nervosa, Blair já não sabia se fugiria de um beijo, um toque no lugar certo, uma cena de amor total.

Sua imaginação voava quando Taylor levantou-se para retornar ao convés. Não era insensível ao apelo subliminar da refém, mas sua prioridade era desencalhar o barco.

O que estava acontecendo com ela?, Blair ponderou, excitada. Taylor não era, pela própria índole, um homem violento, seu poder vinha mais da mente que do corpo. Continuava sendo perigoso, indigno de confiança, mas não escondia a atração e o desejo por ela.

Assim, Blair recordou o olhar leonino de seu raptor, a maestria dos toques manuais, o calor humano... ou selvagem?... na hora de fazer sexo. Céus! Como queria viver novamente aquele delírio de paixão!

Logo a seguir, ela recriminou-se por pensar desse modo, preferindo lembrar a humilhação e a raiva que Taylor lhe impusera.

O barco moveu-se, devidamente rebocado para fora de um banco de areia. Blair ouviu saudações mútuas e percebeu que a embarcação retomava seu curso pelo rio. O tormento iria recomeçar.

Capítulo IX

Blair devia ter dormido por longo tempo, pois quando abriu os olhos notou que o barco balançava, mas não ia para frente. Taylor se encontrava na cabine, lidando com uma nova frigideira à beira do fogão.

Com seu sexto sentido, ele soube que Blair havia acordado.



— Você quase incendiou o barco, esta manhã — disse.

— E por que me importaria com isso? — Sentando-se na cama, ela escovou mecanicamente os cabelos.

— Porque sim — Taylor irritou-se, mas desistiu de avançar e ameaçar Blair. — Prezo o meu refúgio, sra. Teile. Você também deveria prezar o seu. Cresça um pouco. Não conseguirá fugir de mim, e com suas tentativas pode nos matar.

Ela aceitou o prato que ele lhe entregou, porque estava faminta.

— Fugir de você nada tem a ver com crescimento pessoal. Alguém se esqueceu de lhe dizer que vítimas de rapto nem sempre são amáveis e cooperadoras.

— Você poderia ao menos confiar em mim — ele recitou em tom de lamento.

Era uma proposta tentadora, mas Blair concentrou a atenção na comida. Ele suspirou e foi sentar-se à mesa. Sentindo-se ridícula no canto da cama, ela ergueu-se a fim de tomar o mesmo rumo.

— Não! — Taylor ordenou sem demora. — Não saia da cama, se quiser que seu pé sare.

— Não consigo ficar deitada o dia todo.

— Hoje será uma exceção — ele disse com firmeza. Recolheu os pratos usados e os levou à pia. Voltou até Blair, acomodando-se ao lado dela na cama, e utilizou o estojo de primeiros socorros para refazer o curativo e trocar a atadura manchada de sangue.

— Pode tirar o dia de folga — afirmou Taylor com óbvia ironia.

— Gostaria de subir ao convés — ela insistiu, sentindo a censura nos olhos dele. — Serei cuidadosa ao pisar. — Mudou de estratégia ao perceber-se implorando. — Não, farei o jantar hoje, pois assim não precisarei me mover.

— Então você tem um compromisso, sra. Teile.

Tinha mesmo, mas não havia contado com a proximidade de Taylor, determinado a ampará-la.

— Fique aí deitada — ele instruiu. — Quanto ao jantar, veremos depois. Amanhã, com o início da cicatrização, poderá andar um pouco.

Uma estranha paz desceu sobre o rio naquela noite. O barco avançava por águas tranquilas, sob uma brisa suave que espalhava o farfalhar da vegetação e os odores da floresta. Se estivessem vestidos a rigor, Blair pensou, poderiam representar o casal mais perfeito das Américas.

Mas a cena real era uma anedota: ela, cheia de desejo contido, misturado à raiva; ele, tão seguro de sua masculinidade que se permitia ser sensível.

Mais tarde, à mesa, Taylor e Blair brindaram com um copo de vinho ácido. Ele próprio tinha preparado o jantar, impedindo-a de colaborar. Por quê? Blair tivera seu coração invadido por um homem incrível, que não era nem um criminoso brilhante nem um fanático político.

— Você me surpreende com sua habilidade culinária — ela murmurou causticamente. — E não segue receitas ou instruções.

— Mas sigo ordens, sra. Teile — ele retrucou com frieza.

— Ordens de quem?

— Nós o chamamos simplesmente de chefe.

— É engraçado. Não está desperdiçando seu tempo?

— Explique-se melhor.



— Não. — Ela engoliu o vinho, contrafeita. Por que cometera aquele deslize? Porque se sentia ansiosa, depois de horas de solidão na cabine, sonhando com a presença de Taylor.

Ele era um homem e tanto. Pena que não fosse honesto.

— Gostaria de ouvir uma explicação sobre suas desconfianças — ele a despertou do devaneio.

Explicação? Se ela tentasse, ele compreenderia? Blair reabasteceu seu copo de vinho. Ácida ou não, a bebida causava um efeito maravilhoso. Não sentia o pé latejar nem a tensão que se irradiava de Taylor. Podia simular a coragem que não tinha.

— Você concorda com tudo o que seu chefe diz. Detesto ser testemunha de tanto desperdício. Vejo em você um enorme potencial, mas ele está sendo empregado na direção errada. — Ela fez uma pausa, destinada a medir a reação do interlocutor. — Enfim, você não passa de um lacaio. E se não está atrás de dinheiro por meu resgate, então é um terrorista, sem noção do que faz. Diz que sente muito, que não quer me machucar, mas cumpre as ordens recebidas sem contestar, sempre dizendo "sim". Será que não consegue pensar por si próprio?

Ela havia falado o que guardava fazia tempo, sem adicionar combustível na fogueira. No entanto, os músculos faciais de Taylor estavam visivelmente tensos.

— Cuidado, sra. Teile — ele advertiu. — Posso ser um lacaio dos poderosos, mas ganhei total liberdade para lidar com você, sem prestar contas. Conheço diversas maneiras de calar sua boca, mas vou me esforçar para ser decente. Apenas não me provoque demais, princesa.

Um sorriso desafiador pairou nos lábios de Blair. Ela não acreditava que Taylor ousasse feri-la fisicamente. Mas, sensatamente, desistiu de falar ante a ameaça expressa nos olhos dele. Engoliu em seco e declarou apenas:

— Odeio ver tudo isso, Taylor.

— Odeia ver o quê? — ele espicaçou. — Você não faz ideia da missão na qual estou envolvido. Então, como pode me julgar? Sigo ordens, sim, porque acredito no que faço. Acredito nos que me passam as ordens. Se você me concedesse um mínimo de confiança, nada disto seria necessário.

— Não posso fingir que estou passeando de barco.

— Mas está, de um modo ou de outro.

— E devo dizer que está tudo bem... — ela completou com sarcasmo. — Por que eu confiaria em você, Taylor?

Ele nada falou, mas os olhos faiscaram.

Embora sorrisse, a fim de impor uma certa distância entre eles, Blair estava próxima das lágrimas. Somente os dois estavam ali, sob o céu e sobre a água. Tanto para pedir quanto para dar...

— Você deve ser maluco — ela investiu. — Totalmente maluco. Está trabalhando para algum lunático e me mantendo prisioneira aqui, em um rio escondido na mata, e me pede para confiar em você! Onde estamos, Taylor? Por que não começa a explicação por aí?

— Não importa onde, mas como. Você ficará segura comigo.

Blair soltou uma risada amarga e emendou sem pensar:

— Uma serpente venenosa não estaria segura com você.

— Por quê? — ele contra-atacou sem demora, dando a parecer que sua tensão crescia em vez de se amainar.

Como se houvesse tomado uma tangente, Blair apertara o botão certo para extrair algo de Taylor. Não havia maneira de se esconder dele, nem de pensar que ela possuía algum



poder, algum controle. Ele se mostrava decidido, a seu modo, a perseguir e desenterrar tudo o que bloqueava o verdadeiro encontro entre os dois. Blair podia ler isso em seus penetrantes e incríveis olhos.

— Por que não confia em mim? — ele trovejou, dessa vez sacudindo-a pelos ombros. — Eu a machuquei? Amarrei você neste barco, violentei-a na cama? Responda honestamente. Tirei algo que não quisesse me dar?

Um turbilhão tomara conta da cabeça de Blair. O vinho que lhe dera coragem já toldava sua mente. Taylor esperava por respostas e perguntaria com insistência até que ela falasse alguma coisa.

— Sim, você me feriu profundamente. Está me aprisionando aqui contra a minha vontade. Raptou-me não sei por quê. Mas isso não é o pior.

— Bem, agora estamos chegando ao ponto, sra. Teile. Mal posso esperar para ouvir o resto.

— Não existe resto! — ela exclamou, tarde demais.

— Claro que existe, e não vá me dizer que o gato comeu sua língua. Deixe que eu complete seu pensamento. Você está me odiando porque confiou em mim e entregou-se de corpo e alma. E agora imagina que eu traí sua confiança, mas está equivocada. E ponha uma coisa na cabeça: você é que me procurou na minha barraca. Temos de ser honestos quanto a isso. Eu meramente cedi...

— Se quer saber, Taylor, você é asqueroso! — ela atalhou com raiva.

Nunca na vida Blair tivera tanta vontade de agredir alguém, de causar uma dor tão forte quanto a que a consumia, e tanto mais intensa quanto mais provocada pela verdade. Mas não possuía músculos para isso nem tinha a menor chance de mover-se.

— Não sou — Taylor rebateu, no mesmo tom de voz anterior. — Não, nem mesmo remotamente. Mas, se você chama de asqueroso o fato de eu ter aceitado e usufruído o que me ofereceu, então me confesso culpado. Desejei-a desde o momento em que a vi. Descobri que é passional, encantadora e sensual, mais do que qualquer mulher que conheci. Por isso, não tenho do que me desculpar. Somos dois seres humanos que necessitam um do outro. Você me confiou segredos de seu passado, e eu jamais trairei essa confiança.

A pressão dos dedos dele diminuiu, mas antes que Blair pudesse assimilar sua momentânea liberdade, a mão de Taylor já lhe afagava a cabeça, apertando-a como se quisesse introduzir ali cada palavra que dissera. Esse toque, espontâneo e rude, não era doloroso. Ao contrário, era tão insinuante que ela recolheu os cabelos, arqueou o pescoço e expôs a nuca, enquanto seus lábios se abriam à sedução.

Mais uma vez, Taylor não teve de forçar nada. Blair não pensava em resistir. Depois iria racionalizar a situação, talvez a atribuindo ao excesso de vinho. No entanto, todas as mentiras do mundo não faziam sombra a uma só verdade: ela queria ser beijada, tocada, possuída. Não existia outra vontade. Ou seria essa mais uma mentira?

Contraditória, imobilizada, Blair compreendeu que simplesmente se entregava a uma força maior quando Taylor lhe colheu os lábios com sede selvagem. Não deixava de ser um choque ceder assim à urgência dele. Nervosamente, os braços de Taylor lhe rodearam o pescoço e as mãos trabalharam sobre os seios e as coxas, fome criando fome, fogo consumindo fogo. O contato febril parecia fundir os dois em uma única massa de luxuriante desejo.

Do mesmo modo, ninguém forçou Blair a correr os dedos pelos cabelos de Taylor, a encontrar um profundo prazer ao acariciá-lo nos ombros e no peito, e depois descer a mão até a virilha, onde despontava o membro rígido, pronto para uma maravilhosa noite de amor.



Era gloriosa aquela tensão mútua, que dispensava perguntas e respostas para se apoiar apenas nos instintos. Era correto, pensou Blair, ser apertada por músculos de aço, sentindo-se em perfeita segurança, à vontade para retribuir as carícias recebidas.

Havia acontecido. Ela não podia culpar Taylor ou a si própria. "Somos dois seres humanos que necessitam um do outro", ele dissera, e, na realidade, era mais do que isso. Raramente um homem e uma mulher alcançavam tamanho grau de entendimento, tantos laços invisíveis de ternura, tanta liberdade de existirem.

Havia acontecido. O Sol não iria parar de levantar-se, nem a Terra de girar. Um ditame do destino levava Blair a encaixar sua boca na de Taylor, em um longo e irrestrito beijo que abriu caminho para ele massagear-lhe os seios, sobre a blusa que logo arrancou. Ela segurou os dedos dele ali, fruindo as sensações crescentes de uma inexcedível volúpia.

Taylor sabia que devia parar. Amava Blair, mas ela o odiaria ainda mais quando descobrisse que ele vinha sendo um laçao para seu próprio pai e que o chefe da missão era George Merrill, o G. M. dos memorandos, velho amigo de Andrew Huntington. Havia um código de ética a respeitar. Havia razões poderosas para que ambos se afastassem. Contudo, ela entenderia, ou lhe perdoaria, se ele parasse naquele momento?

Mera ilusão. Taylor já não podia interromper o processo de entrega e posse, quando as mãos não se aquietavam, quando o contato das línguas provocava arrepios, quando a química do amor irrompia entre eles.

Sim, Taylor devia dar a Blair a chance de parar e partir. Mas esse conceito apenas o alertou para um fato decisivo: já não suportaria viver longe dela nem por um instante.

Ele a tomou nos braços e agiu com extrema suavidade, a fim de não quebrar o encanto. Criou uma prisão especial ao deitar-se sobre ela, ao remover-lhe a calça de brim, a boca seguindo os dedos sobre a pele exposta. Blair gemeu de expectativa, antes mesmo que ele a sugasse. Depois, o silêncio prevaleceu e o único ruído na cabine foi o do atrito dos corpos, o mais sensual e inebriante dos sons.

A respiração de ambos tornou-se arfante, como o vento que acompanha a tempestade. Então, um doce gemido, que resumiu todos os outros, escapou dos lábios de Blair. Os lábios e dentes de Taylor marcavam a pele macia da parte interna das coxas.

Depois...

Depois, os olhos de esmeralda se fecharam sob a sensação indescritível dos beijos molhados dele em sua secreta intimidade. Não havia experiência no mundo comparável ao delicado atrito que se seguiu.

Ela beijou Taylor.

— É bom, querida... Toque-me mais...

A calça dele já havia ficado pelo caminho. Blair ajudou-o a retirar a sunga e, no mesmo movimento, envolveu nas mãos o membro masculino como se o acolhesse em sua suave feminilidade. Os olhos dourados de Taylor a fitaram em um pedido silencioso, segundos antes de Blair levar a boca ao ponto sensível do corpo dele.

Cada vez mais atrevida, ela permitiu que um turbilhão de prazeres saciasse os dois parcialmente. Precisou interromper as carícias para não perder a dose de êxtase que lhe cabia. Quando o fez, tomou consciência de seu fôlego alterado, dos pelos claros do peito no qual repousara o rosto, da textura especial da pele de Taylor, do possessivo afago que as mãos dele, em torno de seus ombros, podia proporcionar.

— Oh! — De repente, ela recuou, tremendo horrorizada, e fechou os olhos.

Quando os abriu, encontrou o olhar de Taylor fixado nela. Desviou a vista e saiu da cama, passando a procurar obsessivamente sua roupa.



— Querida... — ele começou.

— Cale-se! — devolveu ela.

— Eu não forcei nada e...

— Cale-se, pelo amor de Deus! — Ela voltou a vestir seu traje de camponesa, lutando contra a pressa e sem encarar Taylor.

Como podia ter perdido a noção das coisas, o senso do racional? Sentiu-se invadida de vergonha e culpa. Era uma refém e, mesmo assim, havia caído nos braços do sequestrador, trocando carícias íntimas com ele. "Seja séria, Blair", ela se recriminou mentalmente.

Enquanto Taylor não resolvia se vestir, talvez aguardando uma mudança de rumos, ele a observava o tempo todo, como sempre encantado com suas formas.

— Não vamos falar sobre o que aconteceu — ela propôs. — Quero dizer, nada aconteceu.

Despreparada para o passo seguinte, Blair sentiu-se agarrada pelos ombros e vergada até encostar no corpo de Taylor. O toque dele era rude e vigoroso.

— Sim, aconteceu, Blair.

— Não! — ela protestou em vão, virando-se de frente. — E não me toque mais!

Taylor pensou em falar algo que aplacasse a agitação dela, a culpa auto-induzida. Todavia, a raiva sublevoou seu próprio sangue, e nada lhe ocorreu. Se ela se afastasse tão facilmente, jamais confiaria nele de novo. E se ele quebrasse seu código de ética, romperia algo importante dentro de si mesmo, ou tudo o que era como pessoa. Naquele caso, nada mais teria a oferecer a Blair.

Taylor não a deixou sair, e mudou a natureza de seu toque. Tinha sido severo, agora se tornava confortador. Enlaçou-a com imensa ternura, como se a mulher que havia abraçado com vigor houvesse se transformado numa frágil figura de porcelana. "Maldito Huntington!", chegou a refletir, deixando escapar um suspiro inaudível.

— Sinto muito — desculpou-se enfaticamente, sentindo o ritmo acelerado de seus batimentos cardíacos. — Queria que você confiasse em mim.

— Saia de perto de mim! — ela esbravejou. Notou que já era capaz de pensar de novo e, pensando, sabia que era melhor fugir do alcance daquele homem, ainda que somente para evitar a humilhação.

— Blair...

— Por favor, Taylor — ela amenizou o tom de voz. — Deixe-me em paz. Não quero que fique me tocando a toda hora.

Ele a soltou, colocando no rosto uma máscara implacável. Achou um pretexto para falar quando percebeu que Blair caminhava em círculos pela cabine.

— Não pise com esse pé! — advertiu com tanta convicção que ela rapidamente sentou-se à mesa.

Curiosa, viu Taylor vestir a sunga e a calça, com um leve sentimento de frustração.

— Respeitarei seus sentimentos — disse ele. — Nunca mais vou tocá-la. Em troca, quero que me ouça e faça um acordo comigo.

— E impossível fazer um acordo com você — ela rebateu, incrédula.

Era difícil negar o charme, a força e a sinceridade de seu raptor, mas Blair precisava agir daquele modo. Por muitos anos havia estudado psicologia e comportamento humano e sabia que não podia submeter-se ao primeiro canto de sereia.

Então, o que havia acabado de fazer, na cama? Isso era diferente, não podia ser



negado. E não aconteceria de novo, se dependesse dela.

— Não faço acordos — repetiu.

— Aceite, Blair — ele pediu em tom grave. — A árvore que não se inclina ao vento é a primeira a ser arrancada do solo.

Um arrepio de pânico a percorreu. Taylor tinha razão, ele era quem dava as cartas ali. Podia fazer o que bem entendesse, alheio a qualquer regra ou lei.

— Está bem, Taylor — ela anuiu, desconsolada com o teor das palavras.

A quem tentava enganar? Não a si própria, depois do tempo que haviam partilhado na cama, ainda quente das carícias eróticas.

— Que tal se eu a devolvesse a Washington em cerca de dez dias?

Surpresa, ela voltou-se para encará-lo. Estavam suficientemente próximos, e ainda assim ele cumpria a promessa de não tocá-la. Mas os olhares os denunciavam, exibindo paixão misturada com ternura. Não, ele não podia ser um renegado!

— Em princípio, seria muito bom para mim, claro. Mas como posso saber se você fala a verdade?

— Dou-lhe minha palavra — ele disse, com as feições já suavizadas e um sorriso nos lábios.

Os olhos de Blair baixaram até seu regaço. Ela não suportava enfrentar a sinceridade contida no olhar de Taylor. Ao mesmo tempo, como acreditar na promessa de um sequestrador?

— Está falando a sério? — perguntou, enquanto deslizava os dedos nervosamente pela calça de brim.

— Sim.

Blair engoliu em seco, ponderando qual seria sua parte no acordo, sentindo-se meio tola, meio crédula.

— Em retribuição — ele completou, dando-lhe tempo para pensar —, você me garante um mínimo de confiança. Não deve mais gritar para estranhos, quando cruzarmos um povoado. Se tiver algo a dizer, eu irei ouvi-la e atendê-la na medida do possível.

O corpo de Blair já havia esfriado, e ela sentiu-se muito fraca, e também aliviada, claro. Mas questionou o próprio alívio, atribuindo-o ao desejo de que o relacionamento com Taylor não acabasse.

Bem, dessa maneira tudo voltaria à estaca zero. Ela odiaria a si mesma mais do que já odiava, se se permitisse uma nova rendição a Taylor. E o odiaria também.

A menos que pudesse descobrir quem ele realmente era, se cometera outros crimes em função de seus estranhos ideais. Talvez conseguisse ajudá-lo, forçando-o a falar com seu pai, quando retornassem a Washington.

— Se isso é tudo... — Adotou o tom de voz de uma executiva encerrando uma reunião, apenas para não trair a extensão de seu próprio medo.

— É tudo — ele confirmou.

Taylor não fazia menção de se mexer do lugar, e Blair passou a sentir-se incomodada por sua proximidade.

— Acho melhor subirmos e limpamos o convés — sugeriu.

— Esta noite eu ainda a quero parada, por causa do pé. — Ele hesitou por um segundo. — Estamos navegando para o Caribe e logo vou precisar de sua ajuda. Acredito que, em mais alguns dias, o corte vá cicatrizar. Agora é melhor você ir dormir. Foi um longo dia.



Longo dia? Para ela parecera uma eternidade. Mas acedeu, baixando o olhar até que Taylor passasse por ela e subisse.

Ele não o fez. Deteve-se ali na cabine, explorando o armário acima da mesa como se procurasse um nicho secreto, e estendeu o braço para retirar o jeans e a camisa que haviam desaparecido. Blair ficou contente, embora já houvesse se esquecido da existência das peças de roupa.

— Pode usar suas roupas de agora em diante, mas quero que verifique se os nossos outros trajes precisam ser lavados.

— Está enganado, sr. Taylor, se pensa que vou me tornar sua lavadeira.

Ele sentiu seu bom humor desaparecer, e o sorriso deu lugar a um arquear de sobrancelhas. Por que ela não cooperava? Não podia ser apenas o mau hábito de uma mulher rica, habituada a ser servida.

— Os homens são todos iguais — Blair sentenciou, refugiando-se na lateral da cama. — Você dá um dedo, e eles querem a mão. Por que se julga tão bom, Taylor?

O riso espontâneo dele encheu a cabine. Inclinou-se sobre Blair, mas não a tocou, conforme o prometido.

— Se me der mais uma chance para mostrar...

— Saia daqui — ela resmungou, exasperada.

Logo depois, Blair o ouviu a lidar com pratos e talheres, limpando a cozinha. Sua mente girava em torno dos planos que poderia pôr em ação, dos argumentos que usaria para persuadir Taylor. Mas a profundidade de seus sentimentos a chocou. Estava realmente apaixonada por ele.

— Blair... — Taylor sentou-se no canto da cama, onde ela já se instalara. — Eu apreciaria muito que você lavasse as roupas. Só não lavo eu mesmo por falta de tempo, e não posso usar esta calça para sempre...

Ela recusou-se a responder, e ele desistiu.

— Está bem, não lave.

Blair fechou os olhos enquanto ele se afastava, porém antecipou o momento em que sentiria o peso dele, a seu lado na cama. Bem, não a tocaria. Tinha prometido. Então, o que ele faria? Apenas dormiria?

Foi somente no meio da noite que ela atinou com a resposta.

Um cheiro rançoso permeou a cabine e a fez acordar. Vinha do incansável Taylor, que junto à máquina de lavar tentava remover a mancha de ovo sobre sua camisa azul.

— Tudo bem — ela se rendeu. — Vou cuidar da roupa, mas se livre dessa camisa malcheirosa!

— Obrigado, sra. Teile. — Ele afastou-se até o ponto em que a brisa levasse embora o terrível odor. — Prometo que, algum dia, lavarei sua roupa.

Blair estacou a meio caminho. Algum dia poderiam estar reconciliados?

Capítulo X



Os dias subsequentes marcaram uma estranha trégua. Taylor decidiu que, enquanto Blair cuidava do leme, ele permaneceria vigiando a vela e a linha da costa. Já singravam o Mar do Caribe, experimentando o cheiro de água salgada. Se tudo corresse conforme o planejado, Andrew Huntington se encontraria com eles em Belize dentro de três dias.

Estranha trégua, de fato. Pareciam dois colegas de faculdade dividindo um quarto, mantendo uma distância segura um do outro, sendo amáveis até o ponto de se enfasiarem. De qualquer modo, estavam sobrevivendo juntos. Até mesmo as noites de sono tinham melhorado de qualidade. Ambos aceitavam a situação e ignoravam suas causas. Vez por outra ocorria um contato, um breve toque e Taylor ponderava se, tanto quanto ele, Blair desfrutava esse momento de conforto quando tudo o mais era negado.

Eles tinham dividido as tarefas do dia-a-dia, e Blair decidira provar a Taylor que era uma competente navegadora, como constava de seu currículo, provavelmente lido por ele. Na verdade, ficava ocupada demais com a roda do leme para ajudar em outras tarefas, mas continuava sendo a mulher ativa como aquela que transmitia energia vital ao pessoal do acampamento.

A despeito do vento frio, Taylor sentiu gotas de suor na testa. Se algo desse errado, se ele se enganasse em suas estimativas, Huntington não estaria a postos para o encontro marcado. Naquele caso, o que ele faria? Pesava-lhe a promessa feita a Blair.

Ele suspirou, pensando em como a pacífica visão das montanhas e do mar poderia aplacar o turbilhão de seus pensamentos. Blair o acusara injustamente, por desconhecer seus motivos, e não imaginava como suas palavras o haviam afetado. No seu trabalho, Taylor costumava dar ordens e esperava que fossem cumpridas.

Mas também recebia ordens. Diversas vezes, seguidas de instruções detalhadas. Não era tão cego, tão submisso quanto Blair julgara, e, em certas ocasiões, como aquela, discordava das diretrizes passadas por seus superiores. Por isso não se considerava um lacaios, como nas ofensivas palavras de Blair, e sim um profissional que acreditava em sua causa, embora nem sempre nos meios para alcançá-la. Anos de experiência lhe haviam ensinado que essa causa era a mais perfeita possível, em um mundo tão imperfeito.

No entanto, Craig Taylor estava ficando cansado. Dera quinze anos de sua vida em benefício de outros, e agora descobria em si mesmo uma necessidade que antes não existia, ou que não se manifestara antes de ele conhecer Blair Morgan. Era uma sensação premente, sobretudo diante do crepúsculo magnífico que se desenhava por detrás das montanhas.

Tinha de encarar a realidade, sem rir de si próprio. Já não era um rapazinho, e sentia falta de um lar, de uma esposa, de filhos que perpetuassem sua lembrança. Talvez fosse mais do que isso. Precisava de uma companheira, de uma mulher com inteligência, coragem e... olhos verdes.

"Você é um idiota, Taylor", ele pegou-se falando sozinho. "Um idiota senil". Ele desejava Blair desesperadamente, e devia ter tomado o que não conseguira obter. Mesmo naquelas circunstâncias, ele achava que arrastá-la a uma noite de tórrida paixão acabaria por deflagrar nela a submissão, em lugar da revolta.

Não, não poderia fazer isso. Ela o desafiara em um nível que era superior ao plano físico, maior do que qualquer força bruta.

Ao relancear o olhar para o céu, Taylor notou que nuvens pesadas substituíam o azul anterior. Uma tempestade se formava, e das grandes. Ele tinha planejado atracar e retomar viagem após o jantar, não por estar apressado, mas porque navegar à noite o mantinha longe de Blair, justamente nas horas em que os dois se tornavam mais vulneráveis. Ao deslocar-se

para jogar a âncora, ele sentiu que a brisa crescia de intensidade, ganhando força.

A meio mastro, a vela se enfunou. Taylor testemunhou a mudança do tempo com os próprios olhos. Aborrecido, mais do que alarmado, sabia que apesar das aparências o barco era mais sólido do que a maioria. Enfrentaria bem o temporal, o que significaria apenas uma hora de atraso, provavelmente.

— Blair! — ele gritou pelo alçapão. — Aqui no convés!

Aparentemente, ela havia notado a mudança abrupta no tempo do mesmo modo que ele. Surgiu sem demora na vigia, olhos brilhantes e atentos, domando o medo que desabrochava em seu íntimo.

— Preciso de você aqui — Taylor explicou em tom neutro, a fim de não causar nervosismo. — Segure o leme.

Momentaneamente esquecido de sua promessa, ele apoiou uma das mãos no ombro dela e com a outra indicou um ponto na margem distante. Um porto natural de areia branca estendia-se sob a sombra de uma montanha vulcânica dormente.

— Vamos para lá — ele complementou laconicamente. — Creio que não vamos encalhar se nos abrigarmos bem no meio daqueles dois braços de terra.

Blair concordou e agiu. Manteve o rumo, olhando sorridente para Taylor. Foi impossível não se maravilhar com a coordenação motora do comandante. Com a âncora levantada, ele passou a direcionar a vela principal, por meio de puxões no cordame que salientavam seus bíceps, corpo e vontade perfeitamente sintonizados.

Taylor viu que Blair o observava e também a brindou com um sorriso de encorajamento. Mas ambos voltaram os olhos para a costa quando a chuva começou a cair, ainda leve, em um prelúdio do temporal que se armava. Preocupada, ela pousou o olhar no leste, a fim de ter uma noção do que acontecia ao seu redor. Era uma marinheira competente, desde que o tempo fosse bom. Nunca tinha enfrentado uma tempestade no mar, sobretudo em um barco precário como aquele, e sentiu um arrepio paralisante.

Já chovia mais forte quando Blair chegou à enseada, oculta entre duas barreiras naturais de terra. Grandes ondas fustigavam o casco, e era imperioso aportar antes do temporal. Taylor lançou a âncora, depois dobrou e amarrou a vela. Olhou para Blair, que parecia infeliz no assento do comandante, ainda com as mãos sobre o leme.

— Vá para baixo — ele instruiu. — Pode pegar uma pneumonia.

Ainda que encoberta pelo assobio do vento, a voz dele soou como um açoite, uma ordem irrevogável. Mas Blair meneou a cabeça negativamente, contrária à ideia de retornar à cabine sem Taylor. As gotas de chuva escorriam por sua face até o colarinho da camisa. Não poderia ficar mais encharcada do que já estava.

— Vá logo! — ele insistiu exasperado, interrompendo o manejo de uma manivela.

— Vou esperar você — Blair avisou, teimosa.

Praguejando, Taylor voltou a atenção para a manivela que movimentava a âncora e descobriu que a corda havia se emaranhado.

— Está bem. Se pretende ficar por aqui, venha me ajudar com a corda da âncora.

Pisando com cuidado para não escorregar, ela cruzou o convés sentindo que ele agora encarnava o perigo, assim como o próprio barco se tornava um monstro ameaçador. Auxiliou Taylor a segurar a manivela, reparando como ele conseguia manter o equilíbrio do corpo sem muito esforço.

Ele retornou à vela principal quando viu resolvido o problema da âncora, graças à força que Blair também fazia. Sob a chuva torrencial e o vento fustigante, Taylor imaginou que poderia perder o barco, senão a vida, naquele remanso perdido do Mar do Caribe.



Bradou uma ordem para Blair, que não escutou. O aguaceiro a cegava e ensurdecia.

— O quê? — ela gritou de volta.

Então, para seu horror, viu que a manivela rodava sozinha, loucamente, soltando a corda da âncora, e que sua força braçal não bastava para fazê-la parar. Taylor foi até o lado dela, segurou a manivela e a corda, e lentamente as dominou. Ainda estava folgada. Havia um nó em algum lugar. A verga, travessa móvel que cruza o mastro na parte inferior para sustentar a vela, batia com estrondo na popa, a lembrar os socos de um gigante embriagado.

— Desça! — Taylor ordenou, seriamente preocupado, enquanto encontrava o nó na corda e devolvia a exata tensão à manivela da âncora.

Mas ele agiu com uma fração de atraso. Logo que a tensão voltou, a verga chicoteou e o atingiu em cheio na cabeça.

Ele caiu sem fazer ruído.

Para Blair, foi uma cena de terror, como que desenvolvida em câmera lenta por algum efeito especial. Nada havia a fazer. A verga já ficara estável, mas Taylor jazia imóvel no convés, com os braços que erguera para se defender caídos junto às pernas.

Durou segundos a perplexidade de Blair, até que ela prendeu a manivela e ajoelhou-se ao lado de Taylor, rezando para que estivesse vivo. Tomou-lhe o pulso, constatando que o coração batia.

— Oh, meu Deus, Taylor! — exclamou febrilmente. Sabia que precisava levá-lo à cabine para deitá-lo na cama, mas o peso era insustentável. Um pranto angustiado a abateu.

Se ele ao menos abrisse os olhos! Mas o austero perfil se mantinha impassível, debaixo do vento e da chuva. A pele estava cada vez mais fria. Teria sofrido uma fratura, uma concussão? Em condições normais, Blair não tentaria mover o corpo sem sentidos de Taylor.

Contudo, o barco estava parado no porto natural da enseada, o que poderia facilitar o socorro. Ela invocou todas as divindades, e subitamente viu-se capaz arrastando o corpo de Taylor. Rilhou os dentes com o esforço, e mesmo assim o avanço pelo convés foi lento demais. Cada músculo de seu corpo doía intensamente, obrigando-a a parar repetidas vezes. Depois, prosseguia na ação, até chegar perto da vigia do convés.

Junto ao alçapão, um novo problema surgiu: como passar Taylor pela abertura e levá-lo até a cabine? Impossível. Ainda que o segurasse com todas as forças, ele cairia, arrastando-a também na queda.

Mas era preciso tentar. Blair desceu alguns degraus da escada e puxou Taylor, procurando abraçá-lo e dar-lhe apoio. Ambos, encharcados, aterrissaram na cabine com Blair parcialmente sentada no chão e a cabeça dele aninhada em seu colo.

Lutando para se levantar, ela deslocou o corpo inerte e depois o puxou pelas pernas. Só então, tremendo por causa do esforço, Blair observou o rosto de Taylor. Os olhos estavam abertos, focados nela, entre curiosos e preocupados. Incrédula, ela sentiu a raiva explodir dentro de si.

— Canalha! — Deixou a cabeça dele cair de vez. — Estava fingindo, seu filho da... — Ameaçou vibrar um soco.

— Pare! Pare! — ele protestou, erguendo uma das mãos defensivamente. — Eu não fingi nada. Acabei de abrir os olhos e deparei com você. Por favor, não grite comigo... Estou com uma dor de cabeça infernal.

Sem mostrar convicção, Blair afastou uma mecha de cabelos da face dele. Viu-o enrugar a testa e entendeu que isso se devia à dor.

— Acha que pode se mover? — perguntou com cautela. — Foi difícil trazê-lo até aqui. Creio que não conseguirei colocá-lo na cama.



Ele meneou a cabeça e começou a se erguer, mas um solavanco do barco o desequilibrou novamente. Blair pediu-lhe para esperar e posicionou seu corpo sob o ombro dele, sustentando-o no curto trajeto até a cama. Na chegada ao destino, ela perdeu o equilíbrio e desabou em cima de Taylor, que imediatamente passou os braços em torno dela, em um ato de proteção.

Ação instintiva, talvez, mas por um instante Blair ficou feliz por estar abraçada a ele, sentindo segurança e calor apesar das roupas ensopadas. De bom grado ela deixaria tudo de lado e se abrigaria da tempestade no peito dele. Talvez até admitisse confiar cegamente nele.

Mas não era o momento. Precisava pegar o estojo de primeiros socorros e examinar o ferimento de Taylor.

— Se você teve uma concussão, não pode dormir — alertou, saltando da cama depois de se livrar gentilmente do abraço que a prendia.

Pouco depois, ela pegou uma toalha embebida em água e limpou o ferimento. Sentiu uma estranha mistura de humor, afeição e sofrimento. Ele tinha de estar bem, pensou, tanto quanto revelavam seus olhos claros.

— Eu estou bem — ele ecoou surpreendentemente seu pensamento. — Nada que um bom curativo não resolva.

Embora tivesse visto diversas vezes o estojo nas mãos de Taylor, não sabia onde ficava guardado. Seguindo instruções, Blair o procurou no gabinete mais baixo do armário da cozinha. Só que, ao tocar na caixa, sua mão sentiu um trinco bem atrás. Uma segunda portinhola se abriu para revelar uma pistola.

Calibre nove milímetros. Perigosa. Letal.

Assombrada, com o coração aos saltos, ela fechou o esconderijo, censurando a própria surpresa. Taylor agia como um criminoso, e criminosos portam armas. Mas Blair não só tinha trauma de armas de fogo, pelo que havia acontecido com seu marido, como não conseguia relacionar o objeto com a pessoa. A cada estágio de seu convívio com Taylor, este reafirmava que a abrigaria e protegeria. A pistola serviria a algum outro propósito, por enquanto desconhecido.

Correu de volta até a cama, levando o estojo, e o próprio Taylor o abriu, a fim de conferir o conteúdo.

— Pode ficar deitado, pelo menos? — Blair pediu irritada. — Deixe que eu cuide do que for necessário.

Taylor já fechava os dedos sobre algumas cápsulas, aparentemente comprimidos contra a dor. Ajustou a toalha debaixo da nuca e tombou a cabeça no travesseiro.

— Obrigado por me salvar — disse enfaticamente.

Virando o rosto, Blair mordiscou o lábio. Tinha sido culpa dela que a manivela disparasse, que a verga o atingisse.

— Você poderia ter me abandonado — ele prosseguiu —, e fugido assim que o tempo clareasse.

Ela encolheu os ombros, decidida a não expor seus sentimentos.

— Se fosse para escapar, Taylor, preferiria fazer isso durante a tempestade.

— Sem saber se continuaria viva? — A declaração seguinte dele a tomou de surpresa: — Tire a roupa.

— Ora, Taylor... — ela retrucou, gelada e rígida.

— Não posso prometer que desconsidere seu lindo corpo, mas você está ensopada e vai molhar todo o colchão, além de arriscar-se a contrair uma pneumonia.



— Você também está encharcado.

— Então...

Riram juntos da situação, efetivamente divertida, mas também repleta de insinuações sensuais.

— Pegue os cobertores — ele lembrou, antes que Blair terminasse de se despir e se enrolasse em uma manta.

Taylor achava-se vestido apenas com sua calça de trabalho.

— Não vai tirar? — ela instou.

— Preciso de ajuda.

Suspirando, ela colocou-se ao pé da cama e, enquanto segurava a manta precariamente com uma mão, com a outra puxava as pernas da calça de Taylor cuidando de desviar a vista da virilha exposta. Era um processo esquisito. Blair sentia o calor do corpo de Taylor, a reação instintiva ao toque de seus dedos quando eles roçaram na pele úmida.

— E o curativo? — Propositadamente, ela deu à conversa um rumo diferente do que Taylor gostaria.

— Não faz falta. Foi uma pancada leve, e minha cabeça é dura...

Blair cobriu Taylor com a segunda manta e, a despeito das circunstâncias, sentiu-se excitada, com as faces ardendo. Ele podia se dizer capaz de desconsiderar o corpo dela, mas a recíproca não era verdadeira.

— E agora? — ela quis saber, sem cerimônia.

— Precisamos de um drinque. Veja se alcança uma das caixas de vinho lá atrás — solicitou ele, simplesmente.

— Vinho? Não tem outra bebida, mais quente?

— Mensagem recebida e entendida — Taylor brincou. — Mas não podemos nem ferver água para um chá, com o barco balançando assim. Vamos beber vinho e tentar dormir.

— Dormir? — Ela se assustou com a proposta. — Você pode ter sofrido uma concussão e não pode dormir. Além disso, como conseguiremos dormir no meio de um ciclone?

— Isto não é um ciclone e, em uma hora estará acabado. E não tenho concussão alguma, apenas uma horrível dor de cabeça. Agora, por favor, traga o vinho.

— Como sabe que não tem uma concussão?

— Porque já tive uma e foi muito pior. Se os comprimidos cortarem a dor, já estará ótimo.

— Não deveria tomar essas pílulas junto com vinho — Blair falou com a firmeza de uma catedrática.

— Oh, Deus! — ele se exasperou. — Só quero um copo de vinho. Não vou me embriagar. E cuidei bem de mim nestes trinta e oito anos sem você, sra. Teile. Sei o que estou fazendo.

— Tudo bem! — Contrariada, ela partiu em busca de uma garrafa.

Não teve dificuldade em encontrar, mas quando retornava o barco oscilou de repente. Tentando salvar a garrafa enquanto se apoiava com a mão no painel da parede, Blair deixou cair a manta. Nua, deu os últimos passos até a cama com irritação e impaciência.

Taylor observava tudo, divertido. Blair procurava manter seu ar de superioridade e cobrir-se precariamente. Puro desperdício. Muitos anos depois, até de olhos fechados ele poderia evocar com nitidez cada curva, cada palmo, cada sedoso centímetro daquele corpo de



mulher.

— Se você rir de mim, Taylor, não terá mais assistência alguma.

— Não estou rindo — ele protestou.

Sem força suficiente para tirar a rolha da garrafa de vinho, ela entregou a Taylor. Foi sua vez de olhar um corpo bonito, notando com apreensão como ele a excitava sexualmente.

— Você esqueceu os copos — disse Taylor, mostrando a garrafa aberta e um sorriso malicioso, como se esperasse que a situação anterior se repetisse. — Mas não faz mal. Podemos dividir, tomando o vinho pelo gargalo.

A despeito de sua fina educação, Blair concordou com a sugestão. Mas, logo que levou a garrafa aos lábios, o mar se encapelou e a bebida derramou-se por seu queixo e pescoço, até desaparecer no doce vale de seus seios, visível através da abertura da manta.

Constrangida, ela devolveu a garrafa a Taylor, e então viu tensão nos olhos dele. Todo o divertimento fora embora, abrindo espaço para uma intensa e viva sensualidade.

Blair conhecia os sinais, dos olhos à virilha de Taylor, e não pôde impedir que um traço de medo surgisse em seu rosto, junto com arrebios de ansiosa expectativa. No entanto, ele pestanejou e exibiu um leve sorriso.

— Sinto muito, querida. Hoje não. Por causa da dor de cabeça...

— Oh, cale-se! — Blair revidou, mais furiosa do que ofendida.

— Não grite, por favor. Já lhe pedi. — Ele tomou um grande gole e devolveu a garrafa a Blair. Ajustando o travesseiro contra a cabeceira da cama, estendeu um braço e puxou Blair até seu ombro, silenciando os protestos antes que comessem. — Também não tenha medo de mim. Estou realmente com dor de cabeça e só estou procurando achar uma posição para nós dois descansarmos. Tome um último gole e tente dormir.

Ela jamais dormiria com Taylor tão próximo e o mar fustigando o barco. Mas o vinho por fim fez efeito e a deixou atordoada.

— Será sorte se eu não passar mal — disse Blair, referindo-se ao enjoativo balanço da embarcação.

— Sorte minha, isso sim — Taylor emendou com tristeza. — Devo ter passado por um campo inteiro de trevos de quatro folhas.

Quando se fez silêncio na cabine, o som da chuva mostrou-se acalentador. Em seu ninho, entre o cobertor quente e o ombro de Taylor, Blair adormeceu.

Pela manhã, a tempestade havia cessado. Blair acordou estranhando a calma reinante no barco. Como não se encontrava na cabine, Taylor devia estar cuidando do convés. Ela foi ao banheiro, vestiu a calça jeans e a blusa que recebera, e espiou pelo alçapão.

Taylor examinava o mastro, com uma das mãos na base da vela e a outra apoiada no quadril. As pernas musculosas lhe davam firmeza enquanto observava o horizonte, como sempre limpo e bonito após uma tempestade. A praia próxima brilhava como se fosse composta de milhões de pequenos cristais. Ao fundo, a montanha proporcionava um quadro em verde. O próprio mar, calmo e claro, parecia irreal, pintado por algum artista que amasse os tons rosa e os dourados.

Vendo a figura indomável de Taylor, como um leão que farejasse seus domínios, Blair sentiu uma dolorosa pontada no peito, por conta do coração contrito. Era impossível acreditar que o mal vicejasse debaixo daquela corajosa fachada. Se ao menos...

— Bom dia, sra. Teile — ele saudou com a voz grave e um sorriso iluminado. —

Bonita manhã, não acha?

Embora cética, ela retribuiu o sorriso. Taylor parecia tão animado quanto um atleta olímpico, mas não podia estar totalmente ileso depois de um sério golpe na cabeça.

— Como se sente?

— Bem, no geral. Mas a dor de cabeça continua.

Blair não insistiu, certa de que, além disso, nada obteria como informação.

— Este barco até que se saiu bem na tempestade, não? — Esperou que ele confirmasse. — O barco tem algum nome?

— Sim, é *La Princesa*.

— Ah! — Blair sabia que esse era o nome que Taylor usava para referir-se a ela e ficou envaidecida. — Que tal um bom café da manhã? Já perdemos a hora.

— Certo. É que estive ocupado assistindo ao nascer do sol e também verificando a vela e o cordame. Estamos perto daquele prazo de dez dias.

— Certo. — Ela evitou prolongar o assunto. — Vou preparar o café.

— Quando estiver pronto, por favor, traga-me uma caneca e dois daqueles comprimidos.

Blair concordou com um gesto de cabeça, já enveredando pela escada até a cabine. A cada dia que passava, tornava-se mais difícil acreditar que Taylor cumpriria a palavra de entregá-la ao pai. O que ele faria, depois? Fugiria, sem a menor dúvida, e ela nunca mais o veria. Talvez, certo dia, lesse em algum jornal que Craig Taylor fora capturado, ou morto, por um grupo de extremistas políticos.

E então ela nunca mais seria a mesma. Perderia uma parte de seu ser, a parte que havia dado a ele e que já não poderia mais recuperar.

Enquanto se torturava com tais pensamentos, o café ficou pronto. Engolindo em seco, Blair encheu uma caneca para Taylor e procurou os analgésicos que ele havia pedido. Estavam na caixa de primeiros socorros e, mais uma vez, a mão dela pousou no trinco do compartimento secreto.

Seus olhos recaíram sobre a pistola.

Blair tremeu por alguns segundos. Fazia tempo que aceitara a morte de Ray Teile em um atentado, mas nunca esqueceria o assassinato em si. Uma arma de fogo qualquer havia traçado a imagem daquele dia: a vida deixando Ray lentamente, apagando-lhe o sorriso gentil, os traços bondosos, enquanto os gritos de Blair pairavam acima da agitação dos homens da segurança, inclusive de um que a derrubara no chão, salvando-a de outras possíveis balas.

Ela se esforçou para não chorar e, impetuosamente, apanhou a pistola. Conhecia armas, ensinada pelo pai desde os dez anos de idade. Com a pontaria bem treinada, conseguia mirar e alvejar uma mosca a vinte metros de distância. Agachada, sentiu o metal frio com a ponta dos dedos e gostou da sensação.

Mas então Blair acusou também a presença de Taylor.

Era a oportunidade de saber finalmente quem ele era, o que fazia ali, para quem trabalhava, por que a aprisionara. Aquela era a chance de inverter os papéis entre vítima e algoz, fazendo dele o seu refém.

Lentamente, Blair apontou a arma na direção de Taylor. A três metros de distância, ele aparentou calma, sem nenhum traço de medo nos olhos.

— Está carregada, portanto cuidado — disse serenamente e começou a avançar para ela.

— Pare, Taylor. Posso puxar o gatilho — Blair alertou. — Sou ótima atiradora.



— Eu sei — ele afirmou, provando que lera um dossiê completo sobre ela. — E também sei que você não vai atirar em mim.

Blair desativou a trava de segurança da pistola.

— Não conte com isso — murmurou. Sua mão estava firme, o alvo bem definido. Viu que Taylor se movia mais uma vez. — Não venha!

Por um breve instante, os olhos dele cintilaram com um brilho estranho e total descrença. Chegara tão perto quanto podia, na linha de tiro. E, de repente, o olhar e a expressão se esvaziaram até o nada.

O silêncio os manteve parados. Quase não respiravam. Só havia o leve balanço do barco, o som das ondas no casco, o alarido longínquo das aves marinhas. Essas eram realmente livres, pensou Blair, sentindo o peso da pistola nos dedos e o brilho tentador dos olhos de Taylor.

Começou a tremer violentamente, enquanto ele lhe tirava a arma das mãos, que tinham se tornado úmidas e frias. Taylor travou a pistola e a devolveu ao esconderijo. Depois voltou a cuidar de Blair, agora de cabeça baixa sob o peso da derrota.

Abraçou-a, e ela não protestou. As lágrimas que tentara represar caíram livres e silenciosas, em torrentes por suas faces. Taylor a ergueu no colo, como uma criança, acomodou-a na cama, afagou-lhe os cabelos depois de aninhá-la em seu regaço. Repentinamente, Blair recobrou a energia e esmurrou o peito dele.

— Maldito! Você é um criminoso e, mesmo assim, eu não...

— Não atirou porque sabe que eu não represento perigo para você. Sabe que nunca lhe farei mal. E talvez não tenha atirado também porque saiba que eu a amo e você me ama.

Ainda trêmula, Blair reunia consciência suficiente para não aceitar aquelas palavras, ou fazer de conta que não as escutara. Julgava que não havia atirado porque seria uma reprise horrenda de seu passado, quando vira sangrar até a morte o homem a quem ela amava de todo o coração.

— Oh, Taylor, foi terrível! Ray estava a meu lado, rindo, acenando, cheio de vida. No momento seguinte, o sangue dele manchou tudo e...

Ele a deixou falar, solidário com sua dor, desejoso de que pudesse absorver parte dela. Havia testemunhado os resultados da guerra e do terrorismo, e tinha por único consolo conseguir, em alguns casos, evitar uma carnificina. Mas, como amava Blair, não podia nem sequer imaginar a dor de perdê-la. Podia perceber, sim, a devastação que fora para ela ver a agonia do homem adorado.

Por isso continuou a segurá-la, murmurando palavras de conforto, abraçando-a com ternura, mais do que paixão, até que Blair se sentisse relaxada ou, pelo menos, exausta.

Em silêncio, eles se entreolharam.

— Sua cabeça, Taylor — ela disse. — Sinto muito, eu me esqueci.

— Tudo bem, agora está tudo bem.

— Mesmo?

— É verdade. — Ele balançou a cabeça a fim de provar que não doía, exceto por um incômodo na base do pescoço. — Está muito melhor.

Blair deu um suspiro prolongado, os olhos de esmeralda sobre Taylor, rogando a ele com inédita aflição:

— Entregue-se. — Levou a mão trêmula à face dele. — Por favor, entregue-se à polícia. Não vê que eu não posso... Você é um homem tão bom! Cuide de si mesmo, eu não farei pressão alguma. O que quer que você tenha feito, podemos superar. Eu o ajudarei.



Ao contemplá-la, surpreso, Taylor ofereceu um suave sorriso. O âmbar de seus olhos não estava distante ou embaciado, mas adquirira um tom dourado forte e melancólico.

Ele havia esquecido, ou colocado em segundo plano, a certeza de que Blair um dia o denunciaria à polícia, cheia de orgulho ferido. Naquele momento, porém, tudo o que existia era a profundidade do carinho dela, e o instante se tornou precioso. Pensou em ampliá-lo, ansioso por ouvir palavras que ela talvez nunca mais pronunciasse.

— Por quê, Blair? — perguntou com voz rouca. — Por que deseja fazer tanta coisa por mim?

— Porque... — Ela pareceu indecisa, a mente vagando no espaço. — Porque eu amo você.

Marcada por uma singela dignidade, a declaração soou quase como um sussurro no ar. Taylor apertou-a contra si.

— Por favor... — Blair reclamou, livrando-se do abraço e tomando distância. — Eu amo você, mas não desejo ser sua parceira nisso tudo, seja o que for.

— Já lhe disse que vou devolvê-la a seu pai. Duvida de minha palavra?

— Não — ela negou suavemente. — Acho que pretende mantê-la.

— E quer que eu me entregue? — Ele sorriu, meneando a cabeça.

— Sim.

— Mesmo sem saber tudo o que fiz?

Blair fixou a vista no café já frio.

— Não acredito que tenha feito algo de muito ruim ou errado. Dizem que uma pessoa hipnotizada não cumpre as ordens contrárias a seus valores morais. Acho que foi isso que lhe aconteceu, Taylor. Você manteve a moral, mesmo estando desencaminhado. Por isso, pode voltar ao convívio da sociedade, o que mais tarde se tornará impossível.

Taylor tentou se controlar a duras penas, até que explodiu em um riso histérico. Ria para não chorar? Era irônico, pateticamente irônico.

Ele conteve o riso que continuava borbulhando em seu íntimo. Poderia concordar com Blair, afinal, já que iria encontrar-se com Andrew Huntington. Talvez, nos últimos dias que passassem juntos, ele armazenasse sublimes lembranças para levar consigo depois.

— Tudo bem, Blair — disse gravemente. — Vou me entregar a seu pai.

Ela arregalou os olhos, fascinada, ponderando que nunca o charme e a coragem haviam se combinado tão bem na mesma pessoa. De qualquer modo, não desejava alimentar ilusões. Taylor tinha capitulado com muita facilidade.

— Está falando a sério?

— Claro. Creio que jamais você poderá me acusar de ser mentiroso. — Era verdade. Quando fazia uma promessa, o que era raro, Taylor a cumpria. — Mas ainda tenho uma pergunta.

— Sim? — Ela sentiu-se confusa, como se o troféu que recebera fosse maior que suas mãos. E ainda nem tinha certeza de que realmente o ganhara.

— O que vai acontecer, então? — Taylor sabia ser melhor evitar a questão, antes que a vítima sentisse o primeiro golpe. Mas estava cravando a faca em uma ferida aberta, sem considerar as consequências.

— Bem... — ela vacilou. — Não sei exatamente. Tudo depende do que você fez, com o que está envolvido. Existe a possibilidade de ficar preso por algum tempo.

— E você esperaria por mim?



Não havia como se esquivar de Taylor, que apresentava questões de modo franco e direto.

— Sim. — Ela não titubeou. Amava aquele homem, e seu passado de sofrimento contrastava com a emoção que a consumia. Conhecia o amor, por isso podia reconhecê-lo quando surgia. — Sim, vou esperar por você.

— E se o seu pai desaprovar? Ele não ficará feliz vendo a filha ao lado de um criminoso. — O que tinha acontecido?, pensou Taylor. Por desejar respostas rápidas, fazia perguntas cretinas, em função da vontade premente de ter Blair por mais alguns dias.

— Andrew Huntington não é meu dono — ela retrucou serenamente.

Aquela era uma afirmação falsa e ridícula, ponderou Taylor. Mas conteve-se e dominou seu lado irônico.

— Pense nisso, Blair. De onde você veio, o que se tornou. Sua família, seu círculo de amigos, você perderia tudo ao ficar com um ex-condenado. Conseguirá lidar com esse fato?

— Taylor... — ela principiou a falar com firmeza, e a mulher que parecia querer matá-lo deu lugar à culta, segura e batalhadora Blair, aquela que era a verdadeira dona de seu coração.

— Nunca me importei com o que passou. O importante é ter fibra para recomeçar. Minha família se resume a meu pai. Ele me ama, e por isso o aceitará. E meus verdadeiros amigos também serão seus amigos. Se quer saber, sim, conseguirei lidar com qualquer coisa.

De certo modo, Taylor sentiu-se diminuído, quase humilhado pela beleza exterior e interior de Blair, e ainda assim não mudaria uma vírgula do que havia falado. Avançou para ela com as mãos grandes, pela primeira vez, trêmulas. Os dedos tocaram-lhe os cabelos, depois traçaram os contornos do rosto delicado.

Ela colheu-lhe a mão e interrompeu o afago.

— Não, Taylor, por favor... — suplicou, com uma linha de lágrimas formando-se nos olhos.

— Pensei que me amasse — ele se queixou.

— E amo, muito. — Com reverência, mantinha a mão dele entre as suas. — Apenas tenho medo do que pode acontecer por aqui. Precisamos chegar logo a uma cidade grande. Darei um jeito de telefonar para Washington.

— Já disse que me entregarei a seu pai, quando a devolver. Faltam só alguns dias, dois e meio para ser exato.

E se fosse apenas outro stratagema? Um subterfúgio de Taylor para se entreter enquanto o tempo passava?

— Que diferença faz? — ela questionou com perspicácia.

— Se você decidiu se entregar, quanto mais cedo, melhor.

Sem responder prontamente, ele foi à cozinha, verteu na pia o bule de café frio e começou a preparar outro, novo. Após acender o fogo, voltou-se para Blair, com uma decisão tomada.

— É importante para sua segurança, é talvez a de outras pessoas, que não paremos em um lugar habitado, até chegarmos a Belize. Juro que, alcançado esse destino, irei com você apresentar-me a seu pai. Aceite isso por enquanto, mesmo porque não há mais nada que eu possa fazer.

Blair fitou Taylor fixamente por alguns segundos, sabendo que não conseguiria movê-lo. Seu olhar baixou, junto com a cabeça.

— Imagino que também não tenho mais nada a fazer, certo?



— Não. Mas pode continuar confiando em mim.

Ela balançou levemente a cabeça, avaliando sua noção de confiança.

— Acho que confio em você.

— Pode fazer mais uma coisa: dizer novamente que me ama.

— Eu te amo, Taylor — murmurou —, mas evidentemente não estou feliz com tudo isto. Seria possível navegar mais depressa?

— Não podemos. — Ele insistiu em acariciar o rosto dela e, mais uma vez, foi impedido.

Sem raiva, Taylor a soltou, conservando nos olhos uma estranha amargura.

— Creio que a compreendo, Blair.

O pomo da discórdia era que, embora confiando nele, ela tinha plantado na mente o fato de que Taylor a raptara. Se ele não era culpado da farsa toda, havia dado andamento a ela desde o início. Só não podia lamentar-se. Graças ao rapto, conhecera Blair e descobrira o amor, com uma intensidade inabalável.

— Por que não prepara um lanche, ou faz o almoço? — ele sugeriu, desaparecendo na escada para o convés.

Foi um final frio, nem um pouco dramático, para o momento tão especial em que duas pessoas haviam declarado seu amor mútuo.

Mas tinha de ser assim.

Blair assumiu a tarefa de cozinhar para os dois, enquanto pensava com desespero no fim daquela história. Era importante que terminasse, a fim de dar lugar a uma outra, mais verdadeira e feliz.

Resolveu que apoiaria Taylor, que esperaria por ele caso fosse preso. Mas sentia que algo estava errado. Por vezes, notara um brilho satânico nos olhos dele, mas, em compensação, em outras ocasiões o olhar era doce, hipnótico e passionai.

Afastou as sensações impróprias enquanto trabalhava e passou a experimentar uma estranha alegria. Estava apaixonada, e o homem amado também a adorava. Ela já acreditava nele, deixando de questionar sua sinceridade.

Capítulo XI

No convés, Taylor acendeu um cigarro e ficou contemplando o mar calmo. Ele vivia um dilema. A objetividade exigida por sua atuação como agente especial sofria um rude golpe. Amava Blair, mas ela não o perdoaria quando descobrisse a verdade.

O amor acrescentava facetas novas à sua personalidade, mas a principal, e a mais condenada, consistia no desejo de ouvir elogios de Blair. Teria de convencê-la, mais adiante, de que pelo menos sua paixão era autêntica. Quanto ao resto, o perdão não era uma parte integrante do amor?

Blair ficaria louca de raiva. Mais que isso, furiosa. A questão era: ela teria



discernimento suficiente para saber se o amava ou não?

Dois dias eram tudo o que lhe restava. Na manhã do terceiro dia estariam atracando em Belize, exceto se algo desse errado no fim daquela viagem.

Taylor ainda aproveitava a pacífica enseada no qual encontrara refúgio. Permanecia mais tempo ali porque, a despeito do encalhe na areia e da tempestade, ele não estava atrasado. O vento o tinha ajudado.

— Café da manhã!

Da posição em que se achava, junto ao mastro principal, Taylor viu Blair aparecer e sorrir para ele. Sorrindo também, ele a seguiu escada abaixo.

— Como já é hora do almoço, deveria ser um *brunch* — ele comentou.

— E isso mesmo, mas não quis parecer pretensiosa.

Pouco depois, saboreando o farto prato de presunto com ovos, entre goles de café, Taylor notou uma ruga de preocupação no rosto de Blair.

— Um dólar por seus pensamentos — ele instigou.

— Estava pensando... — disse ela com um meio sorriso, enrugando a testa em definitivo.

Blair estudou as feições de Taylor e constatou que os cabelos dele, normalmente longos, já alcançavam o colarinho da camisa azul de trabalho que ele vestia. Por falar nisso, era estranho que ele houvesse passado a se barbear meticulosamente, desde que chegara ao acampamento dos voluntários de combate à fome.

Naquele dia ele ainda não fizera a barba, talvez porque estivera ocupado acalmando-a.

E daí que ele mostrasse uma aparência desmazelada? Os hábitos não mudam de acordo com o ambiente. Mas, se tivesse vindo do meio da mata... De onde será que ele viera?

— Continua pensando?

— O quê? Ah! — Ela congelou na mente as dúvidas sobre os hábitos de Taylor e ponderou como exprimir as próprias incertezas. Desistiu de quaisquer rodeios e perguntou diretamente: — Até que ponto esta situação é grave? Considerando que não vou apresentar queixa por rapto...

O silêncio dele a fez sentir um pouco de medo.

— Você já está recuando? — ele questionou, limpando a boca no guardanapo.

— Não foi o que eu disse — Blair o reprovou asperamente. — Quero saber o que teremos de enfrentar. Creio que é um direito meu.

— Está me perguntando se sou um ladrão, um assassino, ou um terrorista bem-intencionado.

— É exatamente isso que estou querendo saber. — Ela terminou seu café e, nervosa, acendeu um cigarro para ter com que se distrair.

Taylor sorveu seu café devagar, com um demorado gole, e a máscara que lhe escondia as emoções tornava sua fisionomia dura e fria.

Quando colocou a xícara sobre a mesa, falou:

— Ladrão, não. Sequestrador, você já respondeu. Assassino, bem... Estive em uma guerra no Oriente Médio, mas pelo que sei nunca tirei a vida de qualquer pessoa, militar ou civil. Terrorista, também não sou. Minha sentença de prisão não será longa.

Taylor enfatizava as respostas em tom vagamente ressentido. Olhava para Blair enquanto falava, medindo suas reações. Então, ergueu-se abruptamente e caminhou até a escada, deixando-a ali sentada e surpresa com sua atitude. Ali estava ela, tentando ajudar

aquele homem, e ele agia como um rato enjaulado quando interrogado sobre detalhes de sua vida. Um homem que supostamente a amava.

O mesmo conceito, por diferentes caminhos, parecia ter chegado à mente de Taylor.

— Pensei que você me amasse — disse em tom queixoso.

— Mas eu amo! — Blair colocou o máximo de franqueza na voz. — Pelo menos, acreditei que amasse — completou friamente.

Taylor veio de volta à mesa, visivelmente aborrecido.

— Só lhe pedi dois dias e meio, Blair, e então você terá todas as respostas que quer. Pode me conceder esse enorme prazo? Teríamos milhões de assuntos a discutir, mas sua mente se fixou em apenas um.

— Isso é compreensível, não?

— Não — ele rebateu. — Estamos procurando problemas, justamente quando a tempestade passou e o mar ficou calmo.

Trêmula ao senti-lo atrás dela, Blair serviu-se de mais café. Mas os olhos de Taylor, que ela não podia ver, pareciam forçá-la a se voltar.

— O que quer de mim? — indagou ansiosa*

— Quero isto.

Ele adiantou-se, retirou a xícara da mão dela para colocá-la na mesa e então inclinou-se para um abraço vigoroso.

Blair esboçou resistência, mas Taylor a seduzia com beijos envolventes, que começaram nos cabelos e desceram pelo rosto e pescoço até o colo macio. Seria ilógico negar-se às carícias, quando ela própria o estreitava e encaixava-se no corpo masculino, com os dedos passeando suavemente pela nuca de Taylor.

Principiou a falar com a boca encostada na face dele, sentindo um aroma leve e natural, mesclado ao do vento e do mar.

— Ainda há tanto a combinar... — disse em um sussurro, lutando desesperadamente por autocontrole, enquanto ele cravava os lábios no vão de seus seios, que a blusa quase já não cobria. — Quero dizer... preciso saber o que vamos enfrentar depois que você se entregar às autoridades.

Ela falava coisas certas, mas as palavras faziam pouco sentido quando entremeadas pelos gemidos que Taylor provocava. A língua dele encontrara sua orelha, e uma onda de calor espalhou-se por seu corpo.

— Blair... — ele murmurou com visível desejo, segurando-a contra si. — Preciso fazer amor com você. Agora. Preciso muito.

As lembranças da noite em que ela própria se derretera sob a avassaladora urgência dos sentidos indicaram o caminho: enterrar os fantasmas e medos do passado e entregar-se sem reservas às sensações que Taylor sabia lhe proporcionar, transformando-a para sempre.

Mas tudo isso beirava a insanidade: ela ainda era refém dele!

Como se negar, porém, uma experiência tão deliciosa? As reações físicas se tornavam irresistíveis, e Blair vinha perdendo, segundo após segundo, a vontade de lutar. As roupas já a incomodavam, precisavam ser tiradas.

— Preciso de você, querida — Taylor repetiu, com uma voz ardente que a inflamou também.

As mãos grandes e fortes deslizaram pelas costas, pelo busto, pelo ventre dela, arqueando-se sobre cada curva, atritando o corpo quente, criando uma necessidade especial. A resposta de Blair veio instantânea, na forma de um ajuste sensual entre os dois corpos.



— O que será de nós? — ela ainda conseguiu argumentar antes de se entregar completamente à oferta amorosa que Taylor fazia.

— Temos o momento presente — ele respondeu. — O futuro é sempre incerto. E se o amanhã nos trazer uma longa separação?

O que ele estava fazendo? Devia pensar melhor no que dizia, até mesmo para não incorrer em mentiras. A resposta era simples. Blair o possuía de modo completo e irrevogável. Talvez, com o fim da aventura, ela o amasse o suficiente para compreender que ele também a havia amado até o limite da loucura e que jamais a esqueceria.

— Taylor...

Estaria protestando de novo ou conclamando-o para o ato de amor? Ele só sabia que a tinha nos braços, suplicante e sensual. Não esperou mais. Cobriu-a de beijos, agarrou-lhe o corpo, acariciou os pontos sensíveis com a boca ávida. A beleza diáfana de Blair o excitava cada vez mais.

Ela entregou-se à força do desejo, mas precisou respirar. Afastou-se um pouco, e uma agonia lhe rasgou o ventre. Ele a fitou com os olhos dourados que ao mesmo tempo imploravam e ordenavam seu retorno. Blair sorriu com ternura, e Taylor entendeu. A frágil mão feminina que o tocou estava surpreendentemente firme ao conduzi-lo até a cama.

Mais tarde, Blair ficaria imaginando qual demônio da volúpia a possuía. Mas o que Taylor dissera representava a mais pura verdade. Ela havia aprendido, de modo amargo, que não se podia contar com o amanhã. Queria agarrar o presente com ambas as mãos, desfrutando tudo o que não podia ser negado, como seu desejo por ele.

De costas para Taylor, Blair se livrou das roupas e escutou o pedido para virar-se. Obedeceu, vendo que ele também se despira, à sua maneira felina e silenciosa. Por momentos, somente se observaram, fruindo a beleza física que um admirava no outro.

Ele poderia venerá-la no altar de uma deusa, pensou Taylor, cedendo a um instante de excentricidade. Havia mudado seu comportamento de diversos modos, e algumas coisas simples dentro dele só Blair conseguia trazer à tona. Ela tinha capturado o que existia de mais sublime em sua alma. E também em seu corpo. Se os olhos não paravam quietos, os dedos mostravam a compulsão de tocar tudo o que era visto. E Taylor sentiu o sangue começar a ferver, o coração a pesar, conforme percebia as reações de Blair a seus toques provocantes: os mamilos rijos e altos, os seios arfantes, os lábios entreabertos.

As mãos dela não tardaram a retribuir os carinhos, e os músculos dele se contraíram ao contato da pele macia. Fervor e paixão levavam os dedos de Blair até as saliências sensíveis do corpo de Taylor, que respondia com langoroso tremor e beijos mais suaves, como se lhe bastasse degustar o sabor da pele feminina.

Em seguida, dobrada sobre ele, Blair espanou-lhe o tórax e a virilha com os cabelos cor de fogo e os seios macios, acendendo uma crescente sensualidade, marcando a pele dele com uma sucessão de beijos eróticos.

Era mais do que Taylor podia suportar. A reverência que tinha por aquela mulher, como única deusa de seu altar, irrompeu transformada em volúpia. Sem reprimir-se, ele apertou Blair nos braços antes que ela se deitasse, esticada na cama. Nada pôde fazer em termos de temperança. Por várias noites, havia ocupado seu canto no leito, ao lado dela, sem poder mover pernas e braços. Por várias noites, havia sonhado com uma situação diferente, na qual ela atendia ao convite explícito que ele lhe oferecia. Assim, entre frenético e aliviado, encontrou-lhe o ninho, pronto para recebê-lo.

— Você está fervendo — balbuciou no ouvido dela, mirando-a depois com a profundidade dourada de seus olhos, pedindo calado que nada, nada lhes fosse proibido no contato carnal. — Lindo, maravilhoso fogo.



Para Blair, foi como se o tempo houvesse parado. Nenhum poder no mundo, salvo o próprio Taylor, poderia expulsá-la do paraíso prometido. Nada havia além dele, do olhar, da sensação, do toque e do cheiro masculino. Preenchida por ele, embriagada, mas astuta, ela intensificou o ritmo dos movimentos, ansiando pelo fim. Juntos alcançaram o êxtase, e logo em seguida viveram mais um momento milagroso, quando o delírio sensual transformou-se em um ruído cavo que nada mais era do que dois corações batendo em sintonia.

Quando a tempestade erótica terminou, Blair não fugiu de Taylor. Sob ele, acolheu-o em seu relaxamento com alegria, ainda tocando-o com gentil reverência, as mãos confortavelmente apoiadas nas costas bronzeadas. Ele mantinha um braço em torno dela, e assim trocaram um sorriso cúmplice.

Teriam ouvido um novo som vindo de seu interior?

Cada qual fechado em um mundo de prazeres, custou-lhes reconhecer o ruído, mas agora estava quase em cima deles. Movendo-se rapidamente, Taylor abriu a cortina da escotilha e olhou o mar com apreensão.

— Levante-se — falou pesadamente.

Confusa com aquela mudança brusca de comportamento, Blair tentou reconhecer o som que a havia provocado, mas ainda estava zonza demais para raciocinar com coerência.

Taylor estava tenso, empertigado, e uma sensação de desânimo abateu-se sobre Blair.

Ela observou uma gama de esgares e contrações tomar conta do rosto de Taylor. Mesmo repetindo para ela se levantar, ele permaneceu frio e calmo, vestindo calção e camiseta. A dureza nos traços faciais estava de volta, bem como o felino olhar de alerta.

Ela saltou da cama com a certeza de que existia algo de errado. Ainda tentava colocar a calça jeans quando ele se dirigiu à escada.

— O que é? — indagou, um tanto temerosa, mas interrompendo a escalada de Taylor para o convés. Nem parecia que, momentos antes, fizera amor com aquele homem, agora tão frio, empedernido e sem emoção.

— Não desconfia, sra. Teile? Sua liberdade. Tudo o que tanto almejava.

Claro. O som fora produzido por um grande barco a motor que se aproximara do *La Princesa*, enquanto este ficara parado na enseada.

Era cerca de três vezes maior e chamava-se *USS Wind*, como Blair leu ao chegar ao convés, atrás de Taylor. Um grupo de marinheiros se amontoava a bombordo.

Resgate? De algum modo, alguém tinha vindo resgatá-la.

— Continue quieto, Taylor, e não faça nada, ou pode levar um tiro — ela pretendeu tranquilizá-lo. — As coisas não mudarão entre nós, e você poderá recorrer a meu pai depois de se entregar.

— Não se preocupe. Não farei nada.

Novamente Blair estranhou a calma exibida por Taylor, novamente pensou que não o conhecia de fato. Era um estranho. E ela acabara de se entregar outra vez a um homem totalmente indiferente. Um bom fingidor, que deixara o papel de amante para assumir o de tirano.

O barco grande posicionou-se ao lado do *La Princesa* e o motor foi desligado. As duas embarcações se emparelharam, e uma pinguela de cordas e ripas, fixada por ganchos nas duas extremidades, foi estendida para permitir o trânsito entre os dois barcos.

Por um instante, Blair pensou que Taylor planejava esconder-se atrás dela, usando-a como escudo humano. Mas ele não a agarrou, apenas lhe roçou o corpo, assumindo uma expressão fechada, como se mal se conhecessem.



Então, Blair notou que um dos tripulantes do outro barco não era um marujo, e sim seu pai, que acenava e sorria!

— Taylor! — ele bradou, como se pedisse para o outro abrir espaço e revelar-lhe a filha. — Blair, minha querida! Meu Deus, como é bom vê-la!

Ela sentiu-se gelar. Seus membros pareciam feitos de chumbo, tão inúteis quanto a mente que captava a mensagem transmitida pelos olhos e ouvidos. Pestanejou, atordoada, imaginando se estava vendo coisas.

Não estava. Tratava-se realmente de seu pai, Andrew Huntington, que do convés do outro barco estendia para ela os braços trêmulos.

— Papai! — gritou da amurada, de onde acessou a pinguela com a ajuda de um marinheiro forte.

Correu a fim de abraçar o pai. Ele a acolheu, afagou-lhe os cabelos e acariciou sua face com as mãos. Naquele momento, Blair sentiu a fraqueza, o peso da idade daquele ser tão querido, devastado por anos de angústia e preocupação. Mas ele obviamente conhecia Taylor, a quem chamara pelo nome. Passada a emoção inicial, ela recuou.

— O que está acontecendo aqui? Agora você é um pirata? — Blair fustigou o pai com olhos acusadores, que se alternaram entre ele e o homem impassível do outro lado.

Ela tentou se controlar, manter suave o tom de voz, lembrar-se de que o pai era idoso, marcado por suas preocupações políticas com o destino de uma nação. A contragosto, começou a tremer de raiva, a raiva de quem se sentia uma idiota, que apenas lentamente percebera isso, que se dera inteira a um homem prestes a mudar de lado e que, em sua tola imaginação, faria isso por amor a ela.

— Ninguém vai me responder? — exigiu em voz alterada.

Mantendo a vista em Huntington, Taylor permanecia inabalável, os braços cruzados junto ao peito. Obviamente, não pretendia contestar nenhuma questão apresentada por Blair, deixando essa tarefa ao pai dela. Compunha a figura de um observador medianamente interessado nos fatos, nada mais, e aguardava com paciência para ver como o experiente político lidaria com o assunto.

— Papai? — Ela dardejou os olhos furiosos na direção do pai.

— É uma longa história, filha — ele começou. — E classificada como sigilosa até esta manhã. Craig Taylor trabalha para o governo...

— Entendo. — Ela interrompeu friamente, sabendo que veria tudo borrado depois de um terrível arrepio. Seus pensamentos dispararam dentro da mente, confusos e incoerentes. Deveria estar grata por Taylor não ser um terrorista, por seu pai estar ali para protegê-la, por tudo ter acabado.

Estranhamente, porém, não se sentia agradecida. Na cama da cabine, os lençóis ainda carregavam o calor úmido de dois corpos em delírio, e Taylor por certo nunca precisaria de perdão. Assim como não era um terrorista, também não se confundia com um criminoso comum. Era uma espécie de agente secreto, que brincara com ela ao despertar-lhe os sentidos adormecidos. E como havia brincado! Ingênua, Blair o recebera em seu coração, e ele provavelmente vivera aqueles dias rindo pelos cantos.

— Um agente secreto? — retomou o fio da conversa.

— Taylor é um diplomata, filha — esclareceu Huntington. — Lotado em serviços especiais.

— Diplomata? Mas... — O espanto de Blair misturou-se ao sarcasmo. — A diplomacia norte-americana está realmente mudada! Já permite que um de seus funcionários rapte uma vítima inocente, depois de pô-la a nocaute com uma injeção, e use um barco caindo

aos pedaços como cativo!

A tensão pareceu permear todo aquele braço de mar. Huntington olhou significativamente para Taylor, que deu de ombros, e depois para Blair.

— Não o culpe. Taylor estava sob minhas ordens diretas. Nada podia ser revelado antes porque a operação era sigilosa. O próprio Taylor desconhecia o verdadeiro motivo para aprisioná-la.

— Suas ordens! — Ela suspirou. O pai havia ordenado que fosse raptada!

— Bem... — Huntington fez-se de inocente. — Já lhe disse que é uma longa e complexa história. Temos um longo caminho até em casa. Horas de voo a partir de Belize. Posso explicar tudo no trajeto. Se estiver pronta, há um batalhão inteiro de pessoas à nossa espera.

— Estou pronta — Blair murmurou, carrancuda.

— Taylor? — Huntington o chamou. — Um de nossos marujos pode cuidar do *La Princesa*. Vem conosco?

— Obrigado, mas não. O senhor chegou adiantado!

Realmente, viera antes da hora aprazada e quase pusera tudo a perder entre ele e Blair.

— Tudo ficou resolvido esta manhã, e não pude esperar. Desculpe-me por isso. Sabia que o encontraria ao longo da costa.

— Sim, compreendo — Taylor resmungou. — Mas tenho alguns pertences no barco e alguns problemas a resolver em Belize, antes de voar de volta.

— Está bem — Huntington concordou. — Blair, precisa de algo que esteja no outro barco?

— Não — ela respondeu com frieza. Olhou para Taylor, com ar tão duro e implacável quanto o dele. — Não existe nada no barco que eu queira recuperar.

Huntington aceitou a ajuda de um marinheiro a fim de saltar para o barco menor. Queria alguns minutos a sós com o agente.

— Devo muito a Taylor — Huntington ainda explicou à filha. — Saiba que ele não queria participar de nada.

Do convés do *USS Wind*, Blair viu que Huntington e Taylor desciam para a cabine. Reconsiderou sua opinião sobre o pai, bastante ágil para um homem daquela idade.

Enquanto esperava, contendo a raiva, concluiu que era ela quem merecia uma explicação, não Taylor! Imaginou que tipo de ordens o pai dera a ele, e em qual parte da missão se encaixavam os ardentes atos de amor.

— Vamos, filha — o diplomata propôs ao reaparecer, sozinho.

— Só um minuto, papai. Também preciso conversar com Taylor.

Repetiu o ritual de acesso, alcançou a cabine e deparou imediatamente com o homem de olhos diabólicos que parecia aguardá-la, com as mãos na cintura e uma expressão de enfado no rosto.

— Então, você é um... diplomata — ela debochou.

— Blair... — ele a interrompeu.

Por uma fração de segundo ela acreditou que Taylor iria implorar por compreensão, dizer que tivera motivos para esconder-lhe a verdade, garantir que o amor entre ambos era real, não um passatempo.

No entanto, não foi o que ocorreu. Blair estava decidida a descartar o papel de tola ou ingênua. Pelo que havia acontecido entre os dois, Taylor por certo era capaz de esbanjar



ternura, mas não gostava de demonstrá-lo. Filtrando tudo o que lhe falara, pouco iria sobrar.

Antes que ele se expressasse, a mão de Blair acertou-lhe o rosto com veemente ira, criando o agudo e ressonante som de um tapa no ar tenso.

— Leve isto com você para a cadeia, se é que vai ser preso! — ela disse com falsa doçura, virando-se para sair dali. Ele não iria revidar, agora que seu pai estava por perto.

Taylor não revidou, mas a impediu de sair. O braço se esticou, os dedos se fecharam sobre seu pulso, e Blair teve de encará-lo de frente outra vez. A expressão dele denotava que, se ele optasse por devolver a agressão, não importaria quem estivesse no convés.

— Ouça, princesa... estou só começando a compreender esta conspiração e por que ela foi necessária. Mas você não se dispõe a escutar. Já fez seu julgamento, dentro de sua pequena mente perversa, sem saber o que...

— Eu sei — ela atalhou, furiosa — que você poderia pelo menos ter me dado algumas pistas, quando conversávamos sobre crimes e criminosos, ou quando ficávamos sem assunto na cama, depois de...

— Eu não podia contar, Blair. Tudo era sigiloso, segredo de Estado.

— Podia ter contado que trabalhava para meu pai. Tratou-me como uma idiota, que servia apenas para ajudá-lo, para cuidar de você e para fazer sexo... Oh! Você deve ter rido muito de mim!

— Nada disso. Fiz o que devia fazer.

— Vá para o inferno, Taylor. — Ela tinha de sair dali, antes que irrompesse em lágrimas. — Com licença!

Passou por ele com o que lhe restava de dignidade, escapou da mão que procurava detê-la mais uma vez e subiu a escada, tremendo como folha ao vento.

— Ainda pretendo descobrir — completou — por que fui dopada, raptada e aprisionada neste barco, ainda mais por ordens de meu próprio pai!

Viu-se quase sem fôlego ao reencontrar Huntington e soltou-se nos braços dele a fim de recobrar o equilíbrio corporal.

— Vamos — pediu, fechando os olhos por um segundo, para guardar a última imagem de Taylor: as marcas de seus dedos no rosto magro e bronzeado, os olhos cor de mel injetados de vermelho, as mãos erguidas em uma simulação de defesa. E para guardar as palavras, claro, as palavras pronunciadas com tanta intensidade.

— Não descarregue sua raiva em cima de Taylor — o veterano político pediu à filha, tomando-lhe a mão. Estava incerto quanto à capacidade dela de compreender. — Taylor só aceitou a missão por insistência minha. Era o melhor agente de que eu podia dispor. Trabalhou muitos anos em lugares conturbados como o Oriente Médio, a Irlanda do Norte...

— Papai... — Blair murmurou, mal conseguindo segurar o choro.

Estava furiosa com o pai também, mas tratava-se de seu pai. Adorava-o e não o magoaria por nada no mundo. Sabia que, no devido tempo, receberia dele a explicação. Por enquanto, só podia confiar nele, dar-lhe o crédito irrestrito que negara ao homem de quem se tornara amante.

— Papai... — repetiu, grata por ele notar sua emoção e apertar seus dedos para dar-lhe segurança. — Há muito que conversar, mas não aqui.

Blair inclinou a cabeça pela amurada e viu os marinheiros recolherem a ponte provisória que ligava o barco ao *La Princesa*. A imagem que lhe veio à mente foi a de um corte de cordão umbilical, de um rompimento com o passado recente. Por isso, sorriu. E sua aparente indiferença mascarou a infelicidade e a humilhação que grassavam dentro dela.

O grande barco então zarpou. Havia um longo caminho até o lar e a privacidade. Do Caribe a Belize, de Belize ao Texas, do Texas a Washington.

Craig Taylor permaneceu sentado à mesa da cabine enquanto o rugido do motor do outro barco diminuía na distância, até que tudo voltasse ao silêncio. Seus dedos procuraram automaticamente um cigarro, que ele acendeu com um leve tremor.

Blair havia tido algumas surpresas naquele dia, mas nunca suspeitara que o maior e mais cruel imprevisto estivera reservado para ele.

Nunca, nem em sua mais delirante fantasia, poderia imaginar que Andrew Huntington viesse a seu encontro, ao longo da costa, em vez de esperá-lo em Belize, conforme o combinado.

Em compensação, agora ele sabia por que recebera a ordem de raptar sua "princesa". Embora tudo fizesse perfeito sentido, isso não contribuía para acalmar o turbilhão em sua mente.

E a questão principal referia-se à própria Blair. Ela seria capaz de compreender, um dia, que tudo fazia sentido? Talvez, mas poderia levar muito tempo. Não era o tipo de mulher que tolerava ser enganada.

Talvez ela entendesse, por fim, por que ele não pudera quebrar seu voto de silêncio. Uma vez suspenso o carimbo de "sigiloso", o próprio Huntington a faria perceber como a situação anterior havia sido precária e perigosa.

Sim, tudo podia ser explicado. Na qualidade de pai, Huntington faria questão disso e Blair perdoaria o pai, a quem amava. "Mas, e eu?", pensou Taylor soerguendo as sobrancelhas. Já admitia ter caído na própria armadilha. Nunca poderia alegar um ingênuo desconhecimento dos passos que dera. Simplesmente desejara Blair com mais intensidade do que recomendava o bom senso. No entanto, havia satisfeito e adorado sua princesa mesmo quando ela, afetuosamente, tentara modificá-lo. Em suma, não conseguira parar.

O tapa que recebera ainda ardia em sua face. Taylor tinha perfeita consciência do que Blair pensava dele.

Ele avaliou até que ponto Huntington chegaria a saber daquele relacionamento. Provavelmente pouco, mas isso não importava. Era hora de dar carga total ao motor do barco, ganhar velocidade de modo que ninguém mais o encontrasse. A missão estava cumprida e encerrada. Ansiava por chegar logo a Washington e retomar o trabalho normal, sempre se equilibrando na tênue linha entre legalidade e ilegalidade.

Era-lhe difícil, porém, apagar a imagem de sua refém, sua princesa. O perfume dela impregnava a cabine, a vibração sensual continuava colada aos móveis. Blair se tornava um fantasma de delicada força, orgulho, lealdade e determinação. Um belo fantasma, enfim, irredutível e sem piedade pela solidão que ele sentia.

"Acabou, Taylor", repetiu mentalmente diversas vezes.

Com isso, preparou a vela e, com o motor à toda, desafiou o vento forte que soprava fora da enseada. Percorreu a costa velozmente, agora sem a preocupação de topar com vilarejos habitados pelo caminho. Espuma branca se formava e envolvia o casco. Pingos salgados lhe fustigavam o rosto. E ainda assim Taylor não conseguia descartar a memória, trancar o coração e esquecer o amor.

Até mesmo a voz de Blair parecia assombrá-lo, recortada na brisa, com um murmúrio carinhoso: *Eu te amo, Taylor...*

Subitamente, ele cortou o motor e o *La Princesa* deslizou com vagar pelas ondas baixas. Ele teve um acesso de riso. Ria para o vento, para o mar, para si próprio.

— Você tem de acreditar que os persistentes vencerão — recitou.



Caía o anoitecer. Taylor voltou a acelerar o barco, após calcular que em poucas horas aportaria em Belize. Não via a hora de pisar em terra firme, de ter uma folga. Antecipando a chegada, ele vasculhou a geladeira da cabine e encontrou uma lata de cerveja.

— A você — fez um brinde — e aos persistentes — completou. Olhou para a cama ainda desfeita, com os lençóis amarfanhados, e disse: — E a você, princesa. Está bem. Vamos encarar os fatos. Armei uma bela confusão, mas precisava fazer isso. Pense um pouco e entenderá, querida. Fui jogado contra os maiores fanáticos de nosso tempo. E você acha que um simples tapa porá fim à saga de Craig Taylor? Nunca na vida, princesa.

Ela precisaria de tempo para se recompor e se acalmar. Quem quer que houvesse decretado que, em geral, as ruivas tinham temperamento explosivo provavelmente estava coberto de razão. Mas Blair pouco possuía da mimada moça de sociedade que ele havia esperado de início. Era sensata, equilibrada e compreenderia tudo o que Huntington tinha a lhe dizer.

Claro que não havia explicação para Taylor ter inventado o medo de ser preso e, por longo tempo, somente para levar Blair para a cama.

Isso ela teria de perdoar.

Naquela mesma noite, Craig Taylor entregou o *La Princesa* a seus armadores, em Belize. Dormiu melhor do que em muitas semanas, no quarto de um hotel turístico, com ar condicionado, colchão firme e confortável, roupas de cama macias e quentes, e a despeito disso o primeiro despertar de Taylor em um lugar civilizado só lhe trouxe saudade da cabine do barco em que havia amado e possuído Blair. Impossível trocar a suavidade da pele dela pela cama de um hotel.

Dois dias depois, Craig Taylor chegou a Washington, e com passadas largas avançou pelo corredor que levava à sala de seu chefe. Lorna Patterson, a antiga secretária de George Merrill, saudou-o efusivamente, mostrando disposição de sair de sua mesa para dar-lhe um abraço.

Mas ele já havia ultrapassado os domínios de Lorna. Taylor não fazia cerimônia com ela, embora a secretária sempre parecesse deslumbrada por sua figura. Não era uma mulher bonita, e sabia disso. No entanto, tinha uma especial habilidade para detectar a fragilidade humana em geral e os egos feridos em particular. Encantado, Taylor nunca a deixava sem algum elogio. Era capaz de reparar em um novo penteado, um novo vestido, e sem falsa lisonja fazia com que ela se sentisse bela. Lorna o adorava por isso.

Naquele dia, porém, Taylor achava-se distraído. Acenou para a secretária ao ouvir a informação de que George estava em sua sala e seguiu em frente. Sem bisbilhotar, Lorna escutou o chefe saudar o visitante em voz alta.

— Taylor! Estava esperando por você. Tivemos problemas com a nova política referente a...

— Calma — o agente pediu. — Preciso conversar muito com você. Quero requerer uma trans...

A porta foi fechada, e Lorna nada mais ouviu.

Trinta minutos depois, George e Taylor saíram do escritório. Nenhum dos dois parecia particularmente feliz.

— Quanto tempo eu tenho? — indagou o agente.

— Uma semana — o chefe respondeu como se pedisse desculpas.

Taylor contemplou seu superior por alguns instantes. Ainda demonstrava



consternação. O chefe abriu a boca para falar, mas nada disse, o que era uma raridade. Nove em dez vezes George vociferava com os subordinados. Mas Lorna ficou ainda mais surpresa quando ele entouu:

— Obrigado, Taylor.

Emoções conflitantes passaram pelo íntimo de Taylor. Tensão, dor, remorso, resignação e firmeza. Depois, ele forçou um sorriso seco que não apagou o pesar manifesto em seus instigantes olhos cor de mel.

— Certo, chefe. É um compromisso, como você disse.

— Estará tudo pronto quando você voltar, Taylor. Eu garanto.

George voltou à sua sala, deixando Taylor momentaneamente desorientado. Logo ele tomou consciência de que Lorna o observava com simpatia, apesar de não compreender nada do que se passava.

Taylor sorriu para ela, causando um desproporcional contentamento, e então se apoiou no canto da escrivaninha.

— Como andam as coisas, Lorna?

— Bem — foi a resposta. — Como sempre.

Ela pretendia prolongar a conversa, já que ninguém mais era esperado no escritório, mas Taylor continuou sorrindo, levando a secretária a perceber que ele não prestava atenção. Havia sido simplesmente amável.

"Mas que homem!", pensou Lorna. Um pirata moderno, santo e pecador ao mesmo tempo. Um belo espécime de macho, por quem toda mulher poderia facilmente se apaixonar. Ela não fazia parte desse time, mas seria amiga incondicional de Taylor até a morte.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — ofereceu-se. — Se você tem um problema, estou aqui para ouvir.

Pela primeira vez, o sorriso dele tornou-se real. Acenou com a mão no ar.

— Obrigado, Lorna, mas você não pode ajudar. — Com um esgar, Taylor afastou-se da mesa. — Compromisso — murmurou, e prosseguiu falando até chegar à porta de saída e voltar-se: — Talvez possa, sim, Lorna. Diga-me, as mulheres acreditam em compromisso?

Espantada, a secretária deduziu que o problema do amigo envolvia uma mulher. Ele fora visto em noites com algumas das mais famosas beldades do mundo, mas nunca, que ela soubesse, havia levado alguma a sério. Agora, falava em compromisso!

— Claro que acreditam — Lorna assegurou-lhe, vendo Taylor sair.

Minutos depois, ele estava olhando para a colina do Capitólio, sede do Congresso dos Estados Unidos.

Primeiro, enfrentara uma missão sigilosa. Agora, um compromisso. Era demais para um homem vivido e experiente, de quase quarenta anos, que só queria sua vida de volta. Se transigisse mais uma vez, poderia ficar tarde para viver.

E não obstante, Taylor não conseguia dar as costas a um apelo. A ética, sua própria ética, mantinha-o firme no caminho outrora escolhido.

Ele travou uma batalha mental enquanto observava o prédio à distância, alheio ao fato de que, no final da primavera, Washington se tornava uma cidade bonita, com abundância de flores e um céu azul cristalino. Até mesmo o ar carregava um frescor magnífico.

Pela primeira vez em sua carreira, Taylor pensara em dizer "não" em vez de se importar com os outros. Não tivera êxito. Agora, ofertava a Blair Morgan nada mais, ou menos, do que ele mesmo. Por uma semana.

Ele tinha uma semana para convencê-la a lhe perdoar e, depois, para entrar em um



acordo.

Jamais isso aconteceria, na avaliação de Taylor. Porque sabia como Blair se sentia e, passados sete dias, ele teria de partir. Nunca esqueceria, porém, a expressão de abatimento de Blair ao descobrir a existência de uma pistola na cabine do barco. Certamente, ela preferiria vê-lo condenado e preso, em segurança, a saber que ele participava de algum confronto perigoso, em qualquer país conflagrado entre tantos no mundo.

Taylor esfregou as mãos com ansiedade. Blair lhe pertencia! Tinha de lhe pertencer, houvesse o que houvesse. E só existia uma opção: fazê-la entender como havia se entregado a ele plenamente, antes da separação. Era um problema e tanto. Se batesse à porta de Huntington, Blair a fecharia antes de ouvir qualquer argumento.

Mas havia uma chance: a festa de George Merrill. Sua princesa estaria lá, sem dúvida. E Taylor se valeria de todo estratagema para se aproximar de Blair e convencê-la de que já era o dono de seu corpo, alma e coração.

Compromisso? Sim.

Aquela seria uma disputa diplomática que ele precisava ganhar, mesmo usando meios pouco diplomáticos.

Capítulo XII

— Ainda não consigo entender — disse Blair em tom austero. Finalmente estava em casa, com seu pai, olhando através da grande janela da sala a colina do Capitólio. Os dedos se curvavam ao longo da haste de uma taça de martíni. — Você sabia que os guerrilheiros planejavam atacar o grupo de combate à fome, mas deixou todos lá no acampamento, porque o relatório sobre o ataque era sigiloso...

A questão não só não fazia sentido, como vinha carregada de incredulidade.

— Blair... — Andrew Huntington tomou um gole de seu martíni e caminhou até a janela. — Nós tínhamos um agente clandestino, um homem infiltrado na guerrilha, que levou anos para conquistar a confiança do inimigo. Se a fonte de informação vazasse, ele não só seria executado como perderíamos todo o investimento nessa arriscada missão.

— Mas o grupo de combate à fome também não corria o risco de ser atacado? — ela interrompeu. Seria inacreditável que o pai permitisse isso, ou mesmo que estivesse envolvido com gente capaz de sacrificar seres humanos inocentes.

— Você não compreendeu — ele esquivou-se. — Os membros da missão humanitária não estavam em perigo, somente você. A guerrilha só atacaria o acampamento para sequestrá-la e conseguir resgate para financiar suas armas e operações. Não ligavam para mais ninguém do grupo, porém eu não podia simplesmente chamar você de volta. Os guerrilheiros ficariam furiosos e agiriam antes de você sair da lá. Aí, sim, poderia haver uma tragédia de grande repercussão. Nosso agente secreto seria descoberto e torturado até a morte. Alguns vilarejos pacíficos sofreriam um massacre, como retaliação.

— Mas eu teria entendido, se fosse informada.

— Teria? — O velho dirigente meneou a cabeça. — Se você farejasse algum perigo,



pensaria que, como seu pai, eu daria um jeito de salvá-la. Mas conheço a filha que tenho. Você insistiria em ficar no acampamento com seus amigos. — Com um aceno de mão, Huntington afastou a tentativa de protesto de Blair. — Mas o fato é que seus amigos não corriam risco. Com você fora de cena, eles seriam deixados em paz. Por quê? Porque ninguém mais, ali, tinha valor em dinheiro como refém. Tivemos de criar a ilusão de que você fora levada por outro grupo terrorista rival.

— Certo, papai — Blair interveio. — Agora compreendo por que a informação era sigilosa. Compreendo que seu agente secreto seria morto se algum detalhe vazasse. Compreendo que meu desaparecimento, em um suposto sequestro, era necessário para prevenir um desastre. E compreendo por que você enviou Taylor — ela hesitou ao dizer o nome — para me vigiar e tirar da região quando se tornasse inevitável. Mas por que todo aquele tempo dentro de um barco? Por que Taylor não podia me explicar tudo logo que saímos do acampamento?

— Ele não fez isso porque também não conhecia a operação inteira—Huntington afirmou pausadamente. — E tinha ordens minhas para não dizer uma só palavra sobre o envolvimento de nosso governo.

— Mas por quê? — Blair insistiu.

— Por várias razões. Eu não tinha autonomia para decidir. Recebia instruções de um escalão superior. — Huntington esfregou a têmpora como se pesasse as palavras. — Meus juízos e sentimentos não vinham ao caso, entende? Não podia agir como seu pai, e você teria de desconhecer toda a operação até nós a resgataremos. Só então o perigo passaria. Por isso você foi mantida no *La Princesa*, que parece uma banheira, certamente, mas é um barco de nossa Marinha. Não podíamos ter mandado um avião ou um helicóptero, pois chamaria atenção demais. A viagem seria lenta, mas segura até Belize, o primeiro porto bem equipado no caminho.

Blair balançava a cabeça ao escutar o relato e sorriu tristemente.

— Papai, eu não estava me referindo ao tempo de navegação. Sabia que íamos seguir a costa marítima após passar pelo pequeno rio. O ponto é: por que me deixar sem saber de nada depois de sair do acampamento? Por que Taylor não me contou que trabalhava para você e estava tentando me levar de volta para casa?

O silêncio de Huntington prolongou-se tanto que Blair quase o instigou. Não o fez porque percebeu que o rosto do pai se contorcia de dor e as mãos dele tremiam.

— Papai? — perguntou nervosamente. — Você está se sentindo bem?

Ele confirmou, impedindo a filha de se aproximar.

— Enfim, querida. O fato de ser seu pai não me garantiu prerrogativa nessa operação. Minhas ordens eram sigilosas. Se algo desse errado e você fosse apanhada pela guerrilha, não podíamos correr o risco de que você contasse alguma coisa.

— Mas eu não contaria nada, e você sabe disso! — Blair defendeu-se e ficou preocupada quando viu o pai enrugar a testa. Sentiu um calafrio e um lampejo de compreensão antes que ele respondesse.

— Filha, não é anedota nem fantasia. Esse pessoal tem meios de fazer qualquer um falar. É o soro da verdade. Graças à tortura, podem descobrir tudo o que um refém sabe. No caso, você sabia apenas que tinha sido raptada, e na verdade havia muito mais em jogo: o bem-estar do grupo de combate à fome, a vida de nosso agente secreto, a sobrevivência de muitos camponeses inocentes.

Mesmo assim era inquietante, Blair pensou. Diversas vezes, nas mãos de Taylor, ela sentira medo. Agora, depois de tudo acabado, experimentava um arrepio que induzia ao

pânico. O que aconteceria com ela se fosse apanhada por guerrilheiros fanáticos e cruéis?

— E quanto a Taylor? — perguntou asperamente. — Se eu fosse aprisionada pela guerrilha, ele também seria.

— Taylor é treinado para não ceder nem confessar.

— Ora, papai! Você me mandou um James Bond, mas ele também não é imune ao soro da verdade.

— Taylor nunca passaria qualquer informação aos guerrilheiros. Mas permita-me lembrar: ele pouco sabia.

Blair apertou os lábios, consternada. Dispensava maiores explicações. Entendera tudo. Pelos critérios de Taylor, certos fatos deviam ser meramente aceitos. Inclusive a presença de outras vidas em torno dele.

Ela terminou seu martíni de um gole, depois caminhou até o bar de mogno atrás do sofá e serviu-se de uma segunda dose. O álcool, porém, não tornava mais fácil suportar a sensação de agonia que experimentava.

— Tivemos de manter tudo em sigilo até que os terroristas guerrilheiros pudessem ser encurralados, o que aconteceu na véspera do dia em que a resgatei. Havia um acerto para eu me encontrar com Taylor em Belize, em uma doca escondida, mas não aguentei esperar. — Huntington começou a circular pela sala em passos lentos. — Nosso homem junto aos terroristas os entregou diretamente às forças legais da América Central, depois de uma tentativa fracassada de sabotagem. Com os dirigentes principais presos, muitos guerrilheiros se entregaram às autoridades.

Calada, Blair observou o pai andando, até que ele parou, tomou-lhe a mão e fitou-a nos olhos.

— Querida, jamais desejei que você sofresse ou que fosse machucada, enquanto fazia meu trabalho. Lamento muito, muito mesmo.

— Oh, papai — ela murmurou, esquecendo a própria ansiedade graças ao pesar e à tensão que viu nas feições abatidas do pai. Colocou a taça de martíni na mesinha e abriu os braços para enlaçar Huntington com irrestrito amor. — Estavam visando atingi-lo, não é? Você era o alvo principal.

— Sabe, filha? — Ele sorriu, gratificado. — Pode pôr toda a culpa em mim. Eu ordenei a Taylor que a mantivesse alheia aos fatos. Se você soubesse que ele nunca lhe faria mal, o deixaria louco com suas tentativas de fuga...

— Poderia ter confiado um pouquinho em mim — ela pleiteou, mas sem raiva.

— Bem, já não importa. Não sou eu quem faço as listas de operações sigilosas.

— Mas não quebraria o sigilo por nada, não é? Nem por mim...

O veterano político fez uma longa pausa e, quando respondeu, seus olhos não se desviaram do rosto da filha.

— Não, Blair. Sinto muito. — Realmente sentia, o que não conflitava com sua crescente sensação de cansaço e fragilidade. — Sou um servidor da nação, gosto de admitir que minha ética é inabalável, embora a do governo seja às vezes confusa. Você é minha única filha, Blair, e com prazer eu morreria em seu lugar. Mas não me olhe como um pai que vive alardeando isso para os outros. Provarei o que digo, se um dia for necessário. Mas eu não quebro o sigilo de operações oficiais.

Ela tocou-lhe a face gentilmente, com amor e orgulho.

— Compreendo perfeitamente, papai, e o amo por tudo o que é.

— Tudo o que deveria ser — ele atalhou com ironia. — Na verdade, eu tiro o corpo da

maioria dos disparos. Por isso chamei Taylor. Eu o observei por anos, e sabia que era o melhor para esse caso.

Blair baixou o olhar e dirigiu-se à janela, onde de novo contemplou a paisagem marcada pelo Capitólio.

— Não duvido... — murmurou de costas para o pai. — Sim, dadas as circunstâncias, Taylor era o melhor para tomar conta de mim. Nem um artilheiro dentro de um tanque de guerra escaparia dele.

— Em algum momento você ficou ferida?

"Sim, papai", pensou ela fugazmente. "E você não imagina quanto."

— Não — foi a resposta audível, enfatizada por um sorriso. Nenhuma mágoa provocada por Taylor resistira ao raiar da manhã seguinte. — Mas senti medo algumas vezes. O que eu e Taylor estávamos fazendo na selva da América Central, afinal de contas? Bem, esqueça. Não quero ouvir de novo a palavra "sigiloso".

Huntington exibiu uma carranca ao mirar a filha no fundo dos olhos, outra vez. Ela procurava parecer serena para não afligi-lo, mas era visível nos olhos de esmeralda uma raiva descomunal, uma frustração cheia de auto-piedade. Blair vinha lidando com aquelas revelações do modo como o pai esperava: com altivez e sábia aceitação. Tinha enfrentado o episódio do sequestro com a plena intuição de seu alcance, e agora entendera perfeitamente a posição de Huntington e das outras pessoas envolvidas.

E tudo havia acabado bem. Ela estava em casa, sã e salva.

— Se você não quer mais ouvir, não vou pronunciá-la — disse Huntington, beijando a face da filha. — Só posso dizer que trabalho no Departamento de Estado há quase quarenta anos e já vi alguns erros graves. Também já discordei da política oficial, por vezes. Mas os dirigentes foram eleitos pelo povo, e é preciso apoiá-los. É a regra do jogo. — Baixou o tom de voz e pediu: — Estou perdoado?

Foi a vez de Blair beijar o rosto avermelhado do pai.

— Não há nada para perdoar, papai. Sou grata por estar viva, saudável e junto com você.

Era tudo verdade, mas uma pontada de dor fez com que Blair pestanejasse repetidamente. Estava grata, mas sentia-se solitária. Completavam-se dois meses desde que pusera os olhos pela primeira vez em Craig Taylor, chegando de jipe ao acampamento.

Daí por diante, ele se tornara o centro de sua vida, fosse provocando paixão e amor ou angústia e ódio. A bordo do *La Princesa*, mal conseguia estender-se na cama, sabendo que ele depois viria ocupar o outro lado do colchão.

Mesmo que ele não a tocasse, cumprindo sua promessa, era desagradável, até ridículo. Ainda mais quando, pela manhã, ela desabava nos braços dele, em busca de força e segurança.

Aquele homem a fizera de tola, lembrou amargamente.

Próximo dela, Huntington como que leu seus pensamentos.

— Você precisa esquecer Taylor — disse com suavidade. — Ele não queria fazer parte da operação, ficou furioso por achar que iria pajear uma dondoca da sociedade.

Ótimo, ponderou Blair. Taylor certamente havia praticado sua vingança, humilhando a "dondoca" ao torná-la sua amante, depois de espia-la nua quando tomava banho no riacho. Deus do céu! Como tinha sido idiota!

E ainda era uma tola, pois desejava Taylor, amava aquele homem.

Analizando de outra maneira, era bom que ela não houvesse passado de uma "princesa" para Taylor. Desse modo, não precisaria se preocupar com o fato de ele amá-la ou

não, porque não suportaria mais viver na dúvida. Não suportaria conviver com a ideia de que as pessoas que amava corressem perigo. Teria de esquecer Taylor como parte desse quadro desanimador.

Blair notou que o pai a observava com uma mescla de aflição e bom humor. Detestando a possibilidade de ele ler sua mente outra vez, comentou:

— Que espécie de diplomata é aquele homem? O que houve com os funcionários de carreira, sóbrios e amáveis?

A questão era pertinente, mas o motivo era pessoal. Como mulher responsável, Blair não ficaria ressentida com alguém que cumprisse seu dever. Mas Taylor, claro, podia ter ido além do dever. Por isso, Huntington demorou a responder.

— Bem... ele é um diplomata que se especializou em certas situações delicadas.

— Perigosas, você quer dizer.

— Taylor é um bom sujeito — completou o pai de Blair, encolhendo os ombros.

Nada a contestar, ela concordou mentalmente.

— É mesmo — disse em voz alta, assustada com o pesar oculto em suas palavras. Forçou um sorriso e ergueu a taça vazia à frente do pai.

— Sirva-me mais um martíni, por favor. Hoje eu mereço ficar um pouco tocada.

No íntimo, ela desejava apagar-se, ficar fora de combate, esquecer, mesmo que por poucas horas, tudo o que lhe acontecera. Queria parar de pensar em Craig Taylor. Ansiava por bloquear a agonia de desejá-lo.

— Claro, querida. — Huntington obedeceu e encheu as duas taças. Lembrou-se das azeitonas, guardadas em um pote dentro do bar e devidamente espetadas em palitos, mas as desprezou. Em compensação, abriu uma fina caixinha de porcelana e retirou dois cigarros, um para si, outro para a filha.

— Não, obrigada, papai. Parei de fumar, não notou?

Huntington ergueu as sobrancelhas. Blair nunca havia fumado muito, mas suas tentativas de parar, no passado, haviam sido inúteis.

— Como conseguiu?

— Oh, apenas tirei o cigarro da cabeça. — Ela bocejou de um modo que, não fosse diante do pai, teria de pedir desculpas. — Mas vou levar o drinque comigo, enquanto tomo um longo banho quente. Depois, cama.

Impulsivamente, Blair abraçou de novo o pai, sorrindo como prova de amor e compreensão. Desejou-lhe boa noite e subiu a escada rumo ao quarto que Huntington sempre fazia questão de manter arrumado, à espera da filha.

— Blair! — ele a interrompeu a meio-caminho.

— Sim?

— Não fique brava com Taylor. Ele é um bom rapaz.

Ela ofereceu ao pai a sombra de um sorriso.

— Duvido que ele tenha notado se eu estava zangada ou não. Provavelmente nunca mais nos encontraremos, mas você tem razão. É um bom sujeito, um especialista em sequestros. Poderia mudar o nome para Taylor, o Huno. Como Átila.

Com esforço, Huntington reprimiu sua contrariedade.

— Acha mesmo que ele é um tirano? Perdoe-o mesmo assim, querida. Como já disse, ele não queria participar da operação.

Claro que não, pensou Blair com amargura. Pobre Taylor, bravo homem de ação

repentinamente despojado do perigo de pajar uma viúva rica e benemérita! Não. Para usar os termos corretos, uma princesa mimada e tediosa. Mas de que adiantava debochar, dele e de si mesma, se havia caído tão facilmente nos braços daquele homem? Estava lhe dando a mais irônica das compensações pela aceitação de um trabalho indesejado!

Deus do céu! Taylor a havia convidado para dançar uma valsa, e ela se furtara a dar um simples passo. E o pior era que, se ele aparecesse ali, naquela hora, com mentiras de amor nos lábios, Blair se lançaria nos braços dele. Não, não queria mais sofrer com essa aventura decepcionante.

Dormir era prioritário! Calar seus pensamentos desenfreados, impedir o coração de fazer-se em pedaços, dividir-se entre a raiva e o medo, e então alcançar o alívio e a necessidade que se sobrepunha a todas, o amor.

Observando a filha, Huntington deduziu que alguma coisa estranha acontecia. Detectou, nas feições delicadas de Blair, sentimentos contraditórios: raiva e perdão, amor e ódio. Ela estava cultivando sentimentos por um homem, pela primeira vez desde a morte do marido. Antes, não havia reagido assim. Era sempre atenciosa e gentil com eventuais acompanhantes, mas sempre distante. Ninguém jamais conseguira se aproximar de seu coração.

— Blair?

— Perdão, papai. — Ela olhou para o pai, parado no meio da sala. — Estava devaneando. O que foi?

— Por favor, não seja uma pessoa amarga.

— Não sou, papai.

— Quero dizer, com relação a Taylor. Ele finalmente recebeu uma tarefa com a qual não pôde lidar a seu modo.

— Que diferença faz? — Blair rebateu com impaciência. — Logo ele estará voando para longe daqui, imagino.

— Taylor passa bastante tempo em Washington, se quer saber.

— Bem, eu é que não vou ficar muito tempo na cidade.

— O que está querendo dizer? — Apesar do tom inconformado, Huntington sabia que a filha não era mais uma menina e que buscaria caminhos próprios na vida.

— Pai — ela disse com firmeza, sorrindo de leve para amenizar o fato de que um pai nunca acredita totalmente que sua filhinha cresceu. — Ainda devo três meses de trabalho ao grupo de combate à fome na América Central. Pretendo concluir minha temporada.

O velho dirigente político arregalou os olhos com descrença.

— Justamente lá, onde você passou por um grande perigo e acabou de superá-lo?

— Não vou embarcar amanhã — ela riu. — Suponho que também lhe devo três meses. Combinado?

— Parece um bom acordo — Huntington bufou.

Blair havia mudado, ele definiu com uma ponta de tristeza. Algo no acampamento, na selva ou no barco tinha alterado o comportamento de sua filha. Sempre havia sido madura, mas agora o peso que carregava desde a morte de Ray Teile estava totalmente eliminado.

— Vai haver uma homenagem a George Merrill esta semana — ele acrescentou. — Você o conhece, é um velho amigo. Será uma festa de aniversário, mas seu velho pai precisa de uma acompanhante. Por que não faz um sacrifício e vai com ele?

— Sacrifício? Ora, papai... — Ela meneou a cabeça, mostrando uma expressão afetuosa. — É claro que vou com você. Terei a companhia do melhor dançarino do salão!



Sorrindo serenamente, Huntington avaliou se não estava de novo manipulando a vida da filha. Concluiu que tinha direito à companhia dela, pois o tempo corria e ele não ficava mais jovem. Gostaria de viver o suficiente pelo menos para ver um neto nascer.

Os anos haviam feito dele um profundo intérprete da natureza humana. Naquele caso em particular, achava que tinha agido corretamente.

Blair subiu mais alguns degraus da escada, alheia ao sorriso aprovador do pai. De repente parou e voltou-se para ele.

— Papai! E o grupo de combate à fome? Todos devem estar terrivelmente preocupados com o meu sumiço. Você por acaso tem um botão secreto que eu possa apertar para estabelecer contato e enviar uma mensagem?

— Não estão preocupados, querida. Já sabem de tudo, ou quase tudo.

— Ah, é? Claro... — Ela acalmou-se, lembrando-se do segundo voluntário que aparecera no acampamento em menos de um mês. Kate gostara dele. Ambas estavam cegas. — Brad Shearer é outro de seus diplomatas, não é?

— Não — foi a surpreendente resposta. — Brad não é diplomata.

— Como assim?

— É membro do Serviço Secreto do Exército.

— Claro, claro — Blair murmurou. — Só isso.

Ela subiu e terminou de beber seu terceiro martíni no quarto, antes de entrar na banheira de água quente.

Andrew Huntington sentou-se diante da janela da sala, esticando as pernas sobre uma mesinha. Suspirou de felicidade naquele raro momento de lazer. Poderia ter ficado zangado, como qualquer pai ficaria, ao notar que a filha andava tendo um romance. Mas ele, ao contrário, sorria satisfeito. Parecia que algo bom nascera de uma situação ruim. Deveria acreditar mais vezes nisso...

Blair manteve-se ocupada nos dias subsequentes. Havia pessoas amigas a visitar, museus a percorrer, parques e lojas finas que teve vontade de explorar aleatoriamente. Organizou seus dias em função das horas livres do pai, de modo a ficar com ele o maior tempo possível.

Na manhã de sexta-feira, o dia da festa de George Merrill, Blair forçou-se a parar um instante e realizar um balanço do que vinha fazendo. Reconheceu que seu excesso de compromissos havia sido criado para compensar a terrível sensação de solidão que a atormentava.

Continuava predisposta a odiar Craig Taylor. Ele realmente a fizera de idiota. O disfarce de terrorista tinha sido bastante deplorável, mas aquela história de aceitar uma sentença de prisão fora demais. E ele sabia que ela o amava! Deus do céu, como se sentia humilhada ao lembrar-se dessa confissão!

Instruções, regras e ordens, nada mais. Taylor recebera ordens de se aproximar dela, vigiá-la, resgatá-la e protegê-la. Havia se excedido no cumprimento da missão, mas por que não se divertir um pouco com sua princesa cativa? Ele era homem, e com apetites intensos. Por que não apaziguá-los com uma parceira obviamente disposta a capitular?

Vermelha de raiva, Blair sentiu-se também fragilizada.

Tinha se apaixonado tão radicalmente por Taylor que se declarara pronta a esperá-lo, pelo tempo necessário, para que vivessem em plenitude seu amor. Mas nada daquilo havia



sido real. Desde o princípio, ele nada sentira por ela, exceto atração sexual e a necessidade de seguir instruções.

Blair lutava pela certeza de que nunca mais o veria. Por isso, no meio da multidão, sentia-se solitária, muito mais solitária do que quando era refém de Taylor no barco *La Princesa*, sem poder ver nenhuma outra pessoa.

Subitamente ela sentiu saudade do que vivera. Amigo, protetor, amante, traidor, Taylor podia vestir diversas máscaras e nem por isso seria menos adorado. Agora, ele devia estar pronto para viajar em nova missão, de volta ao trabalho que apreciava, liberado da tarefa de pajeirar uma socialite de Washington.

Talvez ele viesse a correr alguns riscos, mas nem Taylor nem outro homem qualquer mereciam as preocupações de Blair. O agente especial, particularmente, costumava enfrentar o perigo de olhos bem abertos. Portanto, para que se afligir? Não, nunca mais. Ela havia perdido Ray, e essa dor fora suficiente para convencê-la de que não suportaria amar alguém de vida errática, incapaz de ter um dia igual ao outro.

— Que diferença faz? — repetiu para si mesma, com irritação. — Esse homem brincou comigo, só quis se divertir. Se pretende aceitar outra missão perigosa, por que devo me preocupar?

Vencida pela amargura, Blair decretou que era melhor excluir Taylor de sua vida. Não pôde evitar, contudo, um insidioso calafrio. Ter pensado na solidão havia feito com que entendesse melhor seu pai, aumentando a empatia entre os dois. Andrew Huntington passava os dias preocupado com a política nacional, que ajudava a construir, mas em sua vida particular tudo o que tinha era Blair.

Ela, por sua vez, o amava muito, reconhecendo nele um homem bom, leal e dedicado.

Como Craig Taylor.

"Tire Taylor de sua cabeça. Pense no seu pai, que você vai acompanhar à festa de hoje. Precisa mostrar-se alegre e orgulhosa!"

Com essa resolução em mente, Blair passou a tarde em casa, desfrutando os luxos da civilização que havia ignorado por tanto tempo. Recebeu a manicure, a pedicure, o cabeleireiro, e até experimentou uma nova máscara para limpeza facial.

Não teria sido impossível cuidar de si mesma em plena selva da América Central. Mas Taylor ainda a chamaria de princesa se a visse toda desfigurada, com rolinhos nos cabelos?

Depois de lavar a lama cosmética do rosto, Blair começou a vestir-se para a noite. Havia separado um vestido longo de veludo verde, composto de saia drapeada e corpete justo, tomara-que-caia. Luvas inteiriças completavam o modelo, talvez o preferido de seu pai: o verde combinava com os cabelos ruivos e acentuava-lhe o tom dos olhos.

Era a primeira vez, desde a aventura na selva, que se vestia com esmero. Parecia estranho. Era como se sua vida real houvesse ficado lá, e o traje de gala não passasse de uma fantasia.

De fato, Blair mal reconheceu a si mesma depois de pronta. Os cabelos tinham sido presos no alto da cabeça e enfeitados com uma tiara que pertencera a sua mãe.

— Aí está, Taylor — falou a seu reflexo no espelho. — Uma verdadeira princesa.

Um riso forte, que se diria histérico, explodiu na garganta dela.

"Você está ficando amarga, Blair", ponderou em seguida. "Sabe que não é uma princesa, mas uma mulher responsável, madura e amorosa..."

Apesar de apegada ao bom senso, Blair pensava romanticamente que o importante eram os sonhos e alegrias partilhados com a pessoa amada. Mas decidiu parar de divagar antes de ficar exausta ou de desmanchar-se em lágrimas. Desceu até a sala e exibiu um sorriso

alegre ao deparar com o pai.

A nata da sociedade de Washington devia estar presente ali, em peso. O grande salão de baile do Hotel Hilton brilhava com candelabros de cristal, finos vasos de flores exóticas e, naturalmente, pessoas elegantes e sofisticadas.

Era uma enorme mistura, na verdade. O anfitrião, George Merrill, estava em Washington havia tanto tempo quanto o pai de Blair, e por isso os convidados pertenciam a diversas camadas da vida política: senadores, deputados, membros do governo. Até o presidente era esperado, o que significava um considerável reforço no esquema de segurança.

Blair conhecia um bom número de pessoas presentes, de veteranos políticos a servidores civis, passando por autoridades militares. Mas também havia muitas pessoas novas no salão. Estivera fora por quase dois anos, e os funcionários eleitos tinham mudado de acordo com a vontade popular. Assim era bom, ela pensou, lembrando sua conversa com o pai. O povo exercia seu direito de escolha.

Embora Blair estivesse envolvida demais com sua batalha interior para desfrutar a festa, deu o melhor de si em honra do pai. Protegida por seu braço e seu orgulho, cumprimentou os velhos amigos de Huntington e aceitou novas apresentações, sempre com graça e um sorriso nos lábios. A George Merrill, ocupante de um posto mais alto, porém tão digno quanto seu pai, concedeu um beijo na face e sinceros votos de felicidades pelo aniversário. Ele a beijou ruidosamente em retribuição, e permaneceu observando Blair. Ela deduziu que Merrill fora o responsável pelo carimbo de "sigiloso" na operação que lhe esgotara os nervos.

Chefe! A palavra insinuou-se na mente de Blair, que tardiamente percebeu como havia sido tola.

Merrill era o chefe que Craig Taylor não se cansara de mencionar em suas histórias.

Claro! Como não havia percebido? Taylor trabalhava para Merrill e, segundo seu pai, era seu homem de maior confiança. Bom motivo para ele comparecer à festa, caso estivesse em Washington.

Taylor estava.

Blair não soube exatamente o que a alertou para a presença dele. Talvez houvesse, de passagem, ouvido sua voz grave e segura. Talvez fosse o cheiro de sua pele, singular e penetrante, capaz de impregnar-lhe os sentidos e subconscientemente disparar uma torrente de lembranças.

Sexto sentido? Era provável. Ou uma combinação de tudo aquilo. O fato é que, acima de qualquer dúvida, ele estava perto dela, muito antes de Merrill gritar, chamando-o para seu grupo.

— Taylor, é bom vê-lo, rapaz! — O anfitrião mostrou tanto entusiasmo que o agente despediu-se de uma atraente loura com quem conversava e reuniu-se à turma do chefe, da qual Huntington e Blair faziam parte.

Curiosamente, ele falou com Merrill olhando para Blair. Seus olhos cor de âmbar retratavam, como sempre, um certo divertimento que contradizia a gravidade da expressão em geral.

— Não perderia sua festa por nada no mundo, senhor — disse Taylor com cordialidade, apertando a mão de seu superior. — Parabéns e muitas felicidades. — Voltou-se para Huntington e inclinou a cabeça: — Prazer em vê-lo, senhor.

— Igualmente, Taylor — afirmou o outro alegremente, oferecendo a mão para um aperto.

— Blair... — Só então ele a cumprimentou, de modo vago, mas levou-lhe a mão até os

lábios para um perfeito exemplo de protocolo cavalheiresco.

— Senhor Taylor — disse Blair friamente, tentando apenas manter um tom que não ferisse o protocolo. Era difícil. Ela perdera o controle da respiração natural quando ele se aproximara, e o toque daqueles lábios em sua mão parecia queimar, como se ela fosse marcada a ferros.

— É um prazer ver você — Taylor acrescentou, recusando-se a soltar-lhe os dedos.

Ainda que levasse em conta o protocolo, Blair não conseguiria rebater a declaração dele. Não era prazer nenhum e, se fosse, de qualquer modo viria mesclado com um cruel tormento. Por isso Blair esboçou um sorriso amarelo, que serviu apenas para movimentar seus músculos faciais e nada mais.

— É uma surpresa vê-lo aqui, sr. Taylor — disse com um timbre seco. — Imaginava que, a esta altura, você já houvesse partido em uma nova missão diplomática.

A ironia dela o teria atingido? Será que uma sombra de mágoa perpassara por seus olhos? Não, era pura imaginação de Blair. Na verdade, Taylor erguia as sobrancelhas clinicamente, na direção do chefe.

— Minha última missão foi arriscada. Pensei em tirar esta noite para relaxar.

Blair bateu os cílios com enfado, mas manteve a compostura enquanto o pai e Merrill efetuavam tentativas de esconder suas reações. Blair havia constituído o principal risco de Taylor, como ambos sabiam muito bem.

A opção dela foi de afastar-se do grupo e procurar outras pessoas conhecidas, com as quais pudesse entreter uma conversa livre de Taylor.

— Com licença... — murmurou.

— Licença para dois — atalhou o agente, colhendo Blair firmemente pela cintura. — Ouvi uma valsa, sr. Huntington, e gostaria de roubar sua acompanhante, se possível.

— Vocês dois vão em frente e divirtam-se — Andrew Huntington despachou o casal com um gesto bondoso. — O chefe e eu pretendemos passar a noite recordando os velhos tempos. Corrigindo: tempos antigos, não velhos.

O dirigente riu, mas encontrou em Taylor uma barreira de sobriedade e na filha outra, de mal-estar.

— Papai... — Blair ensaiou um protesto, enviando desesperadas súplicas com os olhos, que o veterano político fingiu não notar.

Nada mais conseguiu, e rendeu-se ao inevitável. Taylor a conduziu à pista de dança e, a não ser que se atirasse ao chão, Blair não tinha escolha senão segui-lo, ou melhor, ser arrastada de roldão. Ainda que descambasse até o piso, pensou com amargo ressentimento, ele a levantaria, pediria desculpas às pessoas próximas, com sua informal diplomacia, e continuaria andando.

— Você é atrevido! — Blair o acusou, enquanto ele começava a rodá-la em seus braços, nos primeiros movimentos da valsa. — Achei que perceberia que eu não quero mais vê-lo nem falar com você, muito menos estar perto de sua pessoa pelo resto de meus dias!

Mentira, ela ponderou para si mesma, rilhando os dentes e fechando os olhos no momento em que sua face roçou a textura acetinada da gola do smoking. Taylor já exercia seu charme masculino e fazia os sentidos de Blair vibrarem com seu toque magnético, guiando-a com firmeza e segurança pelo salão, ao som de uma música tradicional.

"Ele está diferente hoje", Blair pensou em seu benefício. Dentro da figura de um aventureiro da selva, Taylor tinha sido rudemente atraente, apesar de malvestido. Agora, em traje a rigor, ele podia parecer qualquer coisa menos um renegado garboso.



O smoking, obviamente feito sob medida, ajustava-se ao físico dele sem esconder a musculatura do corpo alto e esbelto, destacando os ombros largos. Antes de diminuir a masculinidade que nenhuma roupa conseguiria ocultar, as dobras de sua camisa plissada complementavam a estonteante aparência de Craig Taylor.

Imersa na admiração desses detalhes, Blair quase perdeu a resposta que ele proferiu.

— Tenho tanto atrevimento quanto nervos. — Taylor reduziu o espaço entre ambos, apertando Blair contra seu corpo, de tal modo que ela foi forçada a erguer o olhar para fitá-lo.

Os olhos dourados de Taylor então brilharam com humor. E com perigo e determinação. Blair cravou convulsivamente os dedos no tecido dos ombros dele.

— Gostaria de falar com você — Taylor completou.

— Mas eu não quero! — Blair reagiu no mesmo instante. Sua voz ondulou levemente porque ele de fato pretendia conversar com ele, mas estava confusa e furiosa. Assim, o que poderia vir de bom de um diálogo? Sabia que Taylor não se importava com ela. Todos os acontecimentos, bons e maus, tinham sido consequência de ordens recebidas. Na remota hipótese de Taylor realmente se interessar por ela, isso só traria mais dor.

O sombrio sorriso que invadiu a fisionomia de Taylor levou os lábios dele a traçarem uma fina linha.

— É pena, princesa. — Um encolher de ombros pôde ser pressentido. — É pena porque você vai falar comigo quer queira quer não.

Blair havia visto a cena no cinema ou em bailes, dezenas de vezes. Não esperava ser ingênua a ponto de ser colhida no suave movimento da valsa, mas foi. Taylor rodopiou com ela pela pista em tal velocidade que ela mal pôde respirar, e assim alcançou a porta do terraço.

Prosseguiu dançando, porém, até achar um banco discreto entre as floreiras, e sua derradeira pressão no ombro de Blair serviu para fazê-la sentar-se. Soltou-a, mas bloqueou qualquer rota de escape com o corpo e com um sapato bem polido à frente do pé dela.

O olhar de Blair transferiu-se do sapato ao rosto de Taylor. O verde-esmeralda de seus olhos denotava espanto e raiva contida.

— Certo — reconheceu, depois de avaliar sabiamente que suas chances de fuga eram nulas. — Você não queria falar? Pois fale.

— Bonita festa, não é? — O sorriso dele tornou-se zombeteiro.

— Era, até alguns minutos atrás — ela revidou. — Se for só isso, posso ir embora?

— Não, não é só isso — Taylor grunhiu, exibindo um olhar flamejante. — Você disse que me amava, Blair. — Ele riu sem alegria, desdenhosamente. — Você até prometeu que me esperaria enquanto eu estivesse na cadeia. O que aconteceu? Você se dispõe a transformar um terrorista, mas não pode amar um homem do governo? Do que se trata? Que filantropia é essa? Já não se sacrificou o bastante?

A sucessão de perguntas e conceitos foi demais para o pleno entendimento de Blair. Ela se ergueu do banco, mas a mão de Taylor em seu ombro a fez retornar à posição sentada. A fúria jorrava como vapor de uma chaleira, afetando o fluxo das palavras.

— O quê? Você está louco, Taylor! Não me importa nem um pouco que você trabalhe para o governo. É bom para você. Mas sei que prefere brincar de James Bond sempre que possível, até ser morto um dia. Mandarei flores. Não vale a pena discutir o que você tem sido até agora. Eu o desprezo, Taylor, porque você me fez de tola e me decepcionou.

— Espere um pouco! — ele rugiu ao interrompê-la, apoiando um cotovelo na perna e posicionando o rosto face a face com o dela. — Eu estava impedido de dizer-lhe a verdade, Blair, e você sabe disso muito bem!



— Não disse porque não quis e porque é um laçao — ela o agrediu outra vez, sem ter certeza de que estava sendo razoável, mas tensa com suas emoções conflitantes e receosa de imaginar, apenas imaginar, que nada poderia ter acontecido entre eles. — Certo, você estava trabalhando para meu pai. Mas mesmo assim deveria ter me colocado a par do problema, dado uma indicação do que pretendia fazer. Em vez disso, diverti-se com minha ingenuidade.

— Nunca me diverti, Blair. Só estava...

— Seguindo ordens! — ela gritou, sem se preocupar em ser ouvida por algum convidado de passagem pelo terraço. Seu estado era comparável ao da manivela quebrada do *La Princesa*, incapaz de parar até que a corda se distendesse até o fim. — Nunca lhe ocorreu que suas ordens poderiam estar erradas? Não, você ficava tão hipnotizado lendo as malditas instruções que perdeu toda capacidade de julgamento, toda opinião própria, toda vontade de agir...

Contido até então, Taylor comportou-se como uma bomba-relógio que finalmente explodisse.

— Sim, você tem razão! — O calor da ira pareceu chamuscar-lhe a face. — Tem razão, sra. Teile. Trabalho para o governo, sim, e meus superiores cometem erros, sim. Às vezes discordo das instruções. O sistema é imperfeito, e sei disso porque vivo há muito tempo dentro dele. Mas aprendi que, embora imperfeito, é o que temos para fazer frente a problemas de peso. Um detalhe: não escondo minhas opiniões e incentivo meus eventuais subordinados a expô-las também. Seu pai e George Merrill estão onde estão porque igualmente aprenderam, e pelo caminho mais árduo. Admita, princesa, que desta vez eles acertaram em cheio. Ninguém se feriu e ninguém pode ser acusado de haver criado um fiasco político internacional.

Calada por um momento, Blair reconheceu que ele estava sendo racional, razoável e inteiramente correto. Só não conseguia exprimir tal conclusão. Taylor a havia chamado novamente de princesa, em tom de gracejo, e por certo não acreditava que ela ainda o amasse, enquanto não desse uma pista concreta da profundidade, ou mesmo da realidade, de seus sentimentos.

Estavam tão próximos um do outro que Blair nada mais quis do que esquecer a desilusão do passado e o medo do futuro, nos lábios dele. "Não", desistiu em tempo, "por favor, não se entregue a ele de novo!"

— Taylor — ela aduziu então —, o que você fez por mim foi desnecessário. Fez-me pensar que eu estava nas mãos de um terrorista e depois... — Fez uma pausa, incapaz de lembrar Taylor de que ele a estreitara de bom grado nos braços e que ela se mostrara tão apaixonada que se entregara inteira e sem reservas ao seu raptor. — Não tem importância. Apenas me deixe em paz e cuide de seu próximo compromisso. Não desejo estar por perto quando você disser "sim" mais uma vez aos seus chefes.

Valendo-se da proximidade estabelecida, Taylor seguiu com um minucioso exame daquele rosto de mulher. Deus do céu! Como amava aqueles traços delicados e ao mesmo tempo fortes! Como adorava os lábios cheios que pareciam pedir para ser beijados!

De repente, o brilho de raiva abandonou seus olhos.

— Você ainda está apaixonada por mim — ele disse, como que em um pensamento positivo.

Se Blair não o conhecesse bem, julgaria que o tom cínico da frase tinha sido tocado pela admiração.

— Não estou!

— Então esteve, você mesma me contou.

— Foi um entusiasmo passageiro — ela explicou, enquanto sentia o coração bater

furiosamente e suplicava que sua negativa bastasse para desviar de si os incríveis olhos dele. — Eu me apaixono com facilidade, Taylor, e sei que, muitas vezes, é apenas atração sexual. — A frieza da afirmativa foi seguida de um sorriso amargo. — Mas tenho certeza de que, para você, fui apenas mais uma entre muitas.

— Mesmo? — Sem o menor traço de ira, o diplomata agora se achava fascinado pela conversa com Blair. Acomodou-se no banco e sorriu com secreta satisfação. — Continue, sra. Teile. Nunca antes fui analisado por uma psicóloga.

Enervada tanto pelo pedido quanto pela reviravolta da situação, Blair teve a certeza de que Taylor zombava dela. Pestanejou fortemente, à procura de uma resposta à altura.

— Você não precisa de uma psicóloga para lhe dizer que seu comportamento foi propositadamente traiçoeiro.

— Sim, madame. — O fogo nos olhos dourados desmente o tom humilde.

Segundo Blair, ele gracejava de novo, o que a deixou furiosa.

— Você é um mentiroso, por isso nem quero saber para qual governo trabalha.

— Sim, madame — Taylor repetiu, como que menosprezando o desafio.

Ele sorriu à vontade, em uma diabólica e aliciante máscara de bom humor. Agora estava seguro, seguro por si e por ambos, seguro pelo resto da vida. Mas ainda não podia apresentar uma oferta, uma promessa. Precisava partir. Viajaria no dia seguinte a fim de assumir uma nova missão.

Tudo que lhe restava fazer naquela noite era rezar e conversar com ela. Pela primeira vez, temeu não voltar vivo. Ele desejava Blair de tal maneira que seu organismo reagia de forma estranha, com um calor generalizado seguido de calafrios. Queria viver a vida toda com sua princesa, a mulher que o enfrentava, ultrajada por seu comportamento. Especialmente naquela noite, Blair era uma verdadeira princesa, dona de uma regia beleza embalada em veludo verde. Os seios subiam e desciam, arfantes de agitação. As feições, porém, eram leves e adoráveis como cristal.

Contudo, ao contrário do cristal, impunham uma solidez forte e vibrante, cimentada pelo poder de uma mente admirável, que Taylor aprendera a respeitar.

"Esqueça o dia de amanhã... Conquiste Blair hoje... Não a faça esperar... Arrebate-a esta noite."

— Para ficar claro, Taylor, não o amo e não me importo a mínima para o que quer que faça. Pode colocar isso dentro de sua cabeça dura? — Ela ignorava que, para sua própria felicidade, a teimosia dele era maior do que pensava.

— Oh, sim, madame — ele replicou com aparente aceitação. Concluiu, de maneira acertada, que antes de tudo tinha de abrandar a raiva de Blair. — Você está certa, querida.

— Não me chame de querida — ela protestou. — E não vou mais permitir que você se divirta à minha custa. Eu...

— Então, não me dê motivos para rir — Taylor retrucou, com a voz em crescente tensão, enquanto um sorriso não zombeteiro surgia em seu rosto.

— Como assim? — murmurou Blair, tomada por nova confusão.

— Não me divirta — ele repetiu suavemente, movendo-se outra vez na direção dela. — Seduza-me — instruiu. — Excite-me, atormente-me, e então me beije...

Sua voz ganhou um tom aveludado que encantou os ouvidos de Blair, ao mesmo tempo em que a respiração dele acariciava sua face.

Seria previsível se não fosse tocante. Os olhos de Taylor captaram os de Blair com um poder magnético, como se ela fosse drenada por dois instigantes sóis dourados, puxada pela

força da gravidade, incapaz de olhar para qualquer outro lugar. Sentiu-se paralisada quando os lábios de Taylor aproximaram-se dos dela, cada vez mais, mas sem ainda tocá-los. O corpo de Blair estava frio, congelado em uma imobilidade que sugeria entrega.

Finalmente deu-se o contato, e o frio se dispersou, substituído nas veias dela por fogo líquido. O beijo de Taylor foi marcado por um toque de leveza, por um lento desfrute da boca feminina, enquanto sua língua traçava os contornos dos lábios, saboreando o néctar quente e úmido ali guardado. Era como um perito em vinhos descobrindo o mais fino buquê.

Assombrada e perplexa, Blair ficou simplesmente espantada demais para protestar ou fugir. Viu-se rendida com tanta facilidade quanto um animal na estrada, à noite, hipnotizado pelos faróis de um carro. Por isso não teve chance de efetuar uma escolha, de levantar objeções que faziam total sentido, de negar-se a uma carícia que, como podia adivinhar, mais tarde lhe traria muita dor e auto-reprovação.

O calor de Taylor a mantinha cativa da vontade dele, assim como o arrepio gelado a havia dominado pouco antes. O toque dos lábios levou-a ao plano em que não existia tempo nem espaço, e do qual o próprio pensamento consciente estava excluído. Era o mundo deles, aquele em que Blair podia se soltar nos braços do amado, vivendo doces sensações sem qualquer censura. Um mundo no qual nada podia ser errado, porque era certo se entregar a Taylor. A única conduta possível era estar com ele, fiar-se na confortável e selvagem erótica segurança que ele proporcionava com sua possessiva presença.

Os lábios pressionaram com mais força, movendo-se devagar, com sensualidade. As mãos de Taylor prenderam o rosto de Blair, apenas com o vigor necessário para ajustá-lo a seu langoroso ataque. Ela se arrepiou quando a língua dele deslizou ao longo de seus dentes, e então a boca se abriu ainda mais, molhada e quente, transmitindo uma muda rendição e um inequívoco convite.

Atormentada pelo desejo, Blair enlaçou-o com clara urgência e necessidade. Seu corpo arqueou-se com estranho despudor, enquanto o beijo se tornava mais profundo e excitante. Ela realmente estava fora do tempo e do espaço, ouvindo apenas o farfalhar do veludo, sentindo nada mais do que a robusta firmeza dos músculos masculinos sob seu toque, inalando no ar da noite somente a essência do odor próprio de Taylor.

— Devem estar no terraço.

A voz agradável de seu pai trouxe Blair de volta à realidade presente, ao tempo e espaço comum aos demais mortais. Também a trouxe de volta à humilhação de ter feito o que fizera, novamente seduzida por Taylor, contra todo o bom senso.

Afastou-se dele depois de tirar as mãos dos ombros fortes.

— Idiota! — imprecou, ciente de que o pai e George Merrill estavam prestes a entrar no terraço. Baixou a voz para um sussurro veemente. — Não faça isso outra vez! Já disse que não quero mais nada com você! Vá se matar em alguma guerrilha e me deixe em paz!

Blair tremia, sentindo-se aos pedaços. Na gama de emoções que fervilhavam dentro dela, uma das maiores era a dor de nunca poder realizar seu sonho de amor. Depois de vencer a batalha imediata por compostura, ela saudou Huntington.

— Olá, papai. — Acenou para que ele a visse no canto escuro, com Taylor, e sacudiu o corpo a fim de livrar-se da mão dele em seu braço. — Viemos respirar um pouco de ar fresco, você sabe, mas já está ficando frio aqui fora.

— Bom. — Merrill riu maliciosamente quando o amigo estreitou os olhos para ver a filha. — Já vão acender a vela de meu bolo. Queria vocês dois por perto.

— Fantástico! — Blair empolgou-se, exibindo um sorriso falsamente feliz. — Vamos lá.

— Sim, vamos — completou Taylor sardonicamente, atrás de Blair. Conseguiu segurar-lhe o braço e detê-la antes que o grupo passasse para dentro do salão.

— Ainda não terminei com você — ele sussurrou rapidamente no ouvido dela, provocando mais uma onda de calafrios.

Não obstante, Blair marchou decidida para dentro do salão, sob as asas protetoras de Merrill e de seu pai. A mágoa sobrepujou a raiva e lhe indicou um caminho em relação a Taylor. "Nós já terminamos porque não pretendo correr para os seus braços novamente."

Era uma decisão racional e firme. Ela se sentiu como se estivesse perdendo uma parte do próprio corpo, mas manteve-se decidida.

Duas velas em forma de números marcaram os sessenta e dois anos de Merrill, no lugar de outras tantas velinhas que seriam difíceis de apagar. No momento que o aniversariante as soprou, Blair sentiu Taylor atrás dela. Ele agarrou-lhe o braço com uma naturalidade de quem se intitulava seu proprietário, mas nada falou. Dirigiu-se a Huntington.

— Senhor, o chefe quer encontrá-lo em particular, depois que a festa acabar. — O tom de voz baixou, mas permaneceu casual. — O presidente acaba de chegar, senhor, e com isso as coisas vão ficar complicadas por aqui. Posso confirmar a reunião para a sua casa?

— Claro, tudo bem. — Andrew Huntington concordou antes que Blair pudesse alertá-lo de que Taylor só procurava um pretexto para prolongar o contato com ela. Não faria melhor se atirasse a filha diretamente na jaula dos leões. Então, Blair compreendeu. O pai a jogava pelo menos àquele felino em particular, chamado Craig Taylor. Acreditava que a filha havia se apaixonado pelo agente, e praticaria uma boa ação, como pai amoroso, aproximando os dois da melhor maneira que pudesse.

— Papai... — Blair conteve-se para não armar uma cena. — Vim com você, mas não me importo de circular um pouco pelo salão, sozinha.

— Obrigado, querida, mas é tolice. Vocês dois vão em frente, e assim não precisarei procurá-la na hora de sair. — Contra seus hábitos, Huntington piscou, o que só acentuou as rugas em torno do olho.

— Papai... — ela repetiu, vendo-o afastar-se.

Ele não compreendia o que estava havendo. Julgava que a filha vivia corroída pela raiva, e acreditava que o fato de ela conversar com Taylor amenizaria o problema.

A dificuldade de Blair consistia em manter sua raiva quando tal emoção recaía sobre alguém que ela amava. O amor envolvia muitas coisas, entre elas o perdão. E ela já estava quase perdendo Taylor. Com uma pequena dose de bom humor, poderia admitir que o agente tinha sido esperto em suas manipulações e que não era culpado pelas histórias que lhe contara.

No entanto, assim como não se permitia rir da situação, ela não conseguia amar Taylor sem restrições. Seu pai simplesmente não entendia o impasse em que se debatia.

— Mesmo se ele se sentisse obrigado a acompanhá-la, Blair, eu não a deixaria esconder-se atrás de seu pai.

Despertada de seus devaneios, ela tentou libertar o braço da pressão permanente. Tudo indicava que ele não a deixaria sozinha nem por um minuto. Era desesperador!

— Taylor... — falou com a maior seriedade possível. — Posso chamar um táxi quando resolver ir embora. Você não precisa me levar para casa.

— Ótimo, porque não a estou levando para casa.

O braço continuou preso enquanto Taylor a impelia através das várias portas do salão. Poderia ter tomado alguma providência, mas as opções eram limitadas para quem detestava chamar a atenção dos outros fazendo uma cena. E ainda havia a probabilidade de não ganhar nada com isso. Assim, Blair nada disse, nada tentou.



Com os lábios apertados, aceitou a ajuda de Taylor para entrar em seu Porsche prateado que o manobrista trouxera até a frente do salão.

"Tudo bem, Taylor", ela pensou com desalento. "Partilharemos a noite, conversaremos, e até posso concordar com tudo o que você quiser. Mas isso não muda o futuro."

Capítulo XIII

Blair presumiu, graças à sua experiência de mulher, que Taylor a levaria ao apartamento dele, provavelmente situado nos arredores do Capitólio. No entanto, conforme o trajeto se alongava e ele dirigia calado, ela trocou sua silenciosa resignação pela curiosidade.

Estavam seguindo para o anel rodoviário e, depois, para o sul. Blair observou ansiosa como Taylor circundava os limites do Distrito Federal. Naquele ritmo, logo chegariam ao Estado da Virgínia.

Finalmente, ela rompeu o silêncio.

— Para onde está me levando? — foi a ácida pergunta. — Espero que saiba o que faz. Se cruzar a fronteira do Estado contra a minha vontade, isso caracterizará rapto ou sequestro.

Taylor lhe concedeu um olhar rápido, neutro.

— Estamos indo para minha casa.

— Você mora longe... — ela comentou secamente.

— Tenho um apartamento em Washington, perto do de Merrill, mas não é minha casa.

Novamente calados, Blair ficou ainda mais preocupada ao passarem pelas saídas para a cidade de Alexandria. Quando ela preparava um protesto, Taylor saiu da rodovia interestadual. Seguiu por uma estrada escura e deserta, e depois por uma trilha que conduzia a uma bonita, embora despretensiosa, casa de campo. O lugar estava iluminado como que à espera de visitantes.

Blair falhou na tentativa de abrir a porta do passageiro, por causa do modelo inusitado da maçaneta do Porsche. Taylor já havia descido, e deu a volta a fim de ajudá-la a sair do carro. Impaciente, ela aceitou a cortesia.

— Você está agindo como uma menina mimada — ele disse causticamente, ao puxá-la para fora do veículo.

— Perdão. — Ela se esmerou no sarcasmo. — Tentarei agir como uma adulta mimada.

Ele soltou-lhe a mão com um suspiro de tédio e subiu por um caminho flanqueado por pedras e canteiros de flores. Girando a chave na fechadura, Taylor abriu a porta e, com um floreio, sinalizou para que ela entrasse.

— Senhora Teile... por favor.

Blair adentrou uma grande e bem arejada sala, com as paredes agradavelmente revestidas de painéis de carvalho claro. Uma lareira de granito natural reproduzia a cor suave da madeira. O sofá modular e o tapete de pele de carneiro convidavam a sentar e apreciar o fogo. Um bar visivelmente bem abastecido estava ao alcance da mão.

Era um aposento bastante masculino, e Blair compreendeu por que Taylor a havia



levado ali. Seu apartamento na capital devia ser frio, austero e sem vida. Já o sítio podia ser chamado de lar. Isso ficava evidente nas estantes repletas de discos e livros, a indicar que o morador era um bom ouvinte de música e um ardoroso leitor. Miniaturas decorativas e entalhes artesanais testemunhavam seu amor por viagens, por outros povos e culturas.

— Muito bem, Taylor — ela disse animadamente, cônica de que estava se apaixonando pela casa e adoraria ocupar a larga poltrona junto à lareira a fim de olhar os livros e álbuns de fotos dele. — Quer conversar ou apenas me levar para a cama? Nesse caso, basta falar. Não perca tempo com manobras evasivas. Irei me deitar com você.

— Pare, Blair! — ele se irritou, projetando as mãos com raiva para segurá-la pelo casaco. — Isso não corresponde à sua maneira de ser. Sente-se e fique à vontade. Tire os sapatos, se quiser. Não vamos a lugar algum, por algum tempo.

Intrigada, Blair livrou-se dos sapatos de salto alto, sem perder o contato visual com seu anfitrião.

— E agora, Taylor?

Uma visível contrariedade sombreou as feições dele.

— Pare de me chamar pelo sobrenome e sente-se. Você parece uma leoa enjaulada.

— Você também me chama de sra. Teile, quando está aborrecido. Mas não sou uma leoa, Craig, e sim sua princesa.

— Sente-se e fique calada! — ele gritou.

Blair deu de ombros, com a indiferença que decidira exibir diante de Taylor, e ocupou um canto do grande sofá de couro. Viu-o tirar o paletó do smoking e afrouxar a gravata. Com habilidade, ele alimentou o fogo da lareira e, satisfeito com o resultado, dirigiu-se ao bar.

— Gostaria de beber alguma coisa?

— Não, obrigada.

— Acho que deveria. Ao beber, você tende a falar mais e ser mais franca.

— Pois bem, aceito um martíni com uma azeitona. — Ela encolheu os ombros outra vez.

Pouco depois, Taylor trouxe dois drinques até o sofá e sentou-se ao lado dela, desconfortavelmente perto. O ângulo em que se colocara deixava sua mão esquerda pousada no encosto do móvel, a centímetros da nuca de Blair. O joelho se atritava com a coxa dela.

— Cigarro? — ele ofereceu.

— Não. Deixei de fumar, lembra-se? — Ela não evitou uma desproporcional rispidez na resposta.

— Bom para a sua saúde — Taylor comentou secamente. Em seguida, tomou fôlego e suspirou. — Vamos ao que interessa. Lamento tê-la decepcionado, embora tenha sido necessário, até certo ponto. Nunca quis fazê-la de boba. Sabia que ficaria furiosa comigo, mas eu também tinha medo. Medo de perdê-la, Blair. Eu a desejava e, por um breve tempo, eu a tive. Provavelmente, eu diria qualquer tolice para poder apertá-la em meus braços. Pode entender isso? Talvez não — ele próprio respondeu, com amargura. — Eu mesmo não entenderia, três meses atrás. Mas eu amo você, Blair, e descobri que sou capaz de tudo para provar minha paixão.

Na pausa que Taylor fez, ela viu-se perdida, olhando para ele sem saber o que pensar. Os sentidos, porém, reagiram positivamente, e a química entre os dois pareceu reviver em seu corpo. Trêmula, Blair teve vontade, e receio, de acreditar no que ele dissera. Taylor realmente a amava, mas teria sido melhor que nunca o houvesse conhecido.

Ele continuava à espera de uma manifestação. Dependendo da resposta dela, ele



saberia se estava ou não o aceitando. Em caso negativo, teria de persistir, e isso seria terrível porque não era do tipo de homem que conseguia se modificar. De qualquer modo, por que alguém tentaria mudar a pessoa que ama? Não a deseja por ser exatamente como é? Bem, a solução era difícil. Se Taylor continuasse com sua vida e hábitos de sempre, Blair não o suportaria. Morreria um pouco cada vez que ele partisse em missão. Com o tempo, se tornaria uma megera, uma bruxa.

— Acho que vou aceitar um cigarro — ela disse com nervosismo.

— Se você realmente parou de fumar, um cigarro não vai ajudá-la em nada. Não fuja do assunto, princesa. Eu a amo e acredito que você também me ame. Quero que me perdoe e diga que gosta de mim.

— Eu o perdoo, eu o amo — afirmou Blair formalmente, certa de que, caso não se pronunciasse, acabaria chorando. Teria sido menos penoso amar um criminoso, pois um forada-lei podia se redimir, mudar e viver uma nova vida. Por Deus, ela só pretendia viver!

O olhar leonino de Craig Taylor não a deixava, convencendo-a de que havia algo de especial na visão dele e, através dos olhos claros, ele tinha o poder de enxergar a alma dos outros.

Talvez por isso, suas sobrancelhas se estreitaram e seus dedos se mostraram tensos ao segurar o copo de bebida. O tom de Blair o pusera perplexo.

— Quando você viaja de novo? — ela indagou, de modo a atenuar o assombro de Taylor.

O maxilar dele se retesou, tornando a linha do queixo dura e a expressão indecifrável. Piscou antes de responder:

— Amanhã.

— Oh!

— Só vai dizer isso? — A surpresa se transformou em raiva.

— O que esperava? — Blair rebateu. — Está bem. Por favor, não vá.

— Tenho de ir...

— Então, para que toda essa conversa? Eu sabia que nada do que tinha a dizer importava, portanto por que me aborrecer? Você tem de ir, Craig, então vá. Só não me peça para ficar esperando o caixão com seus pedaços. Não quero, não posso!

— Calma. Ouça também um pouco. Tenho de partir amanhã, mas será minha última missão no exterior. Já solicitei transferência, e George Merrill está cuidando disso com carinho.

— Não! — Ela pôs seu copo na mesinha e ergueu-se, agitada, caminhando pela sala com um medo contido, que ameaçava transbordar em lágrimas de desesperança. "Não faça isso comigo, Taylor, por favor", murmurou para si mesma. — Craig, você partirá amanhã e da próxima vez será a mesma coisa. Sempre haverá mais uma missão, a última, e isso não terá fim.

A visão de Ray Teile, sangrando em sua agonia, cegou Blair para o resto do mundo. Mal se mantinha em pé, de fraqueza, mas também poderia cair no chão, de raiva.

— Blair! Muita gente morre em acidentes de trânsito, todos os dias, e nem por isso alguém deixa de sair à rua. Não há nenhuma garantia nesta vida. Mas eu confirmo o que disse. É impossível esquecer o que houve entre nós, impossível dar as costas a você e fingir que não a amo. — Ele havia se levantado, procurando captar a atenção e a compreensão dela, mas Blair não parava de caminhar pela sala, escondendo a fisionomia. Por fim, Taylor conseguiu retê-la pelos braços e sacudiu-a levemente. — Blair! Eu amo você, você me ama. Isso não conta? Estou disposto a mudar de vida, por você. Isso não representa um compromisso? Você



não pode ter um pouco de fé em mim, e me dar uma chance?

Taylor a balançou por tanto tempo que ela desistiu do esforço de fugir e fitou-o nos olhos. Então, ambos foram tocados pelo fogo da paixão. Estavam vivos, tangidos por abrasadora emoção. Permaneceram estáticos, sob o efeito de um magnetismo invencível, e subitamente nada mais importava, senão o momento.

— Taylor... — ela murmurou em um fio de voz. — Eu o amo de verdade.

Medo, dor, pânico e raiva dissolveram-se em um só desejo, tão intenso que o passado deixou de existir e o futuro tornou-se uma aposta insensata. Blair baixou a cabeça e sussurrou outra vez:

— E eu o quero.

Como se fosse possível, o aperto de Taylor se intensificou. Ela foi estreitada contra ele, pressionada até sentir os batimentos do coração, a firmeza dos músculos e até os tendões que os sustentavam dentro da estrutura do corpo dele. Pôde ainda captar a respiração arfante, o fluxo de sangue através da têmpora.

— Você me quer agora? — Taylor indagou com um toque de crueldade.

Sem alternativa, Blair anuiu com um gesto de cabeça.

Quando tinham feito amor anteriormente, Taylor lhe havia ensinado novos prazeres com extrema amabilidade, em ritmo lento, construindo uma situação estranha e tortuosa, que a levava quase à loucura pelo sucessivo adiamento do êxtase final.

Naquela noite, havia algo diferente na conduta de Taylor: um traço de violência, um toque de voracidade. Blair não conhecera a avidez sexual dele em toda a extensão, para poder controlá-la, mas agora isso acontecia. Os dedos fortes puxaram-lhe os cabelos a fim de desprendê-los, enquanto ele a estreitava contra si, e os grampos e fivelas voaram até o chão. Para alcançar-lhe a nuca, Taylor empurrou a cabeça de Blair, prensando-lhe o queixo contra a base do pescoço, mas ela não reclamou da dor. Uma febre alucinada persistia nos olhos dele.

Um segundo mais tarde, ambos rolavam no tapete. A roupa de Blair foi rapidamente retirada. Em um piscar de olhos, Taylor também surgiu magnificamente nu à sua frente.

As mãos de Taylor a deitaram, empurrando-a docemente pelos ombros, e logo depois as pernas dele cobriram as suas. A evidente e sensível necessidade de Taylor transformou-se para Blair em um poder devastador, em uma intrigante promessa.

Os olhos dele ainda apresentavam um brilho flamejante, pareciam perguntar algo e oferecer uma saída. Mas também lembravam uma secreta amargura, que clamava por alívio.

Blair havia obtido a resposta que desejava. Fechou os olhos, arqueou o corpo a fim de moldar-se ao parceiro e, por um rápido instante, sentiu ternura nos lábios masculinos. Logo em seguida foi aprisionada e abraçada, colhida com uma sensualidade incontrolável. Olhou de novo para ele e ouviu-lhe a voz aveludada:

— Você vai esperar por mim.

O que seria um murmúrio tornou-se tempestade, permeada pela consciência. E novamente ela concordou. Concordaria com tudo naquele instante único que precedia a concretização do ato de amor.

— Craig, por favor...

Foi um pedido para que ele consumasse a união e lhe desse o prazer almejado. Debaixo de Taylor, Blair correu as mãos pelas costas e por todo o corpo dele. Ele a contemplou, aguardando um toque estimulante. Blair o satisfez e, no minuto seguinte, sentiu sua poderosa arremetida. Vivo dentro dela, ele impôs um turbilhão de volúpia, uma posse total e completa. Algo nas profundezas de seu ser lembrou-a da satisfação que ele já lhe havia proporcionado, mas naquela noite ele se superava, disposto a tornar inesquecível o encontro.



De fato, Blair nunca o esqueceria. As chamas que dançavam na lareira, refletidas nos ombros de Taylor, estabeleciam o ritmo de suas ondas de prazer. O despudor, mais do que qualquer traço de brutalidade, tornava a ação de Taylor alucinante.

Aquele homem era feito de pura energia. Na vida e no amor, aquele homem era incrível. Seguramente, excedia qualquer mortal comum.

Mas Blair logo reviu esse conceito, forçando-se a aceitar que Taylor era apenas humano. Nas horas de delírio sexual, de rendição aos desejos dele, ela sempre se empenhava em buscar sua dose de prazer. Por isso não racionalizava, não pensava em mais nada. Sabia que devia ser assim, desde o princípio. Sabia também que, um dia, viria o ajuste de contas.

Aos poucos, o fogo agonizou na lareira, o ar da sala ficou gelado. Aninhada junto a Taylor, protegida pelo tapete, abrigada debaixo do braço que lhe garantia uma confortável intimidade, Blair não sentiu frio. Estava exausta, saciada, mas aquecida.

Procurou examinar o perfil do homem amado e descobriu que seus cabelos tinham ficado presos sob o ombro dele. Inerte, ele parecia haver adormecido, mas não era certeza. A noite havia sido de intenso prazer, e tanta voracidade havia gerado um imenso cansaço.

Por fim, Blair conseguiu deslocar-se e constatou que Taylor realmente dormia. Sentiu um gosto de sal na boca, vindo das lágrimas que lhe escorriam dos olhos. Ele era mortal, sim. O sangue que corria dentro dele com irrefreável vitalidade poderia ser vertido. O coração que batia com coragem, lealdade e amor poderia parar. Tudo era compreensível. O ímpeto e o calor daquele homem virariam pó com a simples explosão de uma bomba. Uma bala, por pequena que fosse, seria capaz de derrubar aquela fortaleza.

"Por que estou me castigando?", ela questionou a si mesma. Porque o amava muito, porque adorava o modo como ele dormia, tocando-a com os dedos possessivos mesmo durante o sono.

Blair estremeceu.

Sabia que ele a amava também, que honraria suas promessas, mas Taylor não era dono de si mesmo. O chefe poderia até dispensá-lo das missões perigosas, porém ele ainda era o principal agente operacional. Uma emergência, e os planos teriam de ser revistos.

Mesmo a partida iminente, fosse ou não a última, deixava Blair abatida. Julgava-se madura demais para acreditar em escolhas forçadas, sobretudo quando iam além da vontade pessoal.

Deveria sair dali antes que tivessem de conversar de novo, antes que Taylor a pressionasse no sentido de uma decisão crucial. "Não seja idiota", repreendeu-se. Era difícil escorregar para longe dele. Ela nunca iria embora sem que Taylor acordasse e lhe acariciasse as costas.

E o que faria depois? Com certeza, não haveria um táxi disponível no portão do sítio. Dependia de Taylor para voltar à cidade. Naquela espera, examinou novamente o rosto que adorava, ainda sentindo o sal nos lábios. Havia outras alternativas, por certo. Conseguir levar Taylor para o chuveiro, a fim de acordá-lo de uma vez. Ou achar as chaves e levar seu carro, o que seria uma imperdoável traição: ele tinha compromissos e precisaria estar em algum lugar, em certa hora.

Bem, se o governo quisesse muito os serviços dele, poderia mandar buscá-lo. Afinal, as autoridades estariam roubando-o dela, e Blair já concedera demais. "Não posso continuar sempre dando tudo o que tenho", pensou, tentando conter as lágrimas.

Ao fechar os olhos, ela voltou a um sono agitado, com a mente resignada a tudo o que lhe caberia aceitar.

— Eu te amo — ele disse simplesmente ao despertar. Apoiado em um dos cotovelos, observou a mulher adorada com olhos apaixonados.

"Meu Deus, mantenha Taylor vivo e seguro", Blair pediu em contrito silêncio. Tentou sorrir, e o esforço não foi particularmente bem-sucedido, mas pareceu o bastante para ele.

— Você vai me esperar?

— Sim — Blair mentiu sem pestanejar. Retraçou com um dedo o perfil do amante. — Já é outro dia, Taylor. Você deve partir.

— Ainda precisamos conversar. Sinto muito, eu não consegui trocar nossa noite por um diálogo.

— Nada a lamentar — ela interrompeu, satisfeita, baixando a voz para um sussurro: — Também eu não trocaria. Podemos conversar a caminho de Washington. Por que não vai ao chuveiro e me mostra a cozinha? Farei café.

Calado, ele a beijou gentilmente.

— Está bem — concordou, erguendo-se e ajudando Blair a levantar-se também. Pena, porque os cabelos dela estavam lindamente espalhados sobre o tapete.

As formas nuas e apetitosas de Blair o tentaram a adiar qualquer movimento que não fosse o de uma nova relação. Desistiu, pois tinha de retornar à cidade e odiava tal compromisso.

— É por ali. — Taylor apontou na direção da cozinha, liberando o corpo feminino que não conseguia parar de tocar. — Gosto de café puro, nem mesmo tenho leite em casa. Mas... Por que não vem tomar banho comigo?

— Não — Blair esquivou-se, alheia ao poder de sua nudez, mas ciente de que ambos estavam com pressa. — É sua última missão, pelo que me disse. Não acha que eles virão buscá-lo aqui, caso você não apareça no escritório?

Ela não esperou resposta ou reação. Rumou para a cozinha. Minutos depois, ouviu a água corrente e retornou depressa à sala. Postou-se à frente da lareira apagada. Talvez devesse aguardar ali por Taylor, escutar o que ele tinha a dizer, antes de fincar pé na própria mentira.

Não, já não conseguiria fazer isso. Entediava-a ouvir sonhos e promessas. No íntimo, temia acreditar neles. Por isso, tinha mentido.

Suas roupas achavam-se espalhadas pelo chão da sala, mas Blair não ousou perder tempo vestindo-se. Abriu a porta de um armário na entrada e encontrou o que necessitava: uma capa de chuva. No comprimento, ela chegava quase até seus pés e as mangas sobravam, mas não fazia mal. Estava coberta, pelo menos.

Em seguida, as chaves do carro. Torceu para que estivessem no bolso da calça de Taylor. Estavam. Era fácil partir dali, escondida. Mas então seus dedos tocaram um pequeno estojo de veludo, guardado no mesmo bolso, e, apesar de seu desespero, Blair não pôde deixar de abri-lo.

Um diamante solitário brilhou ante seus olhos, à luz baça do amanhecer.

A garganta foi fechada por um soluço. Tudo levava a crer que Taylor pretendia dar-lhe o anel, em um pedido de casamento. Ela cerrou os olhos, lutando contra uma onda de arrepios. Não queria, de modo algum, tornar-se viúva pela segunda vez.

Blair mordiscou o lábio inferior e guardou novamente o estojo no bolso da calça, concluindo que esse ato era mais difícil que o de abri-lo. Ponderou ainda como seria cruel levar sua decisão até o fim. Mas Taylor entenderia que ela o deixara porque tudo havia terminado, que não existia um futuro para os dois, que ele já não precisava acreditar que



poderia mudar de comportamento.

A água do chuveiro ainda corria quando ela transpôs a entrada da sala silenciosamente e alcançou o Porsche. Esperava que a porta do carro não lhe desse problemas. Por que Taylor não podia dirigir um automóvel normal? Bem, ele não era um homem normal, no sentido de mediano ou medíocre. Blair também sabia disso desde o princípio.

Algumas tentativas lhe valeram o acesso ao banco do motorista. Ligou o possante motor e não teve dificuldade em refazer, na direção oposta, o caminho que percorrera na noite anterior. Naquela bonita manhã de primavera, em quinze minutos ela chegou aos arredores de Washington. Nunca se sentira tão enregelada por dentro, tão entorpecida.

Taylor escutou o ronco do motor do Porsche ainda no banheiro. Saiu rápido, sem fechar as torneiras, dando tempo suficiente apenas para enrolar uma toalha em torno de si. Alcançou a trilha externa no momento em que o carro fazia a curva e acelerava rumo à estrada.

Ficou óbvio para ele que Blair não olharia para trás. Parado em meio ao ar frio, Taylor observou o veículo afastando-se até se tornar um ponto minúsculo na distância. Praguejou, incapaz de mover-se a despeito dos golpes de vento contra sua pele úmida. Estava furioso, mas também tomado de admiração. Blair não cometera erro algum, manipulando-o com maestria. Havia mentido para ele com o mais doce dos sorrisos.

E, como ela imaginava, ele compreendera a mensagem.

Contraindo o maxilar, Taylor voltou para dentro de casa. Teclou um único número no telefone, um número pré-programado, identificou-se e pediu um táxi.

Em seguida, começou a se vestir. Guardou uma série de papéis nos bolsos do paletó azul, depois de notar que sua capa de chuva tinha sido levada por Blair. Ao menos, ela não estaria nua na estrada, pensou com alívio ciumento. Quase sorriu ao antever como Andrew Huntington reagiria ao ver a filha entrar como um raio em casa, usando apenas uma capa de chuva.

Talvez ele nem se preocupasse. Huntington estava do seu lado. Provavelmente imaginava a filha querida casada com Taylor. Se ela passara a noite com ele, tanto melhor. Blair estaria redimida de seu luto, de sua abstinência.

Mas Taylor se ressentia do fato de Huntington não ter completo controle sobre as ordens que ele recebia. Em um ponto, Blair tinha razão: ele não podia confiar demais em seus superiores. Cibia-lhe fazer as próprias escolhas de vida. E seria ótimo que ela houvesse confiado nele.

Sobrou-lhe pouco tempo depois de fazer a mala. Apanhou as roupas espalhadas na sala e então se sentou defronte às cinzas da lareira, cultivando as lembranças da sensacional noite de amor com Blair.

Taylor encontrou a tiara que ela ostentava na cabeça, por ocasião do baile. Girando-a nos dedos, sentiu que seus lábios formavam uma curva de sólida determinação. Meneou a cabeça, dividido entre sentimentos contraditórios de ternura e ferocidade.

— Ainda não acabou, princesa — murmurou. — E por pouco tempo. Eu voltarei.

À chegada do táxi, Taylor colocou a tiara de Blair cuidadosamente no tapete, defronte à lareira. Caminhou até a porta, mas olhou para trás mais uma vez.

— Eu voltarei — repetiu, mais alto. — Princesa, você não achará lugar no céu ou na Terra para se esconder de mim.

Taylor sentiu-se realizado ao trancar a porta. A feiticeira ruiva lhe havia furtado o

carro. Pagaria por isso, assim como por duvidar de sua palavra. Ele sofria, no entanto, por ter sido enganado por uma garota escorregadia.

Uma bela mulher. Sua princesa.

Capítulo XIV

Como Taylor havia previsto, Andrew Huntington reagiu com absoluta frieza à aparência de sua filha. Perturbada, ela tinha praticamente esquecido o pai, mas este nem pestanejou quando ela adentrou a sala da mansão familiar em Washington. Disse-lhe para tomar café na cozinha, deu-lhe um beijo na testa e saiu, com seu habitual traje de terno e gravata, para mais um dia de trabalho.

Sozinha na casa, Blair serviu-se de café e depois subiu a seu quarto, disposta a tomar um banho. Não de imediato, porque sua memória carregava o signo da tortura. Queria espantar a noite que passara fora, mas não suportava a ideia de lavar da pele o cheiro de Taylor.

Ela passou os três dias seguintes na mansão sem olhar para fora. Às vezes lia, pesquisava, e à noite jogava xadrez com o pai. Não chorou, mas sentia-se vazia. Ao deitar-se para dormir, ficava olhando o teto do quarto e tentava se convencer de que tomara o único caminho possível.

Craig Taylor tinha partido. Ela lhe fechara todas as portas.

Agora era improvável que o visse de novo, pelo menos por alguns anos, e certamente se comportariam como estranhos caso se encontrassem em algum evento social. O amor dos dois seria como uma distante paixão de juventude, algo que ambos poderiam julgar inteiramente fútil.

Se ele vivesse até lá.

Blair fazia questão de ignorar onde e como Taylor estava, e se corria perigo de morte em uma missão oficial de seu país. Igualmente, preferia não saber quando ele voltaria. Claro que, se perguntasse alguma coisa nas altas esferas do poder, ninguém lhe diria nada, alegando sigilo.

No quarto dia após a partida de Taylor, ela se obrigou a almoçar com alguns amigos, perto da Universidade John Hopkins. Durante o encontro, aceitou um trabalho de pesquisa, junto a um renomado psicólogo norte-americano.

Seria uma ocupação temporária, mas bem-vinda, porque acabaria louca em uma casa vazia, à espera de alguns momentos na companhia de seu sempre atarefado pai.

Ainda assim, o tempo passou devagar. A pesquisa era tediosa e seus contatos, em função do projeto, limitavam-se a ratos de laboratório. Como psicóloga especializada na área clínica, Blair nunca apreciara esse tipo de trabalho. Já despendera anos estudando roedores, chimpanzés, macaquinhos e outros pobres animaizinhos que serviam de cobaias.

Na verdade, ansiava por retornar ao acampamento do grupo de combate à fome na América Central. Lugar distante, mas onde encontrara consolo para sua viuvez, além de ânimo para prestar assistência aos necessitados. Porém, tinha feito uma promessa ao pai, e por

isso precisava esperar mais tempo para voltar.

O carro de Taylor havia desaparecido da garagem da mansão, no mesmo dia em que ela o trouxera. Ninguém lhe explicara nada, mas era fácil deduzir que o grupo chefiado por George Merrill tinha providenciado a remoção. Ocasionalmente, o importante dirigente jantava com seu pai, mas nunca mencionava Taylor, talvez por um acordo tácito com Huntington.

Blair sentia-se tão isolada que passara a desejar um inesperado aparecimento de Taylor. Às vezes, pensava em enviar uma mensagem a ele. O conteúdo já estava decorado em sua mente: "Não posso me casar com você. Não posso esperar por você. Mas quero que saiba que, tirando isso, aceito tudo e dou qualquer coisa para vê-lo e abraçá-lo com força."

Não, o rompimento súbito tinha sido melhor. Craig Taylor jamais apareceu, assim como Merrill e Huntington nunca lhe citaram o nome.

Em um dia de junho, Andrew Huntington voltou do trabalho para casa e encarou a filha com um misto de dor e alegria. Iria sentir terrivelmente a falta dela, mas o prazo de três meses havia passado, e Blair se preparava para viajar de volta à América Central. Seu rosto delicado parecia pálido, já um pouco enrugado, e Huntington sabia que a filha estava solitária e infeliz.

Faltava-lhe o poder de consertar as coisas. Só Taylor poderia fazê-lo, e somente quando chegasse a hora. Embora não conhecesse detalhes do que acontecera entre os dois, Huntington apostava no amor de Craig Taylor por sua filha. Acreditava ainda que ele vinha tentando arranjar seus compromissos de modo a voltar e ficar. Era um otimista.

Pelo que sabia, nem mesmo Merrill poderia prometer que Taylor voltaria. No entanto, contente com a empolgação de Blair, o veterano político deu-lhe passe livre para reassumir o trabalho humanitário. Era adulta, e ele não podia viver a vida por ela.

— Preciso de alguns dias para providenciar toda a documentação junto a alguns órgãos do governo, tudo bem? — ele perguntou, exibindo um sorriso alegre.

— Maravilhoso — Blair confirmou. — Obrigada, papai.

Jantaram em um luxuoso restaurante naquela noite, dançaram juntos e jogaram xadrez até de madrugada. Estavam felizes. Segundo Huntington, a filha tinha sorte porque seu amor não era limitado pela distância, apenas pelo coração.

Nenhum pai no mundo poderia sentir-se mais abençoado ou mais orgulhoso.

Blair comunicou seu afastamento da pesquisa na manhã seguinte, porém cumpriu a jornada normal de trabalho. Sentiu-se na pele de um dos pequenos roedores que monitorava: enjaulada. Por certo, um distanciamento de milhares de quilômetros de Washington quebraria as grades que lhe enjaulavam o coração. O tempo e a distância, diziam os mais sábios, tinham o poder de curar feridas emocionais.

Surpresa, foi avisada pelo médico-chefe de que havia um telefonema urgente para ela. Quem poderia ser? O aperto no coração cresceu, constringendo-a até que experimentasse uma sensação de desmaio. O corpo pareceu se liquefazer, como se feito de geléia.

Taylor! Alguma coisa acontecera com ele e a estavam avisando!

Com esforço, Blair levou o receptor ao ouvido e então ouviu um alegre "alô". Naquele instante de alívio, sentiu-se ainda mais fraca.

— Kate!

— Estou aqui em Washington, amiga, e preciso de você! Tenho só algumas horas. Brad está embarcando para longe e... Bem, pode vir aqui? Aliás, precisa vir. Por favor, Blair!

— Kate! — Confusa, ainda lutando por afastar os pensamentos pessimistas a respeito de Taylor, ela demorou a assimilar a informação. — É claro que vou ajudá-la em tudo que



precisar. Brad está embarcando? O que significa isso?

— Brad Shearer, você se lembra. Ele chegou ao acampamento pouco antes de você desaparecer. Desculpe-me, Blair. Eu devia estar perguntando como você vai, mas imagine que esteja bem.

— Estou bem, Kate. E então, diga...

— Vamos nos casar, Blair. Brad e eu. Dentro de duas horas. Temos pouco tempo e conto com você para me amparar, depois que ele partir.

— Você sabe o que Brad faz na vida?

— Sim, sei. Por quê?

— Bem... — Blair hesitou. — Sinto muito, fiquei preocupada por você.

Com o silêncio do outro lado da linha, Kate deduziu que a amiga pensava em Ray Teile e no atentado que lhe tirara a vida. Ou que temia por Craig Taylor em alguma nova missão.

— Você e Taylor estão saindo juntos? Sabia quem ele era durante o tempo todo?

— Não e não, para as duas perguntas. — Blair logo tratou de mudar de assunto, esquivando-se de dar explicações. — Brad planeja demitir-se?

— Ele é do Exército, amiga. Ninguém se livra tão facilmente.

— Suponho que não — Blair murmurou, sustentando o peso momentaneamente absurdo do telefone. — Diga-me onde está e irei correndo para assistir ao seu casamento.

No prazo de uma hora, dispensada por seu supervisor na faculdade, Blair venceu o percurso até Washington. Serviu de testemunha no matrimônio de Kate, ao lado de um amigo de Brad, e brindou com champanhe, prometendo discretamente à amiga que voltaria mais tarde, quando terminassem as poucas horas restantes ao novo casal.

Caminhando pelas ruas próximas à capela a fim de preencher o tempo livre, Blair decidiu ligar para seu pai e relatar as boas-novas. Como sempre acontecia, teve de esperar bastante até que Huntington atendesse. Ele mantinha seu trabalho à margem da filha, que se ressentia de ter convivido tão pouco com o pai, anos a fio. Ficara isolada, trabalhando com o grupo de combate à fome. Antes, estivera casada com Ray Teile. Antes ainda, só cuidara de estudar na universidade.

Por curioso que fosse, o rapto praticado por Taylor havia aproximado pai e filha mais do que nunca. Blair sentiu alegria ao ouvir a voz de Huntington ao telefone. Contou do casamento e ambos conversaram por alguns minutos. Durante o diálogo, ela relembrou as palavras de Kate antes da cerimônia.

"Sei que existe perigo, Blair, mas não importa, desde que possa viver algum tempo com Brad. Afinal, a felicidade não é para sempre. Sei que não passei pelo que você sofreu, amiga, mas amo Brad e é impossível desistir dele só por causa da profissão de risco. Você perdeu Ray, mas viveram anos felizes e..."

— Blair? Está me ouvindo?

Pensativa, ausente, ela retomou o contato com o pai, apenas para despedir-se apressadamente, pois não queria que ele percebesse o tremor em sua voz. Gostaria de ter perguntado sobre Taylor antes de desligar, mas foi incapaz disso. Seu objetivo era poupar o pai. Ou poupar-se?

Olhando para o celular, ela pensou em interpelar discretamente George Merrill quanto ao paradeiro e o bem-estar de Taylor. Criou coragem e ligou, mas uma voz de mulher pediu

para que deixasse recado.

— Não... obrigada... Telefonarei depois.

— É Blair quem fala? — a secretária indagou subitamente.

— Sim, mas... — Surpresa, ela franziu a testa e hesitou. — Quem é?

— Lorna Patterson. Já nos encontramos antes. — Lorna não explicou que haviam se conhecido na festa de George Merrill, que observara Blair durante o tempo todo e que assim decifrara o segredo sentimental de Craig Taylor.

— Ah, sim, Lorna. Como vai? — Blair lembrou-se da mulher educada e agradável, cujo tom, mesmo ao telefone, nunca soava invasivo. Não obstante, sentiu-se anunciada aos quatro ventos e abominou a hipótese de que a secretária conseguisse colocar o chefe na linha.

— Prefere então que o sr. Merrill retorne sua ligação?

— Também não será necessário. — Estremeceu de novo, arrependida de ter telefonado. — Falarei com ele outra hora.

A própria Lorna vacilou e então despejou uma enxurrada de palavras:

— Sei que não é da minha conta, Blair, mas desconheço onde está Craig Taylor e quando ele volta. Tenho certeza de que ele a ama muito e... bem, ele está tentando, querida, está tentando...

O silêncio admirado de Blair comprovou seu total engano ao imaginar que Taylor nunca se abria com as pessoas, embora Lorna também pudesse estar falando com base na intuição feminina.

— Obrigada — Blair finalmente falou, desligando. "Esse não é o problema, Lorna. Eu sei que ele me ama."

E daí? Cansada de caminhar pelas ruas, ela decidiu buscar seu carro no tempo que lhe restava até o reencontro com Kate. Sem muita consciência do que fazia, aproximou-se do Cemitério Memorial de Arlington, destinado aos heróis da pátria. Pisou no impecável tapete de grama verde até alcançar a lápide singela que marcava os restos mortais de Ray Teile.

"O que está havendo comigo?", questionou-se. "O que vim fazer aqui, cultuando o passado?"

Qualquer que fosse sua vivência do presente, Blair jamais poderia menosprezar a felicidade que tivera ao lado de Ray.

Ela se tornara uma pessoa melhor, apenas por conhecê-lo e amá-lo. Mas essa doce lembrança vinha arrefecendo e, estranhamente, Blair sabia que a alma do marido se alegraria se ela voltasse a ser feliz.

"Só não sei se consigo, Ray", murmurou para si mesma, sentada na grama. Sorriu a despeito das lágrimas. Imaginou se estaria enlouquecendo, por falar com as pedras. Na verdade, ela falava com a memória de um amigo maravilhoso.

Blair consultou o relógio de pulso e viu que já era tempo de reencontrar-se com Kate, após a apressada, e por certo insuficiente, lua-de-mel da amiga. Tentaria salvá-la tanto da preocupação com a nova tarefa de Brad quando da amargura de noiva abandonada. Contento, confiou no apoio mútuo que poderiam prestar-se, sobretudo após a volta ao acampamento na América Central.

Três dias mais tarde, Andrew Huntington despediu-se da filha e de Kate, que embarcaram em um avião oficial de carga. Blair e o pai trocaram um abraço carinhoso.

— Seja feliz, filha — ele murmurou. — Para mim, é o que há de mais importante no



mundo.

— Já sou feliz, papai — ela garantiu.

— Você tem medo de ser feliz — disse Andrew, com um sorriso triste. — Não gosto de interferir, querida, por isso nunca comentei nada, mas você está com saudade de Craig Taylor. Penso que ele a ama e, pelo que sei, não vai desistir.

— Papai! — Blair recriminou. — Isso é inegociável. Tenho dúvidas quanto ao sentimento dele, por isso tomei uma decisão. Creio que nossos caminhos não se cruzarão de novo.

No íntimo, ela sentiu-se ridícula. Desejava Taylor. A ausência dele lhe machucava o coração, e o recente conselho de Kate estava vivo em sua mente: quando se ama alguém, o tempo compartilhado com essa pessoa é muito importante, chega a ser crucial.

— Sabe onde ele se encontra, papai? E se está bem?

— Muito bem — Andrew surpreendeu a filha. — Voltou à cidade ontem.

— Fico contente por saber. — Blair suspirou profundamente, feliz por Taylor estar vivo. — Dê-me um beijo, papai. É hora de ir.

Huntington obedeceu, animando a filha com os votos de que tudo daria certo. Naturalmente, sentiu-se mais paternal do que nunca.

— Cuide-se bem — ela pediu.

— Pode deixar. Agora vá, senão o avião decolará sem você.

Com um esgar, Blair encaminhou-se para a escada de embarque. Parou e voltou-se para o pai.

— Papai, ele sabe que estou partindo hoje?

— Sim — foi a curta resposta.

A bordo, Blair sentou-se ao lado de Kate sem esconder a tristeza. Se Taylor sabia que ela ia viajar, por que não tinha aparecido ao menos para dizer adeus? Bem, seria tolice vê-lo de novo quando já não podia ficar junto dele.

O que doía, porém, era a crença de que o sentimento dele por ela vinha se dissipando e, talvez, até estivesse enterrado de vez. Huntington tinha razão: Craig Taylor não era homem de desistir daquilo que queria, e o que mais queria era manter sua vida de aventuras.

Taylor tinha planejado reunir-se a Huntington na base aérea militar, mas perdera a hora. Vestido como cinco meses antes, quando fora enviado pela primeira vez ao encontro de sua princesa, ele estava bem mais ávido e ansioso do que naquela ocasião. Agora, finalmente era um homem livre. Tão livre quanto uma pessoa consciente e responsável podia ser.

Na correria pela área de embarque, quase colidiu com Huntington e ficou espantado com o rancor expresso nos olhos do administrador usualmente frio e contido.

— Huntington!

— Taylor!

Entreolharam-se por um momento, como se medissem forças.

— Blair embarcou naquele avião? — O ex-agente apontou a aeronave que ganhava altura.

— Sim, está a bordo. — As faces do político ficaram vermelhas de indignação. — Mas você sabia que ela iria partir!

— É verdade — Taylor confirmou.



— Então, importa-se de me dizer por que chegou aqui exatamente um minuto depois de o avião decolar? Como agente demissionário, você tem tempo de sobra.

— Senhor...

— Por que veio? Quais as suas intenções?

— Honestas, senhor. — Ele exibiu um sorriso convincente. — Continuo tentando me casar com Blair, mas ela continua criando problemas. Eu não podia discutir o assunto com sua filha, até que meu futuro estivesse definido.

— E está? — Huntington arqueou as sobrancelhas grossas.

— Sinto muito. Informação sigilosa. — Taylor voltou a sorrir, satisfeito com a revanche, e o político também armou um sorriso, considerando a situação engraçada.

Huntington sabia, é claro, que o agente havia solicitado uma transferência ao chefe George Merrill. Aquela era uma decisão complexa porque Taylor era conhecido pela competência e também pelas opiniões próprias. Temia-se, nas altas esferas, que ele saísse do serviço secreto falando o que não devia.

— Só posso lhe dizer — completou — que parecem ter optado por minha volta ao expediente diplomático normal, já que demonstrei vontade de me estabelecer em Washington. Devo ter amadurecido.

— Parabéns! — exclamou Huntington, com certa ironia.

— Ainda preciso discutir isso tudo com sua filha. Algum conselho?

O veterano político estreitou os lábios, que se tornaram trêmulos.

— Bem, um segundo avião deve partir daqui a pouco.

Taylor envolveu as mãos do pai de Blair, que aceitou bem o gesto de confiança e cumplicidade.

— Boa sorte, meu rapaz.

O ex-agente já se movia rapidamente pelo saguão, com a grande bolsa de náilon pendurada no ombro.

— Informe a data do casamento! — gritou o homem mais idoso. — Sou o pai de Blair, e se vou perdê-la para você preciso tomar algumas precauções.

Ele observou a figura alta e imponente do homem que se afastava e que, com certeza, logo seria seu genro. Fazia meses que nutria essa esperança, pelo bem da própria Blair.

— Taylor! — chamou de novo, com aflição, o homem cuja cabeça se destacava acima da dos outros passageiros. — Já tenho bastante idade. Não me faça perder o segundo casamento de minha filha!

Huntington queria ver Blair casada. Os possíveis noivos tinham temperamento forte, eram determinados até o limite da teimosia, e combinavam entre si extraordinariamente bem. Além disso, ele queria um neto. Melhor que nascesse dentro das convenções sociais, com os genitores oficialmente casados, dividindo o mesmo sobrenome.

Difícil mesmo era esquecer a imagem da filha chegando em casa ruborizada, vestindo nada mais do que uma enorme capa de chuva.

Capítulo XV



A fila para a sopa dos pobres e necessitados estava mais curta, notou Blair em seu segundo dia de trabalho no acampamento. Passado o terror da guerrilha, livres também de catástrofes naturais que volta e meia devastavam o local, os corajosos camponeses da região vinham aos poucos erguendo a cabeça e se recolocando de pé.

Ela se sentia contente por haver regressado. No fim do dia, estava cansada, mas também repleta de um forte senso de satisfação. Era bom testemunhar a vitória do povo.

— *Senora! Senora!*

Blair secou o suor da testa com a manga da blusa e observou o sol que se punha a oeste das barracas. Miguelito, que se mantivera fora da fila, correu para ela, descalço e empoeirado. Foi imediatamente recompensado com um sorriso.

— *Como estás?*

— *Muy bien, senora!* — o menino exclamou orgulhosamente, escondendo algo às costas, até estender o braço e apresentar a Blair um modesto ramalhete de flores do campo. — Sentimos sua falta, *senora*. Seja bem-vinda.

Com essas palavras, vencido pela timidez, Miguelito disparou de novo, dessa vez na direção do vilarejo. Blair considerou o presente como um desses prêmios que a vida dá, embora sua solidão a atormentasse.

— Blair! Vamos ao riacho? — Era Kate quem convidava.

— Nem um terremoto me deixaria longe daquela água.

Minutos depois, as duas amigas marchavam decididas pela trilha.

— Você nem imagina — confidenciou Kate com emoção — o que nós passamos aqui enquanto esteve fora. Brad foi o único a se manter calmo e, com isso, ajudou-nos a combater a ansiedade. O perigo, melhor dizendo. A história do fim da guerrilha apareceu em alguns jornais. Brad mostrou que sabia lidar com situações de risco e acabou nos contando quem ele era. Cheguei a pensar mal de você.

— Como assim?

O riacho já era visível, o ar fresco se tornava convidativo e o barulho da cascata parecia embalar as duas amigas.

— Pensei que você tivesse fugido com Taylor.

— Não seja tola! — Blair irritou-se. — Eu mal o conhecia, ignorava sua real identidade. E você sabe, Kate, que eu nunca abandonaria o grupo sem algum tipo de explicação. Jamais causaria problemas ao dr. Hardy.

— Foi o que concluí depois. — Kate preparou-se para entrar na água. — Sempre a considere uma pessoa responsável e...

— Que tipo de recém-casada é você? Deveria estar pensando em Brad.

— Sou recém-casada, mas não cega. De algum modo Taylor a levou embora daqui, e não tente me dizer que ele não é um homem incrível!

— Kate!

— Incrível! — a outra enfatizou, já com as pernas dentro d'água. — E você o seduziu desde o começo. Teve sorte, porque Taylor era perigoso. Um espião. — Kate estremeceu delicadamente na água fria. — Bom que ele estivesse do nosso lado!

— Taylor não é espião — Blair protestou, sem saber por que se envolvia em uma



discussão inútil. — É diplomata.

— O quê? Não nasci ontem, amiga. Você vai entrar na água ou não? Estou congelada!

— Pois saia daí. Quero nadar à vontade, sem obstáculos.

— Não pretendo deixá-la sozinha aqui. — Kate balançou teimosamente a cabeça acima da superfície.

— O lugar é seguro, acredite — argumentou Blair. — Do contrário eu não viria nem a deixaria vir.

— Certo. — Kate enfim concordou em sair do riacho, lembrando que, como filha de Andrew Huntington e recém-chegada de Washington, Blair devia ter informações atualizadas. — Bem, vou me aquecer e nos veremos depois.

Kate desapareceu entre as árvores, enquanto Blair experimentava certo remorso por ter dispensado a amiga. Não tinha medo algum da água, mas o lugar lhe trazia lembranças, sobretudo da noite em que fizera amor livremente com Taylor, sob a cascata, ambos desinibidos como Adão e Eva.

O arrepio na pele a acompanhou até a queda d'água, onde saltitou e recebeu o líquido frio em plena face. De nada adiantou. A essência de Craig Taylor invadia tudo por ali, como se capturada para sempre nas ondulações da correnteza.

Mais que isso, a presença dele também estava no corpo de Blair, servindo de prova para uma paixão irremediável, que lhe despertava desejo e dor. Assim, ela não percebeu que era observada, tal como acontecera nos primeiros dias de Taylor no acampamento. O mesmo homem que lhe abrasara os sentidos agora a espiava com admiração, deslumbrado com a pele bronzeada, os seios firmes, a penugem clara da virilha, pretextos para as mais loucas fantasias sexuais.

O esplendor da nudez de Blair chegou ao fim quando ela alcançou suas roupas e vestiu-se, conservando a inata sensualidade que mexia com os brios de Taylor.

— Qualquer meio, Huntington? — ele murmurou para si mesmo, lembrando da primeira conversa que tivera com o pai de Blair. — É exatamente como pretendo agir.

Saindo dos arbustos que o ocultavam, ele partiu para o acampamento à frente da jovem viúva. Tinha alguns preparativos a fazer para aquela noite.

Foi festivo o jantar do grupo de combate à fome. Blair e Kate haviam trazido diversas guloseimas enlatadas, e Huntington mandara pelo avião uma caixa de garrafas de vinho de boa qualidade. Todos ali reconheciam que a filha do político tinha sido raptada para sua própria segurança, e foi em torno desse assunto que a conversa girou. Blair contornou as perguntas com habilidade, omitindo qualquer referência ao tempo que passara nos rios da selva, a bordo do *La Princesa*.

— Não foi tão ruim — admitiu Tom Hardy — enquanto Brad Shearer permaneceu entre nós. Mas todos sentimos muito a falta de você e de Taylor! Esperava que o trouxesse de volta, pois acho que nunca conseguirei substituí-lo à altura.

A fogueira morria lentamente enquanto os membros do grupo se dispunham em círculo, como amigos que haviam enfrentado juntos uma situação adversa.

— Graças a Brad — o médico acrescentou —, pudemos manter a calma e trabalhar nos momentos mais conturbados. Agora, mesmo que ele e Taylor não voltem, a perspectiva é de paz e tranquilidade. Sabia, Blair, que nos enviaram um voluntário cheio de manias, com vontade de mudar o mundo sem quebrar uma unha?



— E por onde anda essa figura? — perguntou Blair depois de rir.

— Mandei-o embora a pontapés, no prazo de dois dias. Ele alegou que não tinha nascido para trabalhos manuais! — O dr. Hardy bocejou, sinalizando que já queria ir dormir. — Autorizei Kate a viajar com Brad, e ela também nos fez falta. Pena que Taylor não tenha voltado.

— Pena — ecoou Blair, sorrindo através dos dentes rilhados.

Pouco depois, mais bocejos foram notados entre o grupo, que se dispersou, cada qual para sua tenda. As mulheres permaneceram junto à fogueira apagada.

— Nove horas da noite, e já estamos nos recolhendo, sem nada para fazer — lamentou-se Kate.

— Com certeza foi diferente em Washington — Dolly comentou.

— Lá, só tive tempo de me casar e me despedir de meu marido por três horas. — Kate sorriu, conformada. — Pelo menos, estou sentindo sono.

— E quanto a você, querida? — Dolly interpelou Blair. — Muitas noites emocionantes na capital?

— Claro — a outra mentiu, esperando que a obesa voluntária não notasse seu sorriso seco e sem vida.

Ao contrário de Kate, eterna otimista, Blair julgava que sua volta ao acampamento pouco a ajudaria a obter tranquilidade. Teria de empurrar as lembranças de Taylor para um canto empoeirado da memória. Era sofrido, além de inútil, aguardá-lo como Kate faria com relação a Brad.

Pouco depois, em sua barraca, ela acendeu a lamparina, vestiu uma camisola branca e afofou o travesseiro de seu leito, desejando que a exaustão a induzisse ao sono.

Fazia quase três meses que Blair perdera Taylor de vista, desde que havia se apossado do carro dele para fugir, certa de que essa separação seria para sempre. Deitada, ela zombou de si mesma como psicóloga, refletindo que nem sempre a razão prevalecia sobre o coração.

Sentia-se magoada por Taylor não a haver procurado nem telefonado enquanto estivera em Washington. Também se abateu ao lembrar que ele não comparecera a seu embarque para a América Central, fato que devia conhecer por intermédio do pai. Lamentou também não possuir a força de Kate, capaz de se casar em um momento e permitir que o marido partisse no outro.

Com impaciência, Blair apagou a lamparina e enterrou a cabeça no travesseiro, gemendo de desgosto. Retornar à selva deveria significar uma aceitação da realidade, e, no entanto, as lembranças dolorosas pareciam se multiplicar. Era injusto, decretou com ressentimento, enquanto procurava a paz do sono.

Agitou-se no catre, dizendo a si mesma que agira corretamente, com base na suspeita de que o relacionamento com Taylor não daria certo. Recordou o medo debilitante que sofrera ao receber o telefonema de Kate, presumindo que se tratava de más notícias sobre ele. Brad estava em posição diferente e corria menos risco, por isso Kate podia mostrar-se mais serena.

"Acabarei me encontrando com Taylor", ela pensou, "o que não significa que venha a me casar com ele. Tudo isso é ridículo", puniu-se, ciente de que uma boa solução para os dois era o controle do medo que sentia.

"Mas também posso não vê-lo nunca mais", completou o raciocínio. "Já se passaram três meses e ele nunca me telefonou. Talvez esteja envolvido com outra mulher."

Essa ideia plantou um sentimento de raiva em Blair.

A probabilidade de dormir estava quase excluída quando ela se assustou com uma voz

no escuro.

— Pare de lutar contra si mesma. Vou lhe contar, mulher: às vezes acho que você me traz mais problemas do que mereço.

Taylor? Seria possível? Era, pois Blair conhecia o timbre vocal, tanto quanto a força e o conforto dos braços dele. Os sentidos, mais do que a consciência, traíram-na.

O que ele fazia ali? O que desejava, dessa vez? Incrédula, ela resistiu ao tormento, evitando correr para abraçá-lo desesperadamente. Outra luta fútil, pois suas necessidades se colocavam acima da razão. Por isso, um longo beijo foi inevitável assim que Taylor sentou-se na cama. Em seguida, Blair se aninhou no colo do homem amado.

— Que veio fazer aqui? — perguntou acalorada, mantendo a boca quase unida à dele. Era um milagre, avaliou. Um milagre de amor.

— É uma pergunta tola, princesa. Vim raptá-la.

Ela bateu as mãos com força no peito dele, em sinal de fúria.

— Por ordem de quem, agora?

— Ora, por favor, pense bem. Posso raptá-la ou denunciá-la à polícia pelo roubo do meu Porsche. E não adianta me suplicar para deixá-la em paz. É que agora estou sob minhas próprias ordens, completamente minhas, e farei o que quiser.

— O quê? — Blair entendeu a alusão de Taylor à sua nova independência. — Você me assustou terrivelmente, deixou-me à beira de uma crise de nervos.

— E eu? Acha que não tenho sistema nervoso?

Podia estar vivendo uma alucinação, avaliou Blair, causada pelas condições da selva. Mal conseguia acreditar que Taylor estava ali e que ela o tocava.

— Conte-me o que faz aqui, quando a região passa por uma fase de perfeita calma. Não me diga que veio como diplomata.

— Realmente, querida, eu não diria isso. Encerrei uma longa carreira como agente especial, e decidi vir raptá-la pessoalmente, caso não me dê ouvidos. Sabe muito bem que, agora, sou eu o seu refém, capturado por seus encantos, pela vida inteira...

— Taylor — Blair murmurou, ainda sem acreditar de todo no que acontecia. Se ele era real, não uma ilusão, por que falava coisas sem sentido? — Você é maluco! — acusou, atormentada pela vontade de correr e fugir.

— Você me deixou maluco — ele concordou com ar de tédio. — Insano a ponto de querer me casar com minha princesa. Maridos merecem respeito, e quem sabe assim você pare de me chamar de maluco a toda hora.

— Casar? — Blair havia visto o anel de diamante e tivera receio de tirar a conclusão óbvia naquele momento. — Não posso casar com você, Taylor, você sabe disso.

— Tem de se casar comigo — ele corrigiu. — Um diplomata estabelecido não tem futuro se continuar solteiro. É impossível apresentá-la como minha namorada ou amante. Precisa ser minha esposa, com o mesmo sobrenome, tudo mais.

— Mas, depois de três meses sem dar notícias...

— Você é a pessoa mais teimosa que já conheci. — Sorrindo, Taylor procurou os lábios úmidos de Blair e selou-os mais uma vez.

O novo beijo foi não apenas real como delicioso e estimulante.

— Dispense outra perda, meu caro — ela argumentou. — Talvez Ray tenha morrido acidentalmente, mas você entra às cegas, e de propósito, em situações de perigo.

— Não sou um suicida, sra. Teile. Pode confiar. Aliás, como está seu espanhol? Acabo

de ser transferido para a embaixada norte-americana na Espanha. O único risco será torcer o pé durante algum baile promovido pelo corpo diplomático.

— E antes? — Ela suspirou, insinuando que não cederia facilmente. — Você sumiu de Washington sem falar comigo.

— Na noite da festa de George Merrill eu ainda não tinha nada definido. Apenas sabia que teria de cumprir uma última missão. No Iraque.

Cansado de discutir, Taylor avançou as mãos em sincronia por debaixo da camisola de Blair, e elas ficaram ainda mais ousadas quando encontraram os seios quentes e macios.

— Taylor, isto não é um ato de sedução. Parece mais um...

— Estupro? Não me faça rir, princesa. Em vez disso, esquento-me, excite-me mais do que meus sentidos possam aguentar!

Blair reconheceu nos olhos leoninos de Taylor o estado de intensa excitação. Não era surpresa, dados os antecedentes do relacionamento, mas ela possuía um temperamento forte, quase indomável.

Ele passou a acariciá-la no pescoço, nas costas, nas pernas, o corpo todo, com pressa e volúpia. Cravou a boca e vibrou a língua sobre a orelha dela. Arrepiada, Blair teve a certeza de que logo estaria envolvida por um desejo alucinante. No entanto, mesmo sensível às mensagens do corpo feminino, Taylor a ergueu no colo e a levou em passos largos até a beira do riacho, banhado pelo luar. Havia preparado toda a ação para que as palavras se tornassem dispensáveis e o inevitável acontecesse.

— Eu amo você — ele limitou-se a dizer, acomodando-a na margem, sob uma árvore, e atritando-lhe as coxas alvas em uma espécie de convite ou de súplica.

— Eu também amo você, mas acho que continua sendo confiante demais — Blair comentou, de certo modo arrependida por ter-lhe negado confiança por longo período.

Isso já não importava. Ambos haviam sofrido por tanto tempo a tortura do desejo que as preliminares da relação foram saltadas diante da tensão sublime que os consumia, abençoada pelo luar.

Eles se colaram um ao outro em silêncio, e a doce penetração foi seguida de suspiros de prazer. Efetuaram os movimentos com mútuo empenho, em ritmo delicado, consumando a posse até o auge, cientes de que nunca esqueceriam aquela magia criada em conjunto, em uma partilha física e emocional que era unicamente deles.

Blair pensou que poderia adiar o êxtase, mas Taylor trouxe ambos até a explosão do clímax. Era desculpável, era natural. Ele lhe havia ensinado que tais alturas existiam. Boa aluna, ela só tinha a agradecer.

— Obrigada — sussurrou no ouvido dele, ainda comovida.

Taylor precisou de um minuto para compreender o agradecimento.

— De nada, princesa. Nós, os lacaios, temos a obrigação de agradar.

— Alegação ouvida e rejeitada — ela rebateu. — Tem certeza de que quer mudar de atividade, ou está fazendo isso só por mim?

— Blair! — ele recriminou. — Não comece a ter ideias tolas. Veja aqui. — Taylor retirou da sacola plástica que trouxera consigo uma garrafa de champanhe gelado e duas taças.

— Isto é para comemorarmos nosso amor, nossa união, desde que agora você já confie em mim.

Trocaram um brinde.

— Para responder à sua pergunta — ele prosseguiu —, passei metade da vida à espera de uma mulher como você. Não pretendo perder a outra metade em discussões. Quero um lar

estável, quero que me perdoe e me aceite. Pedi transferência assim que cheguei a Washington, mas os trâmites burocráticos demoraram um pouco e precisei participar de outra missão secreta, a última. Na verdade, minha nova linha de trabalho depende de você. Como já disse, diplomatas solteiros não têm futuro.

— Brad Shearer e Kate se casaram. Sabia disso?

— Ouvi dizer e fiquei contente. São ótimas pessoas. — Taylor ganhou fôlego e degustou o champanhe. — Quando Lorna Patterson me contou que você tinha telefonado a George Merrill, tornei-me mais determinado do que nunca a mudar de vida. Não a procurei antes porque me faltavam alguns trunfos na manga. Mas parece que seu pai me aprova completamente.

— Ele lhe pediu que...

— Que a seduzisse? Não. Huntington sabe como você é teimosa. Apenas me sugeriu que empregasse qualquer meio a fim de convencê-la. Creio que não gostou muito de vê-la entrar em casa vestida somente com uma capa de chuva.

Blair sorriu à lembrança da cena, realmente impagável.

— Então — Taylor finalizou —, o que acha de ser a esposa de um futuro embaixador?

— Adoro tudo o que possa partilhar com você... — Um encantador toque malicioso enfeitou a frase que representava a rendição final de Blair. — Dê-me mais champanhe, rápido.

— Para que a pressa? — ele estranhou.

— Logo verá.

Ela tomou dois goles seguidos e, insinuante, tocou-o intimamente deixando claro que queria mais. Era bela e exótica a cena de paixão. Blair vibrou, com faceirice e sensualidade, a fim de receber outra vez o calor do parceiro. Para ela, fosse diplomata ou embaixador, Taylor sempre seria, na essência, um homem da selva, um animal predador, ágil e dominador.

E foi assim que os olhos leoninos novamente avaliaram o seu corpo.

Epílogo

MEMO

De: Taylor

Para: G.M.

Achei que você gostaria de saber que o casamento real teve lugar na segunda-feira. A princesa tornou-se a sra. Craig Taylor às dez da manhã, horário local, dispensando o peso dos sobrenomes Morgan, Huntington e Teile, todos de uma vez. Está ansiosa por morar na Espanha. Teremos dois dias de lua-de-mel na cidade do México, portanto não se preocupe em escrever (quarenta e oito horas foram tudo o que o dr. Hardy nos concedeu antes de voltarmos ao acampamento e cumprirmos nosso período final).

C.T.

P.S. Anexo um par de brincos da cor turquesa. São para Lorna Patterson. Pensou que

eram para você? Francamente, chefe, turquesa não lhe cairia muito bem, não é mesmo?

MEMO

De: G.M.

Para: Taylor

Parabéns efusivos, Craig! Perdi o casamento real, mas irei à recepção de gala que Huntington prepara para dezembro. Por falar nele, cuidado! O homem ficou inconsolável por estar ausente no segundo casamento da filha. Mas recebeu uma carta dela e riu por dois dias seguidos. Em todo caso, cautela com seu sogro. Transmita meus melhores votos à princesa (junto com os de Lorna, que adorou os brincos). Vida longa e muitos filhos.

O chefe

MEMO

De: Taylor

Para: G.M.

Senhor,

Esta mensagem deve alcançá-lo uma semana antes de nossa chegada em casa. Espero vê-lo pessoalmente antes da partida para a Espanha, e gostaria que conferisse sua agenda para organizarmos uma pequena festa em homenagem à princesa, na véspera do Natal. A data, claro, é sigilosa! Quanto ao sogro Huntington, creio que sei lidar com ele. Se anunciarmos um nascimento real para aproxima primavera, será que ele continuará rindo?

Taylor

Leia na próxima edição

Kelly James-Enger

INTIMIDADES

As mulheres usam o sexo para ter amor. Os homens usam o amor para ter sexo. É o que pensa a redatora Trina Elder. Sem correr grandes riscos, ela está acuada entre sua irmã mais velha — bem casada e profissional de sucesso — e a mais nova, considerada "a bela da família". Trina satisfaz-se com seu apartamento em Chicago, um emprego razoável e um atraente namorado, Rick. Traída por Rick, ela vê seu mundo organizado desmoronar. Agora, a garota que sempre seguiu as regras corretas tem de refazer sua vida, a começar pela gaveta de *lingeries*. A cura de seu coração ferido passa pelo surgimento de uma nova mulher: a Trina exagerada, ousada, talvez a fêmea selvagem que ela escondia dentro de si...

